

ELEMENTO ALPHA ALYS

PRISCILA GONÇALVES







ELEMENTO ALPHA

ALYS

PRISCILA GONÇALVES

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Mariana Teixeira

Revisão
Nadja Moreno

Diagramação
Rafael Sales

Editor
Ricardo Gonçalves

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Renata Brito dos Santos CRB-8/9773

869.9 Gonçalves, Priscila
V665t Alys: elemento alpha/ Priscila Gonçalves._ Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-072-7
1. Literatura brasileira 2. Fantasia I. Título.

CDD: 869.9

869.9 Gonçalves, Priscila
V665t Alys: elemento alpha/ Priscila Gonçalves._ Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-072-7
1. Literatura brasileira 2. Fantasia I. Título.

CDD: 869.9

Rio de Janeiro – 2018, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.

Ao meu Ricardo Gonçalves, por acreditar em mim.

Além de amar, nada que ninguém fizesse seria tão poderoso quanto a sua fé.

*Aos Autores Fábio Vera Cruz e Cristy S. Angel
por me colocarem nessa enrascada, muito obrigada!*



PRÓLOGO

Levantei o cajado na altura dos olhos tentando fazer com que o Lifran iluminasse as marcas nas paredes. Eu procurava a chave sobre a qual deveria começar a lançar os feitiços em meio a uma escuridão muito densa e as únicas coisas que conseguia ver, eram aquelas que refletiam a luz vinda dos metais.

— *Anápsete* — recitei.

Algumas bolas de luz saíram da minha mão e plainaram sobre as nossas cabeças. Não foram suficientes para iluminar tudo à nossa volta, mas tornava nítido o que estava num raio de três metros de nós. No mesmo instante meu companheiro assumiu uma postura ainda mais rígida. Nossas costas se tocavam e eu ouvia a sua respiração pesada enquanto ele empunhava Kydêmonas com força.

Eu sabia de todos os preparativos que estavam sendo feitos na superfície, ainda sim precisávamos começar logo o ritual. Longe da única saída viável, nós estávamos expostos demais. Se alguma coisa conseguisse entrar, nós é que não conseguiríamos sair.

— Alys, pelo menos dessa vez, concentre-se — sussurrou entre os dentes.
— Pelo Construtor! Precisamos sair daqui!

— Está bem! Calma! Eu ainda não encontrei a chave. — Tentei manter o tom baixo — Espere aí, o que é isso...?

Na parede à nossa esquerda havia um grande símbolo, o mesmo que eu já estava habituada a ver: o cajado cruzado com a espada, na frente de um par de asas. Era feito de um metal negro reluzente com espaços perfeitos para encaixar duas mãos.

Quando eu já estava a meio passo de encaixar uma mão, ouvi uma voz vinda de algum lugar às minhas costas.

— Ora, ora, se não é a Elemental! — sibilou. — Não é que você conseguiu mesmo chegar aqui na primeira Lua?

Me virei e deparei com os mesmos olhos amarelos que me perseguiram tantas vezes. As mãos ossudas também podiam ser vistas a meia distância, cruzadas sob uma bengala metálica com um crânio na ponta. O Guardião assumiu a sua posição de batalha, lançou um feitiço contra nosso inimigo e eu pude ver pela primeira vez o rosto por trás de tantos ataques.

Há coisas na vida que eu preferia não descobrir.

CAPÍTULO 1

PRESSÁGIO

Era só mais um dia quente de um verão em Khepri, capital de Einyrs, antigo continente sul-americano. Depois de mais uma discussão sem sentido com o meu pai, desisti de tentar convencê-lo de que a sua superproteção era um exagero. Me joguei na cama para aproveitar o pouco que me permitiam de privacidade. Não durou muito, logo ele entrou com o rosto rubro de raiva.

— Alys, você precisa compreender que o mundo é um lugar perigoso agora.

Respirei fundo. Era sempre a mesma coisa.

— Agora pai? O mundo mudou há dezessete anos! Nem por isso as pessoas pararam de viver e se entocaram em casa.

Ele me olhava com frustração. Sem me contar o que realmente o preocupava eu nunca enxergaria o perigo, principalmente em mundo como o nosso.

Respondi seu olhar com meu melhor semblante de desafio. Eu detestava discutir com ele, mas não queria passar o resto da vida presa nesse apartamento. De que adiantava morar no centro da célula, se a única coisa que eu podia fazer era ir para a escola? Seria fascinante ver as rajadas lilases nos grandes olhos azuis do meu pai ficarem mais evidentes, se isso não demonstrasse que ele estava perdendo a paciência comigo.

— Filha, você gostando ou não, eu vou te proteger.

— Proteger do que? Pai, você tem visto os noticiários? Nunca foi tão seguro como nos últimos anos.

Isso era verdade. Ou eu achava que era. Desde que os metais *Nítryfi* começaram a surgir por todo o planeta as funcionalidades tecnológicas nos fizeram conquistar alguma segurança. Graças aos esforços dos governantes, nós agora só éramos divididos pelos metais, o que fez com que as pessoas se aglomerassem em grandes cidades, renomeadas como Células.

Os homicídios diminuíram drasticamente, os roubos quase não aconteciam e o sistema integrado que cadastrava os indivíduos garantia que quem cometesse algum delito não ficasse impune. Claro que isso só foi possível, porque os países se fundiram conforme o metal que era predominante em seu território. Éramos agora quatro Ámaz, cada um com seu governo.

— Nem tudo que acontece no mundo está ao alcance do noticiário, Alys.

— Você não me deixa nem mesmo ir ver a vovó Ana. Toda semana ela viaja por horas para vir me ver.

— E você não a vê reclamar por isso!

Era inacreditável que eu não conhecesse nem a casa da minha própria avó. Ela morava em outra parte do continente, em uma pequena vila que conservava com orgulho suas raízes latinas.

— Afinal de contas, o que aconteceu quando eu era criança para você não me deixar ir mais?

— Não interessa, você não vai!

Minha avó não reclamava de vir e costumava tentar me fazer acreditar que meu pai tinha alguma razão para agir assim. Mesmo que ela não gostasse de toda agitação em que o centro vivia, nunca parecia chateada ao vir me ver. Depois que descobriram como os metais funcionavam, parece que todo mundo tinha se tornado um pouco cientista. O barulho das pessoas e Voltrins se misturava com as pequenas explosões e criava um ambiente muito diferente do que ela vivia.

Não que não gostasse do que a humanidade tinha conquistado nos últimos anos. Mas ela era naturalista, apreciava os metais assumindo sua forma primitiva, na natureza e em nós. Eu ainda não tinha me rendido, então resolvi apelar para algo que estava pensando fazia um tempo.

— Por acaso eu sou alguma aberração? Tenho alguma doença infecciosa que o senhor não quer me contar para não ferir meus sentimentos?

Ele revirou os olhos.

— Pelo Cons.. Por favor Alys, eu estou cansado disso. Porque você teria alguma doença infecciosa?

— Por que eu não posso sair em público, não posso ir a festas, ir a lugares que tenham aglomerações de pessoas. Eu sou um risco para a humanidade.

Levantei as mãos, exasperada.

— Você sabe muito bem porque te impeço de ir a esses lugares. As pessoas são curiosas e esse interesse pode se tornar um risco para você.

— Pai, olhe para mim! Eu sou completamente igual a qualquer um que passou pela transformação no tempo normal.

O espelho ao lado do meu pai confirmava isso. Aliás, ele confirmava coisas demais para o meu gosto, inclusive denunciava os brigadeiros que eu comia em excesso. Na época do descobrimento dos metais, enquanto as pessoas estavam preocupadas com a mortalidade e infertilidade que todos os seres vivos foram acometidos, minha mãe foi a única mulher a conseguir levar a gravidez adiante.

Não bastasse isso, eu já apresentava todas as mudanças físicas que as pessoas enfrentariam. Meus olhos tinham rajadas lilases no profundo azul que herdei do

meu pai. Minha pele âmbar contrastava com meus longos cabelos branco acinzentados e com as minhas unhas translúcidas de metal.

Não foi assim com os outros. Todos passaram dois anos enfrentando as transformações no seu DNA. Pessoas, animais e plantas se tornaram mais fortes e resistentes. Foram anos também onde nenhuma criança ou filhote nasceu. Quando as transformações se completaram as mulheres voltaram a engravidar, mas ninguém nascia completamente mudado como eu nasci. Era algo gradual que acontecia até os três anos de idade.

— Claro que você parece normal, mas as pessoas acreditam que você é diferente, Alys, e eu me preocupo até onde possa ir esse interesse. Você viu o que aquele garoto que nasceu antes das transformações passou.

Ele sempre usava esse mesmo exemplo: O filho de um político muito conhecido, que havia nascido poucos meses antes dos metais serem descobertos. O nome dele era Evan Uriah e ele também já apresentava as modificações características do nosso continente. Éramos só nós dois.

O bebê foi virado do avesso. Cientistas do mundo inteiro tentaram descobrir o que havia acontecido com ele, até que os metais apareceram e tudo ficou claro. Ao contrário do pai, o garoto não parecia desejar atenção e vivia o mais longe possível dos olhos públicos. Isso me parecia algum tipo de trauma pelo tanto que foi exposto quando nasceu. Ainda assim, às vezes falavam dele em alguma revista revivendo as matérias do passado. Algumas coisas nunca mudavam, muita gente ainda gostava de ver de perto uma boa fofoca.

— Pai, você sabe muito bem porque as pessoas ficaram tanto tempo expondo o coitado do garoto. Os pais dele pareciam gostar de toda atenção que ele recebia. Depois que o senhor passou os primeiros anos enxotando cada jornalista da porta aqui de casa, eles perderam o interesse. Hoje isso não é mais necessário, ninguém se interessa por mim.

— Você não pode ter certeza disso Alys. Não adianta reclamar, eu não vou mudar de ideia.

— Nem se o Kyer for comigo?

A única exceção à paranoia do meu pai era Kyer, meu amigo nerd. O que era premeditado, na verdade, já que a *nerdice* do Ky me mantinha sempre longe das festas ou aglomerações. O negócio dele sempre foi seus livros e jogos de videogame, gostos que eu compartilhava, e nos mantinham muito ocupados. Então, toda vez que me pai nos via fazendo maratonas ou lendo algum livro novo, lhe parecia que, por hora, estava de bom tamanho.

Ainda assim, era uma aposta alta demais para mim. Mesmo com Kyer ele não me deixaria atravessar meio continente.

— Nem com ele. Confio que possa te manter em segurança, mas essa viagem é longa demais, você teria que dormir na sua avó e eu não ficaria em paz.

Ardi de raiva novamente.

— Isso é por causa da minha mãe, não é?

— O que tem Ryna a ver com isso Alys?

— O senhor tem medo que aconteça algo comigo e eu morra.

— Eu não quero que nada aconteça com você Alys, mas uma coisa não tem a ver com a outra.

Eu não acreditava nele. Sempre tinha a ver com a minha mãe. Minha avó tinha me contado que eles eram muito felizes juntos.

— Tem sim! O senhor realmente acredita que eu não sei que minha mãe morreu por minha causa?

— Quem foi que te disse esse absurdo?

Me calei. Hoje tinha perdido a paciência e falado mais do que deveria.

— Eu não vou perguntar de novo. Se você não quiser que eu cancele a vinda da sua avó e proíba o Kyer de aparecer por uma semana, é melhor começar a falar.

— Já faz muito tempo, eu tinha uns sete anos quando a vó me contou sobre o dia que eu nasci.

As palavras da minha avó ainda soavam nos meus ouvidos. Era um dia frio de janeiro, enquanto a neve enchia as ruas de flores Nenúfar de gelo. Não por acaso elas eram as minhas preferidas, brotavam somente no período mais rigoroso do inverno e exalavam um perfume sereno por todos os lugares.

O planeta foi tão afetado que até as mudanças climáticas passaram a ser constantes. Por isso, as estações foram reclassificadas — agora eram seis — e eu havia nascido na mais bonita, onde flores com metais raros desabrochavam. Ela me levou para um passeio no parque a algumas quadras do apartamento e começou a me contar. Minha mãe estava muito cansada do parto, ainda assim me segurava firme nos braços.

— Ela se chamará Alys — disse me olhando. — Querida, você vai precisar ser forte. E cuide do seu pai.

Ainda me lembro do quanto chorei quando ela me contou sobre isso. A sua intenção era me mostrar os quanto eles me amavam, mas eu só tinha sete anos. Passei alguns dias bem deprimida mas acabei me conformando que não poderia desperdiçar o sacrifício que ela fez. Eu precisava viver por mim e por ela, mas meu pai não deixava.

— Olha Alys, você pode não entender o porquê da minha preocupação com a sua segurança, mas vai ter que conviver com as minhas decisões. Você está chegando à maturidade das transformações e muitas coisas podem mudar por isso.

— Que coisas podem mudar? Ninguém muda por causa da maturidade física, aliás, o senhor sabe muito bem que é o contrário. Quando meu DNA atingir a maioria os metais vão parar de causar mudanças nele, porque isso faria diferença?

— Eu já tomei minha decisão, você não vai. E se continuar insistindo transfiro suas aulas para casa e nem mesmo à escola você irá.

Ele passou pela porta batendo-a com força e eu fiquei deitada olhando para o teto.

CAPÍTULO 2

INCURSÃO

Algumas batidas na porta me acordaram do transe em que estava, era Kyer pedindo para entrar. Quando tínhamos seis anos ele começou com essa mania: sempre ritmava as batidas como a marcha imperial, ele gostava de entradas de efeito. Ele entrou com a cara de quem sabia exatamente o que tinha acontecido.

— Deixa eu ver se adivinho? Você discutiu com o seu pai de novo?

Tinha o rosto fino e um cabelo espetado tão branco acinzentado quanto o meu. Era alto, o que usava a seu favor para fazer piadinhas infames sobre a minha estatura, e seus olhos dourados eram levemente puxados. A exceção da altura, era o mesmo desde que se mudou para o apartamento ao lado, com seis anos.

Ele vestia um jeans batido e uma camiseta. Como tantas que ele mandava fazer, essa era estampada com algum super-herói das antigas.

— Quando não brigamos? Só queria ir à casa da minha avó.

Kyer se sentou ao meu lado e me envolveu em um abraço apertado. Deitei a cabeça em seu ombro e permiti que as lágrimas escorressem porque toda a frustração se esvaía quando eu estava com ele. Kyer passou a mão no meu rosto enxugando as lágrimas e abriu aquele sorriso infantil e radiante de quem havia aprontado alguma coisa.

— Vamos, você precisa parar de chorar.

— Eu não aguento mais ficar presa aqui Ky!

— Eu sei, mas, quem sabe alguma coisa nova não acontece?

Me afastei dele desconfiada. No banheiro joguei água no rosto e, enquanto me olhava no espelho, pensei em quão grata precisava ser pela amizade de Ky. Quem mais enfrentaria um interrogatório ao se aproximar? Era sempre assim, desde que eu me lembrava por gente. Toda pessoa que se aventurava a ser minha amiga logo cansava da desconfiança do meu pai e se afastava.

Tentava consertar o estrago que o choro fez nos meus cabelos, quando Ky se aproximou da porta com uma das minhas camisetas na mão.

— Lys, acho que você deveria escolher a camiseta que te dei de aniversário para sua primeira visita ao Helix.

Uma vez por semana, ele atravessava Khepri para ir à uma loja de artefatos do começo do século. Sempre voltava com a mochila cheia de coisas, além de

histórias contadas por Helix, o alternativo dono da loja. Eu nunca tinha ido àquela loja, ela era muito distante dos olhos do meu pai e ele não deixaria. Vendo que eu não tinha entendido, meu amigo prosseguiu.

— Encontrei com seu pai no corredor e pedi que permitisse que você visitasse a toca comigo. Prometi que voltaríamos antes das sete e que não tiraria os olhos de você. Acho que a briga de hoje foi realmente feia, porque depois de umas cinquenta perguntas, ele deixou.

Sempre tão exagerado. Embora, se tratando do meu pai, não me assustaria se tivesse realmente feito cinquenta perguntas.

— Ky, não tem graça fazer esse tipo de brincadeira. Nem com um milhão delas ele me deixaria ir com você.

— Eu não estou brincando!

Ele balançou uma pequena placa de metal com anotações.

— Só podemos ir no Vontrin dois e sob nenhuma hipótese usar o mesmo para voltar. Não pode sair do meu lado. Se quiser ir ao banheiro tenho que ficar na porta conversando com você para garantir que nada fora do normal esteja acontecendo. Não podemos comer nada e devemos levar água de casa...

Interrompi a leitura de Ky agarrando-o em um abraço realmente de urso.

— Tá bom né, já entendi que você está feliz e que vai me dever para o resto da vida — disse ele, entre risadas. — Agora vai colocar essa camiseta e se aprontar, porque temos que voltar cedo.

Me aprontei o mais rápido que pude. Quando estávamos saindo, Ky precisou buscar a identificação que tinha esquecido em casa. Fiquei na sala esperando por ele quando ouvi a voz do meu pai no escritório. Ele tentava controlar as suas palavras, mas claramente discutia com alguém.

— Ainda não! Ela ainda não tem idade.

Silêncio.

— Claro que sei que ela tem dezessete anos. São só dezessete anos.

Silêncio novamente. Concluí que ele falava com alguém pelo telefone.

— Sim eu me lembro dos meus dezessete anos Sacerdotisa, mas são outros tempos. Não posso colocá-la em risco.

Pausa novamente. Quem era a tal sacerdotisa? Será que meu pai tinha uma namorada com nome estranho e finalmente ia sair do meu pé?

— Vocês dois vivem me impondo esse argumento, mas ela está segura não está? Nunca foi encontrada por nenhum deles, agora se os metais...

— Vamos?

Ky apareceu do meu lado. Meu coração disparou e eu coloquei a mão sobre o peito, olhando feio para o meu amigo.

— Você quer me matar de susto? — cochichei.

— Você que quer matar nós dois. Se seu pai te pega ouvindo atrás da porta...

— Eu não estava ouvindo atrás da porta...

Ouvi o barulho de passos.

— Droga, perdi o final da conversa. Vamos logo antes que ele veja a gente aqui.

Vinte minutos depois nós estávamos em pé na estação Central. Ela estava cheia de gente aguardando a chegada dos Voltrin, uma espécie de trem popular. O imenso veículo prateado parou à nossa frente e Ky segurou com firmeza o meu braço. Era muito fácil se perder aqui, principalmente para mim que não tinha o mínimo senso de direção. Quando nos sentamos, meu amigo pareceu mais relaxado.

— Ly, você nunca andou de Voltrin, não é?

— Só andei uma vez. Quando eu tinha uns cinco anos, a vó Ana quis me levar para conhecer a casa dela. Não me lembro direito o que aconteceu.

— Como assim? Ela desistiu de te levar?

— Não. Pelo que ela me disse houve um acidente no caminho. A única lembrança que tenho é do olhar de pavor do meu pai.

— Eu não me lembro dessa história.

— Foi pouco antes de você chegar. Já pode imaginar que as coisas não melhoraram depois disso, nunca mais me deixou andar em um desses. Até hoje...

Olhei para ele desconfiada.

— Eu sempre pedi para que ele deixasse você vir comigo. Nem acreditei quando ele concordou. O que foi que você disse para ele de tão grave?

— Acho que foi porque falei da minha mãe.

Falar dela ainda me causava dor e tristeza, é claro que não seria diferente para o meu pai. Resolvi me concentrar na viagem. Enquanto no centro era tudo uma massa cinza com detalhes em dourado, nestes lugares mais distantes era uma confusão de cores. Vi todos os tipos de metais em grande quantidade. Os prédios eram construídos sem nenhum padrão arquitetônico, mas muitos faziam alusão a períodos passados da história.

Algumas casas eram bem antigas, com poucos metais pontuando as fachadas. Na escola costumavam nos explicar que as vantagens da tecnologia ainda não tinham atingido todas as pessoas, pelo menos não da mesma maneira. O Voltrin parou em uma estação e ficamos observando algumas crianças que brincavam em uma praça em ruínas.

— Eu nunca pude ter um daqueles.

— Eu me lembro da crise que você teve quando tinha oito anos. Queria um cachorro de qualquer maneira. Seu pai ficou maluco.

Com as crianças havia um animal engraçadíssimo que latia e saltitava toda vez que uma delas tentava se afastar. Era daqueles bem peludos e tinha um longo chifre na altura do pescoço. Uma garotinha de tranças subiu em suas costas segurando-se pelo chifre e o animal começou a correr balançando o pelo caramelo. Não entendi como a pequenina se mantinha em cima do animal, rindo descontroladamente como estava.

Baixei os olhos para o celular que tinha ganhado no natal. Era uma plaquinha superfina, composta por uma variação de estanho e Nítryfi. A tecnologia se resumia a isso, uma mistura do antigo com o novo. Menos o meu pai, ele sempre pareceu uma mistura do antigo, com o mais antigo ainda. Até hoje. Ky também olhava para o seu celular.

— Nenhuma ligação do Sr. Roberto até agora?

— Nem um “você já chegou?” ou o mais comum: “Não fale com ninguém”. Nem para a escola eu vou sem receber umas três mensagens. Estou começando a me preocupar Ky.

— Deixa disso! Aproveita seu passeio! Não sei se convenço ele de novo.

Ele tinha razão. Perdi a conta de quantas vezes fiquei olhando para os mapas dessa Cápsula tentando conhecer os lugares que não podia visitar. A maioria dos animais que conhecia era através de vídeos da escola e o que mais ouvia era que o mundo tinha evoluído. Ainda assim me ensinavam com longos e chatos documentários sobre a vida animal. Nada de vida real para mim.

Eu não tinha a dimensão real das mudanças. Tudo sempre foi dessa forma: metais, árvores com raízes de fogo, mais metais, seres humanos tendo dois corações. Mas era bem engraçado ver as gravuras de como o mundo era antes. Quer dizer, leões sem asas? Carros movidos a gasolina? E o pior de tudo, o que era aquele sistema de esgoto?

— Ky, você não acha estranho que as pessoas vivam tão bem com todos esses metais?

— Acho que os tratados entre os governantes ajudaram. Quando os países se dissolveram em Ámaz, fomos obrigados a criar uma nova noção de viver em conjunto. Minha avó disse que a força tarefa criada para auxiliar no começo da transição foi muito boa.

— Mais estranho ainda. Você já pensou que estamos falando dos mesmos governos que fizeram as duas guerras mundiais e que ignoraram milhares de refugiados. Se tudo o que estudamos for a verdade, não me parece o tipo de gente que daria as mãos e viraria amigo de uma hora para outra.

— Olha só quem acabou de sair de casas e já está se tornando subversiva. Ele ria.

— Eu não sei, Alys.

— Sua avó fez parte da equipe que estudou os metais, não fez?

— Sim. Quando os tipos de Nítryfi começaram a aparecer ela desenvolveu uma maneira de fundi-los. Foi aí que descobriram que misturando as qualidades tínhamos formas infinitas de uso.

Realmente, toda a cidade contava com uma rede complexa de comunicação, algo que teve como precedente uma precária transmissão chamada internet. Agora cada indivíduo tinha em mãos uma gama impensável de possibilidades e conhecimento.

— Estamos quase chegando, olhe só.

Apontou para um quadro luminoso preso no banco da frente. O visor apresentava a Cápsula como um emaranhado de linhas coloridas e mostrava nosso destino se aproximando. Uma pequena estação movimentada surgiu pela janela e Ky logo enrijeceu o corpo. Passou seu braço delicadamente à minha volta e me guiou para fora apressadamente.

Já fora do alcance de toda aquela gente, ele voltou a ostentar um tímido sorriso, nada comum. O preço pago para me trazer incluía uma longa e assustadora conversa com Sr. Robert, cheia de regras incômodas, então ele caminhava o mais perto possível olhando para todos os lados.

Jiyū era totalmente diferente da onde eu vivia. A arquitetura misturava as características das antigas dinastias orientais com as novas tecnologias. Ky parecia um guia turístico.

— Entrou para o livro dos recordes sabia?

— O que?

— Essa parte da Célula. É a maior aglomeração de metais do continente.

Uma pequena explosão colorida seguida de palmas o interrompeu. Eu levei um susto.

— Eles têm o dom de unir coisas muito velhas com os metais e transformar isso em futuro.

Ele parecia um lunático falando agora. Sabe como é né? O Nerd em seu habitat natural. Eu não podia culpa-lo. A mistura de texturas e aromas me deixava meio zozza. Já me faziam querer quebrar a regra do meu pai sobre não comer nada na rua. Ky pegou o celular e apontou para mim.

— Eu deveria tirar uma foto sua. Acho que nunca te vi tão feliz, parece uma idiota olhando para todos os lados.

Empurrei ele com os ombros.

— É fácil para você falar quando se vem com frequência. Eu moraria aqui, só para ver essa bagunça todos os dias.

Continuei acompanhando Ky por ruas de pedra, até que um grupo de crianças aglomeradas nos chamou a atenção. Elas rodeavam uma placa de metal abaulada

cheia de circuitos, quando o funcionário trouxe um modelo de teste, um garoto vestindo uma jaqueta colorida se posicionou em cima dela, e respondendo ao seu impulso a placa subiu uns trinta centímetros do chão levando a criança à loucura.

— Nossa!!

— Fecha a boca Alys, você está babando.

— Será que se eu levar um desse para casa, meu pai vai perceber?

— Com certeza!

O lugar era cheio de lojas e restaurantes. E eu desatenta, esbarrei mais de uma vez em alguém que caminhava. Ky só me puxava pelo braço, impedindo algum acidente maior.

— Engraçado, por que eu nunca encontrei uma foto sequer desse lugar?
— perguntei.

— Os moradores do lugar preferem assim.

Parada diante do imenso arco de boas-vindas entendi o porquê. Eu não me cansava de virar a cabeça em todas as direções tentando captar cada detalhe. Ky apontou para uma liga alaranjada que estava presente em vários prédios.

— Viu que eles usam uma mistura dos metais Aya e Pillmax para conter substâncias? Como algumas lojas vendem materiais perigosos, inflamáveis ou muito frágeis é uma exigência de segurança.

Havia metal alaranjado pontuando toda a paisagem. Mesmo as ruelas e becos menores contavam com a proteção. Mas de todas elas, a melhor loja era inteira feita de uma mistura bem específica capaz de repelir qualquer substância que quisesse repousar sobre os objetos, inclusive a poeira. Seria de grande valia ter feito meu quarto daquele mesmo material, ia me poupar da reclamação semanal intitulada carinhosamente como: as sujeiras que a Alys cria como filhas.

Por pelo menos duas vezes Ky se perdeu de mim e precisou voltar para me encontrar. Com tanta coisa nova eu acabava me entretendo e quando ele dava por falta eu já tinha ficado vários metros para trás.

Foi quando uma pequena vitrine me chamou a atenção. Ela era empoeirada e feita de madeira pura. Diferente das demais, não havia qualquer metal à vista na estrutura. A luz entranha que vinha de dentro atrapalhava a visão dos objetos expostos mas consegui perceber um cajado e dois ou três livros.

Procurei a placa. Queria descobrir o que vendiam ali. Parecia de uma madeira escura, ou era um metal? Não dava para ter certeza. Não informava também com o que trabalhavam. Só se via o nome em letras prateadas: Antiquário MASPE, desde 1500.

Fiquei tão entretida que não vi que Ky já tinha parado de andar. Esbarrei nele fazendo com que desequilibrasse e fôssemos parar no chão. Eu comecei a rir e olhei novamente para o pequeno antiquário. O sorriso sumiu do meu rosto. No

lugar onde eu tinha certeza de ter visto a vitrine empoeirada estavam somente tábuas. A placa antes intacta agora tinha várias de suas letras apagadas.

Ky não parecia ter percebido nada. Olhava para frente e estufando o peito, disse:

— Bem-vinda Lys à toca do Helix, o melhor lugar do mundo para um nerd moderno.

Eu confesso, se ainda estava meio em choque pelo Maspe, ao me virar para a toca fui tirada do chão. Helix havia juntado diversos cristais antigos e feito um mosaico na entrada da loja, no formato de um gigante toca fitas que mudava de cor dependendo da direção que você olhava.

No topo havia uma placa feita de uma mistura de metais que a deixava translúcida onde em um dourado vivo se lia: ‘Toca do Helix, objetos históricos desde que os dinossauros aprenderam a pensar’. Soltei uma risada, era a coisa mais maravilhosamente babaca que já tinha lido.

— É perfeito, não é? — disse Ky sorrindo para mim. — Vem! Você precisa conhecer a galera que frequenta esse lugar. E, nossa! Helix vai quase cair pra trás quando te conhecer. Uma vez ele insinuou que Alys fosse minha outra personalidade.

Dei uma última olhada em direção ao antiquário.

— Alys, vem!

Peguei sua mão estendida e o segui para dentro me esquecendo momentaneamente do Antiquário.

— Claro.

Eu deveria ter ficado mais algum tempo olhando o antiquário. Talvez, quando começasse a ter sonhos estranhos na semana seguinte, me lembraria de onde procurar ajuda. Eu tenho essa mania de me esquecer rápido demais das coisas importantes. Quem sabe se eu estivesse um pouco menos encantada pela Toca, teria percebido que as coisas estavam mudando. Francamente, eu não sou mais aquela pessoa.

CAPÍTULO 3

A TOCA

O lugar era magnífico!

— Ky, eu tô sonhando não tô?

Do tipo paraíso para quem ama a mistura entre a cultura pré e pós metal. As paredes eram revestidas de cartazes holográficos, imitando os de papel, reproduzindo antigas campanhas comerciais de filmes, capas de quadrinhos e artes conceituais de super-heróis.

Meu amigo parecia muito satisfeito com a minha reação. Balançou a cabeça e deu uma boa olhada em volta.

— Eu espero que não Alys. Pense no tamanho da sua decepção ao acordar.

Eu concordava com ele. Além disso, mesmo nos meus mais pretenciosos sonhos, eu não seria capaz de criar tantos detalhes. As estantes altas estavam apinhadas de objetos equilibrados. No topo de cada uma eu vi um toque de metal característico.

— Eles separam os objetos pelo metal predominante.

Ele apontou uma estante logo à nossa frente.

— Ou a mistura característica, como nesse caso aqui.

Achei uma ideia muito boa, afinal, tudo no nosso mundo era classificado pelos metais. No centro da sala, havia um conjunto de poltronas convidativas que juntas davam a impressão de um quebra-cabeças. Eram ladeadas por grandes televisores, cada um com uma programação diferente, de jogos a filmes antigos, e quem se sentava tinha uma visão periférica de todas as telas.

Era uma confusão de cores e sons vindos de cada canto da loja. Eu estava tão absorta olhando para tantos detalhes, que Ky teve que cutucar as minhas costelas para que finalmente chamasse minha atenção. Já havia começado a praguejar pela pontada dolorida no lado do meu corpo, mas ele me deu um sorriso largo e apontou para o teto.

Ao seguir a direção que ele me apontava, vi uma pintura gigantesca do sistema solar cobrindo o teto abaulado. Não deve ter sido uma tarefa fácil fazer aquilo, eram mais de 230 planetas representados.

A grande maioria deles foi descoberta nos últimos anos e, na pintura, todos estavam em perspectiva da terra.

— Ky, quem fez isso é um gênio! Olhe! Até o Sol de Pimêris está representado, com todos aqueles arcos de fogo.

— O próprio Helix pintou. Ele é apaixonado por astronomia! É só descobrirem um planeta novo que logo ele se pendura na escada para acrescentar ao teto.

Com distâncias equiparadas e uma riqueza de detalhes realmente impressionante, o teto era uma explosão de estrelas, meteoros e os sóis com colorações vivas.

Enquanto cruzávamos as poltronas em direção ao fundo da loja, eu sentia os olhares nos acompanhando. Muitas bocas abertas e olhos esbugalhados que, vez ou outra, peguei fazendo sinais indecifráveis para Ky.

No outro extremo da loja, um garoto estava sendo sacudido por dois braços mecânicos ligados a uma máquina de jogos. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo, será que deveria pedir ajuda? Achei que não já que o garoto gargalhava.

— Que diabos é aquilo, Ky?

— Essa é uma das manias do Helix. Ele pega antigas máquinas e as melhora com Nítryfi. Aquelas eram de um Fliperama.

O garoto continuava sendo sacudido.

— Os braços são a melhoria?

— É para ser.

No fundo da loja, havia um grande balcão onde um garoto pouco mais velho que eu, cutucava um antigo console. Ele era muito claro e tinha cabelos tão brancos quanto os nossos amarrados relaxadamente em um coque. Usava uma máscara protetora e fazia com que faíscas saíssem do objeto.

Quando chegamos perto o suficiente para atrair a sua atenção, ele levantou a cabeça. Através do visor transparente vi os grandes olhos de um verde vivo se arregalarem. Ele parou o que estava fazendo, tirou a máscara e abriu a boca impressionado.

— Helix, essa é Alys! Aquela que você jurava que não existia.

— Eu nunca disse isso, meu caro Kyer. Só quis propor uma pequena discussão.

Ele não desviava os olhos de mim.

— Nada como uma aposta para animar as coisas por aqui.

— Aposta? Vocês fizeram uma aposta sobre minha existência?

— Sim! E porque você existe, hoje nosso desconto vai ser bem maior — retrucou Ky.

Helix deu de ombros.

— Eu não sei o que ele te disse sobre mim, Helix — continuei. — Mas garanto que a maioria não deve ser verdade, ele gosta de me culpar pela sua compulsão nerd. Principalmente porque raras são as vezes que posso sair para me defender.

— Nisso eu acredito.

O dono da loja respondeu meu cumprimento com um leve soco na mão. Era algum tipo de cumprimento, que Ky achou engraçado não me contar. Ele ria enquanto observava meu constrangimento.

— Pelo jeito vocês vão se dar muito bem. Já estão até se juntando pra me criticar — disse Ky.

— Só falamos verdades, Kyer.

— Isso não é certo Alys, graças a mim você já tem mais amizades do que teve em toda sua vida.

Olhei feio para ele. A última coisa que queria era que me achassem algum tipo de aberração sem amigos. Helix pareceu não ligar para o comentário, o que me fez pensar sobre quanto tempo Ky passava falando sobre minha vida a ponto de nada surpreender o dono da toca.

O quadro atrás de Helix me chamou atenção. Por algum motivo me incomodava a asa cortada ao meio e acabei perdendo parte da explicação que estavam me dando.

—Você está me ouvindo? — disse Helix gesticulando de forma cômica na frente dos meus olhos.

— Claro! Só repita para mim a parte depois de: nossos amigos costumam fazer um teste.

Ky ralhou comigo.

— Lys, essa foi a primeira coisa que ele disse! Pare de se entreter com cada coisa brilhante que passa na sua frente.

Mostrei a língua para ele.

— É simples, mas é uma tradição que vem desde o começo da Toca há quase 90 anos. Meu avô costumava dizer que dá sorte ao visitante. Então, na sua primeira visita, cada cliente sorteava um número. Ele correspondia a uma das nossas prateleiras, e o novato deveria começar a olhar a loja por ela.

Ky folheava um gibi que estava sobre o balcão.

— Para mim era só uma tentativa de obrigar os clientes a olhar os objetos mais caros.

Helix não pareceu ofendido.

— Pode ser, mas, como foi passando de geração a geração acabamos nos apegando à mania do vovô.

Eu ainda não entendia o que isso tinha a ver comigo.

— Certo. Mas não tem nenhum número no topo das prateleiras, só o símbolo dos metais.

— Com a chegada dos metais meu pai fez algumas atualizações. Como os garotos gostaram do teste, fizemos dele um tipo de seleção de clãs. Espere aqui.

Como se eu fosse a algum lugar depois dele me deixar tão curiosa.

Não demorou muito e o exótico dono da loja voltou. Trazia em suas mãos uma pequena caixa de madeira trabalhada rusticamente com algumas pedrinhas azuis. No momento em que ele a abriu, meu coração pulou no peito com uma sensação diferente, era realmente como se eu estivesse participando de algo muito especial, embora não conseguisse explicar o porquê.

Helix a abriu e me mostrou o seu conteúdo.

— Você conhece esse metal?

Olhei para dentro da caixinha e vi um metal transparente como cristal. A porção era uma pequena bola, que eu conhecia só pelos livros até então.

— Claro que conheço! Esse é um Lifran, não é?

— Isso mesmo!

Olhei mais de perto, impressionada.

— Uma raridade! Tem quem acredite que ele reage ao toque de cada pessoa de uma forma.

Ky pegou a bolinha que assumiu uma cor esverdeada.

— Na verdade os estudos sobre esse metal chegaram a poucas conclusões. Ao contrário dos outros, esse foi encontrado só em picos montanhosos aqui do nosso continente. Ele não se mistura ou fortalece qualquer um dos outros metais.

Helix pegou a bolinha e devolveu para a caixa, antes que ela mudasse de cor.

— Depois que os governos e corporações cansaram de tentar encontrar uma finalidade para o Lifran, as amostras foram enviadas a uma cientista asiática. Depois de anos de testes ela apresentou uma teoria que não é bem divulgada aos quatro ventos.

Ky e o dono da loja se entreolharam.

— Você sabe que o Lifran muda de forma quando colocado em contato com outros metais, não é?

— Sei. Para cada um ele apresenta uma cor e forma diferente.

— Então, segundo seus estudos, não é somente ao metal puro que o Lifran reage. Você viu que quando o Ky segurou a bolinha ela ficou verde? Pois então.

Helix abaixou o tom de voz e nos chamou para mais perto.

— A cientista acreditava que, independente do lugar onde nascemos, todos temos um tipo de metal que melhor se encaixa ao nosso DNA.

Para mim aquela explicação parecia mais uma fórmula matemática. Ky fechou o gubi, que novamente estava espiando, e tentou me explicar.

— É como se cada um de nós tivesse afeição a um tipo de metal, Alys. Como se as mudanças do nosso corpo pós revolução fossem diferentes de pessoa para pessoa, e não iguais como se acredita.

Aquilo era loucura, nunca ouvi nada disso na escola. Helix olhou para os lados conferindo se ninguém nos ouvia.

— E foi além. Ela dizia que o contato contínuo com esse metal que temos afeição nos deixa mais fortes.

Eu não entendia o motivo de todo aquele sigilo. Claro que não era verdade, eles só estavam tentando me assustar.

— Vocês estão brincando, não é? Nada disso pode ser real!

— Se é verdade eu não sei, mas uma coisa é certa: o Lifran reage ao toque de cada pessoa de forma semelhante à que reage aos metais.

Helix se afastou e voltou a falar no tom de voz normal.

— Como a maioria dos nossos frequentadores ama uma teoria da conspiração, começaram a comparar as suas habilidades quando o metal reagia de forma parecida. É tipo o horóscopo da toca entende?

Eu não tinha entendido nada.

— Mais ou menos.

— Você vai entender melhor quando descobrir com qual metal você tem afeição. Eles vão se amontoar em você como abelhas no mel.

Não gostei da comparação. Você já viu alguém feliz quando as abelhas grudam nele?

— Enfim, isso foi motivo para transformarem a tradição do meu avô em um ritual de seleção e fica todo mundo curioso pra saber que tipo de metal “você é”.

Resumindo a explicação: eles iam me testar! E pior, esperavam que eu apresentasse alguma habilidade. Ia ser um perfeito desastre! Olhei para Kyer que com um sorriso me incentivou a pegar a pequena bolinha cristalizada.

Toquei a porção de metal escurecido e senti um leve arrepio. Ela era fria, muito leve e permaneceu imóvel por vários segundos a ponto de me fazer imaginar que eles estavam tirando sarro com a minha cara. Antes que eu pudesse ralhar Ky por isso, a bolinha começou a esquentar e se encher de fumaça acinzentada.

Enquanto tentava ver mais de perto o que acontecia dentro dela, a fumaça se transformou em um roxo escuro. O metal se contorceu e começou a mudar de forma e ficou quase líquido. Parecia com uma massa de modelar até que voltou a se mexer transformando-se enfim em uma flor que eu desconhecia.

Levantei os olhos para os meus companheiros e eles estavam boquiabertos. Achei que tinha feito algo de errado, então, depois de dar mais uma olhada na flor, a recoloquei delicadamente dentro da caixa. O metal prontamente começou a retornar à forma e cor natural.

—E então? Qual prateleira eu devo olhar? De que clã esquisitão eu faço parte? — brinquei.

Helix foi o primeiro a recuperar a voz.

— Pelas barbas do meu avô! Eu nunca vi ninguém que reagisse ao próprio Lifran.

Ky também foi se recuperando aos poucos.

— Nem eu! Nunca nem ouvi falar!

Helix se recompôs, fechou a pequena caixa e começou a guardá-la pensativo.

— Bom, que você era especial o Ky já tinha dito, não é?! Agora vem a segunda parte, que mantemos só pela lembrança do vovô. Se você olhar as nossas prateleiras, você vai ver os símbolos no topo de cada conjunto de estantes.

Ele apontava para as marcas que eu tinha visto quando cheguei à toca.

— É a forma que o Lifran assume em contato com cada metal. Nós catalogamos os objetos pelos metais predominantes em sua composição e os separamos nestas estantes.

Parecia o tipo de coisa que meu pai me obrigaria a fazer. Pelo jeito o dono da toca também tinha compulsão por organização e isso explicava como ele conseguiu reproduzir tão bem o sistema solar no teto. Ele continuava a falar sem perceber que eu não prestava muita atenção.

— Agora se você olhar aquele pequeno conjunto de prateleiras ali à direita.

Ele apontou um conjunto bem menor de objetos com flores gravadas no topo da madeira.

— Aquela é a do Lifran. Vá até lá dar uma olhada nos objetos, são bem bonitos.

Ky ainda me olhava com cara de espanto, mas logo se distraiu com uma estatueta do balcão. E ele ainda tinha coragem de reclamar da minha falta de foco.

— Você não vem comigo?

— Não, a primeira impressão das bugigangas do Helix é algo particular.

Helix levantou o dedo indicador e o balançava freneticamente enquanto falava.

— Não ouse blasfemar contra meus maravilhosos objetos. Ele vai te distrair Alys, não quero que nada te faça perder a experiência. Agora vá!

Ky me deu uma piscadela e se virou para o balcão olhando para alguns objetos expostos ali enquanto eu caminhava para as prateleiras do meu solitário “clã”.

CAPÍTULO 4

O CAJADO

Passei ziguezagueando entre as divisórias olhando cada coisa e deslizando meus dedos pelos pedaços de metal que compunham as geringonças. Além de muitas tecnologias antigas, havia livros transparentes que, ao meu toque, apresentavam letras e símbolos em dourado. Tentei ler alguns, mas não faziam sentido para mim.

Mais à frente vi uma máquina de escrever. Pela qualidade do material, ela já deveria ser antiga mesmo antes dos metais. Quem tenha reformado trocou algumas teclas normais por Lifran e toda vez que eu tocava uma delas, via símbolos aparecerem na superfície.

Continuei caminhando e tocando em objetos até que vi um embrulhado em papel fino. Minha curiosidade era um defeito, se não tivesse cuidadosamente escondido no fundo da prateleira, talvez eu nem tivesse dado importância. Era um cajado longo e exótico. Em vez de ser maciço, era vasado em tiras de madeira entrelaçadas que culminavam em gema de Lifran no topo.

Poderia ter sido de algum rei antigo ou parte de uma fantasia muito bem elaborada, mas não parecia completo. Fiquei tão impressionada com a beleza da gema que não resisti e a toquei. Imediatamente o cajado começou a mudar de forma.

— Que porcaria é essa?

Eu tinha essa mania de falar sozinha. Olhei à minha volta. Kyer parecia congelado e Helix nem piscava. O que afinal estava acontecendo aqui? Fiquei seriamente preocupada de estar tendo alucinações.

Quando voltei a atenção ao cajado, perdi o ar. No metal do topo estavam aparecendo formas como a flor que eu havia visto há pouco. Além disso, tiras de Lifran desciam por toda a extensão da madeira e completavam os lugares vazados.

Por reflexo, soltei o cajado e o vi cair lentamente. Quando tocou o chão fez um grande barulho que ressoou por todo o lugar e provocou um clarão de luz que quase me cegou. Dois fatos ressoavam na minha mente: Os metais não passavam de tecnologia. Tecnologia não reagia daquela maneira.

Para coroar a minha momentânea insanidade, ouvi uma voz grave que parecia vir de todos os lugares dizendo: “Finalmente despertou”. Imediatamente peguei o

cajado e o recoloquei na estante. Não pude deixar de notar que ele não voltou a ser como antes, manteve as mudanças do meu toque e um leve brilho bruxuleante.

Depois daquilo nada mais me interessava. Conferi se ninguém observava só para ficar ainda mais nervosa; ninguém estava nem aí para mim. Me aproximei do balcão enquanto Ky empilhava uma dezena de coisas que iria comprar.

— O que achou das coisas feitas de Lifran? Viu algo que quer levar? Alguma coisa diferente? — Ky perguntou.

— NÃO — respondi um pouco mais alto do que gostaria. — Tudo normal, não vi nada diferente não!! Tudo muito bonito e normal.

Os dois me olharam como se eu tivesse alguma doença. Estava falhando miseravelmente em fingir que nada tinha acontecido. Para evitar mais perguntas desviei a atenção para as novas aquisições sob a mesa.

O resto da tarde correu normalmente. Claro, dentro do possível, já que continuava pensando no bendito cajado. Por um tempo não consegui evitar que meus olhos se desviassem algumas vezes para aquela prateleira. Depois de um tempo assumi que tudo aquilo não havia passado de alguma crise de estresse alucinógeno e afastei os pensamentos sobre ele da cabeça.

Já eram mais de dezoito horas quando entramos no Voltrin para ir para casa. As ruas agora estavam movimentadas e, mesmo que a preocupação do Ky fizesse parecer o contrário, correu tudo muito bem na viagem de volta. Ainda faltavam uns quinze minutos quando entramos na minha casa e demos de cara com meu pai, andando de um lado para o outro.

Ele veio em nossa direção e me abraçou forte respirando aliviado. Percebendo que aquilo poderia causar uma nova briga sobre sua superproteção, se recompôs e passou a me fazer dezenas de perguntas sobre o passeio.

Ky não ficou para ajudar a me livrar do interrogatório. Despediu-se brevemente e foi para sua casa enquanto eu explicava ao meu pai sobre os lugares que tinha visto, sobre Helix e a toca. Tomei o cuidado de esconder o que havia acontecido com o cajado. Conhecia meu pai bem o suficiente para saber que o mínimo pensamento de que eu estava tendo alucinações iria me render uma bateria de exames e eu correria um grave risco de nunca mais sair de novo.

Após o jantar, voltei ao meu quarto carregando a sacola das coisas que comprei. Tomei um banho, coloquei meu pijama e escolhi uma série intergaláctica entre minhas novas aquisições. Acabei vendo muito pouco do episódio. O cansaço do dia me abateu e peguei no sono. Por vários dias não voltei a pensar sobre o que aconteceu na Toca, pelo menos não antes daqueles sonhos estranhos começarem.

CAPÍTULO 5

OS SONHOS

Depois da minha breve saída, voltei ao meu regime carcerário comum. De casa para escola, da escola para casa, e sempre na companhia do Ky. A essa altura eu já havia afastado qualquer pensamento sobre o cajado e passava longas horas discutindo o que faríamos em minha próxima visita ao lugar, estava programada para dali a duas semanas.

— Desta vez acho que vou te levar para jantar no Yoogu. Mas seu pai nem pode sonhar com uma coisa dessa Alys.

— O que tem lá?

— Comida oriental. Fica umas duas ruas depois da Toca — respondeu.

— Também podemos conhecer o monumento Wsk?

— Você já começou a abusar. Fica muito longe. Já estou arriscando meu pescoço ao te levar para algum lugar além da loja de Helix.

— Pelo menos pense, vai!

— Tá, vamos ver!

Minha animação era tanta que comecei a negligenciar os fatos que aconteciam em volta. Queria acreditar que todas coisas continuavam iguais, mesmo que tivesse passado por uma situação ainda sem explicação quando toquei naquele cajado.

Começou uns dois dias depois que visitamos a toca. Sonhos estranhos que me faziam acordar como se tivesse corrido uma maratona. Engraçado que nunca fui de sonhar, era aquele tipo de pessoa que deita na cama e apaga.

Nos sonhos eu era outra pessoa. Ainda parecia eu, mas diferente. Me via na entrada de uma caverna gigantesca. Era toda feita dos mais variados metais, incrustados em uma rocha vulcânica de cor escura e cheia de inscrições brilhantes nas paredes. Nas primeiras vezes que sonhei, tentava me movimentar, mas não conseguia. Era como se meu corpo estivesse preso ao chão.

Pior era que, mesmo que não acontecesse nada, eu ficava ali por horas. Isso me fazia acordar exausta e meu pai acreditava que eu estivesse com algum tipo de gripe. Em uma certa manhã ele veio com uma conversa bem conhecida por mim.

— Alys, a Dra. Neli vem mais tarde nos fazer uma visita. Ela disse que não te vê tem muito tempo e está com saudades.

— Pai, essa historinha só me convencia quando eu tinha cinco anos de idade.

A Dra. Neli era minha médica desde que nasci. É a pessoa que mais vi na vida, talvez até mais que Ky. Por quê? Porque até meus quinze anos, meu pai maluco me obrigava a fazer uma bateria de exames semanais. E olha que eu nem ficava doente. Ele vinha sempre com esse papinho de visita para que eu não brigasse com ele. Não funcionava fazia tempo.

— Porque você chamou um médico pra mim?

— Pensei que gostasse da Neli.

— Eu gosto dela.

Abri um sorriso sarcástico e completei.

— Gostava mais quando achava que todas as visitas médicas dela eram uma desculpa para me fazer acostumar com a sua presença.

Fiz cara de quem sonhava com algo feliz.

— Bons tempos aqueles em que acreditei que vocês eram namorados. Eu não teria tanta sorte!

Meu pai respirou fundo.

— Nem comece, Alys. Nós não temos nenhum interesse que ultrapasse a amizade.

— Fale por você.

— Isso de novo? Você vê coisas onde não existem. Ela vem, vai te ver e vai fazer alguns exames. Você parece estar com gripe desde que foi com Kyer naquela loja.

Ali morava o perigo, resolvi mudar de tática. Não contei para ele dos sonhos.

— Claro que não pai! Eu só estou sofrendo do stress das provas finais.

Somando a minha ansiedade para voltar à toca, pensei.

— Mesmo que seja isso, não custa ela te examinar.

— Não custa? Ela me examina de graça? E o senhor ainda acha que ela não quer mais que amizade?

Ele suspirou de novo, levantou a sobrancelhas e me olhou com aquela cara de: Deus, me dê paciência. Pelo menos funcionou, nada de cancelar minha ida à toca. O que, claro, não me livrou de uma bateria de exames chatos.

Os sonhos continuaram. Toda noite eu me via diante da caverna, tentando freneticamente me mover. Para minha surpresa, na semana seguinte eu consegui. Me exigia muito esforço, mas em pouco tempo eu já caminhava e pude começar a investigar a caverna.

Quando estava acordada, tentava em vão me lembrar dos símbolos gravados nas paredes. Eram marcas feitas de metal que pareciam se movimentar e mudar de forma quando eu chegava perto.

Um dia em particular resolvi tocar alguns daqueles símbolos. Acontece que às vezes curiosidade é sinônimo de problema. Falando de mim, todas as vezes. Meu

pequeno toque mudou o sonho de “modo estranho” para o “modo pesadelo” e a coisa ficou bem pior.

O símbolo que toquei se modificava em forma de asas, e rugidos ensurdecedores ecoavam no interior da caverna. Era assustador. Da mesma forma, noite após noite. E eu continuava tocando nos metais, provavelmente porque eu não era muito boa da cabeça. Ou talvez, porque por uma vez ou duas eu pude distinguir uma voz humana tentando me dizer frases indecifráveis.

O pavor no sonho era tanto, que eu corria procurando alguma saída. E quando já estava me acostumando com aquilo, as coisas pioraram. Agora, quanto mais longe eu estava dos rugidos mais escura a caverna se tornava. Eu não enxergava um palmo na frente do nariz.

Naquele ponto, os sonhos começaram a me causar dor física. Na primeira vez que corri apavorada pelo escuro acordei vomitando. Esconder do meu pai o que estava acontecendo me exigia tanta energia que eu comecei a negligenciar todo o resto, até Ky. Eu vivia para esconder os sonhos deles.

O breu da caverna se tornou tão denso e apavorante que eu passei a desejar que eu conseguisse voltar ao ponto dos rugidos. Faltando um dia para voltar à toca decidi que: Se eu tivesse algum domínio sobre aquele sonho, ia enfrentar a fera que fosse, afinal, era um sonho. O que poderia acontecer?

Naquela noite o sonho mudou pela última vez. Não tive coragem o suficiente para ficar e conhecer o dono dos rugidos. Corri em busca da saída. Enquanto eu tateava as paredes senti duas mãos me segurarem pelos ombros.

Quando digo mãos é porque foi o mais perto que consegui de uma comparação. Eram longos dedos esqueléticos e gelados que me apertaram com firmeza. Me virei e só pude ver dois grandes olhos amarelados. Tive medo. Não aquele medinho de quando via filmes de terror. Senti meus joelhos vacilarem. Eu precisava correr! Só que eu estava presa novamente no chão.

Não parecia só um sonho, não mais.

As mãos esqueléticas começaram a subir em direção ao meu pescoço. Congelei. Não tinha a menor chance de conseguir me defender. Quando achei que seria sufocada, leves tremores começaram debaixo dos meus pés. Era um terremoto? No meu sonho esquisito?

Não podia ser. Eles vinham de um ponto específico, como se alguma coisa estivesse sendo batida no chão. O ser à minha frente também percebeu. Seus olhos viravam em todas as direções procurando a causa daquilo. De repente senti uma baforada quente vinda do outro lado.

Eu ainda não podia ver nada à minha volta, mas as mãos esqueléticas me soltaram. Lentamente os olhos amarelados foram se afastando. Uma voz sibilante fez um frio subir pela minha espinha.

— Eu vou te encontrar Elemental. Nós vamos nos ver de novo.

Quem era Elemental? E pior, pela força do vapor, eu talvez não devesse me sentir aliviada ainda. Fique imóvel. Podia ouvir uma respiração pesada e de tempos em tempos, ela alcançava meu rosto.

Quando eu não conseguia mais ver aqueles olhos amarelados, o que quer que tenha o afugentado resolveu falar:

— Alys, as coisas estão piores do que eu imaginava. Não queria que fosse dessa maneira. Era para você ir encarando as mudanças uma a uma. Quando tivesse a coragem de seguir na direção dos rugidos. Enfim, quando estivesse pronta.

A voz era como trovões ressoando em todas as células do meu corpo.

— Infelizmente, minha querida, isso não será possível. Terá que despertar imediatamente ou temo que não sobreviva até me encontrar.

Precisei de algum esforço para me recompor.

— Quem é você? Do que você está falando? Que mudanças? Por que eu deveria te procurar? E só para o caso de decidir fazer isso mesmo, onde?

Era assim que eu lidava com o medo. Disparava dezenas de perguntas sem respirar.

— E, céus, o que era aquilo?

— Não há tempo para responder suas perguntas, não agora! A única coisa que você precisa saber é que deve me encontrar o mais rápido que puder.

A voz foi se tornando mais baixa.

— Sem treinamento e a ajuda de um guardião você corre um imenso perigo. Não só você, mas todos à sua volta!

O tom da voz dele parecia mais urgente agora.

— Busque o Cajado de Ojin e os livros que viu quando esteve na loja. Depois vá ao antiquário, eles te ajudarão a me encontrar.

— Antiquário, que antiquário?

— NÃO HÁ TEMPO! Pense! Não perca tempo COM NADA!

A voz quase me derrubou de susto.

— Agora, acorde e se lembre desta conversa.

Comecei a me sentir sonolenta. Meu corpo foi se tornando leve, mas eu não estava contente em acordar sem respostas.

— Espere! Eu preciso saber mais. O que foi isso tudo... eu, eu...?

Fui pegando no sono.

— No tempo certo Alys, no tempo certo! Não conte a ninguém! Não confie em mais ninguém! Busque o cajado e venha me encontrar... Seja corajosa! Você vai precisar.

CAPÍTULO 6

DESPERTAR

Acordei assustada. Eu suava frio e os olhos ardiam com toda a luminosidade que entrava pela janela. Demorei algum tempo para me lembrar o que tinha acontecido. Pensando de forma objetiva, eu deveria ter contado a alguém sobre os sonhos. O de hoje tinha passado de todos os limites.

Precisava parar de ler livros de fantasia. Eles já estavam me afetando demais e, se meu pai me visse nesse estado, eu passaria todo o fim de semana internada no hospital.

Fiquei de pé com dificuldade. Parecia que todas as células do meu corpo tinham sido agitadas e não queriam mais adormecer. Quando passei pela frente do espelho no banheiro, levei um tremendo susto. Primeiro o sonho e agora isso.

Me apoiei na pia enquanto observava meu reflexo. Havia símbolos escritos pelo meu corpo em um branco acinzentado. Quando toquei um deles percebi que não eram desenhos, era Lifran, fino e quente.

O problema é que os metais não costumam ser quentes. Pior que isso, como é que eu não senti o contato do material com a minha pele?

Comecei a falar com o meu reflexo.

— De onde esse metal apareceu? Será que foi o Ky que colou em mim enquanto eu dormia? Que brincadeira idiota.

Os símbolos não me eram estranhos.

— Não, isso não. Meu pai jamais concordaria com esse tipo de pegadinha. Eu queria saber quem teria tanto Lifran assim, esse metal custa uma fortuna.

Cheguei mais perto do espelho e percebi marcas de ramos de flores que subiam até minhas orelhas. Eu estava olhando para outra pessoa no espelho! Voltei a ter o pensamento da semana anterior: Metal não reage dessa maneira, afinal, o que estava acontecendo aqui?

— “Vá ao antiquário”.

A voz ressoou na minha mente. Eu estava ouvindo vozes, socorro!

— Antiquário?! Mas eu nunca fui a antiqua....

Uma lembrança confusa se formou na minha mente.

— Existia um antiquário perto da toca, qual era mesmo o nome?

A placa descascada entrou em foco.

— Antiquário MASPE. Espera aí Alys, quem te disse isso foi uma voz, no escuro e em um sonho. Sua loucura está piorando.

Tentei arrancar o metal que estava sobre a minha mão.

— Porque esse Lifran não saai? Ahhhhhh!

Continuei investigando os símbolos espalhados pelo meu corpo. Virei de relance para o espelho e percebi sobre as minhas costas um grande desenho. Eram duas asas com um cajado e uma espada cruzados à frente. Era tão bonito que não resisti e o toquei.

O símbolo começou a se transformar. Inicialmente como uma massa disforme. Depois surgiram asas. Elas eram grandes o suficiente para me envolver por inteira, coloridas em uma mistura de cinza, azul e lilás. Boa parte era feita de Lifran.

Entrei em pânico! O susto somado ao novo peso nas minhas costas me fez desequilibrar e cair sentada em cima da privada. Só não me machuquei porque aquelas asas tiveram uma reação espontânea me cobrindo e tornando minha queda macia.

Espiei por entre a fresta das asas. Arfei olhando para o espelho. Só via as pontas da nova parte do meu corpo e o desespero começou a tomar conta de mim. Comecei a chorar. Afinal, o que você faria se nascessem asas nas suas costas? Eu parecia um avestruz tatuado.

Depois de chorar por um tempo, me levantei e entrei no chuveiro. Eu precisava procurar respostas e já sabia onde encontrá-las. Decidi ir à toca sem que ninguém soubesse. Era sábado, então meu pai não estava e Ky só viria mais tarde. Eu era assim, ia do completo desespero à teimosia resoluta em minutos. Pensando bem, isso deveria ser uma qualidade.

Entrei no box me preocupando em não molhar as asas. Quando percebi a bizarrice desse pensamento, comecei a rir, aquele tipo de risada nervosa de quem sabe que tem um grande problema e está se atendo a pequenos e fúteis detalhes. Eu tinha dois pares de longas asas, marcas pelo corpo todo e precisava atravessar a cidade atrás de um cajado e livros com símbolos estranhos.

Além disso, eu tinha que encontrar uma voz que não sabia nem de quem era e que sabe-se lá onde estava. Penas molhadas era o menor dos meus problemas. E céus, eu tinha penas! E eu que achava que minha entrada na puberdade tinha sido um desastre.

Conforme a água descia pelo meu corpo fui encontrando tranquilidade. Não eram só as asas! Não eram só as marcas! Eu via tudo diferente. Conforme fui aceitando isso, elas foram se recolhendo até minhas costas ficarem leves novamente. O símbolo que havia visto nelas antes voltou a aparecer.

Coloquei um moletom por cima de uma blusa com as costas abertas que eu nunca havia usado. Quando cheguei na parte externa do meu prédio caminhei

sorrateiramente por entre as vigas da garagem em direção à saída. Quase estraguei tudo. Eu precisei correr para trás de uma pilastra antes de que Ky me visse.

Ele caminhava em direção ao elevador enquanto conversava ao celular e gesticulava muito aflito. Eu até pensei em chamá-lo e contar o que estava acontecendo, mas meu recém adquirido senso de perigo dizia que ninguém deveria ver o cajado ou os livros. Esse seria um grande problema: Sair da toca sem que Helix me visse carregando os objetos.

Assim que Ky desligou o telefone e subiu, corri para o portão. Esperava voltar antes que sentissem minha falta. Se meu pai imaginasse o que eu estava indo fazer, não só eu, mas nós dois estaríamos em apuros. Eu realmente achei que poderia resolver tudo sozinha. Como eu estava equivocada.

CAPÍTULO 7

A BUSCA

O centro da cidade estava lotado de pessoas. Eu fiquei neurótica porque sempre havia alguém esbarrando ou me encarando de uma forma estranha. Por vezes senti minhas costas formigarem e tinha que parar um pouco para dominar o medo. Não podia perder o controle. Já pensou se aquelas asas se abrissem ali, no meio de todo mundo?

Mais ou menos na metade do caminho, o clima ficou estranho. Toda aquela névoa não era comum nem nos alpes onde os gêiseres cuspiam vapor. Respirar ficou difícil e como não afetava mais ninguém, achei que era eu que estava causando aquilo.

Na terceira vez que os metais vibraram, percebi que a fonte do distúrbio era outra. Primeiro aparecia a neblina, depois eu sentia medo e as asas vibravam me fazendo mudar de direção. Quando eu tomava outro caminho os metais se acalmavam.

Consegui chegar à estação sem nenhum acidente no caminho. Comprei meu bilhete e não esperei nem as instruções do funcionário para entrar na cabine. Quis encontrar um lugar isolado e me manter longe de olhares curiosos.

Minha tática se provou uma péssima ideia. Estar coberta até os ossos em um dia quente de verão, por si só, já atraía olhares. Some a isso minha cara de bicho acuado, enquanto as pessoas riam e conversavam, e vai entender o porquê acabei chamando atenção indesejada.

Um funcionário sustentando um olhar particularmente estranho passou por mim em direção ao vagão de trás. Logo ali naquele vagão de trem onde não tinha para onde correr, as asas resolveram formigar novamente.

Assim que ele desapareceu pelas portas, fugi para um vagão da frente e procurei um lugar para sentar. Tomei o cuidado de ficar em meio às pessoas dessa vez. Encontrei uma poltrona na janela ao lado de um senhor bem velhinho, seus cabelos azuis estavam ralos e as rugas em baixo dos olhos denunciavam muitos anos de vida.

Sua pele me chamou atenção, era marrom acobreado e cheias de pequenas marcas que não consegui distinguir. Ele percebeu que eu o observava e me deu um

sorriso. Dado os acontecimentos do dia, fiquei com medo e só me virei para a janela. Precisava me concentrar na minha tarefa.

No sábado a toca abria em horário diferente. Sempre tinha encontros até muito tarde da noite, então estaria fechada agora. A voz havia me dito que ninguém deveria saber sobre o que estava acontecendo. Duvidava que o Helix não fosse dar com a língua nos dentes e contar para o Ky que apareci por lá. É claro que ainda tinha que pensar em como entrar.

— Perdida em pensamentos mocinha?

Disse o senhor sentado ao meu lado.

— Um velho amigo costumava me dizer que pensar demais não ajuda a encontrar a solução nem dos menores enigmas. Sabe como é, acabamos nos perdendo no volume de informações e não nos concentramos no que é realmente importante.

Eu não sabia bem o que responder, então dei um breve aceno de cabeça. Ele se levantou.

— Acho que essa é a estação que você vai descer, não é?

Ele apontou para o quadro eletrônico da parede.

Conferi o mapa e o cara tinha razão, mas eu não havia lhe dito uma só palavra, quanto mais o lugar para onde estava indo.

— Como o senhor sabe que eu pretendia descer nesta estação?

— Esse bairro é um lugar interessante. Coisas excepcionais aconteceram ali em tempos passados.

O trem deu um leve solavanco e parou.

— Acho melhor você correr ou vai perder o ponto.

Não aceitei a resposta que ele me deu. E enquanto tentava segui-lo, por acaso, vi que nas costas de sua mão direita havia um símbolo muito bonito tatuado. Percebi que conhecia a tatuagem. Eram duas armas cruzadas, um cajado todo trançado e uma espada longa com o cabo bem trabalhado. De fundo se viam duas asas exatamente como nas minhas costas.

Ele começou a caminhar na direção dos vagões de trás, enquanto dezenas de pessoas caminhavam na direção oposta, me empurrando para a porta e me impedindo de segui-lo.

— Ei, volta aqui, quem é você?

Fiquei na ponta dos pés tentando não o perder de vista.

— Ei!!

Gritei mais alto e ele se virou para mim. Seus olhos faiscaram como duas grandes safiras e ele me disse:

— Não se esqueça o porquê está aqui.

O senhor passou pela porta e não consegui mais vê-lo.

As pessoas me olhavam com curiosidade, óbvio, eu tinha gritado como uma louca e feito exatamente o que estava tentando evitar, chamado atenção. Comecei a caminhar para fora, tentando consertar meu erro.

Fiz o mesmo caminho de quando fui pela primeira vez. Perto da toca, meu celular começou a vibrar insistente no bolso. Era Kyer. Eu não tinha percebido mas havia muitas ligações perdidas.

Resolvi não atender. Se ele estava me ligando nesse desespero todo, já estávamos ferrados! Meu pai já deveria saber que eu não estava em casa e nada me salvaria de um castigo eterno. Mas, se eu ia ser castigada, pelo menos seria com o cajado e os livros na segurança do meu quarto.

Parei em frente à toca. A porta estava trancada com um cadeado. Ladeei todo o local procurando alguma coisa que me desse espaço para entrar, uma porta, uma janela, um buraco qualquer onde eu pudesse passar.

A única coisa que encontrei foi uma pequena janelinha. A viela cheia de sacos de lixo, onde ela se localizava, era uma boa opção para entrar sorrateiramente, não fosse a altura da passagem. Era um lugar alto demais pra ser fechado todos os dias e, logicamente, também era difícil de ser escalado.

Foi só depois de um bom tempo pensando em formas de entrar, que me lembrei que tinha asas, ora, teoricamente elas deveriam me fazer voar.

Depois de averiguar que não tinha ninguém andando na rua principal, toquei o símbolo nas minhas costas. Nada aconteceu. Por mais que eu tentasse as asas não apareciam e eu já estava a ponto de desistir quando as palavras daquele senhor do Voltrin vieram à minha cabeça.

E se eu estivesse me concentrando na coisa errada? Respirei fundo, trouxe à memória as asas que havia visto mais cedo, de como elas eram lindas. Senti o Lifran se aquecer e começar a tomar forma até que as duas surgiram.

Mas, como eu daria comando a elas? Eu sentia o vento batendo e arrepiando as minhas penas. Depois de alguns minutos pensando sobre o assunto tentei fazer como uma criança pequena querendo apreender a andar: me concentrei em dizer ao meu cérebro que as asas precisavam bater.

Funcionou, elas se movimentaram duas vezes, meio sem sincronia, e me impulsionaram muito acima do vitral. Fiquei tão assustada de ter funcionado que perdi a concentração e elas pararam. Para tentar evitar uma queda de cinco metros, impulsionei meu corpo para frente. Por muito pouco consegui me agarrar nas bordas da abertura e encontrei um lugar para apoiar os pés.

Passei uns minutos agarrada na janela, ofegante, tentando me recuperar do susto. Olhei para dentro da toca, estava tudo muito escuro e não tinha sinal de ninguém. Graças aos céus Helix ainda não havia chegado.

Passei cuidadosamente para dentro e percebi que, assim como do lado de fora, havia uma mureta. Terminei de passar com as asas espremidas pela abertura. Esbarrei o lado esquerdo em um pedaço de vidro e percebi, pela primeira vez, que aquelas asas eram realmente parte do meu corpo. Elas doíam.

Depois do incidente no lado de fora eu não estava muito confiante em voar novamente, mas eu tinha alternativa? Era isso ou quebrar os ossos me estatelando no chão.

Dessa vez elas bateram com um pouco mais de leveza, me puxando para cima enquanto eu me agarrava no vitral. Seria cômico em outra situação. Com um solavanco me soltei e comecei a descer em círculos desengonçados.

Quando alcancei o chão, não totalmente sem escoriações, pousei com um baque que ressoou pelo lugar. Congelei. Se houvesse alguém na toca já teria me descoberto. Nota mental para a vida: qualquer carreira que precisasse de sutileza não seria para mim.

Era possível ver um leve feixe de luz vindo dos topos das estantes, dos títulos escritos em metal, então caminhei devagar na direção do que procurava. Ia ser simples, pegaria as coisas e sairia o mais rápido possível.

A primeira coisa que encontrei foram os livros semitransparentes de Lifran. Quando toquei neles as palavras começaram a aparecer e para meu espanto, muitas delas agora faziam sentido. Peguei uma bolsa que encontrei ali perto e enfiei todos eles. O único problema foi passar a alça pelas asas.

O cajado continuava da mesma forma que o deixei. O Lifran trançado à madeira era realmente muito bonito. O segurei firme. Não queria ouvir voz nenhuma hoje, já estava apavorada demais. Fixei meus olhos na pequena passagem, me preparando para lidar novamente com as asas. Dessa vez não teria a segurança das duas mãos livres para agarrar o parapeito.

Quando pisei fora dos limites das estantes um frio tomou conta do lugar. A pouca luminosidade vinda dos metais se extinguiu e até o vitral parecia ter sido tampado. O medo me paralisou. Era como se eu estivesse vivendo novamente o sonho macabro da noite anterior. Meu cérebro me mandava correr, mas o corpo não obedecia. Eu não precisei vê-lo para saber que o dono dos olhos amarelados estava ali.

— Vejo que você chegou até aqui, mesmo com os meus servos tentando te capturar.

Ele sibilou de algum lugar à minha esquerda. A voz era como um insistente calafrio na espinha.

— É até melhor. Vou me livrar de você eu mesmo. Ainda vou conseguir por minhas mãos nas inscrições antigas e no cajado de Ojin sem nenhum esforço.

— Queem... quem é você?

Ele gargalhou.

— Sabe, eu te observei. Até que tem algum talento, pena que não te servirá em nada depois de morta.

Uma coisa me despertou do torpor de medo: eu não queria morrer! Segurei o cajado com toda força que consegui e comecei a procurar uma saída. Precisava perceber de onde a voz vinha para me afastar dela.

Como em resposta à minha mudança de atitude, dois olhos amarelos apareceram e eu, por total reflexo, apontei o cajado em direção a eles. Uma gargalhada fria ressoou por toda a toca.

— Elemental, você não tem a mínima ideia de como usar esse cajado e está em minoria.

— O que você quis dizer com mino...

Antes mesmo que eu terminasse a frase, olhos começaram a aparecer à nossa volta. Minha voz sumiu novamente. Eram brancos, leitosos e não paravam de brotar em meio à escuridão.

Agora, definitivamente, eu não tinha saída.

CAPÍTULO 8

TENTATIVA E ERRO

Olhos brancos leitosos me cercaram por todas as direções. Em contrapartida, os amarelos apavorantes agora caminhavam para mais longe, deixando que um círculo assustador se fechasse à minha volta.

— Eu sempre disse aos grandes sacerdotes. Profecias podem ser quebradas e maldições podem pesar mais do que grandes bênçãos.

O tom sibilante era ameaçador.

— A teia de mentiras em que você foi mantida não te deixaria segura por muito tempo. Se você tivesse sido treinada, quem sabe...

Eu tremia da cabeça aos pés. Mantinha o cajado bem firme nas mãos e o apontava em todas as direções tentando afastar os seres. Os livros também continuavam seguros na bolsa presa ao meu corpo. Em toda minha vida nunca tinha enfrentado uma situação como essa, nunca havia sido assaltada ou ameaçada por algum grupo de valentões na escola. Em geral se mantinham longe por me achar uma aberração.

Também nunca pratiquei qualquer tipo de luta que pudesse me dar vantagem. O máximo que via era o pouco que a luz do cajado iluminava e as dezenas de olhos à minha volta.

Eles se mantinham à distância. Estrategicamente longe da luz e aguardando alguma ordem do mestre. Enquanto o ser dos olhos amarelados falava, eu prestava só meia atenção, tentando contar quantos eram meus possíveis agressores.

Ao lado de onde deveria estar o vitral, eu podia ver olhos maiores do que os que estavam à minha volta. Havia também alguns pares no teto, voando em círculos em cima de nós. Isso diminuía em muito minhas opções de fuga. Me surpreendi com a rapidez que constatei tudo isso. Eu até era inteligente, mas minhas estratégias costumavam se conter aos jogos eletrônicos. Bons tempos.

— Vai ser bem interessante quando eles perceberem que um pouco da verdade teria impedido a sua morte hoje.

Ele estreitou os olhos apavorantes.

— Agora chega desse meu monólogo. Bakhtaks, matem-na agora mesmo! Podem se alimentar da carcaça, só tirem os metais, e me tragam o cajado e os livros.

As dezenas de olhos começaram a se aproximar de mim. Naquela escuridão era impossível procurar um espaço entre eles. Não podia me arriscar correr, e se eles estivessem armados? Quando os olhos estavam a apenas três ou quatro passos, a luz do cajado iluminou meus atacantes mais próximos.

Eu preferia que ele não tivesse feito isso. Era melhor não saber. Quem sabe com a ignorância eu me defenderia com um pouco menos de medo. Eles eram cobertos por uma pele velha, escamosa e esverdeada grudada ao corpo que era feito de ossos. No lugar dos olhos havia esferas brancas leitosas. Eu achei que eles poderiam ser cadáveres humanos, mas não, era algo bem pior de ver.

As asas perceberam que minha vontade vacilou diante daquela visão e se fecharam à minha volta. O que veio depois poderia ser até meio cômico, se a morte não estivesse querendo me levar com ela. Eu tentava afastar meus atacantes dos lados, usando minhas asas, enquanto batia nos capangas da frente, com o cajado.

Não consegui pensar em mais nada para fazer, eles eram muitos e eu não sabia lutar. Quis aproveitar o peso do metal na esperança de que aqueles ossos se desfizessem com algumas pancadas.

É lógico que o máximo que aconteceu foi alguns deles ficarem atordoados. Com pouquíssimo tempo, eu já estava com os braços doendo e os seres continuavam avançando. As minhas asas também estavam doloridas de tanto sofrer ataques e tinham pedaços chamuscados.

Quando não fui capaz de afasta-los mais, vários pares de mãos começaram a me agarrar. Eu gritava e tentava me soltar, dando pontapés e chutes. Mantive bem firme o cajado na mão até o momento que meu corpo foi perdendo as forças.

Eu estava prestes a perder os sentidos quando, sem querer, soltei o cajado. Ele caiu no chão e ressoou ainda mais alto do que da primeira vez, provocando um clarão que quase me cegou. Meu cérebro teve um tipo de surto, como quando a gente toma sorvete rápido demais sabe?

Depois de alguns segundos deitada no chão, meu raciocínio voltou ao normal. Me lembrei dos meus atacantes e levantei rapidamente pegando o cajado e já preparada para tentar me defender.

Uma janela da toca agora estava aberta. Não era o suficiente para iluminar todo o local, mas eu podia ver meus atacantes espalhados pelo chão. Ou o que tinha sobrado deles. Eram como sacos de ossos ladeados em gosma verde. O que era aquilo? Alguma experiência científica malfeita?

As minhas asas estavam muito machucadas, minha pele toda sangrava e havia profundos arranhões nos meus braços. Comecei a correr em direção às portas, mas um ruído me fez parar. Eram gemidos baixos vindo de um dos corredores.

Sempre fui um ser curioso demais, daquele tipo que morre nos filmes de terror. Então, ao garantir que ninguém me perseguia, fui ao encontro do barulho.

Caído de bruços no chão, estava Helix. Havia bolhas por todo seu corpo e uma gigantesca poça de sangue à sua volta. Virei seu corpo. Ele ainda tinha batimentos, embora fossem muito fracos. Ele abriu os olhos.

— Alyyyys — disse em um sussurro. — Você precisa sair daqui, agora, ele vai voltar.

Ele começou a tossir e cuspir sangue.

— Eu não vou te deixar aqui, não mesmo.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Não sabia como o carregaria para fora daquele lugar. Ele não concordou.

— Saia daqui direto para o Voltrin, você precisa fugir.

A última palavra foi quase inaudível. E ele parou de respirar.

Achei que estivesse mentindo para mim, que fingia estar morto para que eu saísse dali. Chamei o nome dele várias vezes e tentei encontrar os batimentos cardíacos sem sucesso. Estava morto porque esses seres tinham vindo atrás de mim.

Um barulho de ossos sacudindo começou a tomar o lugar. Não pude lamentar, nem levar o corpo do meu novo amigo. Esperei sinceramente que pudesse voltar e dar a ele um funeral digno. Mas eu precisava fugir, não só por mim, mas pelo cajado e os livros.

Quando estava quase chegando na porta, olhei para trás e vi que os seres já estavam quase de pé novamente. Os ossos estavam terminando de se juntar e a gosma verde subia sobre eles.

Procurei algo à minha volta que pudesse me ajudar a quebrar o cadeado, afinal, quem trancava as portas por dentro? Não achei nada. Meu tempo começou a se esgotar e eu me sentia cada vez mais cansada. Todos aqueles ferimentos e minha visão turva.

Pensei em soltar o cajado no chão de novo, mas e se eu fosse atingida novamente? Então me ocorreu uma ideia. O cadeado era feito de algum tipo de metal ninfrit. Será que se eu tocasse nele com o cajado, ele tomaria a forma de sua espécie?

Tomei fôlego e comecei a correr, os sacos de ossos pareciam ter percebido meu intento e começaram a se recompor com mais rapidez. Quando cheguei até a porta, encostei o Lifran da ponta no cadeado e, para meu alívio, ele começou a mudar de forma soltando as correntes que pendiam a porta.

— Nãaaaaaaaao, peguem a garota! — Ouvi a voz gritar.

Nem olhei para trás. Empurrei as portas e corri para a rua que estava completamente deserta. Precisava ir para a estação. Uma voz na minha mente me

repreendeu. O meu salvador do sonho havia me mandado ir para o antiquário. Eu podia ouvir os passos vindo e só tinha um segundo para decidir, então corri até aquela pequena loja com tabuas tampando a passagem.

Coloquei o cajado debaixo do braço e encaixei os dedos no vão das tabuas, tentando abrir passagem. Estranhei que aquela aparente madeira tivesse a textura dos metais.

Encostei o cajado na placa que tentava retirar, no mesmo momento um buraco se abriu e eu me joguei para dentro dele. Cai com um baque surdo sob minhas asas, deitada em um chão lustroso de madeira, enquanto o buraco pelo qual entrei se fechava.

O mundo girou, todo aquele esforço, as feridas, o sangue perdido e a dor pela perda do Helix me atingiram. Enquanto meus olhos se fechavam, pude discernir uma silhueta à minha frente. Ela parecia brilhar, ou era eu que brilhava? Antes que pudesse chegar a alguma conclusão, desmaiei.

CAPÍTULO 9

ANTIQUÁRIO MASPE

Estava sonhando. Aquele tipo de sonho bom que você se esforça para não acordar sabe? Era um fim de tarde alaranjado e eu estava deitada em uma rede vendo um imenso mar azul. Pequenas ondas quebravam na praia.

Achei curioso a quantidade de detalhes do sonho. Eu nunca tinha visto o mar. Meu pai dizia que era perigoso demais. Que os animais aquáticos tinham sofrido o maior número de mudanças causadas pelo *Nítryfi* e que, por isso, não era mais seguro. Bobagem! Todo mundo continuava indo à praia e raros eram os acidentes.

Olhei para o outro lado e vi que não estava sozinha. Deitado em uma outra rede havia um garoto. Ele dormia com o rosto virado para a mim e tinha uma expressão estranha de resignação.

Enquanto tentava me lembrar de onde o conhecia, vi subindo pelo canto da sua rede uma linha de metal. Era uma visão meio perturbadora, como se o Lifran fosse uma pequena cobra. O filete alcançou o corpo do garoto e começou a tomar forma de símbolos muito parecidos com os meus.

No rosto fez dois pássaros de fogo, um de cada lado. O Lifran parou de andar e brilhou como uma lâmpada tendo um pequeno curto circuito. O garoto abriu os olhos. Eram negros e profundos. Antes que pudesse perguntar quem era, acordei.



Retomei a consciência. Estava com preguiça de voltar à realidade do meu quarto sem graça. Pensei em como esse sonho tinha sido maluco: Aqueles metais, a perda do Helix e os sacos de ossos. O final tinha sido até legal, deitada na rede de frente para o mar. Eu deveria estar feliz de nada daquilo ser real. Então, eu deveria, mas não estava. Acho que o nível de reclusão em que eu vivia estava afetando o meu cérebro.

Abri os olhos. Eu não estava no meu quarto. Nem perto disso! Estava em um pequeno quarto de madeira escura e escovada, sem janelas mas incrivelmente bem iluminado.

Arfei grandes lufadas de ar, me lembrando de cada segundo do que deduzi ser um sonho e não era. Estava deitada em uma cama antiga. Só estava vestida com um top branco e os ferimentos no meu corpo ainda estavam cicatrizando.

As asas também eram reais e estavam cheias de curativos. Além da minha cama, o único móvel era um criado mudo que abrigava sobre si o cajado e minha bolsa de livros.

Tentei me levantar, mas minhas asas doeram. Meu pai já deveria estar colocando meio mundo atrás de mim, aliás, que horas eram? Minha cabeça estava rodando e eu tendo um monte de pensamentos desencontrados.

Não fiquei de pé por muito tempo. Meu corpo cedeu e já estava perto do chão quando fui amparada por duas mãos. Não vi de quem eram porque desmaiei.

Acordei atordoada. Todo meu corpo doía e eu ouvia vozes à minha volta. Ao abrir os olhos me deparei com o rosto familiar de Ky, me observando com uma expressão preocupada.

Minha surpresa com a presença dele não foi nada perto do choque ao ver a pessoa que cuidava de mim. Era alta, muito bonita, com cabelos castanhos descendo até os ombros e orelhas pontiagudas. O que me chamou mesmo a atenção foram seus olhos, eram completamente vermelhos. Como rubis inteiros, nada de glóbulos oculares.

O seu corpo era cheio de tatuagens e na mão o mesmo símbolo que vi no senhor do Voltrin. Ela vestia uma capa longa e sem mangas, presa por um cinto sobre um conjunto simples de calça e camiseta, todas em cor de pergaminho. Aquela mulher era algo que nunca imaginei ser real. Tentei me levantar.

— Calma Alys, você ainda não está bem. Perdeu muito sangue e foi por bem pouco que a Fylgiar te salvou.

Kyer segurava meus ombros.

— O que você está fazendo aqui? E onde é “aqui”? — perguntei.

Baixei um pouco o tom de voz.

— Você também está vendo esses olhos? Essas orelhas pontudas?

— Calma, vou te responder, Lys. Mas primeiro se deite novamente.

Obedeci, meio contrariada.

— Sim, eu também estou vendo — esclareceu.

Respirei aliviada.

— Onde...?

— Vou tentar te explicar o que sei. Não é muito! Quem sabe mesmo das coisas é ela.

A estranha mulher continuava em silêncio conferindo os dados em sua prancheta. A minha mente começou a clarear.

— Como você chegou aqui? — perguntei.

— Eu fui no seu apartamento, mas você não estava lá. Então te procurei pelo aplicativo de rastreio.

Tinha me esquecido do aplicativo que mostrava a nossa localização um para o outro. Que bela fugitiva eu era.

— Pelo ponto do mapa, deduzi que estava indo para a toca. Como você não atendia o celular por nada...

Ky fez uma cara de reprovação.

— Liguei para o Helix. Você deveria saber que a loja estava fechada naquele horário! Então ele disse que te encontraria lá. Depois peguei o Voltrin e vim o mais rápido que consegui. Quando estava perto da toca, te vi toda machucada entrando por um buraco. Pulei atrás.

Me lembrei de Helix estendido no chão e meu coração se apertou, é por isso que ele estava lá antes do horário. Tinha ido me encontrar.

Ky olhava minhas asas com um misto de admiração e dúvida.

— Então, quando pretendia me contar que tinha asas?

Ainda parecia que ele estava escondendo algo.

— Você parece muito confortável em me ver com elas — questionei.

— Quando passei pelo buraco, gastei um tempo para conseguir te acudir. Fiquei um pouco chocado com seu cosplay de fênix.

A última palavra me causou um arrepio. Eu precisava me lembrar quem era o garoto do sonho e porque ele era importante.

— Ela também não ajudou.

Ky apontou para a pessoa que continuava imóvel no canto do quarto. Ou ela estava tentando fingir que não ouvia a conversa, ou era uma estátua.

— Disse que só daria explicações para você — ele completou.

— Falando nisso Ky, quem ou o que é ela?

A mulher pareceu despertar de seu estado de torpor e veio caminhando em nossa direção.

— Parece que minha indução de sono foi um pouco demais. Acabou te esgotando mais do que eu desejava.

Ela se sentou na beira da minha cama e começou a me examinar.

— Infelizmente não havia outra maneira. Meu nome é Fylgiar. Eu sou a guardiã do acervo MASPE e sua mensageira.

— Do acervo o que? Onde eu estou? Quem é você?

Cuspi as perguntas como sempre.

— Se acalme, garota!

Ela olhou exasperada para meu amigo.

— Te falei que ela te encheria de perguntas — disse Ky.

— Alys, você não vai descobrir o mundo em cinco minutos. Prometo te responder as perguntas que puder. Já te adianto que não são muitas.

Vendo minha cara de desapontamento, acrescentou.

— Sinto muito, mas não posso te dar informações que possam comprometer seu treinamento e o despertar dos seus poderes.

Ela começou a retirar as bandagens que travavam minhas asas.

— Que treinamento? — perguntei confusa. — Que poderes? Eu vou me tornar um avestruz completo?

— Péssima escolha para suas primeiras perguntas. A única coisa que posso dizer disso tudo é que você não se tornará um avestruz.

Respirei aliviada. Ela riu.

— Eu domino algumas técnicas que outros da minha espécie não dominavam e por isso estou aqui. Sou guardiã do Maspe há centenas de anos e tenho habilidades que poderiam ser úteis quando a Elemental despertasse. No caso, você.

Ela ficou um pouco rubra e balançou a cabeça.

— Você viveu aqui por centenas de anos? — perguntei, pasma. — Quantos anos você tem?

— Sim, eu vivo aqui há muito tempo. Tempo o suficiente para não saber mais viver em qualquer outro lugar.

Mesmo que isso não tivesse lógica, ela apresentava um sorriso orgulhoso.

— E o que seria o Maspe?

— É o maior acervo de livros mágicos e não mágicos do universo. Meu papel é cuidar de sua segurança para que as gerações de, bom... acho que o suficiente é te dizer que é um acervo grande de livros e artefatos.

— Aqui é uma biblioteca?

— Por assim dizer, aqui é A BIBLIOTECA — disse sublinhando a informação. — Todo conhecimento mágico de milênios pode ser encontrado dentro destas paredes, embora nem todo mundo possa compreendê-lo.

— Por que não?

— A magia é algo individual. Depende sempre do equilíbrio entre o destino e o desejo.

— Espera aí, o que você quer dizer com mágicas?

— Eu não devo falar sobre isso, mas sinceramente Alys, você acha que eu sou o que?

— Não sei, alguém que veio de um continente distante. Dizem que os metais fizeram mais coisas do que sabemos. — Arrisquei.

— Negar o que seus olhos veem não vai te ajudar a lidar com a verdade, sabia? Eu sou uma fada!

Até aquele momento eu esperava qualquer resposta, menos essa. Olhei para Kyer procurando um pouco de apoio. Ele, no entanto, tratava tudo aquilo com naturalidade. De repente me lembrei de algo mais importante do que a loucura que tinha acabado de ouvir.

— Meu pai — disse agitada. — Ky, meu pai deve estar maluco atrás da gente. Ele e Fylgiar trocaram um olhar nervoso.

— Ky, o que está acontecendo, o que você está me escondendo?

Meu amigo colocou a mão sobre a minha.

— Então Alys, provavelmente ele está mesmo preocupado já que você dormiu por quatro dias inteiros.

— Quantos dias eu dormi? Não pode ser, parece que foram horas — respondi incrédula.

A fada me explicou.

— Isso porque uma parcela deste sono foi induzida por mim. Aliás, precisamos conversar sobre o sonho que você teve durante este período.

Como ela sabia do sonho? QUATRO dias, meu pai já deveria ter chamado até os fuzileiros para me procurar. Eu estava bem encrocada e não havia asas ou cajado que fossem capazes de me livrar dessa.

— Ky, por que você não foi atrás do meu pai? Não ligou pra ele ou sei lá, tentou mandar uma coruja.

Falei exasperada sublinhando de forma sarcástica a última opção.

— O que eu diria pra ele? Calma Sr. Roberto, a Alys está ótima! Está em um buraco dentro de uma loja qualquer, sendo tratada por uma fada mensageira.

— Melhor do que não fazer nada — retruquei.

— Celulares não pegam bem aqui. E pensa só na cena, eles me internariam na mesma hora. Fora que não quis sair de perto de você.

A fada colocou duas peças em suas orelhas e encostou o dedo indicador sobre meu peito.

— Seus corações estão entrando no ritmo novamente. Quando te induzi ao mundo dos sonhos, sabia que ia te sugar muita energia Alys, então aconselhei ao garoto que ficasse.

— Eu preciso sair daqui.

Tentei me levantar. Um pensamento horrível me ocorreu sobre olhos amarelos tentando encontrar meu pobre pai.

— Precisamos voltar rápido Ky, meu pai pode estar em perigo.

A fada se sentou ao meu lado.

— Sua energia está quase restaurada, mas antes de te liberar preciso saber sobre o sonho que teve.

— Porque esse sonho é tão importante? — perguntei.

— Outra pergunta que não posso responder, mas preciso averiguar se o procedimento se completou. Você foi transportada a algum lugar que te transmitia magia e paz, algo que gostaria de conhecer não foi?

— Sim, eu estava na praia.

Contei o sonho enquanto ela olhava a prancheta. Depois de instantes ela sorriu para mim.

— Está de acordo com o esperado. Vou buscar uma muda de roupas limpas e preparar o portal por onde vocês irão partir.

Tentei segurar seu braço, mas a fada se desvencilhou.

— Você não vai me explicar o que esse sonho significa?

— Não. No tempo certo você vai compreender. E você precisa partir o mais rápido possível. Já está quatro dias atrasada e Celen está ficando preocupado.

— Celen? Quem é Celen?

Ela fez uma expressão de auto reprovação.

— É quem você deve encontrar. Por tudo que é mais sagrado, deixe que ele se apresente e não repita esse nome pra ninguém.

Eu estava ficando nervosa com tantos segredos.

— Mas, ele me disse pra vir aqui que encontraria as respostas. Agora você me põe para fora?

— Tenho certeza que não foi isso que ele disse.

Eu me desesperei.

— Mas como vou encontrar alguém que nem sei como é? Não pode nem me dizer em que livro procurar?

— Nos meus livros você não encontrará essa resposta, mas quem sabe nos seus encontre.

A fada apontou para a bolsa que eu tinha trazido da toca e piscou para mim. Perdi a paciência.

— Eu não vou passar por portal nenhum. Como eu vou saber se você não vai me entregar para os olhos amarelados?

Funguei.

— Se não me disser nada, não vou!

A fada se virou para mim, a expressão tão dura quanto uma pedra.

— A escolha é sua, Elemental. A única saída é pelo portal, se quiser alcançar seu pai antes que outros o façam, terá que ir.

Ela já tinha sumido pela porta quando gritei.

— Espera! Uma última pergunta.

Fylgiar voltou alguns passos para dentro do quarto.

— Que provavelmente não poderei responder se você seguir o padrão das anteriores?!

Ignorei o sarcasmo.

— Esse símbolo na sua mão, o que significa?

A expressão da fada mudou. Ela baixou os olhos para marca tatuada nas costas da sua mão esquerda e a tocou.

— Ela é a prova de que todos nós somos ligados pela magia que corre nas suas veias.

E saiu sem me dar mais explicações.

CAPÍTULO 10

VISÕES DO PASSADO

Meio que por reflexo, olhei para as veias do meu braço. Magia onde? Eu estava tão chocada com tudo que tinha acontecido que comecei a ter atitudes idiotas. A próxima foi derramar a minha frustração em Kyer.

— Tem uma coisa que eu não entendi.

— Só uma? — Ky arqueou as sobrancelhas. — Eu que não tenho asas tenho dezenas delas.

Fechei a cara.

— Como você está lidando tão bem com essa loucura à nossa volta? Eu quase desidratei de tanto chorar quando essas asas apareceram e você tá aí, tranquilo.

— Não me venha com esse olhar.

Ky cruzou os braços.

— Eu não tenho culpa do que está acontecendo.

— Não disse que tem culpa, disse que não parece ser novidade para você!

Kyer fungou.

— Quando vi tudo isso — apontou para as minhas asas — e a Fylgiar, o lugar e os metais reagindo de forma tão estranha eu pirei sim, só que seu estado de saúde acabou sendo mais importante. E se você pensa que eu não tentei tirar o maior número de informação dela e dos livros do lugar, você está completamente enganada, eu tentei tudo e mais um pouco, mas ela não abriu a boca.

A minha raiva murchou. A resposta dele fazia sentido, eu que estava ficando paranoica e agora estava envergonhada.

— O que aconteceu quando chegamos aqui?

Tentei aliviar o clima estranho.

— Você estava muito machucada, suas asas e corpo tinham longos vergões. Quando tentei te levantar Fylgiar me impediu, te colocou em uma maca flutuante e te trouxe pra cá. Você não se lembra de nada?

— Não!

Olhei para os vergões no meu braço, pareciam preenchidos de metal.

— Esse metal dentro das feridas não é prejudicial? Sei lá, é metal né? Não pode causar uma infecção?

Acho que eu estava ficando hipocondríaca como meu pai. Kyer balançou a cabeça.

— Acho que não. Os metais andavam pelo seu corpo e cobriam os machucados sempre que ela colocava alguma compressa de ervas ou recitava algum canto. Imagino que seja exatamente isso que devam fazer.

— Porque eu não me lembro de nada?

— Nos dois primeiros dias você só delirou. Teve uma febre tão alta que não conseguia tocar em você. A única vez que tentei, me rendeu uma queimadura na mão.

Procurei o machucado, preocupada.

— A Fada curou na mesma hora — acrescentou — e não saiu do seu lado para quase nada.

— Por que ela me induziu ao sono?

— No terceiro dia você começou a melhorar e ela apareceu com um imenso livro de capa marrom, disse que tinha que te induzir a esse sonho para que você provocasse o restante do despertar.

— Que despertar?

Kyer corou.

— Também não sei, ela não quis dizer mais nada.

Fiquei olhando para ele pensativa. Era um tremendo alívio tê-lo aqui, mas, pensando no que aconteceu com Helix, isso significava que agora meu amigo corria perigo.

Ky pegou a bolsa sobre o criado e a colocou sobre meu colo.

— Você não vai olhar os livros? Quero descobrir como a gente encontrará o Celen.

— É, você tem razão. Mas...espera aí. O que você quer dizer com a gente?

— Você não acha mesmo que vai virar uma guerreira mágica sem seu fiel escudeiro, no caso eu, não é?

Os olhos dele brilharam daquele jeito que só os de um nerd maluco poderiam brilhar. Eu, no entanto, só via os perigos.

— Ky, isso aqui não é um jogo de RPG! O Helix morreu por causa dessa loucura.

As minhas palavras socaram ele com força. Meu amigo não sabia o que tinha acontecido na toca. Eu era uma idiota, tinha me esquecido! Passei um tempo contando tudo para ele, desde os sonhos até minha entrada no antiquário. Quando terminei aquele brilho anterior não existia mais, seus olhos estavam baixos e tristes.

— Ele foi meu amigo por muitos anos.

Havia pesar na voz dele.

— Mas isso não é motivo pra eu não ir com você, muito pelo contrário.

Respirei fundo. Quando Ky juntava as sobancelhas daquela forma nada no mundo o fazia mudar de ideia. Baixei meus olhos para os livros de Lifran no meu colo, com o meu toque muitos símbolos começaram a aparecer na superfície. Toda vez que encostava meus dedos eles dançavam tomando novas formas e se reorganizando.

Como eu leria aquilo?

— Porque será que o Lifran reage assim ao meu toque, Ky? — Procurava uma solução.

— Eu não sei Lys, mas a prancheta que a fada usa também fica dessa forma, cheia de símbolos inexpressivos. Acho que é algum tipo de senha de segurança. Quando ela coloca a palma da mão sobre o metal, o símbolo que você viu tatuado brilha e as palavras começam a surgir.

Olhei para minha mão direita. Não havia símbolo nenhum. Era uma tentativa, não tinha outra opção mesmo. Quando encostei minha palma da mão no Lifran ele começou a brilhar e dezenas, talvez centenas, de imagens começaram a surgir na minha mente.

Era difícil discernir o que era tudo aquilo. Me virou o estômago. Então tentei lembrar o que procurava. Eu precisava encontrar o dono da voz do sonho, o tal Celen.

A visão mudou. Eu estava correndo por um corredor de cores, sendo levada a uma imagem. A única que parecia estática. Meu corpo foi puxado e eu não era mais Alys.

Eu estava olhando para um bebê deitado em um berço de madeira. A criança dormia enquanto eu efetuava feitiços. Faíscas coloridas saíam dos meus dedos. Quando olhei ao redor reconheci minha casa, um pouco diferente, mas ainda assim, o mesmo apartamento.

Passei por um corredor. Eu continuava a recitar feitiços de proteção. Como eu sabia que era isso que eu estava fazendo? Não tenho ideia. Por fim, parei de frente a um homem novo, com o semblante triste. Me assustei quando percebi que se tratava do meu pai.

Sem que eu ordenasse, a minha voz saiu grave em um sopro.

— Roberto, os feitiços estão quase prontos.

Meu pai sequer parecia ouvir.

— Você precisa prepará-la! — eu disse.

Meu pai balançou a cabeça negativamente. As palavras continuavam saindo da minha boca.

— O mínimo que seja! Não deixe que sua dor te cegue. Existem mais perigos na ignorância do que no conhecimento — asseverou. — Quando ela despertar

precisará me encontrar, você não pode ajudá-la, ninguém pode, é uma tarefa só dela entendeu?

Meu pai apenas balançava a cabeça. Os dois homens caminharam até a porta do meu quarto.

— Todos nós estamos nos mantendo afastados, porque você pediu pela segurança da garota. Mas precisa compreender que isso não é para sempre.

Meu pai olhava para mim com um olhar vazio, como se sua alma não estivesse mais no corpo, e depois de alguns instantes assentiu.

Apontei um lugar em um mapa antigo.

— A entrada fica aqui. Ela deve ir por Bimini. A ilha nas Bahamas deve ser um caminho seguro. Quando a hora chegar, a única coisa que pode fazer é permitir que ela passe pelo portal.

Dei o mapa na mão do meu pai. Ele o segurou sem muito cuidado.

— As coisas vão mudar, Roberto. Até o despertar, ela estará segura aqui, mas depois só abraçando seu destino é que ela poderá ser livre.

Virei as costas e caminhei novamente até meu quarto, parei de frente ao berço e observei a criança que dormia tranquilamente. Depois olhei para o teto onde um quadro colorido se formava. A minha voz saiu ainda mais urgente.

— Tenha foco, Alys. Seu tempo está se esgotando!

A imagem mudou. Eu estava novamente no quarto. Ky me sacudia desesperado.

— Alys, Alys... fala comigo!

— Calma, eu estou bem.

— Você entrou em um tipo de transe. Suas pupilas ficaram brancas. Achei que estava tendo um treco de novo.

Ele continuava a me sacudir.

— Calma Ky — disse fazendo ele parar. — Já sei onde vamos encontrar Celen.

— Sabe? Então o que estamos esperando? Vamos!

— Não ainda, antes vamos atrás do meu pai. Ele tem explicações para me dar.

CAPÍTULO 11

ANTES DE PARTIR

Antes que Kyer pudesse perguntar o que eu vi, Fylgiar entrou pela porta com dois grandes pacotes nas mãos.

— Acredito que essas roupas servirão em você.

Me entregou um pacote.

— A primeira porta à direita é um banheiro. Você pode utilizá-lo para tomar um banho e se trocar.

Virou-se para Ky e lhe entregou o segundo pacote.

— Se vai mesmo com ela, o melhor que posso fazer por você é lhe fornecer uma vestimenta de um material um pouco mais resistente. Você já conhece o caminho. Vou esperar vocês aqui.

Algum tempo depois, eu me olhava abismada no imenso espelho do banheiro. Meus cabelos haviam crescido pelo menos um palmo nos últimos dias e as marcas de Lifran se dividiam entre os símbolos e as cicatrizes. Meu corpo estava mais forte também, alguns músculos apareciam timidamente.

Um banho e roupas novas tinham feito muito por mim, mesmo que as vestes fossem estranhas. Quando eu estava prestes a entrar no quarto, ouvi vozes e parei. Eu tinha essa mania feia. A primeira voz era da fada.

— O destino é fruto das nossas escolhas, garoto.

— Por que você está me dizendo isso?

— Porque é a verdade sobre a vida e sobre a magia. As escolhas que fazemos alteram diretamente o futuro que esperamos. Não adianta dizer a si mesmo o contrário.

Ky ficou em silêncio. Girei a maçaneta e entrei. Meu amigo estava sentado em uma poltrona mais distante enquanto Fylgiar espalhava alguns objetos sobre a cama analisando as informações em um grande livro de couro.

A fada levantou as mãos para o céu quando me viu.

— Finalmente! Achei que tinha se afogado na banheira! Sente-se aqui.

Fiz como ela indicou.

— Se meus cálculos estiverem certos, você tem quinze dias.

Vendo minha expressão de dúvida, ela continuou.

— Não me pergunte o porquê. Só preste atenção. Você precisaria de pelo menos uns dois meses, mas infelizmente acho que não terá esse tempo. Então você tem três dias para chegar até Celen ou teremos problemas de verdade.

— Não tem como pedir um prazo maior?

A fada riu.

— Não, não dá! É um tempo curto, mas a rapidez com que se curou e a capacidade que os metais têm de reagir ao seu poder, é impressionante! Contaremos com isso.

Eu não tinha tanta certeza. Ela pegou minha bolsa.

— Coloquei aqui dentro um pequeno composto que te servirá para primeiros socorros. Kyer me disse que você já aprendeu como usar o manuscrito. Se precisar de informação é só repetir o que fez mais cedo.

— Eu consigo ver qualquer informação nele?

Interrompi. Ela arqueou as sobrancelhas.

— É claro que não! As únicas informações disponíveis são aquelas ligadas ao lugar que você deve ir e ao sangue de Celen. Os outros livros você precisa levar em segurança. Não tente lê-los.

A fada me lançou um olhar tão sério que tive receio até de tocá-los.

— E pare de jogar o cajado no chão.

Olhei para ela meio boquiaberta.

— Desde que você despertou, nós, seres acostumados com a magia, sentimos as vibrações do seu poder nas linhas do universo. Toda vez que você joga no chão o cajado, o que pessoalmente eu ainda não compreendi o porquê...

Ela não parecia feliz comigo.

— Libera uma grande quantidade de energia o que força essas linhas. A sua marca é mais poderosa do que boa parte das coisas que nos cercam. Se alguém que saiba ler as vibrações estiver te procurando, te achará com facilidade.

— Eu não fico jogando o cajado no chão, aconteceu sem querer. Sem contar que foi graças a isso que eu estou viva.

Ela balançou a cabeça desapontada.

— Você deve aprender como usá-lo de forma correta, ainda assim, vou te ensinar um feitiço simples só para casos extremos.

Ela pegou o cajado. Respirou fundo. Quando achei que faria alguma coisa, a fada foi até o livro. Parecia estar lendo um manual de instruções. Não fiquei muito segura da sua capacidade de me ensinar algo.

Depois de alguns minutos em um silêncio constrangedor, ela voltou a levantar o cajado e disse:

— *Étono fos.*

A ponta da arma assumiu uma cor avermelhada. Fylgiar parecia surpresa de que tivesse funcionado. Apontou o cajado para a parede. Uma luz atingiu o papel de parede, deixando um círculo marcado a poucos centímetros de onde Ky estava sentado.

— Ei, você está querendo me matar?

Passando a mão sobre a marca na parede.

— Mesmo que seja bem legal o que esse cajado fez.

A fada virou-se para mim e continuou.

— Com você o resultado deve ser umas cinco vezes mais forte. Eu não deveria usar o cajado, mas quando o garoto me disse que você não tinha nenhum treinamento, tomei algumas poções. O efeito irá passar logo e dormirei em unguentos por umas quarenta e oito horas, então vamos logo.

— Você está me dizendo que todas as vezes que eu usar o cajado vou dormir por dois dias inteiros? — perguntei boquiaberta.

— Não! Você não! Está no seu sangue e na sua natureza usar esse cajado. Mas se lembre, toda magia tem seu preço equivalente em energia física, principalmente em alguém sem treinamento como você. Não abuse da sorte, só use se necessário.

— Você não vai me deixar tentar, pra ver se aprendi?

A fada olhou exasperada para Kyer.

— Ela sempre ignora o que a gente fala assim?

Meu amigo segurou o riso. Fylgiar apontou a parede.

— Você está vendo o estrago? No mínimo cinco vezes maior. Peguem suas coisas que vou levar vocês ao portal.

Dentro da bolsa, além dos livros e do unguento, havia uma outra muda de roupas e um lanche cuidadosamente embrulhado. Me parecia que a *rabugentice* da Fada era só da boca para fora.

Três corredores mais tarde, paramos de frente a uma porta de metal. Fylgiar começou a entoar um cântico em uma língua que eu não conseguia entender, mas que fazia com que minhas asas se arrepiassem. O metal começou a mudar de forma até que se tornou um grande redemoinho de cores.

— Se eu pudesse te dar um último conselho, te diria para ir direto até Celen.

— Eu preciso ir em outro lugar primeiro.

A fada cruzou os braços.

— Que seria?

Eu não confiava nela, ela controlava a saída.

— Meu pai pode me ajudar.

Ela balançou os dedos em direção ao portal. O redemoinho tremeluziu.

— Imaginei. Só tome cuidado e lembre-se que a sua casa não conta mais com as proteções que tinha antes de você despertar.

De que proteções ela estava falando? E como aquela fada parecia saber tudo antes que eu falasse.

— Agora vão! Não posso manter portais abertos aqui por muito tempo, é perigoso.

— Obrigada Fylgiar, por tudo que fez por nós.

Lhe dei um abraço rápido.

— Deseje-nos sorte.

— Você vai precisar de mais do que sorte Alys, agora atravesse logo.

Aquela frase me deu arrepios. Kyer segurou forte a minha mão e caminhamos juntos através do portal.

CAPÍTULO 12

A VOLTA PARA CASA

Estar dentro de um portal era a ilustração exata de como a minha vida tinha se tornado: Um turbilhão de imagens e cores nauseantes, que você só desejava que acabassem logo. Quando o mundo parou de rodar, soltei a mão de Ky e me sentei no chão antes que caísse como uma fruta podre.

Ele se sentou ao meu lado. Estava pálido e com uma cor esverdeada. Reconheci o lugar. Era um beco pertencente a um restaurante que costumávamos pedir comida. Para nossa sorte ele estava fechado naquele horário.

Isso era bom! Precisávamos ser discretos, não sabia se alguém estava nos procurando. Olhei para o cajado e para as roupas que eu vestia. Não ia ser uma tarefa muito fácil. Quase que em resposta às minhas preocupações, encontrei um papelzinho colorido preso na arma. Em uma letra caprichosa, a fada tinha me deixado um recado.

“Alys, já estava me esquecendo de te avisar. Você não precisa ficar carregando o cajado. Segure-o entre as mãos e diga Ektós. Quando precisar dele junte as palmas das mãos e diga Óplo. Se concentre nas palavras que tem que dizer, você precisa senti-las antes de pronunciá-las e por tudo que é mais sagrado, não erre a pronúncia.

Boa sorte, Fylgiar”

Kyer leu o pequeno recado.

— Já estava se esquecendo, ah claro, o que mais que ela se esqueceu de nos contar?

Raramente eu o via tão indignado e era muito mais cômico do que deveria ser.

— Ela estava com medo é que você usasse seus poderes dentro do antiquário e destruísse tudo. Precisa ver o cuidado com que ela trata o acervo, até te colocou no quarto mais afastado dos livros.

Olhei para ele e ri. Quem o via falando daquele jeito nem imaginava todos os procedimentos que ele cumpria para retirar uma simples revistinha do embrulho. Tinha dias que eu perdia a paciência e saía pela casa sacudindo suas preciosas HQs só para ver ele correndo atrás de mim e xingando.

Coloquei o cajado entre as mãos como a fada havia dito e me concentrei nas palavras.

— Ektós — pronunciei.

O cajado começou a se desintegrar de baixo para cima como pó. Fiquei desesperada tentando impedir. Achei que tinha errado a pronúncia e destruído um cajado milenar. Quando só faltava a gema de metal, as pequenas partículas do cajado começaram a se fundir nas palmas das minhas mãos. Ao fim, só restou uma nova tatuagem na forma da flor de Lifran roxa.

— Nossa, me lembre de nunca ficar perto de você quando estiver zangada — disse Ky analisando as marcas. — Não quero virar tatuagem em você não.

Mesmo que minhas asas estivessem bem guardadas e as marcas fossem quase imperceptíveis à luz do dia, puxei o casaco garantindo que parte nenhuma dos metais fosse visível, inclusive as que subiam pelas laterais do meu rosto. Ky estava cada vez mais nervoso, provavelmente pensando na reação que meu pai teria depois de quatro dias desaparecidos.

Caminhamos por entre as ruas cheias. Era bem cedo e muita gente já caminhava em direção aos prédios comerciais da região que eu morava. Quando chegamos à nossa rua, tinha algo de errado ali. As janelas do meu apartamento estavam tampadas com placas negras. Meu amigo agarrou meu braço.

— Alys, será que não deveríamos tentar ligar pro seu pai primeiro?

Ele não tirou os olhos das janelas do apartamento e completou.

— Garantir que é seguro ir até lá?

— Ky, se aconteceu alguma coisa, nossa ligação só vai piorar as coisas. Vamos dar a volta e entrar pelos fundos, não quero ter que dar explicações para ninguém sobre nossa chegada.

Caminhamos mais alguns metros e senti as tatuagens de Lifran vibrarem. Olhei por debaixo do casaco e percebi que elas tinham se tornado mais visíveis. Obviamente não era um bom agouro.

Passamos pela entrada externa sem nenhuma dificuldade, naquele horário muita gente transitava pelo prédio então não chamamos muita atenção. Quando passei pela guarita do segundo portão tive a impressão de ter visto os olhos do novo vigia se estreitarem na nossa direção, então apertamos o passo sem olhar para os lados.

Perto da porta da minha casa, as asas se abriram sem nenhum comando meu, sorte minha que nosso andar parecia estar vazio.

Caminhamos em direção ao apartamento, evitando fazer barulho. Quando coloquei minha mão na maçaneta sofri um pequeno choque, no lugar onde antes estavam meus dedos pude ver uma palavra escrita com a caligrafia fina do meu pai: *Fuja*.

Para variar, mesmo com os calafrios que senti ao ler aquela frase em metal, não ouvi o aviso. Quando entramos, o lugar estava completamente diferente. Tudo estava revirado. O sofá da sala tinha um imenso pedaço faltando. Não queria encontrar com o que quer que fosse que tinha estado aqui.

Havia folhas espalhadas por todos os cantos. Os livros do meu pai estavam picotados e nas paredes eu podia ver marcas que pareciam muito com a que o cajado fez no antiquário.

O pior era o rastro de sangue que se estendia em direção aos quartos. Eu esqueci qualquer cautela e segui as marcas já me preparando para o pior. No meio do corredor as marcas sumiram. O dono do sangue tinha sido arrastado para fora da minha casa.

Na porta do quarto do meu pai havia um pergaminho negro escrito em vermelho. Peguei o papel fino e percebi que a tinta na verdade era sangue seco. Aquilo me deu náuseas.

"Elemental, encontrei-me com o seu pai. Ele ficou abismado quando contei sobre suas asas. Pelo jeito, guardar segredos é um defeito de família.

Eu não consegui continuar lendo, então Ky se aproximou e continuou em voz alta.

Achei que você seria uma boa filha e viria direto para casa depois do nosso pequeno encontro na toca. Me enganei, não é comum, mas acontece. Também percebi que estava combatendo a profecia da forma errada, um equívoco que pretendo corrigir nesse momento. Então se você o quer com vida, quando chegar a hora, faremos uma boa troca! -o- "

Tive que me apoiar na parede para não desmaiar. Kyer ainda olhava atentamente a mensagem.

— Que tipo de assinatura é essa? Esse símbolo não me é estranho.

— Meu pai, Ky ele pegou meu pai — disse em meio a lágrimas. — É tudo minha culpa, eles vão matá-lo!! Eu não tenho ideia do que fazer!!!

— Calma Alys, nós vamos atrás do Celen e tenho certeza que ele vai te ajudar a salvar o seu pai.

— Como você pode ter tanta certeza disso?

— Porque...

Ky desviou os olhos dos meus.

— Seu pai sempre dizia que precisávamos cuidar de você. Um dia, ele me disse que, se algo desse muito errado, precisava achar Celen.

Eu queria bater nele.

— Antes que você solte os cachorros em mim, eu não sei quem é Celen. Até quatro dias atrás não passava de um nome à toa.

Eu ia soltar o canil inteiro.

— Kyer que conversa é essa? Todo esse tempo você nunca disse que meu pai citou Celen para você.

Apontei o dedo no seu peito.

— Como você me diz isso só agora?

— Ele disse que te colocaria em perigo se citasse esse nome sem necessidade.

Fez seu melhor olhar suplicante.

— Eu tinha só seis anos, tinha acabado de me mudar e nós nos tornamos inseparáveis. Um dia ele me levou para tomar um sorvete e disse isso. Achei que era bobagem, nem me lembrava até que caímos no antiquário.

— E por que você não disse nada depois disso?

— Porque a condição era algo ter acontecido com ELE.

Reforçou a última palavra.

— E não jogue sua raiva pra cima de mim, sua frustração é com ele!

Ia dar a resposta grossa que Ky merecia, mas olhei por cima do ombro e fiquei boquiaberta. O empurrei e caminhei até a parede contrária. Onde se via somente a continuação do papel de parede deveria ter uma porta, a do meu quarto. Agora só existiam os padrões esverdeados escolhidos há muitos anos pelo meu pai.

— Mas o que é isso?

— Como seu quarto desapareceu?

Ky parecia tão surpreso quanto eu.

—Eu não sei, me diga você! Meu pai não te disse mais? Algo que esteja ignorando por achar bobagem?

— Alys...

Ele começou se explicar.

— Deixa para lá, agora precisamos descobrir o que está acontecendo.

Passei minha mão pela parede e ela tremeu. Parecia muito com o que tinha acontecido no antiquário. Olhei para as marcas tatuadas na minha pele e torci para que desse certo.

Assim que toquei a parede, a porta do meu quarto começou a se materializar. Ela parecia intacta. Com cuidado, entrei no quarto. Era o único lugar onde nada parecia ter sido revirado. Kyer fechou a porta atrás de nós e ela voltou a desaparecer. Tentei encontrar alguma coisa que me explicasse para onde tinham levado meu pai, mas não havia nada ali.

Esbarrei em uma das paredes e ela tremeluziu. Coloquei as palmas das mãos sobre ela, mas a única coisa que aconteceu foi que senti um pequeno choque. Eu conseguia sentir o Lifran sobre a superfície, mas não conseguia vê-lo. Juntei a palma das minhas mãos.

— *Óplo!*

O cajado se formou entre elas. Eu encostei a arma na parede. O papel de parede ficou completamente negro e um metal azul, tão raro quanto o Lifran, se tornou visível por todo o cômodo.

Os pedaços de metal começaram a formar palavras, grandes, pequenas, escritas em várias formas, mas todas me remetendo à caligrafia bem caprichosa do meu pai. Quando pararam de se mover era possível ver a mesma frase escrita por dezenas de vezes, em cada canto possível do meu quarto: *Encontre Celen*.

CAPÍTULO 13

ENCONTRO MISTERIOSO

Antes mesmo que eu pudesse lidar com aquelas palavras ouvi passos. Pareciam ser duas ou três pessoas correndo pelo corredor. Nem respirar eu conseguia. Ouvi quando a porta do quarto do meu pai foi aberta e logo depois fechada com força. Em seguida, o barulho se repetiu com o banheiro e o escritório.

Olhei para Ky que silenciosamente concordou. Não tínhamos como sair, então tínhamos que torcer para que as proteções criadas em volta do meu quarto nos mantivessem seguros.

— *Xediplónontai!*

Era a voz sibilante que já reconhecia bem. Algumas palavras tremeram nas paredes.

— Não há ninguém aqui, se houvesse teriam aparecido com meu feitiço de revelação.

Os passos pararam na altura do meu quarto.

— Você acha que eu sou o que, para ficar me chamando a qualquer minuto?

— Mmmestreee.

Uma outra voz que eu desconhecia respondeu.

— Eu... eu tenho certeza que eram eles! Eu estava de vigia no segundo portão, vi a garota chegar acompanhada do amigo. Meus subordinados confirmaram que eles entraram no apartamento.

— Se isso é verdade como é que não sinto a presença daqueles dois por aqui? Eu estudei cada parte da energia mágica deles, não podem se esconder de mim.

— Mmmestre, eu não sei o....

— Calado.

Ele parou de falar abruptamente. Ouvi os passos indo e voltando no corredor.

— Como foi que Wen não percebeu isso? Se a Elemental morava com o pai, como é possível que só tenha um quarto na casa? Onde estão os pertences da garota?

Arregalei os olhos para Ky. Ele nem respirava.

— Não sei mestre! Nós revistamos cada canto e não há um só objeto da garota. Não é melhor perguntar ao pai dela?

— Não vai adiantar, idiota! O mago não diria nem que eu arrancasse uma de suas mãos.

Olhei para Ky e falei silenciosamente a palavra mago. Como assim meu pai era um mago? No instante seguinte, ouvi um baque surdo bem no local onde a porta ficava. O cômodo vibrou me fazendo levar as mãos aos ouvidos.

— Eles estão aqui! Ainda há proteções que não foram desfeitas. Chame Wen e Guildo.

— Sim, Senhor.

Passos apressados se afastaram.

— Aquele *veneficus* maldito escondeu o quarto da garota enquanto chegávamos. É impressionante. Mas nada que eu não consiga desfazer.

Um novo baque, eu sabia que logo ele conseguiria entrar. Quando meu perseguidor fez a terceira investida, o quarto começou a desmanchar por dentro. Demorou alguns segundos para que eu percebesse que fazia parte da proteção. Sem aviso, uma por uma das minhas coisas começaram a se dissolver como areia.

Corri até o armário que ainda estava intacto. Peguei um par de roupas e enfiei de qualquer jeito na minha bolsa de livros. No forro, algo começou a brilhar. Não pensei duas vezes, só puxei a tábua. Era um pequeno alforje. Meu pai havia colocado ali fazia muito tempo. Me dizia que era para casos de emergência. Eu costumava achar uma idiotice, mas agora fazia todo sentido.

Naquela bolsinha de pano ele guardava a cópia de todos os meus documentos, dinheiro e mais meia dúzia de objetos que eu não conseguia discernir no meio daquela confusão.

Ky tocava todas as paredes e abria portas e gavetas procurando algo que nos tirasse dali. Quando chegou perto do espelho, percebi que ele era a única coisa que ainda não estava virando areia. Foi só meu reflexo aparecer em sua superfície que um redemoinho de cores e formas se formou. Era um portal.

O barulho era ensurdecedor e eu já podia ver uma pequena fresta no lugar onde deveria ter a porta. Ky revezava o olhar entre o espelho e o buraco.

— Alys, nós não deveríamos estar preocupados para onde esse portal irá nos levar?

O puxei com força.

— Nós não temos opção. VAMOS!

Uma explosão fez com que a parede do quarto cedesse. Não me dei ao trabalho de olhar para trás, só segurei bem firme em Ky e pulamos pra dentro do espelho, enquanto ele também se dissolvia em areia.

Caí de cara em um beco fedido. A segunda viagem entre cores e imagens do portal tinha sido demais para mim. Vomitei na calçada. Quando consegui me recuperar, vi Ky deitado de barriga para cima, ofegando.

O Cajado estava jogado a alguns metros. Ele era tão lindo! Nas preocupações entre fugir e conseguir respostas, eu não havia parado para observar como o metal parecia se mover em torno da madeira.

Achei que não era uma boa ideia deixar a arma à mostra, então a guardei nas tatuagens. Depois concentrei toda minha força em recolher as asas. Meu casaco havia ficado para trás, o que era um problema com todo aquele Lifran espalhado na minha pele.

Espiei a rua. Ou as pessoas estavam absortas demais em seus pensamentos ou aquele lugar onde estávamos também contava com algum tipo de proteção mágica. Ninguém parecia ter nos percebido.

O lugar era longe da minha casa, mas ainda no centro de Khepri. Duas quadras à frente existia uma estação de Voltrin. Voltei para perto do meu amigo.

— Ky, você está bem?

— Tooo — respondeu ofegante. — Eu não tenho os seus po..

Respirou fundo.

— Lys, acho que meu corpo não reage bem a todas essas viagens no portal.

Ele levantou com dificuldade.

— E agora, como faremos para ir às Bahamas encontrar Celen?

— Primeiro você precisa entrar na loja do outro lado da rua e comprar um sobretudo.

Entreguei para ele um chumaço de notas e olhei para as marcas nos meus braços.

— Não dá pra sair com todo esse Lifran exposto. Aliás, parece que eles estão cada vez mais visíveis não acha?

— Cada vez que você usa o cajado eles ficam mais fortes. Eu já tinha percebido.

Me encostei na parede suja do beco e sentei em uma caixa velha. Quando Ky voltou dez minutos depois, trazia um bonito casaco longo, que me deixava com a aparência altiva.

Enquanto eu olhava o reflexo em uma janela suja, observei Ky caminhando pelo beco, olhando os cantos e jogando restos de líquidos pelo chão.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Estou tentando encobrir qualquer rastro nosso.

— Onde foi que você aprendeu isso?

Ele enrijeceu a postura. Parecia meu pai nos dias em que tinha surtos de preocupação comigo e isso estava começando a me assustar.

— Vi filmes demais na vida, Lys. E agora como faremos para encontrar Celen?

Ele se sentou ao meu lado.

— Sobre isso, estive pensando. Acho que deveríamos encontrar a vovó Anna.

— Alys, pelo amor do grande Construtor!!

— Pelo amor de quem?

Ele fungou.

— Foco Alys! Onde mais seu pai deveria escrever, *encontre Celen*, para que você siga essa simples instrução?

Raras vezes eu tinha visto ele tão nervoso.

— Na minha testa? Todo mundo te diz: Vá em direção a Celen! Mas você continua encontrando outros lugares para ir. Você não sabe usar esse cajado, uma hora nossa sorte vai acabar.

Eu, que não andava tendo muita paciência, retruquei.

— Ah claro! Porque deve ser fácilimo para dois menores de idade pegarem um AeroVoltrin intercontinental e atravessar meio mundo até uma ilha quase isolada.

Levantei as sobrancelhas e coloquei as mãos na cintura.

— Se você tiver uma ideia melhor, sou toda ouvidos.

Ky abriu a boca para responder e logo se calou. Eu tinha razão e ele sabia disso. Além do que, minha avó devia saber de algo sobre toda essa loucura de cajado e magia. Eu sempre achei que ela era o tipo de pessoa que carregava com muita leveza o conhecimento sobre tudo no mundo.

— Ela não estava viajando? — perguntou Ky.

— Sim, mas se não mudou os planos deve ter chegado hoje cedo. Falando nisso, ela deve estar maluca atrás de mim. Só tem um pequeno problema, eu só sei que ela mora em alguma parte de Sugrre, uma das Cápsulas mais distantes ao norte do continente. Exatamente onde, eu não tenho ideia.

Ele me olhou de soslaio.

— Eu sei onde sua vó mora. Lembra que uma vez fui encarregado de buscar um presente seu que ela não podia trazer?

— Eu não! Faz muito tempo isso?

— Faz, mas isso não importa agora. Se cubra direito, precisamos sair daqui. Quem nos garante que o portal do seu quarto não poderia ser reaberto?

Caminhamos entre as pessoas em direção à estação do Voltrin. Ky tentava abrir caminho pelo mar de gente, mas havia tantas pessoas cruzando as ruas do centro que fiquei dois ou três passos atrás de dele.

Como que prevendo a nossa dificuldade, comecei a sentir a marca das minhas costas vibrar e fiquei dividida entre a preocupação de que elas abrissem e o motivo que as levaria a isso.

Esse momento de distração fez com que perdesse Ky de vista. Para piorar comecei a ter a sensação de que estava sendo observada, então, em vez de parar e

procurar por meu amigo, continuei caminhando em qualquer direção, torcendo para que fosse a certa.

Quando eu avistei a placa da estação, respirei fundo. Meu alívio durou muito pouco. As pessoas à minha volta começaram a andar como se o tempo tivesse sido adiantado. Eram como borrões. A única pessoa, além de mim, que parecia normal estava a alguns metros de distância. Era um homem baixo, com a pele esverdeada, semiescondido sob uma capa preta grossa e com um objeto estranho nas mãos.

Fiquei congelada onde estava. Algo me impedia de correr do homem que continuava a andar ao meu encontro. O Lifran do meu corpo estava ainda mais agitado e temi que as asas se abrissem ali, na frente de todas aquelas pessoas.

Meu inimigo sussurrava palavras e o objeto que trazia na mão crescia como um tipo de bola de luz. Ele não parecia humano, tinha uma pele escamosa e os olhos eram completamente negros e sem pupilas.

Eu já tinha cansado de gritar quando uma outra pessoa apareceu do meu lado. Estava vestido dos pés à cabeça com uma túnica pergaminho toda bordada em símbolos pratas, típica de algum continente mais quente do que aqui. Era muito alto se comparado a alguém pequena como eu, seu rosto estava coberto e eu só conseguia ver seus olhos, negros.

Ele começou a recitar palavras que eu desconhecia enquanto revezava seus olhares entre mim e o meu agressor. Tocou a marca do meu rosto e o Lifran se aqueceu. Logo em seguida eu fui liberada do que me mantinha inerte.

Cheguei a acreditar que ele era algum amigo do meu pai ou de Celen, ou ainda que tivesse algum bom sentimento humano, até que experimentei pela primeira vez da delicadeza daquela criatura.

— Garota, você não desenvolveu nenhum tipo de senso de perigo?

O garoto falava enquanto apontava o homem que tentava passar pela multidão para nos alcançar.

— Ele está te seguindo desde que saiu daquele beco e por pouco não te pegou antes.

Me lançou um olhar feio. Empinei o nariz e o encarei.

— Quem é você? E porque raios acha que pode falar comigo dessa maneira?

— Quem sou eu?

Deu uma risada fria.

— Se você não sabe quem eu sou, não vou gastar o pouco tempo que temos te explicando. Se não fosse todo esse metal, acharia que me enganei de pessoa.

Tinha gente que ganhava minha antipatia sem muito esforço, ele, por exemplo.

— Vá em direção à estação e não olhe mais pra trás. Vou cuidar desse aqui e dos outros dois que estão nos extremos da plataforma.

O homem de pele verde estava agora a poucos passos de nos alcançar. O garoto se colocou à minha frente.

— Se você não se distrair, vai dar tempo de chegar ao seu destino.

Ele virou as costas e começou a caminhar em direção ao perseguidor. Eu não me movi. No meio do trajeto olhou pra mim e soltou um muxoxo de desaprovação.

— Garota, o que você está esperando? Que os outros cheguem?

Berrou.

— VÁ!!! E pelo Construtor, pare de se distrair pelo caminho, você parece não conhecer o sentido da palavra foco.

Mesmo indignada comecei a correr. Idiota ou não, estava me dando tempo de fugir.

Tentei não pensar se o garoto tinha como escapar daquele estranho homem. Na porta da estação avistei Kyer, desesperado me procurando entre os transeuntes. Ele me agarrou e me deu um abraço aliviado.

— O que aconteceu? Te perdi de vista, não te achava em canto nenhum!

— Depois te conto tudo.

O agarrei pela mão e comecei a puxar para dentro da estação.

— Agora nós precisamos chegar logo à casa da vovó. Estávamos sendo seguidos!

Olhei para trás tentando ver algum sinal.

— Não quero dar outra oportunidade pra que nos encontrem — completei.

— Seguidos? Isso não é nada bom.

Kyer virava o pescoço.

— Vamos! Já conferi os horários. Tem um Voltrin saindo agora mesmo.

CAPÍTULO 14

O CANTO DA FLORESTA

Eu estava de frente para a cabine com um autômato digitando freneticamente. Para viajar pelo continente nós precisávamos passar por um processo detalhado de cadastro. Não me parecia uma boa ideia ter nossa foto em um banco de dados, mas, fazer o que?

O transporte público era tão avançado, cômodo e barato que não tinha razão para enfrentar o trânsito aéreo todos os dias. Além disso, eu achava muito complicado decorar as setecentas e oitenta regras que determinavam como pilotar. Meu pai nunca me deixaria ter um carro e, mesmo que soubesse da rede invisível de proteção, sempre ficava nervosa com a ideia de derrubar alguma coisa na cabeça de alguém aqui embaixo.

O robô na redoma de vidro era a réplica de um homem alto e muito magro, tinha no lugar dos olhos duas câmeras espelhadas e vestia um uniforme vermelho com o símbolo da empresa que controlava aquela estação. Estava tão absorto nas informações escritas na tela transparente que demorou alguns segundos para que percebesse nossa presença.

Kyer por sua vez, já estava com o pequeno cartão de metal estendido em direção a ele. Todo mundo agora tinha um desses, era como um passaporte universal com a diferença de que, no nosso caso, nossos pais podiam colocar limitações. Era impossível ir a algum lugar fora da Célula sem que previamente o roteiro fosse liberado no sistema.

— Documentos por favor — disse a robótica voz.

— Droga! — pensei alto.

Óbvio que meu documento deveria conter todas as restrições de locomoção possíveis. Meu pai nunca me autorizava visitar lugares dentro da minha Célula, imagine viajar a outras. Mesmo a autorização para ir à toca já tinha expirado.

Enquanto eu procurava o meu cartão de metal, encontrei dentro da pequenina bolsinha de couro que tinha pegado no forro do guarda-roupas uma série de novos documentos, entre eles um novo cartão com meu nome.

Ky batia o pé ao meu lado. O robô acabou de cadastrar nossas digitais. Conferiu os códigos gravados no metal com os refletores vermelhos que saíam de

seus olhos, e digitou por mais um tempo. Depois nos devolveu as plaquinhas acompanhadas de duas passagens.

— Os dados estão corretos. Suas fotos foram arquivadas. Suas digitais foram descartadas.

Respirei fundo.

— Agora, senhorita Alys.

Prendi a respiração novamente. Os seus olhos brilharam em minha direção e tive medo.

— É minha obrigação informá-la que a autorização feita em seu documento para viajar de AeroVoltrin venceu há dois dias. Pelo que vi no banco de dados, ela era renovada de três em três meses o que não ocorreu dessa vez. Se tiver alguma viagem marcada aconselho que corrija a situação.

Como assim eu tinha autorização para viajar de AeroVoltrin? Eu nunca nem tinha visto um pessoalmente. Ky me deu uma cotovelada na costela.

— Obrigada — disse com a voz fraca. — Vou corrigir.

Com um aceno de cabeça ele se despediu e voltou a se concentrar nas informações que digitava. Alguns minutos depois, entrei apressada no veículo seguida de perto por um Ky ainda mais neurótico que antes. Ele segurava meu braço tão forte que fiquei com medo de que ficasse roxo.

— Eu vou perder o braço desse jeito.

Olhei feio para ele.

— Ah, desculpa.

Por dentro o Voltrin era ainda mais impressionante do que por fora. O lado externo se resumia a uma grande massa metálica acinzentada com janelas espelhadas. Por dentro era uma verdadeira explosão de cores. Os metais utilizados eram mais leves, contrastavam com a madeira e o couro dando um ar retrô aconchegante. Nada disso nos deixava mais calmos.

Sentei em uma das poltronas perto da porta.

— Ky, você não sabe o que aconteceu, quando a gente se perdeu na chegada...

Em resposta ele assumiu um semblante ainda mais sério e balançou veemente a cabeça.

— Não aqui, não agora! — disse sussurrando. — Quando chegarmos na sua avó você me conta.

Concordei com a cabeça e me calei. Mesmo com a velocidade surpreendente do Voltrin, a casa da minha avó ficava a uma hora e meia de onde estávamos. Era tempo suficiente para que quem quer que estivesse nos perseguindo conseguisse me encontrar.

Já tínhamos percorrido mais da metade do caminho e o Voltrin passava por uma zona de pequenas propriedades produtoras de alimentos. No fundo grandes

montanhas pinceladas do metal Ryor, o característico da minha região, em contraste ao verde e marrom da flora local.

— Você está bem? — Kyer perguntou.

— Estou... é só que... é tudo tão diferente. Meu pai sempre dizia que não existia nada para se ver aqui fora. É só mais uma das mentiras que ele me contou.

Meu amigo desviou o olhar para outra direção.

— Ele só queria te proteger, Alys.

— Eu sei.

Meu pai vivia preocupado. Ele dizia que eu tinha coragem demais para enfrentar um mundo tão perigoso. Quando eu tinha mais ou menos uns cinco anos, nossa Célula foi atingida por um forte furacão. Como a grande maioria das casas já havia sido adaptada pelo metal, pouquíssimos foram os prejuízos e ninguém ficou ferido.

Eu me lembro de me sentar na janela e ficar por horas vendo aquele redemoinho se aproximar da cidade. Enquanto a maioria das pessoas estavam escondidas em suas casas, eu continuei admirando a beleza daquele fenômeno.

Um trovão cortou o céu, exatamente dentro do furacão. As nuvens sacudiram e alteraram de rota. Pouco a pouco ele foi se dissipando. Quando meu pai chegou em casa e me encontrou sentada no parapeito, quase teve um ataque. Ele dizia que eu não via o perigo das coisas.

Talvez ele tivesse razão.

Faltava pouco para chegarmos e meu estômago roncou. Kyer tinha pegado no sono. Resolvi buscar algo para comer no outro vagão. Meus olhos se fixaram na janela do lado oposto e meu queixo caiu.

Olhei as pessoas à minha volta, mas ninguém parecia perceber o que estava acontecendo. Sacudi Kyer sem jeito e ele acordou assustado. Puxei meu amigo pela camisa e o fiz se sentar do outro lado do vagão. Eu coleí meu rosto na janela tentando ver fora do Voltrin.

Kyer esfregou os olhos e quando olhou para fora da janela abriu a boca tão chocada quanto eu. Nós estávamos passando por uma imensa área nos arredores da grande floresta.

Havia árvores tão grandes que eu precisaria colocar a cabeça para fora da janela, se isso fosse possível, para ver suas copas. O verde natural das folhas, troncos e chão eram salpicados com os metais que as tinham modificado e havia flores, muitas, de formas e cores que nunca tinha visto.

Mas o que nos impressionava era outra coisa. Mesmo com a velocidade do Voltrin eu conseguia identificar um grande número de seres, humanoides e animais, em pé entre os troncos e sentados em cima de arvoredos. Eles entoavam uma canção e me parecia que eles olhavam diretamente dentro de mim.

Quando um Elemental e um guardião se tornarem, enfim poderemos ver a luz e a magia retornarem e a todos nós fortalecer. Agora desperte e lute como parte do exército imaterial, vós que sois sangue de Ikal, sejam corajosos e justos até o final.

Todas as vezes que chegavam à última palavra, batiam os punhos no peito e os animais abaixavam suas cabeças.

— Ky, você está ouvindo? — sussurrei.

Ele só balançou a cabeça, confirmando. Eu não conseguia ver nitidamente seus rostos ou discernir quem ou o que eram, mas minhas marcas vibravam ao som daquelas vozes.

Ficamos observando a melodia se repetir até que o Voltrin chegou à beira da floresta e as vozes se calaram. Lágrimas escorreram pelo meu rosto. O canto vindo daquela floresta foi ainda mais profundo do que qualquer modificação que eu havia sofrido nesses dias.

Não sei quanto tempo ficamos ali calados, até ouvir a voz abafada avisar pelos alto-falantes que havíamos chegado. Quando olhei para meu amigo ele tinha uma expressão muito triste no rosto. Me fez querer abraçá-lo, seja qual fosse o problema.

Antes que eu tivesse a oportunidade, ele já havia se colocado de pé e me puxava pela mão para fora do Voltrin.

CAPÍTULO 15

MEIAS RESPOSTAS

A estação era diferente, nem mesmo era coberta. Tinha uma plataforma dourada com meia dúzia de bancos e uma pequena redoma de vidro onde um androide trabalhava.

Ao fundo, a visão era de tirar o fôlego, com o entardecer o sol tomava uma coloração alaranjada com rajadas de cinza e preto e a lua começava a aparecer no horizonte. O lugar estava quase deserto, a não ser por uma mulher sentada perto das escadas. Ela lia um grande livro de capa preta, sem título, e que cobria seu rosto.

Kyer desceu me puxando em direção ao vilarejo agora visível a alguma distância. Quando passamos pela mulher, não contive a minha curiosidade de leitora e virei o pescoço tentando descobrir que tipo de livro era aquele.

Em uma velocidade impressionante, ela fechou o livro e se levantou segurando em meu pulso livre. Eu tive um pequeno segundo de pavor até que vi o seu rosto e reconheci minha avó Ana. Embora algumas rugas de preocupação estivessem bem visíveis em sua testa, seu sorriso se alargou até se estender aos olhos e ela me puxou em um abraço.

Ky, que a tinha reconhecido um pouco antes, me soltou. Minha avó me deu um beijo na testa, enquanto segurava meu rosto entre as mãos. Eu olhei em seus olhos e já me preparava para a encher de perguntas quando ela me interrompeu.

— Ainda não. Estou gastando muita energia mantendo nossas presenças ocultas, mas isso não quer dizer que ninguém possa nos ouvir.

Ela olhou por cima dos meus ombros.

—Ky, é bom vê-lo, apesar de tudo.

Eu abri novamente a boca para protestar. Ela me interrompeu.

— Vamos!!

Entrelaçou seus dedos aos meus, como quando eu tinha pesadelos e ela me fazia dormir. E começou a caminhar em direção ao conjunto de casas no vale à nossa frente.

Enquanto a seguia observava as mudanças, agora aparentes, naquela pessoa que eu achava conhecer tão bem. Minha avó tinha em torno de 60 anos, tinha uma

locomoção limitada, sempre se vestia com seus xales de crochê e estava munida de seus óculos na ponta do nariz.

Essa, nem de longe, poderia ser a pessoa que andava abraçada a mim agora. Ela parecia ter entrado em alguma máquina de rejuvenescimento, não que isso existisse. Não me admira que não a tivesse reconhecido.

Mantinha os mesmos cabelos encaracolados e pouco acinzentados, mas agora eles estavam soltos, algo que nem me lembrava de ter visto antes, vistosos e jogados por cima dos seus ombros.

Vestia uma calça jeans e uma camiseta verde com a frase de uma música antiga, coisa que eu só sabia graças às extensas palestras que ela costumava me dar sobre os acontecimentos políticos do século passado.

Era uma visão tão perturbadora quanto a primeira vez que vi minhas asas. Ela não parecia minha avó, parecia uma irmã mais velha talvez. Sua pele, antes opaca e enrugada, estava lisa apresentando o mesmo brilho âmbar da minha. Seus olhos negros estreitavam-se atentos, enquanto ela caminhava apressadamente pelo terreno irregular com uma destreza que nem eu, nem Kyer, conseguíamos repetir.

Em seu pescoço havia vários colares de formatos estranhos e em seus braços havia largas fitas dos mais diversos metais. Quando um pássaro cruzou o céu, ela as uniu e as pulseiras mudaram de cor.

Caminhamos em direção ao vilarejo por uma estreita estrada de pedras e conforme nos aproximávamos, vi que era uma pequena Célula, cheia de casinhas que conservavam muito das antigas técnicas de construções. Ainda assim, em todas elas era possível ver uma ou outra melhoria feita pelos metais.

Havia muita cor nas faixadas, tinham grandes sacadas onde os moradores penduravam máscaras de caveira coloridas e decoradas com pedrinhas das mais diversas. Quando chegamos ao que parecia ser o centro do lugar, o único movimentado até aqui, era possível ver comércios e pessoas negociando barganhas.

Como em uma reação instintiva a toda aquela bagunça, minha avó me puxou para mais perto. Kyer também se aproximou.

Quando alcançamos o outro extremo do conjunto de casas, um rapaz baixinho com um imenso chapéu de palha, o cabelo branco ralo, singelos músculos marcando a camisa branca e a pele muito castigada pelo sol, passou por nós e cumprimentou minha avó:

— Boa tarde Senhorita Mulata!

Ele falou com um sotaque típico da região e puxou a ponta do chapéu em um tipo de reverência que não conhecia.

— Boa estadia à suas visitas.

— Juan, quantas vezes já lhe disse pra não me chamar assim?

Ana mantinha o tom amigável, mesmo que desse para perceber um pouco de reprovação.

— Eu não sou nenhum tipo de feiticeira. Isso não passa de crendices desse povo antigo que insiste em nomear a medicina que pratico de outro tipo de coisa. Agora...

Ela fixou o olhar no rapaz de modo que nenhum dos dois piscava.

— Minhas visitas estão somente de passagem. Não saia contando às pessoas da vila sobre eles.

Quando ela terminou de falar, ele pareceu entrar em algum tipo de transe, olhou para nós com a expressão vazia e repetiu mecanicamente.

— Eles vão embora logo, não contarei às pessoas. Afinal ninguém poderá vê-los.

— Exatamente! — exclamou minha avó. — Vamos meninos, já estamos quase chegando à minha casa.

O rapaz continuou seu caminho em direção ao centro da cidade enquanto nós nos dirigimos à parte mais externa do vilarejo. Desejei internamente que não estivéssemos longe, já que ali era mais quente e o sobretudo começava a me incomodar. Viramos a última ruela onde, afastada das demais casinhas, encontrava-se o sobrado mais excêntrico que já tinha visto.

O formato era de uma concha toda branca, as janelas e portas eram feitas de pequenos caquinhos de metal coloridos e meio transparentes. Na frente havia um vasto jardim com flores e árvores estranhas, tudo isso semi protegidos por uma cerca de madeira pontiaguda.

A vó Ana parou em frente ao portãozinho em forma de coração e colocou a palma direita sobre a fechadura, eu perdi a atenção nas palavras que ela dizia porque vi a marca desenhada nas costas de sua mão, era o mesmo símbolo que eu continuava a ver por todo lado das armas cruzadas à frente do par de asas. Ela não tinha aquela marca antes, pelo menos não que eu tivesse visto.

Com um leve clique a porta se abriu. Entramos em uma longa sala conjugada à uma bonita cozinha retrô que tomavam todo o primeiro andar. Havia também um conjunto de sofás de aparência felpuda, além de símbolos e amuletos espalhados.

Ana agora mantinha as mãos erguidas em direção à porta enquanto entoava o que parecia ser um cântico em alguma língua que eu desconhecia. Assim que terminou, veio na minha direção e abriu o sorriso que eu conhecia tão bem, me puxando para outro abraço apertado. Se afastou, me olhou e disse.

— Minha querida, você deve estar morrendo de calor debaixo de tanto pano. Essa é uma época quente por aqui! Vamos, tire esse sobretudo, quero dar uma boa olhada em você.

Fiquei preocupada. Não imaginava como ela reagiria ao meu cosplay de pavão.

— Acho que precisamos conversar antes, algumas coisas não estão como eram antes vó.

— Eu imagino mesmo! Se não fosse assim você não estaria aqui.

Ela colocou as mãos na cintura.

— Nem teria recebido uma mensagem do seu pai há alguns dias dizendo que você tinha desaparecido.

— Meu pai? Quando foi isso?

— Há uns três dias. Ele me pediu para te rastrear.

Comecei a procurar um transmissor no meu corpo.

— Ele colocou um rastreador em mim? Meu pai perdeu completamente a noção.

Minha avó riu.

— Ele não colocou nada em você, pequena. E...

Levou o dedo nos meus lábios.

— Antes que você me encha de perguntas como é bem a sua cara, por favor, tire essa capa querida. Se há alguma regra nessa casa, é que ninguém pode esconder quem é.

Olhei dentro dos seus olhos negros e me dei por vencida. Para mim, a vó Ana sempre foi como um grito de liberdade, o que desconfio, fazia com que meu pai a mantivesse longe.

Desafivelei as abotoaduras, baixei o capuz e por fim tirei o casaco que Ky comprou, deixando à mostra as roupas de batalha que ganhei no antiquário e todas as minhas marcas de Lifran.

— Ohhhhhh! — ela exclamou. — Como você cresceu e está mais forte! É impressionante todo o trabalho que os metais já fizeram em você.

Ao contrário do que imaginei ela não parecia chocada ou assustada. Ela estava satisfeita.

— Mais impressionante é o quanto você já os aceitou, mesmo sem treinamento. É visível que os metais já estão em um processo bem avançado de fusão.

Ela rodeava a minha volta. Tocava partes do metal. E chegou a medir o símbolo nas minhas costas.

— Você já sabe que tem asas?

— Sei vó, acredite, eu sei que pareço um avestruz.

Ela deu uma risadinha.

— Então me mostre, quero ver que tamanho estão. Você sabe como fazer com que apareçam?

— Acho que sei, funcionou das últimas vezes.

— Ótimo! Isso é um grande progresso, vamos ver.

Me concentrei na tatuagem de Lifran. O símbolo formigou e as asas se abriam. Vovó ficou extasiada com o que via, batia palmas e seus olhos estavam cheios de lágrimas brilhantes.

— Ó minha princesinha guerreira — disse me abraçando novamente. — Sua mãe ficaria orgulhosa de te ver, ela tinha certeza que você era a Elemental, e não é que ela tinha razão?

Eu desatei a máquina de perguntas.

— Vó o que é uma Elemental? Por que todo mundo fica me chamando assim? Por que tem esse Lifran todo no meu corpo? Você tem ideia de onde meu pai está? Por que você pode fazer magia? Como sabia que estávamos chegando e por que...

Ela tapou minha boca com a mão.

— Pelo Construtor Alys! Eu sei que deve estar fervilhando de perguntas, mas realmente não poderia fazer uma por vez?

Balancei a cabeça negativamente. Ela sorriu.

— Primeiro você precisa compreender que eu não posso responder todas as suas perguntas.

Funguei.

— Celen vai te dar as respostas. O lugar onde ele se encontra é seguro e a magia de lá não pode ser quebrada, pelo menos não por enquanto. Então você precisará esperar. Quanto às poucas coisas que posso te esclarecer, tenha paciência, vou antes preparar algo para comer.

— Eu não estou com fome — protestei.

Ela cruzou os braços.

— Claro que está! Estou ouvindo o estômago de vocês desde a estação.

Virou-se para Kyer.

— E quanto a você, deite-se! Você está ficando quase sem energia.

Ela balançou as mãos e apareceu um travesseiro e lençóis no colo do meu amigo. Eu fiquei ainda mais assustada.

— Vó, como isso...?

— Daqui a pouco!!! — ela me interrompeu.

— Eu não estou cansado, Ana. Não se preocupe.

Ela fechou a cara para ele.

— É uma ordem, Kyer Athenon. Você cumpriu boa parte de uma missão que nem é sua e toda essa magia está sugando as suas limitadas fontes humanas de energia.

Quando meu amigo ouviu a última frase fez uma careta, mas se deitou virando de costas para nós. Desde que chegamos à vila ele não tinha dito muita coisa.

Minha vó foi para a cozinha e começou a pegar ingredientes nos armários entoando um canto alegre, que fazia ter vontade de me juntar a ela. Quando parou de pegar coisas, intensificou o movimento das mãos e cada um dos utensílios e alimentos começaram a flutuar. Alguns foram em direção ao fogão, outros para a tábua, passando a ser picados por uma faca invisível.

Fiquei sentada no sofá admirando o trabalho culinário dela. Foi rápido. Ela ordenou aos pratos e eles se colocaram na pequena mesa de madeira atrás de nós. Acordei Ky que arrastou os pés até a mesa e se sentou.

A comida da minha vó sempre foi maravilhosa, mas naquele dia estava excedendo qualquer expectativa. Os legumes salpicados na manteiga explodiram na minha boca. O arroz ainda soltava fumaça quando coloquei uma enorme colherada no prato. A carne assada brilhava, banhada com um molho espesso e claro, eu estava com muita fome.

Ela terminou de comer muito antes de nós. Nos observava assobiando melodias de canções infantis enquanto acariciava uma flor que enfeitava a mesa. Quando eu já não conseguia comer mais nem um grão de arroz, ela sacudiu as mãos e a louça flutuou para a pia começando a se lavar sozinha.

Se meu pai conhecia aquele feitiço e mesmo assim me obrigava a limpar meu quarto, ele não tinha coração. Ana suspirou.

— Agora sim sua energia parece estar voltando aos níveis normais. A de Kyer também melhorou bastante, mesmo que ele esteja debilitado.

Ky se recostou na cadeira.

— Eu sei que tem muitas dúvidas — vó Ana continuou. — Mas acho que você deveria tomar um banho primeiro.

Franzi as sobrancelhas e fechei a cara...

— Pelo que parece não vou te convencer, não é?

Discordei com um aceno de cabeça.

— Então, o que quer saber?

Já que ela não iria me responder tudo, resolvi começar com o mais simples.

—Vó como você sabia que estávamos chegando? Você tem poderes? Você é uma bruxa?

Eu tinha uma péssima mania de fazer mais de uma pergunta por vez.

— Bruxa, eu?

Ela deu sonoras gargalhadas.

— Nãããõ querida, as bruxas praticam um tipo de magia bem diferente da nossa. Embora eu conheça uma mestiça que é bem semelhante a nós...

Minha avó parou no meio da frase. Os olhos perderam o foco e se tornaram brancos.

— Vó?? Vó? O que está acontecendo?

Ela saiu do transe. Olhou para Kyer e abriu um largo sorriso.

— Nada! Não aconteceu nada, ainda.

E voltou a atenção para mim.

— Eu sou uma maga, assim como seu pai, sua mãe e como você será depois de um bom treinamento...

Abri a boca para formular outra pergunta.

— E não me pergunte sobre isso. Só de ter falado sobre a nossa natureza, já devo ter infringido umas cinquenta leis.

Respirei fundo.

— Eu não sei quem fez essas leis, mas preciso ter uma conversa séria com ele.

Ela ficou séria.

— Se fosse possível falar com quem criou essas leis, você não teria tantos problemas te aguardando.

Ana mudou rapidamente de assunto.

— Um dos meus dons está ligado à compreensão da marca que todas as coisas do universo têm. É como uma digital que cada alma, humana ou não, imprime sobre as linhas mágicas.

Ela entoou algumas palavras e uma placa apareceu flutuando no ar. Parecia um emaranhado de linhas.

— Eu consigo rastrear qualquer marca que eu já conheça, como a sua ou a do Kyer. Quando recebi a mensagem do seu pai comecei a acompanhar vocês, já que desconfiávamos que você viria para minha casa.

Pensei um minuto sobre aquilo.

— Se você consegue rastrear qualquer um, você sabe onde meu pai está?

Ela assumiu um semblante triste.

— Infelizmente não! Desde que consegui te rastrear, tentei entrar em contato com seu pai. Ele não está em lugar algum, o que me leva a crer que, ou ele escondeu sua impressão, ou está em um lugar com proteções mágicas tão poderosas que nem mesmo eu posso ultrapassá-las.

— Ahh — disse com um pouco de frustração.

— Não fique assim, tenho certeza que Celen vai poder te ajudar. Quando se encontrar com ele todas as coisas farão sentido, embora não se tornem mais fáceis.

— Afinal quem é ele? — perguntei.

Vi um brilho passar pelo olhar dela. Foi só um segundo.

— Sinto muito querida, te explicar quem ele é pode piorar sua situação.

— Existe alguma coisa que você possa me contar ou que me ajude a encontrar Celen? Além de nos dar autorizações para os AeroVoltrins?

Ela se levantou.

— Claro que existe! Vocês não precisarão de AeroVoltrins, eu abrirei um portal que vai deixá-los diretamente na ilha. Já é metade do caminho para Nafh'ta.

— Nafh'ta? Como eu vou saber onde é isso? A senhora já esteve lá?

— Sim meu amor, eu já estive lá.

Ela baixou os olhos.

— Já se passou muito tempo desde a última vez que pude colocar os pés lá. Seu pai não te deixou um mapa com informações escritas pelo próprio Celen?

— O mapa está comigo, mas não consigo entender as informações escritas nele.

— Você vai, quando chegar à ilha seus conhecimentos ficarão mais claros.

— Como tem tanta certeza?

Ela caminhou até um armarinho e começou a pegar objetos.

— Só você pode compreender as direções que ele aponta, com exceção talvez de mais uma pessoa. E nem me pergunte quem, há certas coisas que você precisa descobrir sozinha, outras que só descobrirá na base.

— Que base?

— Acho que por hoje já foram muitas perguntas!

Levantei as mãos para o alto.

— Ah não vó, eu preciso que me ajude a entender tudo isso.

— Só você pode entender o que acontece Alys, nada que eu disser vai trazer paz ao seu coração.

Ela caminhou até mim e me segurou pelos ombros.

— Vocês precisam de um banho e dormir. Sairão amanhã antes do amanhecer. Se não repor suas energias adequadamente poderá ficar ainda mais exposta aos perigos da ilha.

Kyer recuperou a capacidade de falar. E ele estava irritado.

— Por que temos que partir tão rápido?

— Infelizmente vocês demoraram muito para chegar até aqui. Um portal como o que precisam demora dois dias de preparação e se expira em um. Achei que chegariam aqui ontem então o portal já estava pronto. Além disso, precisam chegar o mais rápido possível até Celen, o tempo está se esvaindo e em hipótese nenhuma devem se atrasar mais.

Kyer concordou com a cabeça.

— Enquanto eu faço os últimos preparativos tome um banho Alys. A caminhada na ilha ainda vai custar a vocês pelo menos mais um dia, tenho certeza que sentirá saudade de água quente.

— Um banho com certeza vai me animar — disse.

— Suba, no primeiro quarto à direita deixei uma toalha, e um conjunto de roupas como essas que está vestindo.

Apontou as escadas.

— O banheiro é o primeiro cômodo à esquerda.

Virou-se para o meu amigo e continuou.

— Enquanto ela toma banho, vou aplicar alguns unguentos em você. Ver se consigo recuperar um pouco da força que perdeu para que chegue melhor na ilha.

— Obrigado Ana.

— Deite-se no sofá que vou buscar uma poção fortalecedora que tenho. E você Lys, vá logo.

Vinte minutos depois eu descia pelas escadas. De banho tomado, vestida com o uniforme de batalha e lendo o mapa com as informações que meu pai havia deixado para mim. Na metade do caminho, antes que pudessem me ver, ouvi as vozes da minha vó e Ky conversando e parei para escutar.

— Eu estou fazendo tudo que posso por você Kyer.

Seu tom de voz era severo.

— Mas seu corpo está rejeitando meus encantamentos e nós dois sabemos o porquê. Você precisa tirar...

— Não! Eu não vou! Quando chegarmos em Nafh'ta, meu corpo finalmente responderá ao metal.

A voz da minha avó se tornou mais branda.

— Querido, até quando você mentirá para si mesmo? Você sabe que nós te amamos e a Alys continuará desejando sua presença independente de qualquer coisa. Você precisa tirar isso.

— Não — insistiu.

— Kyer, você precisa aceitar que eventualmente ele irá aparecer.

Meu amigo parecia desesperado.

— Não tem ninguém para aparecer, sou eu!

— Se fosse você, já teria sofrido as transformações. Pelo que me contou, o sonho no antiquário surtiu efeito e esse rapaz vai aparecer.

— Não existe garoto nenhum.

Minha avó respirou fundo.

— Eu não vou te expor. Você sabe disso. Mas não posso concordar com essa bobagem que está fazendo. Você conhece bem os mitos, sabe que as suas reações há muito já denunciavam que você estava inapto.

— Tudo que eu fiz foi para proteger Alys. É uma exceção válida.

— Nesse caso não existem exceções, você também sabe muito bem disso. As escolhas são nossas Ky e as consequências também. Isso não quer dizer que temos que insistir no erro.

— Não, eu não vou desistir Ana. É somente um atraso porque eu não estava ao lado dela na hora da transformação.

— Kyer, você sabe que não é assim. Se quer continuar se enganando temo que perderá mais do que imagina.

Decidi interromper aquela conversa. Kyer também estava escondendo coisas de mim. Eu estava cansada de descobrir dessa maneira. Antes que eu chegasse à base da escada, o chão à minha volta tremeu. Me segurei nas paredes e olhei apavorada para minha avó que agora podia me enxergar.

Ela levantou as mãos e começou a recitar feitiços com uma expressão resignada no rosto. Tentei chegar até eles, mas eu tinha dado poucos passos quando o chão tremeu novamente.

A porta se escancarou. Para a minha surpresa, o garoto da estação entrou por ela, ofegando. Ele segurava uma espada reluzente nas mãos, feita de um metal que eu nunca tinha visto. Meu amigo, mesmo fraco, pegou um bastão que fazia parte da decoração da casa e assumiu uma posição ofensiva. Não soube como ele fez aquilo tão rápido, nem imaginava como ele sabia reagir daquela maneira.

— Espere Kyer — ordenou minha avó.

Ky olhou para ela sem entender. O garoto fechou a porta atrás de si. Caminhou diretamente até minha vó, e se ajoelhou fazendo uma reverência como um cavaleiro medieval.

— Sacerdotisa.

A voz dele continuava abafada pelo capuz.

— Vocês estão sendo atacados. Tentei mantê-los longe o máximo de tempo, não queria interferir.

Ele lançou um breve olhar em minha direção e voltou a abaixar a cabeça.

— Mas a garota é chamariz de problemas.

Funguei com raiva.

— Como se eu tivesse pedido por isso.

Ele me ignorou.

— Estão atacando diretamente as linhas mágicas.

Minha avó fez uma série de movimentos e as janelas começaram a se fundir com a casa. Depois ela encarou a pessoa ajoelhada à sua frente.

— Fique de pé meu garoto.

Quando ele ficou na altura dos olhos dela, ela colocou as mãos dentro do capuz do garoto tocando seu rosto.

— Oh — ela exclamou. — Querido, por que você se esconde?

— Perdoe-me pela audácia, mas nós não temos tempo para isso agora.

— Ahh, claro!

Minha avó concordou alarmada e começou a dar ordens, sem tirar os olhos dele.

— Alys, venha aqui. Kyer, venha.

Ela gesticulava sem parar.

— O portal. Vocês precisam partir.

Ela apontou em direção à parede contrária. Eu não tinha visto símbolos gravados nela. Começou a entoar um cântico que fez com que cores comesçassem a se misturar e formassem um redemoinho. A casa inteira tremeu e eu tive que me apoiar para não cair em cima do Ky.

Ana caminhou até mim e segurou meu rosto entre as mãos.

— Vá direto até Celen, você PRECISA estar lá amanhã, entendeu?

Nunca tinha visto minha avó tão apavorada. Mas eu percebia o furo no seu plano.

— Como assim vá? Você vem com a gente, não vem?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não posso te deixar para trás, eles vão te pegar também.

Segurei seu braço. Ela soltou minha mão com delicadeza.

— Não, não vão! Eu não sou a sacerdotisa há sete séculos à toa minha flor.

— Sete o que?

— Foco Alys. Vai dar tudo certo. Eu não posso sair daqui, senão toda a rede ficará desprotegida.

Ela beijou minha testa.

— Confie. Pode parecer improvável, mas eu confio nas escolhas da sua alma.

— Vó... do que você está falando?

Ela desviou os olhos de mim.

— Levem ela, rápido, eu preciso fechar a rede.

Ky entrelaçou meu braço ao dele enquanto o estranho nos empurrava, sem nenhuma delicadeza, em direção ao redemoinho do portal. Antes de entrar, vi minha vó com as mãos levantadas recitando feitiços que faziam com que faíscas douradas pulassem de suas palmas. Ela virou o rosto em nossa direção.

— Boa sorte minha Alys. Que o Construtor te mostre as teias do seu destino.

— Quem é esse Constru...

Minha visão embaçou em um redemoinho colorido e tudo escureceu.

CAPÍTULO 16

A ILHA

Uma luz forte quase me cegou. Precisei piscar por várias vezes até que minha visão se acostumasse com a claridade. Meu corpo estava tão pesado que não consegui me levantar.

Eu estava deitada em areia, a alguma distância havia duas... pessoas? Pareciam pessoas. Elas estavam conversando. Não consegui me mover.

— Fica quieto! Será que você ainda não entendeu que estou tentando te manter vivo?

— Eu não preciso da sua ajuda! — respondeu o outro. — Nem sei quem você é ou porque veio.

O primeiro respondeu rispidamente.

— Quem deveria ter ficado é você! Como foi que a sacerdotisa te chamou mesmo?

— Kyer!

Só nesse momento reconheci a voz do meu amigo. Ele não parecia nada feliz. A outra pessoa, que deduzi ser o garoto estranho, continuou.

— Pois então, Kyer.

Fez-se um barulho de pano sendo rasgado.

— Seu corpo não está preparado para todas essas viagens dimensionais. Muito menos para ficar perto da Elemental enquanto ela não treina o controle dos seus poderes.

— O que você...?

O garoto o interrompeu.

— Os metais estão sugando sua força vital. Prejudica tanto a você quanto ao desempenho mágico dela. Pelo pouco que tive a oportunidade de averiguar, as transformações da Elemental poderiam estar mais avançadas se você não estivesse atrapalhando.

— Você não sabe o que está falando — Ky acusou.

— Não só sei, como alguma coisa me diz que isso não é novidade nenhuma para você.

— E O QUE VOCÊ ESPERAVA QUE EU FIZESSE? — Ky respondeu aos gritos. — DEIXASSE ELA VIR SOZINHA?

Alguma coisa foi arremessada longe.

— Pare de gritar moleque!

Mesmo de onde eu estava, sentia algo poderoso emanando dele.

— Primeiro, se você quer morrer é só me avisar que paro de gastar minha energia tentando te salvar. Já disse uma dezena de vezes, você precisa ficar IMÓVEL!

Ele perdeu um pouco do controle na última palavra, mas logo em seguida recuperou a calma.

— Segundo, ela não está sozinha! Nunca esteve desde que vocês colocaram os pés para fora do antiquário. Eu estou aqui!

— Como é que é?

Kyer soltou gargalhadas sarcásticas. Eu nunca tinha visto ele ter aquela reação.

— Você? E por que você estaria com ela?

Fez-se silêncio. Com a visão borrada percebi que o garoto abaixou o capuz por alguns segundos e o recolocou, voltando à sua posição inicial.

Kyer respondeu em uma mistura de gritos e choro.

— NÃO!! Não mesmo!

O que tinha debaixo daquele capuz para desesperar tanto meu amigo? Eu não sabia então fiquei apavorada. Tentei chamá-lo, mas meu corpo não respondia aos meus comandos.

— Você já deveria saber, Kyer. Agora se acalma, ande! SE ACALME.



O garoto gritava cada vez mais alto, tentando se fazer ouvir em meio ao desespero do meu amigo. Quanto mais tentei reagir, mais meu corpo foi perdendo as poucas forças que tinha. Eu apaguei.

Eu não estava mais deitada na areia. Ao abrir os olhos me vi dentro de uma tenda montável. Meu corpo parecia ter voltando ao normal. Os metais vibravam de uma forma boa, quase como se quisessem me fazer cócegas.

Era um abrigo pequeno e circular. Tinha duas camas desmontáveis dentro, separadas por um vão. Era quase claustrofóbico, principalmente pela quantidade de informações que passavam pelas paredes.

Ela era feita de metal e podia ser programada para simular qualquer lugar ou, ainda, se tornar transparente. Pela informação que li na placa ao meu lado, o teto havia sido programado para mostrar a visão de fora. Era céu limpo em uma noite de lua cheia.

Eu conhecia aquele tipo de abrigo. Era usado por campistas e uma vez, para me fazer parar de pedir, meu pai comprou uma dessas e montou na sala de casa. Eu e Ky dormimos nela por uma semana.

— Você não deveria estar de olho no estado da Alys? — Ouvi Ky questionar. Respirei aliviada, ele parecia bem.

— Eu estou. Eu posso sentir a reação dos metais do corpo dela.

Era o outro garoto. Eles pareciam bem diferentes da lembrança que eu tinha. Pensei que tinha sonhado.

— Como assim?

— Os metais dela estão ligados aos meus. Eu posso sentir o que ela sente e compreender suas intenções. Basta que concentre minha energia em ler a energia dela.

— Então, se você ficar medindo ela o tempo todo é como se lesse os pensamentos dela, não é?

Instintivamente coloquei as mãos na cabeça. Era só o que me faltava, que alguém pudesse ler meus pensamentos. O garoto respondeu de forma ríspida.

— Eu não leio os pensamentos dela, ok? Não ainda pelo menos. Isso só vai ser possível com uma boa dose de treinamento em conjunto. E não, eu não fico tentando lê-la o tempo todo, ninguém se sentiria confortável com outra pessoa adivinhando seus sentimentos, eu tenho noção de privacidade.

— Então como sabe que ela está bem?

Ele suspirou, impaciente.

— Eu analiso de tempos em tempos, para garantir que o sono dela esteja tranquilo e a energia estável.

— Quanto tempo faz que analisou pela última vez?

— Uns dez minutos.

Agora havia irritação na voz dele.

— Como eu já te disse, ela só está dormindo. O corpo dela cedeu à exaustão depois de tantas viagens.

— Tem algo que não te perguntei ainda — continuou Ky.

— Que seria?

— Qual seu nome? Mesmo que não queira me dizer quem é, pelo menos um nome seria útil não acha?

Fizeram um breve silêncio.

— Quer dizer, você tem um não tem?

Silêncio de novo.

— Evan, meu nome é Evan.

Eles se calaram novamente. O nome do garoto não era comum, mas eu já tinha ouvido em algum lugar.

Evan finalmente percebeu a movimentação dentro da cabana.

— Ela acordou! Já que você insiste em ir conosco, mesmo às custas da sua saúde, acho melhor que vá conversar com ela. Precisamos partir imediatamente.

Me encostei no travesseiro. Ky entrou se abaixando pela pequena porta de liga metálica. Seu rosto estava ossudo e havia profundas olheiras abaixo de seus olhos, ainda assim ele abriu um sorriso forçado para mim.

— Como você se sente Lys?

— Eu... eu acho que estou bem.

Respondi sem muita firmeza. Tudo que ouvi somado ao estado debilitado do meu amigo me deixaram confusa.

—Que bom! Nós precisamos partir imediatamente! Você dormiu por umas três horas e ficarmos parados em um lugar por tanto tempo é meio perigoso.

— Kyer, o que aconteceu quando nós passamos pelo portal?

— Você caiu em um sono profundo.

Ele se sentou na beirada da minha cama.

— Pelo que Evan disse, é porque você não teve tempo de recuperar as suas energias. Então, quando entrou no portal ele sugou suas forças.

— Mas onde estamos? Você sabe?

— Na ilha, viemos para o lugar certo — respondeu ele. — O problema é que esse lugar é como uma fronteira entre o comum e o mágico. Há tanto humanos comuns aproveitando suas férias, quanto seres que podem muito bem estar atrás de você.

— Evan te disse isso?

— Sim.

— Vocês tiveram muito tempo para conversar então.

— Mais ou menos. Quando chegamos eu também tive um colapso.

Não tinha sido um sonho então.

— Embora já esteja resolvido.

Ele me estendeu a mão, tentando me tranquilizar.

— Além disso, ele não parece disposto a falar nada sobre si mesmo.

— Então ele não disse quem é?

— Não. Só disse que vocês se encontraram na estação e foi por isso que você conseguiu escapar.

— Foi — confirmei. — Era isso que queria te contar quando entramos no Voltrin, mas não tive oportunidade.

— Eu sei.

Kyer se levantou e começou a apertar botões em uma tela na parede da tenda.

— Vamos! Ela vai se fechar assim que sairmos daqui.

Quando coloquei os pés para fora, a tenda murchou e começou a se dobrar até que se tornou um pequeno cubo de metal que cabia na palma da mão. Aquilo as tendas que eu conhecia não podiam fazer.

Nós estávamos no alto de uma encosta, de onde eu podia ver um extenso mar azul fazendo fronteira com uma areia muito branca cheia de pequenos pontinhos coloridos. Entendi de cara o porquê de ficarmos ali. Era um ótimo esconderijo, já que as grandes árvores praianas se estendiam à nossa frente, enquanto o lugar nos dava uma visão privilegiada de tudo que acontecia em volta.

Evan continuava com o corpo todo coberto. Controlei a vontade de avançar nele e abaixar o capuz. Eu ainda me lembrava do desespero de Ky. Ele deu um passo para traz, provavelmente prevendo minha intenção.

— Seu amigo me disse que você tem o mapa, posso vê-lo?

Toda aquela educação me parecia meio forçada.

— Tenho, mas ainda não consegui ler uma só palavra nele.

Abri a bolsa e tirei o pedaço de papel de dentro.

— Minha avó disse que só eu consigo ler ele e que chegando aqui isso tornaria mais fácil. Ainda não tentei, vamos ver.

Ky se colocou ao meu lado. Abri o Mapa. Continuava exatamente igual.

— Não foi isso que a Sacerdotisa te disse.

Ele me corrigiu e tomou o mapa da minha mão.

— Ela disse que havia alguém que poderia te ajudar a compreender os escritos.

— Que não estava presente e não poderia me ajudar — retruquei.

— Eu ainda não tinha chegado quando ela disse isso, não é?

Estreitei os olhos.

— Você tem o costume de ouvir atrás das portas?

Ele continuava com os olhos pregados no pedaço de papel.

— Só quando estão falando de mim.

Como assim falando dele? Minha avó nem parecia conhecer esse garoto.

— Você está querendo dizer que pode ler o mapa?

— Sim e não! Estou dizendo que posso te ajudar a fazer isso. Como eu tive algum treinamento meus conhecimentos podem ser úteis.

Olhei para ele com aversão. Até quando pretendia fazer algo bom, ele soava irritante e convencido. O problema era que eu não estava em posição de reclamar, só de olhar para o pergaminho podia perceber que nada havia mudado.

Depois de observar por alguns minutos ele me devolveu o pedaço.

— Estenda sua mão direita sobre o pergaminho.

Eu estendi a esquerda. Evan franziu o cenho.

— Você é canhota?

— Não.

Ele colocou a mão sobre a testa e balançou a cabeça. Kyer interferiu.

— Você estendeu a mão errada, Alys.

— Ah, nossa. Verdade.

Evan ainda não tinha se conformado.

— Então você não sabe nem diferenciar a esquerda da direita? Já prevejo que os treinamentos corporais serão maravilhosos. Se chegarmos vivos ao templo.

Tentando engolir meu orgulho e a vontade de socar aquele garoto estúpido, troquei rapidamente a mão e olhei para ele esperando que me dissesse o que fazer agora.

— Feche os olhos e se concentre no pergaminho.

Eu obedeci.

— Agora diga: *parangelía*.

— *Parangelía* — recitei.

Uma luz fraca iluminou o pergaminho e parte das palavras e desenhos tomaram lugares diferentes no papel. Evan conferiu o resultado.

— Parece que sua energia ainda não está completamente recuperada. Ou você não se concentrou corretamente, o que é bem provável.

Não consegui mais me conter e olhei feio para ele. Não é porque precisava de ajuda, que ele precisava ser tão intragável. Ele levantou sua mão direita sobre o pergaminho, acima da minha, mas tomando um certo cuidado para que elas não se tocassem.

— Vamos tentar juntos agora! No três. Um, dois...

— *Parangelía* — dissemos juntos.

O resultado foi imediato. O mapa agora era claramente de metal. As palavras estavam escritas em uma língua que eu podia entender e a maioria dos símbolos se transformou em imagens. Agora sim parecia um mapa. A ilha estava toda representada no papel metálico. Havia duas montanhas com formatos estranhos a leste, e uma antiga pirâmide ao oeste.

No centro havia uma grande área de árvores marcada como *floresta humana* onde, na borda sul, se via um desenho de duas asas. Evan apontou para elas.

— Essa é nossa localização.

Ele deslizou o dedo até a outra borda. Havia uma pequena caverna com uma seta, escrita Templo.

— Aqui é a entrada. Por causa do metal e das proteções da Cidade, nós só conseguiremos entrar por ali.

O mapa era meio infantil ou eu que esperava algo mais difícil, não sei. Evan tirou o pergaminho das minhas mãos e começou a andar de um lado para o outro, virando-o de várias formas e olhando à nossa volta. Protestei indignada com a atitude dele.

— Ei?! Isso é falta de educação, sabia?

— Espere um minuto.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Droga!! Temos um problema.

— Só um? — indagou Kyer.

— Mais um.

Ele voltou até onde estávamos e nos mostrou o mapa.

— Vejam, para chegar à entrada do templo, o melhor seria contornar a floresta. É o caminho mais seguro onde teríamos menos chances de encontrar quaisquer tipos de seres, humanos ou não. O problema é que isso demoraria mais ou menos um dia e nós não temos todo esse tempo, precisamos entrar no templo antes do anoitecer de hoje.

— Quando tempo por dentro da floresta?

— Se não pararmos para nada, umas oito horas caminhando, é um pouco arriscado, mas ainda seria a melhor possibilidade de chegar a tempo. A questão é que vamos precisar redobrar a atenção, é um caminho perigoso e cheio de gangues de Igrots.

— E Igrots seriam? — perguntei.

Evan era ótimo sendo didático.

— Resumindo? Grandes, fortes e caça-recompensas...

Kyer completou.

— E a sua cabeça, Lys, deve valer alguma coisa no mercado paralelo.

Evan concordou silenciosamente.

— Como não temos outra opção, teremos que ir por esse caminho mesmo. Só fiquem perto de mim o tempo todo e tentem não fazer muito barulho, vocês são imã para problemas.

A forma como ele falava comigo estava começando a me tirar do sério. Eu odiava ser tratada como uma criança incompetente e já estava prestes a responder à altura quando me ocorreu uma pergunta mais importante.

— Mas Evan, afinal, por que você vai conosco? Não é como se você gostasse da nossa companhia.

Kyer, que obviamente sabia mais que eu, aproveitou a deixa.

— É Evan, por quê?

Meu amigo sendo sarcástico não era algo para se ver todos os dias. Evan virou as costas e começou a andar.

— Porque sim.

Andamos por muito tempo sem que fosse dita uma só palavra. Em alguns momentos achei que Evan tinha lançado um feitiço que nos impedia de falar e por isso emitia algum ruído para comprovar que não.

Nós paramos duas ou três vezes para descansar. Era só o tempo de esticar as pernas e já estávamos caminhando de novo. Deveria ter algum feitiço que nos

fizesse chegar mais rápido. Já estávamos andando por umas sete horas quando ele olhou para trás, tirou da bolsa duas garrafas de água e um saquinho de biscoitos azuis e os entregou a nós. Eu estava exausta, minhas pernas doíam e havia feias bolhas nos meus pés.

Eu ainda bebia o líquido quando Evan, que caminhava à minha frente, parou me fazendo esbarrar nele.

— Aii — reclamei.

Evan soou alarmado.

— Shiiiiiu, passos, eu ouvi passos, e são muitos.

— Será que são turistas? — perguntei.

— Não, não são humanos.

Ele virava a cabeça para todos os lados. Kyer interrompeu.

— Como assim não são humanos? O que são então?

— Sem tempo para aulas agora.

Dito isso, ele me pegou no colo e me jogou sobre seus ombros. Dei alguns murros nas costas dele.

— O que você pensa que está fazendo?

— Fique quieta garota! Assim eles vão nos ouvir antes que possa te esconder.

Ele caminhou até duas árvores particularmente altas e começou a subir com rapidez. Era impressionante que fizesse isso me carregando nos ombros. Pulou em um galho longo e me colou sentada nele. Desceu na mesma velocidade e fez algo que era ainda pior do que tinha feito comigo. Sem aviso, repetiu o gesto com Ky, que estava tão constrangido e enraivecido que tive que conter o riso para evitar problemas.

Evan o colocou sentado ao meu lado e se sentou na outra extremidade, logo em seguida ouvimos os passos se aproximando na clareira lá embaixo.

Assim que eles entraram no nosso campo de visão percebi a preocupação se estampar nos olhos dos meus dois companheiros de viagem. Era um pequeno grupo de cinco homens ou seres, eu não sabia de que classe biológica eles faziam parte, mas tinha certeza que suas presenças não eram bom sinal para nós.

Tinham uns dois metros de altura, à exceção de um mais baixo que devia ser o líder pelas ordens que dava. Suas peles eram de um verde feio e cheias de cicatrizes. Estavam vestidos com uma mistura de roupas e metal que dava a impressão de armadura antiga. No alto de suas cabeças peladas era possível ver uma tatuagem em forma de dragão cuspidor fogo e conversavam inflamadamente rindo uns dos outros. Eles pararam debaixo da árvore em que estávamos.

Evan olhou para mim e soletrou silenciosamente a palavra Igrots. Maravilha, tínhamos esbarrado justamente em uma das gangues que precisávamos evitar.

— Mullándri.

O mais baixo disse ao Igrot que ostentava grossos e brilhantes brincos.

— Você tem certeza que rastreou algo nesta região?

— Sim, Salyn. Tenho certeza que rastreei o cheiro do humano entrando na ilha. Depois o perdi, mas o único caminho lógico é esse.

— Ok. Vamos fazer uma parada aqui, ver se eles não estão nos arredores e depois continuar caminhando para a borda da floresta. Pode ser que eles tenham parado para dormir.

Um Igrot de grossos óculos e que carregava uma bolsa imensa amarrada às costas levantou a mão.

— Senhor, posso fazer uma pergunta?

O líder virou-se para ele.

— Faça! Mas seja breve.

— Porque estamos caçando esses garotos? É alta estação de humanos, nós poderíamos estar tirando um bom dinheiro capturando turistas.

— Estamos fazendo isso Alepto, porque há um alto preço pela cabeça da tal garota e o amigo. O que eles fizeram para gente daquele escalão eu não sei, mas sei que pagarão caro por isso.

Outro Igrot com um par de adagas presas às costas entrou na conversa.

— Mas senhor, e se os rumores forem verdadeiros?

O líder soltou um suspiro.

— Rodryan desde quando nós acreditamos em rumores? Ou em profecias antigas ditas por gente excêntrica? Somos Igrots, os melhores por sinal. Se alguém estiver com medo de dois adolescentes humanos podem ir embora agora mesmo.

Com a última frase, o bando soltou uma série de reclamações. A ofensa surtiu o efeito desejado, porque o tal Salyn abriu um sorriso satisfeito.

— Então vamos logo com isso! Brerat tem um pequeno riacho a leste, vá e tente contato de novo com os nossos amigos noturnos, veja se alguém tem pistas. Mullándri, tente rastrear o garoto novamente. Rodryan, faça a ronda no perímetro e veja se tem algum sinal deles. E Alepto, você fica aqui comigo, quero que termine o perfume que me prometeu fazer.

O Igrot de óculos ficou indignado. Soltoú várias palavras que eu não reconheci. Sentou no pé da árvore e começou a resmungar.

— Rebaixado a criador de perfumes para que o senhor conquiste seus afetos. Logo eu, o maior desenvolvedor de venenos de todo clã. Uma gota de qualquer uma das minhas criações poderia matar um Fantron adulto, ainda assim o senhor me rebaixa a ficar aqui fazendo perfumes.

Os colegas do Igrots riram do amigo, mas logo se encaminharam às tarefas determinadas. Tão logo eles saíram o líder tirou de sua bolsa um pedaço de

pergaminho, uma pena e sentou-se ao lado do subordinado. Ele escrevia frases e as riscava freneticamente.

— Ainda tentando escrever o poema senhor?

— Quase conseguindo Alepto.

Da minha visão privilegiada não parecia não. Só tinham riscos sobre frases. O Igrot subordinado tirava frascos da bolsa enquanto falava.

— Eu não entendi o porquê do poema para a Ninfa.

— E é por isso meu caro que você só se casou com uma Ninfa bonita porque ela te agarrou na festa da Lua.

Alepto ficou vermelho, se de raiva ou vergonha não consigo precisar.

— Alguém disse a ela que dei um poema a um antigo afeto e agora ela quer um também.

— Eu me lembro dessa história. Mas ela chegou a ler o outro poema, Senhor?

— Acho que não, nem foi informada do tema dos meus poemas.

Alepto parou de misturar os líquidos e olhou para Salyn.

— Ohhh! O Senhor não vai explicar?

— Não, ela vai entender quando ler. Você conhece meu lema, não é? Um poema e uma xícara de café não se nega a Ninfa nenhuma.

Não entendi nada daquela conversa estranha e ainda fiquei com medo dos poemas do Igrot. Evan, ao contrário, mantinha as mãos quase juntas recitando silenciosamente um feitiço. Ele soprou entre elas e uma bolha de ar começou a surgir. Era tão grande que englobou a sua cabeça, assim como a minha e a de Ky.

— Prestem atenção! Esse feitiço não dura muito e eu só o estou usando porque aquele Igrots rastreador não está por perto.

Concordamos com a cabeça.

— Nós não podemos esperar mais tempo Alys, se você não entrar na gruta antes do anoitecer teremos problemas de verdade.

Kyer parecia outra pessoa agora. Toda aquela leveza de nerd adolescente havia desaparecido.

— Concordo. Mas como passaremos pelos Igrots. A sensibilidade do faro deles é impossível de enganar.

— Vamos causar uma distração. Então o plano é o seguinte: Você vai abrir suas asas, agarrar o Kyer e voar direto para o templo.

— Porque você não me disse que eu poderia voar?

— Porque, além de cansativo, te torna um alvo fácil. Espero te dar tempo suficiente para passar despercebida. A entrada fica a pouco mais que quinze minutos de caminhada daqui, voando deve durar menos que a metade desse tempo.

Ele iria ser a distração. Isso não podia dar certo.

— Você ficou maluco? Eles vão te fazer em pedacinhos. Você viu o tamanho das armas que eles carregam?

— Agradeço a preocupação comigo, mas sei exatamente o que estou fazendo, se tudo correr bem encontrarei vocês na gruta.

— Se tudo correr bem? E se não correr? Eu não sei se isso é uma boa....

Parei a frase na metade. Enquanto nós estávamos compenetrados discutindo o plano de fuga tínhamos sido descobertos, ao que parece a bolha de ar não só impedia que o som saísse como também que o som externo entrasse.

— Aahhhhhhhhhh — gritei.

Parado atrás dele, mostrando os dentes amarelos pontiagudos, estava o Igrot rastreador empunhando um machado. Evan virou bem no momento em que levaria um golpe fatal e, com uma rapidez surpreendente, fez com que sua espada aparecesse.

A bolha desapareceu e ele olhou para nós, enquanto se defendia dos golpes e se equilibrava no tronco.

— VÁ LOGO.

Abri as asas e abracei Ky. Evan estava lutando bravamente enquanto eu podia ver os outros Igrots subindo pelas árvores a fim de nos alcançar. Um segundo antes que eu partisse, ele voltou a olhar para trás. Eu experimentei uma sensação totalmente nova. Deixá-lo lutando estava me custando dor física.

Ele gritou mais uma série de palavras que não pude decifrar. Uma lufada de ar nos empurrou para longe. Caímos alguns metros antes que eu alçasse voo. Mesmo que ainda estivessem meio descoordenadas, dessa vez consegui fazer com que as asas me obedecessem.

O voo foi curto, pouco mais de cinco minutos e já pude ver a entrada da gruta. O sol começava a se pôr no horizonte e eu apertei ainda mais o ritmo das asas. Ky colocou a mão sobre a minha testa.

— Lis, você está bem?

Minha voz saiu fraca.

— Estou!

— Você precisa se apressar, acho que não vai dar tempo.

Meu corpo doía pelo peso extra que estava carregando. E pior, eu não tinha a mínima ideia de como pousar. Passei direto pela entrada da gruta e mirei o chão, esperando que um milagre me ajudasse.

Essa era uma pergunta que eu deveria ter feito ao saber tudo do Evan. Agora era tarde demais. Capotamos por vários metros antes que Kyer se soltasse de mim. Quando parei de rolar, meu corpo estava todo ralado e dolorido.

Deitada de barriga para cima, mesmo que toda machucada, não consegui conter uma exclamação. Aquela caverna era diferente de tudo que eu já tinha visto

até ali.

CAPÍTULO 17

CELEN

Estávamos em uma gruta cheia de cores. Havia diversas formações de metal, tanto no chão quanto no teto. Um pouco à frente havia uma pequena praia de areia muito branca que acabava em um lago cristalino.

A luz vinha de uma pequena abertura no teto. Tão alta que demorei a perceber sua forma. Era o mesmo símbolo das asas. Fui despertada do meu transe pelos gemidos do Kyer e me lembrei do nosso pouso forçado.

— Ky, você está bem?

Não obtive resposta. Fiz um esforço astronômico para me levantar. Meu amigo estava deitado de barriga para baixo, a alguns metros de mim. A perna direita dobrada em um ângulo que só de olhar me deu calafrios.

Coloquei a mão sobre suas costas. Ele respirava com dificuldade. Virei seu corpo e precisei de todo o meu alto controle para manter minha expressão neutra. Ele estava péssimo. Quando caímos, minhas asas tentaram nos proteger. O problema foi que Ky se soltou de mim e acabou rolando por metros, totalmente exposto.

Não havia uma parte do seu corpo onde eu não visse machucados feios e sangue escorrendo misturado a uma boa quantidade de areia. Mesmo com a perna que parecia quebrada, o que estava em pior estado era o rosto. Pelas marcas, ele deveria ter arrastado de cara na areia. Havia pequenos pedacinhos de metais amarelos grudados em suas bochechas, além disso tinha sangue, muito sangue escorrendo.

— Ky! — chamei desesperada. — Fala comigo.

Ele moveu as pálpebras lentamente e me respondeu com a voz fraca.

— Ai! Calma Lys! Eu estou bem.

Comecei a procurar por algo em volta que nos ajudasse.

— BEM? Se tem alguma coisa que você não está é bem Kyer, você precisa de um médico! Será que entramos no lugar errado? Não tem ninguém aqui.

Ele balançou a cabeça.

— Não, é aqui! E eu não preciso de médico nenhum, vamos, me ajude.

Em um arranque ele ficou de pé, mas evitou tocar o chão com a perna que parecia bem machucada. Foi pulando em uma perna só até que chegamos perto da

água. Quando Ky colocou a mão dentro do pequeno lago, a puxou sacudindo e ostentando um vergão vermelho que desapareceu diante dos nossos olhos.

— Acho melhor ficarmos longe dessa água.

Kyer arregalou os olhos para mim.

— Parabéns Alys, é a primeira vez que você tem uma atitude sensata. Achei que ia querer mergulhar nela.

— Ei, esse mal humor não vai resolver nosso problema — retruquei.

Ele fungou. Com a meia garrafa de água que Evan tinha me dado, meu amigo fez o melhor que pôde para limpar os ferimentos. Meu coração se apertou. Onde aquele garoto idiota estava? Ele já deveria ter chegado ali.

Ky parecia cada vez pior. Cansado e pálido, a respiração descompassada. Eu me levantei e comecei a andar pela caverna. Não dava para ficar esperando que Evan brotasse do chão e nos mostrasse o caminho. Toquei em metais, tentei ler símbolos e uma ou outra vez tive a impressão de que eles se moviam.

Foi prestando atenção em um pedaço em particular da parede que comecei a encontrar familiaridades. Com todas as preocupações com Ky e Evan não percebi que estávamos no bendito lugar dos meus sonhos. Aquele que passei semanas visitando e que ouvi Celen pela primeira vez. O mesmo onde quase fui pega pelos olhos amarelados.

— Kyer... é aqui! — gritei.

Ele estava deitado agora, fraco. Mas a *rabugentice* estava bem viva.

— Eu te disse que estamos no lugar certo, você não tinha me ouvido?

— Não, seu idiota, aqui é o lugar dos meus sonhos. Daqueles que eu te contei.

Ele se sentou e olhou para mim.

— Do encontro com o cara dos dedos de ossos?

— ESSE!

— Isso não é possível, Alys. Ele não teria acesso ao templo.

Ele falava das coisas como quem conhece. Eu percebi. Mas tinha que manter o foco. Depois ele teria de me dar explicações.

— Eu tenho certeza! E vou te provar.

Tateei as paredes à procura do lugar exato que sempre tocava nos sonhos. Encontrei na parede contrária. Bem mais nítido do que nos sonhos, embora o símbolo já fosse muito familiar. A única coisa que me surpreendeu foi a última arma. Mesmo vendo tantas tatuagens nunca tinha reparado na espada. Me dei conta que já tinha me deparado com a verdadeira.

— Eu te disse, Ky. Olha, é o símbolo que eu tocava no sonho.

Ele olhou para a parede meio assustado.

— Tem certeza?

— Claro que tenho.

O apoiei no meu ombro e voltei para perto da marca de metal na parede. Não sabia qual seria o resultado dessa vez, achei melhor que estivéssemos juntos. Evoquei o cajado. Mesmo que eu não soubesse usá-lo corretamente, pelo menos me fazia parecer perigosa.

Estendi a mão livre e toquei no símbolo. Imediatamente o Lifran apresentou uma forte coloração arroxeadada e vibrou. A gruta toda começou a tremer. Os metais agora emitiam sons fracos e eu reconheci a melodia que era cantada pelos seres da floresta.

O pequeno lago começou a fazer um barulho ensurdecedor. Uma luz azulada começava a surgir do centro que agora borbulhava, seguida de uma escada. Ela descia para dentro do lago e terminava em um túnel pouco iluminado. Ky soltou o peso sobre o meu ombro.

— Kyer!

Ele tinha apagado por um breve momento. O sangue dos ferimentos não parava de escorrer. Ele firmou novamente o corpo.

— Era melhor que você me deixasse aqui Lys. Eu não sei por quanto tempo consigo me manter consciente.

— Nem pensar. Ou vamos os dois ou não vai ninguém. Vem!

Segurei sua cintura com mais firmeza e comecei a descer os degraus.

O lugar era tão apertado que andávamos espremidos. Não conseguíamos ver um palmo na frente do nariz e, vez ou outra, precisei me apoiar nas paredes geladas de metal para não cair. Andamos pelo que pareceu uma eternidade antes de começar a enxergar uma pequena luz no fim do túnel.

Quanto mais próximo, mais iluminado nosso caminho ficava até que chegamos a uma nova escada. Subi devagar os degraus quase arrastando Kyer que estava ficando sem forças. Empunhava o cajado de qualquer jeito, com a mão livre.

No topo do patamar havia um cômodo mobiliado. Era uma sala pelo menos dez vezes maior do que a caverna da qual tínhamos vindo. Estava toda decorada em um estilo sombrio, que misturava pedras e metais a uma base de madeira. Estantes de pedra cobriam as paredes e estavam apinhadas de livros.

Em um canto, mesas feitas de um metal muito forte abrigavam frascos borbulhando líquidos coloridos. No centro um conjunto de sofás e mesas dispostas em círculo abrigavam a única pessoa à vista.

Ele estava recostado na poltrona mais alta. Parecia feita de retalhos de tão velha, mas tinha várias pedras preciosas enfeitando os braços. Era um senhor e eu reconheci como aquele que sentou ao meu lado no Voltrin. Sua pele acobreada agora parecia mais brilhante e, assim como em minha avó, aquele ar de fragilidade que reparei anteriormente não existia mais.

Ostentava no rosto um sorriso e seus olhos brilhavam.

— Alys!

Sua voz ressoou pelo cômodo.

— Finalmente você chegou! Você é tão teimosa quanto seu pai e sua avó juntos. Consegui se desviar tanto que atrasou quase quatro dias.

Embora a frase fosse de repreensão, havia algo compreensivo no seu tom de voz. Resolvi não retrucar.

— Você é Celen?

Ky ofegou ao meu lado. O homem concordou com a cabeça.

— Sou eu. Mas essa não é minha verdadeira aparência. Optei por te esperar nesta forma que você conhecia para evitar o susto inicial.

— O que você quer dizer com...

Nesse momento aconteceu a coisa mais absurda de tudo que eu tinha vivido. O corpo de Celen começou a se modificar. Ganhou proporções gigantescas. Metais acobreados começaram a dançar em volta dele e a se contorcer tornando-se em símbolos. Sua pele ganhou uma textura dura e cheia de escamas.

Eu sinto um pouco de vergonha em admitir que quase soltei Ky no chão e saí correndo, quando me vi olhando cara a cara para uma grande besta acobreada. Tinha pelo menos três metros de altura. Seus olhos eram grandes safiras verdes, o que causava um contraste assustador com o vermelho de suas escamas. Havia metal pontuando suas garras e todo seu corpo.

Celen pegou sobre a mesa um grande círculo de vidro e o colocou sobre o olho direito. Era um objeto achatado e com uma extensa corrente de metal que ele prendeu em uma escama na altura do peito. Quando se virou para nós, não consegui me conter e ri nervosa.

— Você é o quê?

Delicadeza não era meu forte. Para minha sorte ele só riu.

— Algumas pessoas se ofenderiam com a sua falta de tato. Você já deve ter percebido que sou um Dragão.

Ky em estado febril, só repetia palavras sem conexão.

— Dragão.... vermelho?

Eu ignorei meu amigo.

— Por que você usa um monóculo? Obviamente não sei nada sobre a saúde visual dos dragões, mas monóculos não são usados há mais de um século.

Ele ajeitou o objeto no rosto.

— A primeira lição que te darei como seu mestre pequena Padawan é: Não questione o meu estilo! Eu uso monóculos porque eles são glamorosos, nunca deveriam cair em desuso.

Só podia ser brincadeira. A voz de Ky saiu fraca.

— Monóculo.

Meu amigo desfaleceu e foi rapidamente acudido pelos braços draconianos de Celen. Ele o levou até um dos sofás e começou a recitar palavras antigas enquanto as feridas começavam a se fechar.

— Ele está estável, deve acordar em pouco tempo.

— Ele não precisa dormir? — perguntei. — Quer dizer, para se recuperar?

— Precisa. Mas, antes disso, ele precisa falar ou os metais não permitirão que ele melhore.

— Falar? Falar o que?

Não entendi o porquê dos metais influenciariam no corpo de Ky. Ele nem tinha metais espalhados para começo de conversa.

— Ele não deveria estar aqui.

Quando eu queria, até mantinha o foco.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Não! Quando ele acordar você vai entender.

Mais mistério. Eu não aguentava mais isso.

— Onde é aqui?

Ele se levantou e deu sinal para que eu o seguisse. Depois caminhou até uma janela no outro extremo do cômodo.

— Veja você mesma.

Fiquei boquiaberta.

Nós estávamos em um prédio alto, parte de uma cidade gigantesca. As construções desafiavam as leis da física em formas bizarras construídas com os mais diversos metais. A distância não me deixava ver com clareza que tipo era aquele de pessoas, mas eram diferentes das que eu estava habituada.

Tudo isso parecia estar em cima de uma formação rochosa de terra vermelha toda salpicada de metais. Não eram poucas as árvores e flores gigantescas, com cores vibrantes. Mais ao fundo essa fauna se intensificava até se tornar uma grande floresta colorida de onde saíam seres alados magníficos que balançavam a copa das árvores.

— Bem-vinda a Nafh'ta.

Ele estendeu as mãos.

— Bem-vinda ao centro da magia da terra.

Não consegui observar mais detalhes. Kyer acordou e estava chamando meu nome.

— Allllysss.

Parei ao seu lado. Tentei soar sarcástica.

— Eu estou aqui Kyer, nós conseguimos, mas você está péssimo.

Ele abriu os olhos com dificuldade.

— Eu sonhei que Celen era um dragão de monóculo!

— Você não sonhou garoto.

A voz de Celen ressoou pelo lugar.

— Sua avó ficaria muito orgulhosa de você. Ter chegado com a Elemental até a cidade de luz não é um feito qualquer.

Ky fitou o Dragão por um longo minuto. Mesmo que os ferimentos estivessem fechados, meu amigo não parecia recuperado. Celen virou de costas para nós, estalou os dedos e rapidamente fez aparecer uma enorme poltrona onde se sentou.

— Infelizmente nós não temos todo o tempo do mundo, então farei um breve apanhado que deve sanar pelo menos metade das suas perguntas Alys.

Apontou a garra em direção a uma estante e recitou um feitiço.

— *Éla.*

Um livro grosso e azul flutuou até suas mãos. Ky estava assumindo uma cor esverdeada.

— Celen...

Ele me corrigiu.

— Você deverá me chamar de mestre daqui para frente.

Me senti um monge sendo iniciado. Não era muito divertido.

— Ok, Mestre! Não deveríamos levar Ky a alguma enfermaria, ele parece piorar a cada minuto.

Kyer se recostou na poltrona e me contradisse.

— Eu não vou a lugar nenhum. Eu estou bem.

Celen estreitou os olhos. Era bastante assustador.

— Não, não está!

Levantou as grossas sobrancelhas.

— E embora sua teimosia deva ser interpretada como afronta, ter passado pelo portal dos sete é o único motivo pelo qual ainda está aqui. Quero te olhar mais de perto.

Desviou os olhos para mim.

— Ele realmente precisa de cuidados ou vai acabar morto.

Eu segurei a respiração. E eu que não tinha tato?

— Mas, parte desses cuidados depende da conversa que teremos agora. Então vejamos se consigo fazer um breve resumo.

CAPÍTULO 18

AS HISTÓRIAS QUE NÃO ME CONTARAM

Com um movimento de mãos, o dragão criou um mapa holográfico. Conforme ele falava, imagens se moviam no ar.

— Nos primórdios do universo a magia era parte integrante de cada partícula e os metais Nítryfi existiam em grande quantidade.

Sempre que falavam a palavra magia, minha cabeça fervilhava. Aquilo não podia ser real. Se bem que, era um dragão na minha frente. O que eu imaginava como real estava bem longe dali.

— Alys, você está prestando atenção?

Eu arregalei os olhos e só balancei a cabeça positivamente. Ele continuou.

— Diz a lenda que o grande Construtor fez este mundo e todas as coisas que conhecemos.

Eu já tinha ouvido esse nome antes.

— Espera aí, eu já ouvi esse nome.

Celen levantou os olhos do livro.

— É claro que sim. Seu pai e sua avó acreditam na lenda. Me deixe continuar.

Eu me calei.

— O Construtor deu a cada coisa parte de quem ele mesmo era, desejando que a força vital ali empregada se multiplicasse gerando mais magia.

Não durou muito meu silêncio.

— Parece um cara legal.

Celen estreitou os olhos mas continuou a contar.

— Ele criou os seres e deu a eles alma e vida com a semelhança da sua própria natureza divina.

Agora foi a vez de Kyer interromper.

— Eu não pareço muito divino agora.

— Vocês dois não conseguem ficar quietos cinco minutos? Kyer, dessa história depende sua vida!

Meu amigo cruzou os braços sobre o peito.

— Contar a verdade a Alys não vai mudar nada.

— De que verdade você está falando?

Celen interrompeu.

— Primeiro você precisa entender isso aqui, Alys. Foco.

O mapa holográfico mudou de forma. Agora eu via Nafh'ta repleta de pessoas estranhas.

— Por milênios o seu plano original se manteve. Os seres caminhavam sobre a terra e viviam em paz, desenvolvendo seus poderes e mesclando-se em raças novas.

Eu vi todo tipo de seres. Era bem assustador. Alguns eu achei que reconhecia das lendas e fantasias contadas para crianças. Mas a maioria era ainda mais impressionante.

— O problema...

— Por que sempre tem um problema? Não podia ser: E estamos felizes assim até hoje?

Celen fechou os olhos, deu uma risadinha e falou consigo mesmo.

— De quem será que você puxou isso?

Obviamente eu não estava levando toda aquela história a sério. Indiferente à minha incredulidade, o mapa mudou novamente. Agora tinha um grande prédio e um grupo de pessoas subindo furtivamente as escadas.

— Como eu estava dizendo, o problema é que um grupo de Póltos, como eram chamados os humanos puros, intentou roubar o cetro do Construtor.

Eu olhei para o cajado na minha mão e escancarei a boca. Celen percebeu.

— Não é esse nas suas mãos e pare de fazer caras e bocas, está me desconcentrando!

— Pode esquecer, Celen — disse Ky. — Ela não para quieta.

O dragão ignorou o comentário.

— Esses homens e mulheres acreditavam que o poder de criação estava naquele artefato e que o Construtor era uma farsa. Por isso, armaram um plano.

Vi quando as pequenas pessoas holográficas entraram em uma sala. No centro, uma redoma de vidro protegia uma arma parecida com a minha.

— Eles roubaram o cajado. O que eles não esperavam era que o tal cetro fosse mero enfeite perto dos poderes reais do Construtor.

A cena mudou. Agora um ser gigantesco chegava ao castelo e se deparava com a redoma vazia. Me assustei quando as palavras saíram da boca do homenzarrão holográfico.

— Onde vocês estão? Se acreditam que estão certos, porque se escondem?

Um grupo de seres com asas esverdeadas apareceu na cena. Kyer ofegou antes de explicar.

— Essas são as fadas. Elas entregaram os Póltos culpados.

Uma voz aguda saiu de uma delas.

— Meu Senhor. Nós sabemos o quanto sua bondade é grande. Por isso estamos aqui trazendo informações.

A cena mudou novamente. Agora parecia um anfiteatro, mas era impossível ver o final da construção. Uma multidão se aglomerava. Celen voltou a narrar.

— Um grande julgamento público foi marcado. Todos os seres que habitavam o mundo estavam presentes. Nervosos e apreensivos. Ninguém sabia o que ia acontecer.

O ser que era chamado de construtor estava sentado em um trono de pedra. Eu esperei que sua expressão se tornasse rígida. Que tivesse a raiva de alguém que tinha sido roubado e traído. Mas a única coisa que vi representado ali foi tristeza. O holograma voltou a falar.

— Desde que vocês foram criados, eu tenho gozado da imensa alegria que é vê-los desenvolvendo, crescendo e se multiplicando. Eu nunca lhes neguei nada, nem dons, nem conhecimento e muito menos misericórdia.

Havia um silêncio sepulcral agora, não só no mapa, como entre nós da sala. Era como se realmente estivéssemos passando por aquele julgamento.

— Eu lhes ensinei sobre que leis todas as coisas foram criadas. Que tudo é uma grande engrenagem que independe da minha interferência.

Ele fez uma pausa que apertou meu coração. Havia tristeza demais naquela voz.

— Eu queria que vocês fossem donos do próprio destino.

Perto do lugar do trono, afastados da multidão, estavam doze homens e mulheres. Nem todos eram humanos, mas todos claramente tinham alguma posição de vantagem em relação ao resto. Um deles levantou a mão.

— Meu Senhor, é notório como não interferes nas nossas vidas. Por isso mesmo, não me custa dizer que o senhor pode e deve fazer o que achar melhor desses Póltos.

O Construtor virou-se para ele.

— Vamale, você acredita mesmo que eu não tenho conhecimento de quem partiu a ordem para roubar o cajado?

Ouviu-se um burburinho geral.

— Eu sei que foi você.

Até eu fiz um “Ohh!” junto com os hologramas.

— Mas não estou aqui para apontar culpados. Quando vocês retiraram a chave, acreditando que se tornariam como eu, colocaram o mundo à beira do caos. As consequências de tais atos atingirão por milênios todas as criaturas!

O tal Vamale fechou os punhos e começou a gritar.

— Isso é culpa sua! Você fez de propósito para que falhássemos.

O silêncio tomou novamente o lugar. O Construtor olhou para os presentes.

— Eu lhes pergunto: em algum momento eu fui tirano ou qualquer coisa que justifique tal atitude?

A multidão respondeu indignada. Uns gritavam e outros se inflamavam contra o grupo de Póltos. “Não! Nunca! A Culpa é deles”. O Construtor voltou a olhar para o Vamale.

— Então, por que vocês condenaram a si e aos outros seres à morte?

As pessoas se desesperaram. Alguns se armavam para atacar os culpados.

— Já chega!

A voz do homem sentado no trono ecoou.

— Se vocês estivessem no lugar deles, teriam feito a mesma coisa! A soberba antecede a queda.

Uma mulher de vestes púrpura, que estava entre os doze, inquireu.

— Mas nós vamos todos morrer?

— Não Elilmo, vocês não vão.

— Mas... o senhor disse...

— Que vocês foram condenados. O preço precisa ser pago e será. Mas não por vocês.

Outro homem perguntou.

— O cajado era tão importante assim?

— Sim, Radul. Ele era uma chave que mantinha toda a magia do mundo em ordem. Quando foi retirado, uma fenda dimensional se abriu e está sugando tudo que é mágico.

Nesse momento eu olhei para Celen. Minha cabeça rodava. Era informação demais. Acho que ele percebeu porque parou a leitura, caminhou até Kyer e fez alguns feitiços. Depois voltou a seu lugar de contador de histórias. O homem holográfico voltou a falar.

— Para evitar que vocês desapareçam por completo, mudei nossas fontes naturais de poder. Embora eu tenha tentado diminuir os prejuízos, as consequências dos atos permanecem.

Ele apontou para o grupo de Póltos no aglomerado em um canto.

— Vocês serão excluídos deste lugar, não só vocês, mas toda sua raça será levada até a superfície do planeta onde terão que levar suas vidas sem nenhum resquício de magia.

Os burburinhos começaram. Muitas pessoas choravam e gritavam insultos em direção ao grupo.

— Os outros seres perceberão que seus poderes serão reduzidos a quase nada e, infelizmente, haverá esterilidade até que o número de vocês seja tão somente para garantir que não sejam extintos.

Celen voltou a narrar.

— Naquele dia, o Construtor se fundiu à fenda, sacrificando-se. Mesmo que culpa nenhuma tivesse, ele pagou o preço mágico para impedir a fenda de se alargar. Tudo isso para que as criaturas voltassem a experimentar da magia com o qual foram criados. Antes de partir, porém, lhes deixou uma profecia, na sua grande maioria indecifrável, adormecida, esperando o momento de reavivar a magia.

Quando Celen terminou de recitar a lenda, meus olhos estavam marejados embora eu ainda não estivesse completamente convencida.

— Você... você acredita mesmo nisso, Celen?

— Se eu não acreditasse antes de você nascer, ainda assim, não poderia negar depois de vê-la.

— Eu não entendo.

Ele virou algumas páginas e começou a declamar:

— *Chegará o dia, depois de milênios em completa escuridão, que as chaves para a magia da terra surgirão. Nascerão duas crianças de longas linhagens de magos. Um Elemental, dotado da capacidade de liberar os metais adormecidos. E um Guardião, dotado da minha maior característica. Eles devem ir aos três templos, cada um ao tempo da lua, para que gradativamente todos os seres vivos sejam ressuscitados.*

Mesmo que eu estivesse chocada com toda aquela história, o estado de Ky parecia mais urgente. Uma lenda antiga poderia esperar.

— Celen...

Ele levantou a mão draconiana, me interrompendo.

— Espere. Eu quero ler um outro pedaço.

Voltou a recitar com a voz ressoante.

— *Mas não se enganem! Se levantarão seres, achando-se injustiçados pela sentença que lhes foi dada. E por vingança, tentarão roubar para si o que não lhes foi dado. Nesse tempo é que se testará a lealdade de muitos.*

Celen fechou o livro sobre seu colo e olhou novamente para nós.

— Caso não tenha compreendido, a Elemental é você Alys.

— Como...você têm certeza disso?

Me deu medo de tudo aquilo.

— Essa tal profecia é meio vaga você não acha? Não diz como ou onde ir, então para que serve?

Eu estava hiperventilando.

— Cuidado com o que diz!

Pela primeira vez desde que chegamos aqui ele me repreendeu de verdade.

— O que li para você não se trata da profecia completa. Muito dela ainda é um mistério para nós. Há coisas que sabemos há milênios e outras que só se

tornaram claras há alguns dias, quando você despertou.

Aquilo não respondia minha pergunta.

— Então, como...?

— O Lifran! Ele só toma essa forma graças a você. Mas, agora, você precisa saber de duas coisas principais.

Aquilo não estava me cheirando bem. Ky estava deitado de olhos fechados.

— A primeira lua de que a profecia fala, é daqui a poucas semanas. Temos um tempo ínfimo para prepararmos vocês.

— Que maravilha! — retruquei.

— Você não fará isso sozinha! Como você me ouviu ler, ela determina um correspondente que deve te auxiliar na missão. Aqui denominado guardião.

Estava demorando, então o tal Construtor tinha me predestinado para uma missão, mas de deixado sob vigilância. Típico. Eu estava me tornando rabugenta.

— Eu não preciso de um Guardião! É como ter uma babá para garantir que estou fazendo tudo certo.

Meu tom saiu um pouco indignado.

— Se tenho todos esses poderes, posso me virar muito bem sozinha!

— Com todas as coisas que acabei de lhe contar, você resolve se incomodar logo com a única ajuda que terá?

Ele caminhou em direção a Ky.

— Você não PRECISA de um guardião para lutar por você ou para vigiá-la. Essa não é a função dele! O papel do Guardião é garantir que você possa se concentrar na sua tarefa, sem morrer por causa disso.

— Para mim parece exatamente como ter uma babá — respondi mal-educada. Ele balançou negativamente a cabeça.

— Alguma vez você já viu alguma representação dos guerreiros do milênio passado? Uma parte muito importante das armaduras deles era a couraça. Aquela que cobria o peito e as costas. Sabe para que ela servia?

Só tinha visto aquele tipo de vestimenta em filmes.

— Não.

— Porque ninguém consegue proteger e atacar ao mesmo tempo. Se você está lutando logicamente suas costas estão expostas. Seu poder é a espada, o escudo, o capacete e o que mais conseguir imaginar. Mas não pode ser também a couraça.

Eu provavelmente fiz uma cara de quem não tinha entendido nada.

— O guardião, Alys. Ele é essa couraça. Você não será unicamente uma guerreira, há coisas que ninguém pode fazer no seu lugar. Você entende?

— Bem pouco. — Fui sincera.

— É só analisar a sua vida nas últimas semanas. Consigo pensar em dezenas de situações onde ter um guardião te tirou de enrascadas ou pelo menos garantiu

que você se concentrasse em seu objetivo. Pense nisso como uma benção, um babá poderoso que pode te ajudar a limpar suas caquinhas.

— Isso era pra ser engraçado?

— Não era, foi! — retrucou ele.

Kyer gemeu.

— Enfim, em um outro trecho a profecia também diz que quando a sua alma e a do guardião se encontrassem pela primeira vez, se entrelaçariam de tal forma que um modificaria o outro, ou seja, que você o escolheria.

— E ainda sou eu que tenho que escolher o guardião? Eu não vou fazer isso!

— Embora pareça uma imposição, não é. E você já o escolheu mas deve aceitá-lo, assim como ele deve aceitar ser quem é ou nada feito.

— Você fala como se ele fosse se tornar parte de mim, igual aos metais.

— De certa forma, vai. Vocês só vão usufruir do máximo de seus poderes se estiverem em sintonia. E não reclame, lembre-se que nosso inimigo é poderoso. Usar todos os recursos que tenha acesso é a melhor chance de manter os metais em segurança e despertar a magia à humanidade.

— Claro... pressão nenhuma.

Comecei a andar em círculos pelo cômodo. O choque estava começando a me afetar de verdade.

— Como assim eu já o escolhi? Espera, é claro que só pode ser o Kyer.

Apontei para o meu amigo.

— Ele me protegeu todo o caminho, Era isso que eu precisava saber para que ele melhorasse, não é? Não é Ky?

Ele desviou o olhar para Celen.

— Deve haver um erro sobre o guardião, mestre Chuvach.

— Nós dois sabemos que não há erro algum, Kyer Athenon. Comecei a contar a história dessa forma, justamente por sua causa. Os metais estão te rejeitando! Não tirei a porção de Syfar que está amarrada à sua barriga porque isso te causaria uma dor excruciante. Você mesmo precisa tirá-los para que não cause danos.

Antes que Ky pudesse ter qualquer reação de defesa, puxei sua camisa para cima. Amarrada à sua barriga por tiras de couro, estava uma grossa camada de um metal azul raríssimo. Em volta do peito dele era possível ver veias verdes que pulsavam perigosamente. Parecia uma infecção.

— Não vou tirar coisa nenhuma. Agora que chegamos aqui, meu corpo vai reagir.

Ele puxou a camisa para baixo.

— Eu serei o guardião da Alys! Me preparei a vida toda para isso! Eu que estive ao lado dela todo esse tempo, mereço ser seu guardião.

Quando terminou, ele estava quase aos gritos. Tenho que admitir, era preciso ter muita coragem para gritar daquela maneira com um dragão de quatro metros de altura. A minha mente parecia mais clara agora.

— Como assim se preparou a vida toda? Kyer, do que você está falando?

Ele se calou, Celen cruzou os braços.

— Se você não disser a verdade, eu vou dizer, Kyer! Se há algo que realmente colocou a Alys em risco nos últimos dias, sem dúvida foram as mentiras que você e o Roberto contaram a ela.

— Kyer, do que Celen está falando?

Quando seus olhos se encontraram aos meus, havia culpa e tristeza estampadas no rosto do meu amigo. O dragão resolveu ajudar no relato.

— Você prefere mostrar as lembranças?

Kyer balançou positivamente a cabeça. Com um balançar de mãos draconianas, duas pequenas esferas de metal se prenderam nas têmporas do meu amigo. O mapa de metal levantou, se tornando uma grande tela. Kyer fechou os olhos e se acomodou.

— Eu tinha seis anos... — ele me disse.

O Ky deitado ao meu lado parou de falar, e um garoto apareceu na tela. Era ele, criança. A voz que saía do monitor era infantil e parecia sair da cabeça do menino. Celen explicou.

— Esse Ky...

Apontou o meu amigo deitado no sofá.

— Vai entrar em transe. E você ouvirá até os pensamentos daquele lá.

Apontou a tela. Algo me dizia que eu não estava pronta para a verdade.

CAPÍTULO 19

SEGREDOS E MENTIRAS

*Doze anos atrás
Centro Sul de Khepri
Kyer Athenon.*

Que cama macia. Pena que vamos ter que sair. Nós acabamos de nos mudar para o centro de Khepri e a vovó já está me arranjando deveres. Daqui a pouco ela vai entrar pela porta ralhando comigo pela demora.

Eu reclamo só porque tenho preguiça, mas ela cuida muito bem de mim. Desde que meus pais morreram há dois anos, eu vivo com ela. Ela é meio brava sabe, mas eu sei que ela me ama muito. Ela sempre me cobre quando eu me esqueço do cobertor. Ela sempre diz também que um dia eu vou ser alguém muito importante.

Hoje é um dia importante. Ela que me disse. O homem que morava no apartamento da frente ia nos levar para tomar sorvete. Ele parecia legal mas vivia com a cara fechada. Ouvi leves batidas na porta.

— Kyer Athenon, você ainda está deitado?

Ela colocou as mãos na cintura.

— O senhor Roberto já está nos esperando.

Eu dei um pulo da cama, calcei meus tênis e segurei em sua mão para fora de casa. Fomos no carro dele, era bem bonito e voava. Chegamos à sorveria, era tão bonita.

— Esse lugar tem *zilhões* de sabores! — exclamei, animado.

— Peça o que quiser, garoto. É meu presente.

Eu me calei. Era esperto o suficiente para saber que aquilo não era normal. E mais esperto ainda para aproveitar a situação. Alguns minutos depois me sentei ao lado deles, carregando uma tigela com no mínimo dez bolas. Minha vó me olhou feio mas não disse nada. Aquilo estava começando a me assustar.

— Tudo bem Ky? Seu sorvete está bom? — perguntou o homem.

— Sim, obrigado pelo passeio senhor — respondi educado.

— Que bom! Eu te trouxe aqui porque gostaria de conversar com você.

Está vendo? Eu disse que tinha algo errado.

— Sua vó me disse que você conhece todas as lendas do nosso povo e que sua compreensão delas é excepcional. Ela também me disse que você é muito inteligente, o melhor da sua classe, e que compreende as coisas como uma criança que tenha quase o dobro da sua idade.

— A vovó exagera um pouco senhor — respondi, envergonhado. — É que ela me ama demais.

Os dois riram.

— Eu sei que ama e é por isso que estamos aqui.

Vovó fez sinal positivo para mim.

— Você obviamente conhece a profecia do Elemental e seu Guardião não conhece?

— Sim, senhor. Eles trarão a magia de volta ao nosso mundo.

— Pois bem, tenho então um segredo para te contar, a Elemental é uma garota e é a minha filha.

Abri a boca abismado. Derrubei o sorvete que estava na colher na mesa.

— A filha do Senhor é a Elemental? Ela já tem asas? Eu posso vê-la?

Ele voltou a rir.

— Ela ainda não tem asas, mas sim, tenho fortes motivos para acreditar que é ela. Se você quiser vê-la eu deixo, ela é só um ano mais nova que você. Podem inclusive ser amigos.

Eu pensei um momento.

— O senhor me trouxe para tomar sorvete e não trouxe ela. Por quê?

Ele pareceu impressionado com o meu raciocínio.

— Porque ela não sabe quem é. E também, porque vim te fazer um convite. Você quer ser treinado por mim para se tornar o guardião dela?

Fiquei assustando, eu sabia o que era ser o Guardião. Exigia muitas coisas. Vovó me falava sobre isso todas as noites, não importa o quanto eu já estivesse cansado de ouvir. Olhei para ela.

— Mas, se eu for o guardião terei que te deixar quando ficar mais velho.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu não queria deixá-la.

— Oh meu doce Ky, eventualmente isso irá acontecer de qualquer forma. Eu já estou muito velha, você sabe disso.

Limpou meu rosto com carinho.

— E o senhor Roberto cuidara de você quando eu não estiver mais aqui.

Pensei em tudo que ela tinha me ensinado. Tinha algo que eu não estava entendendo.

— Sr. Robert, a profecia não diz que o Elemental que escolhe seu guardião?

Ele alargou o sorriso.

— Vejo que você foi bem ensinado. Isso é ótimo. Se eu que sou sangue dela te escolher, por que ela não te escolheria? Vocês vão crescer juntos, serão melhores amigos... não há porque a alma dela não te escolher.

Eu não sabia o que responder. Eu estava com medo.

— A única coisa que te peço é que jure lealdade a mim.

Ele abaixou os olhos na altura dos meus.

— Existem pessoas procurando Alys, ela sempre estará correndo muito perigo e precisaremos mantê-la em total segurança. Eu te treinarei todos os dias, tanto em magia quanto em combate para que, quando seus poderes despertarem, tenha como ajudar ela.

— Alys não vai treinar comigo?

Ele ficou ainda mais sério.

— Não! Ela não deve saber de nada! Nem sobre quem ela é, até que chegue a hora certa. Posso contar com você?



Ano 2033

Nafh'ta

Alys

A imagem da tela se apagou. Eu ainda achava difícil respirar. Aquilo não podia ser verdade. Fiquei tentando juntar os acontecimentos da minha vida, coisas que Ky havia me explicado e que cegamente eu acreditei.

— Eu não aceitei imediatamente Alys — ele disse. — Primeiro eu te conheci e nos tornamos amigos. Com o tempo me convenci que era o certo a se fazer.

Ele olhou suplicante.

— Eu precisava ser treinado pra cuidar de você.

Cuspi as palavras, indignada.

— Eu... não... preciso que ninguém cuide de mim!

Ele ignorou minha raiva, exasperado.

— Os anos foram passando. Seu pai me treinou todos os dias para que eu pudesse ser o guardião. Eu sei lutar, conheço todas as profecias, leis e fórmulas mágicas.

Ele olhou para as próprias mãos.

— Mas meus poderes nunca despertaram.

Eu estava tão chocada, que não estava pensando direito.

— Você sabe lutar? Você conhece TODAS AS LENDAS?

Gritei as últimas palavras. Kyer não respondeu.

— Tem o conhecimento, mas não o caráter para ser o guardião — interveio Celen.

— Você sabia disso tudo e não me disse Kyer? Você me viu sofrer desesperada e não me disse nada?

Descarreguei toda minha frustração nele.

— Você tem ideia do que foi ver Helix morrer e não ter nada que eu soubesse fazer para impedir?

Se antes ele parecia muito doente, agora tinha a impressão de que estava à beira da morte.

— Eu... me perdoe Alys! Achei que cumprindo o que seu pai me pediu eu estaria te mantendo em segurança.

— Segurança? — questionei. — Que segurança? Estamos fugindo há dias!! Perdi a conta de quantas vezes quase fomos mortos!

Ele encostou a cabeça no travesseiro e não disse mais nada. O dragão nos interrompeu.

— Falando de assuntos mais urgentes, e de que dependem a vida do garoto, o guardião...

Olhei enfurecida para Celen.

— Eu não preciso de um guardião! Não preciso e não quero. Não vou escolher ninguém!

O dragão cruzou as mãos sobre o colo e levantou as imensas sobrancelhas.

— Você já escolheu um há muito tempo Alys! Inclusive já despertou seus poderes quando foi induzida ao sono na toca.

— E por que ele não impediu que fôssemos quase mortos tantas vezes?

— Na verdade, ele impediu sim — respondeu Celen.

— De quem você está falando? — perguntei.

Meu mestre olhou para um outro lado do cômodo e começou a falar para o nada.

— Eu acho que já é hora de aparecer Evan Uriah. Até quando pretende fingir que o assunto não é sobre você?

Achei sinceramente que aquele dragão era maluco. Se bem que ele era um dragão, era mais fácil que eu estivesse pinéu.

Para a minha surpresa, de trás de uma das pilastras apareceu Evan com o semblante sério. Suas roupas estavam cheias de cortes e queimaduras. Pelo menos ele parecia inteiro. Olhou dentro dos meus olhos rapidamente e desviou o olhar para Celen. Depois curvou-se assim como fez diante da minha avó.

— Grande Chuvach, é uma honra.

— Não é educado se esconder Evan — o dragão respondeu. — Nem faz parte do seu juramento.

Ele soltou um muxoxo e retirou o capuz. Depois desamarrou a máscara que escondia seu rosto e começou a desabotoar a capa que o mantinha todo tampado. Por baixo daquele pano todo, estava um garoto que devia ser pouca coisa mais velho que eu.

Havia metal pelo seu corpo. Era Syfar, um material azul transparente tão raro quanto o Lifran. Fiquei mais surpresa ao perceber que ele era o garoto do meu sonho à beira mar.

— Não só o corpo, Evan — disse Celen. — A alma também, conte sua história.

A tela holográfica se acendeu.

CAPÍTULO 20

O DESPERTAR DO GUARDIÃO

*Cinco dias atrás
Centro de Khepri
Evan Uriah*

Acordei em um susto. Tinha sido mais um daqueles sonhos estranhos em que eu passava horas tentando encontrar a garota. O fim era sempre o mesmo: olhos amarelados indo na direção a ela e eu acordava.

Pela primeira vez um deles tinha terminado de forma agradável. Nele eu estava em uma rede de frente para o mar, olhando para a garota de olhos azul arroxeados, senti todo o corpo formigar e acordei. Alguma coisa nela me deixava inquieto, mas eu não conseguia me lembrar o porquê.

Voltei a fechar os olhos. Era dia de folga do treinamento, um fato raríssimo que só acontecia de três em três meses. Não que eu achasse ruim. As exaustivas manhãs me mantinham ocupado e impediam que minha mãe ficasse andando atrás de mim, falando sobre garotas que ela queria me apresentar.

Hoje não seria um dia divertido. Como se estivesse prevendo que eu procurava uma maneira de escapar dela, minha mãe bateu à porta.

— Evan, eu sei que já acordou, estou entrando.

Ela não me deu tempo nem de fingir que estava dormindo. Já entrou me intimidando.

— Hoje é aniversário da Lucila e vamos fazer uma visita para parabenizá-la.

Abriu as cortinas do quarto, ainda de costas para mim.

— Finalmente poderei te apresentar a filha dela, Sophia. Uma garota linda que daria uma boa no...

Ela se virou para mim e parou a frase na metade. Se eu não soubesse o quanto era incomum ter um ataque cardíaco, acharia que ela estava tendo um. O semblante era de surpresa misturado a pavor.

Pensei que eu tinha tido a sorte de contrair alguma doença contagiosa que fosse me livrar do longo dia planejado por ela. Mas afastei o pensamento, seria sorte demais não ser obrigado a conhecer mais uma garota com quem ela esperava me casar. Minha mãe recuperou a voz, repentinamente.

— Não, não e não! O meu filho NÃO!

Ela berrava enquanto fechava novamente as cortinas.

— Mãe, o que está acontecendo?

Ela balançava freneticamente a cabeça.

— Evan, não saia desse quarto por nada! Não fale com ninguém nem deixe que ninguém te veja. Você está me entendendo?

— Mãe, o que foi? — perguntei.

Ela caminhou para a porta.

— Eu vou buscar o seu pai. Só faça o que eu estou te mandando. Para o seu bem e o nosso.

Assim que ela saiu, comecei a olhar o meu corpo procurando o motivo de todo aquele desespero. A pouca luz que entrava pela janela não me ajudava a ver, mas quando toquei meu braço, percebi que tinha algum metal nele.

Levantei rapidamente e procurei o espelho que ficava no banheiro. Quando me deparei com o meu reflexo, eu que quase tive um infarto. Meu corpo estava coberto por tatuagens feitas de Syfar, um metal tão raro que eu só tinha visto em livros.

Era de um azul forte e apresentava uma resistência diferente dos outros. Quando os metais surgiram ele foi encontrado somente em um pico no Alasca. Nem perto de onde eu morava.

Além de ser completamente incomum que o material formasse dezenas de tatuagens pelo corpo. Parte dele subia até a altura dos meus olhos, formando nas laterais do meu rosto duas fênix azuis. No meu peito havia uma grande marca reluzente de um cajado e uma espada cruzadas à frente de um par de asas.

Ao ver aquele símbolo, compreendi o que estava acontecendo. Mais que isso, entendi o pavor estampado nos olhos da minha mãe. Todos os planos que um dia ela fez para mim, acabavam de ser frustrados.

— O símbolo da profecia — falei para meu reflexo.

Claro que conhecia as histórias desde pequeno. Meus pais tinham me treinado exaustivamente com a esperança que, quando o Elemental despertasse, eu me tornasse um político influente. Nunca quis me tornar um, não de verdade. Agora, me tornar o guardião era outro tipo de vida. Era uma escolha que eu tinha que tomar aqui e agora.

Quando os metais apareceram, todos que conheciam as linhagens mágicas se atentaram aos sinais. Ninguém sabia quando, mas era inevitável o surgimento do Elemental e seu guardião. Minha mãe colocou na cabeça que o fato de ter nascido nesse período era um sinal.

Com muitos manuscritos e livros que ela exaustivamente usava em suas pesquisas, convenceu meu pai de que tinha razão. Eu precisaria ser treinado em

todas as artes mágicas possíveis, mesmo que não tivéssemos poderes. Também em combate e estratégias de gestão para que pudesse levar os humanos através do período de transição.

Ouvi passos vindos pelo corredor, seguidos de uma entrada brusca pela porta.

— Evan — disse meu pai. — Evan onde está você?

Voltei para o quarto. A expressão preocupada dele se transformou em uma surpresa. Acho que ele não tinha acreditado quando minha mãe contou.

— Não é possível! — exclamou.

Minha mãe estava emudecida. Resolvi me aproveitar disso.

— É mãe, nunca achei que diria isso: Você realmente estava certa sobre eu ter um papel na profecia.

Ela fechou a cara.

— Evan, você acha que isso é brincadeira? Olhe para você!

Ela não tinha ideia, mas eu estava planejando ir embora. Morar em outro lugar que me desse algum tempo de paz fora dos treinamentos. Eu não estava levando na brincadeira, estava só debochando da crise de controle que ela estava prestes a ter.

— Eu sei exatamente o que significa mãe! Nada de posição política para mim.

Ela ia retrucar quando meu pai interrompeu.

— O nosso filho é o guardião! Não sei se estou mais chocado que o Elemental tenha finalmente despertado ou que Evan já o conhecesse.

— Ela — o corrigi. — É ‘A’ Elemental, é uma garota.

Eu sabia perfeitamente bem como aquilo chocava ele.

— Uma garota? Quem?

— Eu não me lembro exatamente quem ela é, mas sei que é ela! Todos os sonhos que ando tendo agora fazem sentido.

Comecei a andar pelo quarto procurando coisas. Eu precisava partir com urgência.

— O que você pensa que está fazendo? — minha mãe perguntou.

— Eu preciso ir, a garota precisa da minha ajuda. Estão caçando ela!

— Você não vai!!

Tanto eu quanto meu pai olhamos para ela como se estivesse maluca. Eu acho que ela estava um pouco. Caminhei até minha mãe e a segurei pelos ombros.

— Mãe, eu acho que você não entendeu. É o futuro da humanidade! O nosso, da academia e de cada ser desse planeta.

— Não quero saber. Isso é um engano.

De certa forma eu compreendia a negativa dela. Ser o guardião significava ir embora para sempre. Eles não seriam nunca mais a minha casa. O meu lar, meu abrigo, minha honra e meu juramento todos eles estariam com a Elemental.

— Mãe, não tem como ser um engano.

Ela balançou negativamente a cabeça.

— Diga que não quer. Você sabe que tem escolha.

Isso era verdade. Podia não parecer, mas eu tinha que escolher ser o protetor ou nada feito.

— Primeiro nós precisamos ter certeza que é isso que está acontecendo!

— Pai, como...

Ele me interrompeu. Apontou para as tatuagens que cobriam minha mão direita.

— Se você for mesmo o guardião, Kydêmonas tem que estar junto às suas marcas. Junte as mãos e concentre-se como te ensinei. Depois diga *Óplo*.

Fiz como ele me mandou. Eu não tinha dúvidas mas devia isso a eles. Depois de tantos anos treinando com palavras que não faziam efeito, foi impressionante ver o que aconteceu a seguir.

Os metais começaram a se movimentar. Meu peito passou a ostentar uma grossa couraça de Syfar, ainda com o símbolo da profecia. Por fim, na minha mão direita, começou a tomar forma a lendária espada de Kydêmonas. Não havia nada mais a discutir, eu tinha sido escolhido e a decisão já estava tomada.

CAPÍTULO 21

AS IRMÃS VAARNE

Ano 2033

Escritório do Chefe do Conselho.

Alys

Minha vista embarçou.

— Espera aí, ele é o guardião?

O mundo girou. Evan percebeu e se teletransportou para o meu lado. Não de verdade, eu acho. Mas foi a impressão que eu tive pela rapidez.

Ele me segurou antes que eu caísse e Celen fez surgir uma poltrona atrás de mim. O garoto me acomodou nela. Depois se afastou.

— Alys, respire fundo — disse o dragão.

— É fácil para você falar. Tem coisa demais acontecendo — retruquei.

— Eu ainda nem comecei. Isso é um resumo superficial para garantir que posso salvar Kyer.

Eu olhei para meu amigo. Ele tinha os braços cruzados sobre o peito e olhava feio para Evan.

— Eu não vou tirar esses metais do meu corpo. Não quero saber o que vocês pensam, ele não vai ser o guardião dela.

Apontou para Evan. Eu inflei de raiva.

— Kyer. Eu não sei o que você está pensando, mas, se não tirar esse maldito metal do corpo, eu mesmo vou arrancar ele de você. Independente da dor que isso vai te causar.

Evan se intrometeu.

— Se não tirar você vai morrer em menos de dez minutos. Morto você não vai ser é nada.

Aquela foi a primeira vez que eu pensei em socar o garoto. Não foi nem de perto a última. Embora o que ele estava dizendo para Ky não fosse de tudo uma mentira, não precisava falar daquela maneira.

Ky fungava para Celen.

— Então é isso? Depois de todos esses anos, ele terá o direito de estar com ela? Mesmo que... que nem a conheça? Nem saiba quem ela é? Quem garante que

ele não é um babaca abusivo.

Celen abriu a bocarra, surpreso.

— Kyer, me parece...

Fez uma pausa dramática.

— Me corrija se eu estiver equivocado. Mas o Roberto te fez acreditar que a única pessoa que um Elemental pode amar é seu guardião?

Senti meu rosto se tornar rubro. Como assim eu só poderia amar o guardião? Esperei que estivesse entendendo errado. Ky demorou uns segundos antes de responder.

— Ele disse que a única pessoa que tem o coração de um Elemental é seu guardião. Me falou que nem mesmo ele, que era pai de Alys, teria o amor da filha depois que ela despertasse.

Meu pai tinha enlouquecido, só pode.

— Mas que absurdo é esse Kyer? Você acreditou em cada coisa que meu pai disse sem nem questionar?

Agora eu estava aos gritos.

— Vamos ver! Pela lógica bizarra dele, se Evan está bem aqui, como é possível que eu continue a amar a ele e a Vó Ana?

Eu gesticulava nervosa, nem o dragão quis entrar na minha frente.

— Como é possível que eu te ame ainda? E olha que você está se esforçando bastante para mudar isso.

Kyer ficou em silêncio. Celen falou baixo, pensando que eu não escutaria.

— Elilmos. Nunca irrite uma delas.

Ignorei o comentário. Aquele brilho dourado característico dos olhos de Ky desapareceu. Ele não disse nada. Eu estava esgotada com tudo aquilo, e pronta para arrancar os metais se fosse necessário. Não ia deixar que morresse. Celen foi o único que quis o consolar.

— Ele queria que você acreditasse que parte de ser um guardião era nada mais importar na sua vida além de viver com Alys. Você era uma criança. Não é sua culpa.

Eu sabia que era verdade.

— Você estava disposto a viver vida inteira de mentira — completou o dragão.

Ele respirou fundo.

— Eu nunca vi Alys como nada além de minha melhor amiga. Sempre foi como minha irmã.

Abaixou o tom de voz.

— Isso costumava o deixar chateado.

— Não me admira que você esteja tão doente com o contato dos metais — disse Celen. — É muita pressão não acha?

Kyer não respondeu mas levantou a camiseta. Percebi que meu pai não tinha mentido só para mim, que tinha causado problemas para meu amigo também. Ele retirou os metais e aos poucos eu pude ver a cor voltando à sua pele.

Um silêncio estranho recaiu sobre o lugar. Celen fazia novos feitiços sobre Kyer e agora sua respiração voltava ao normal.

Algum tempo depois, uma dor estranha começou a correr pelo meu corpo. Instintivamente olhei para Evan. Ele se mantinha apoiado em um canto respirando com dificuldade. As pontadas de dor se intensificaram. Nada me tirava da cabeça que aquilo tinha ligação com o garoto.

— Evan!

Rompi o silêncio.

— O que está acontecendo?

— Seu amigo está se sentindo um idiota porque pensou que precisava se casar com você para te proteger.

O ar zombeteiro dele me dava nos nervos.

— Mesmo sem te amar pra isso.

Será que ele não tinha filtro? Saía falando as coisas sem pensar. Eu não estava com paciência.

— Você sabe muito bem que não é disso que estou perguntando!

— Não sei do que está falando.

— Ah não?

Fiquei de pé e, enquanto falava, caminhava em direção a ele.

— Você precisa começar a me analisar em períodos menores, senhor todo poderoso: O guardião. Quando estávamos na mata, ouvi quando você disse à Kyer que, o que eu sentisse você sentiria. A recíproca é verdadeira?

Ele não parecia surpreso de que eu tivesse ouvido a conversa.

— Talvez — desconversou.

— Então, se eu não tenho nenhum ferimento grave, porque tem dores estranhas correndo pelo meu corpo?

Apontei o dedo no seu nariz.

— E por que será que os meus metais vibram me fazendo acreditar que há algo de errado com você?

Ele manteve o ar de superioridade, embora eu tenha percebido que minha atitude irritava ele.

— Não sei.

Deu de ombros.

— Provavelmente seus metais gostam de ficar perto de mim — completou.

Mesmo que ele tentasse disfarçar, percebi que estava meio pálido. Tinha alguma coisa acontecendo sim.

— Evan sei lá o que, meu melhor amigo está deitado prestes a morrer porque tentou ser o guardião. Ele mentiu para mim uma vida inteira e estava disposto a viver uma realidade que não queria só para me manter em segurança.

Eu era vários centímetros menor que ele, mas o encarava de nariz empinado. Minha raiva me fez esquecer a nossa diferença de força.

— Eu estou farta de todos me tratarem como se eu fosse incapaz de lidar com as situações. Não me teste! O que está acontecendo?

Ele fechou a cara para mim e levantou uma pequena parte da camisa que vestia. No lado esquerdo do seu abdômen havia um profundo corte laranja, muito feio, cercado por uma grossa porção de metais que mantinham o veneno localizado.

Quando Celen viu o ferimento, parou o que estava fazendo. Em um rápido movimento criou um pequeno pássaro de metal cinza.

— Busque as irmãs Vaarne.

Ele falou para o pequeno animal.

— Diga à Laiza que traga suas poções nível quatro.

Não pude evitar de pensar como ele conseguia ser tão rápido com aquelas mãos gigantes. Eu não tinha um terço da destreza dele. Logo depois, por magia, arrastou uma grande poltrona para perto de Evan.

— Quando você pretendia dizer que tinha sido atingido pelo veneno dos Igrots?

— Algum momento depois que o garoto tonto recebesse os primeiros cuidados.

Celen endureceu a voz.

— Se você fosse esperar que Kyer estivesse bem talvez não houvesse tempo para você...

Balancei a cabeça, exasperada.

— Eu estou cercada de garotos idiotas... cercada!

Praguejei meia dúzia de palavras enquanto voltava a sentar na minha poltrona. Celen interferiu.

— Ainda bem que eu já sou um velho ou ficaria ofendido.

Nem respondi. Para um ser milenar, cheio de poderes e com três metros de altura ele era muito engraçadinho. Também não caminhei até Ky. Sabia que ele estava fora de perigo e precisava de um tempo para aceitar tudo que havia me contado.

Eu amava ele? Do fundo da minha alma, era meu melhor amigo desde sempre. Mas ninguém pode me culpar por ter dúvidas. E se nossa amizade fosse

parte das mentiras que ele me contou?

Evan gemeu.

— Pare com isso, Alys! Pare de se auto flagelar, pelo menos enquanto Celen me cura.

— Do que você está falando?

— Os metais estão vibrando e me deixando maluco aqui.

Completo, mais para si mesmo do que para mim.

— Como se existisse algo que eu pudesse fazer pra te ajudar a lidar como tudo isso.

Eu ia retrucar grosseira quando a porta atrás de nós se abriu, deixando entrar duas criaturas excepcionais.

A primeira era uma mulher muito alta e com um corpo bem definido à mostra em seu uniforme preto de batalha. A sua pele verde clara tinha tatuagens negras e marcas nos extremos do rosto. Os olhos arco-íris estavam delineados e as orelhas pontudas ostentavam diversas argolas enquanto os longos cabelos negros, presos em uma trança embutida, balançavam atrás de si.

Todas aquelas cores faziam um forte contraste com a expressão brutal que trazia no rosto e com o imenso machado preso às suas costas. Ela se aproximou de Celen, se ajoelhou e fez uma reverência, batendo no peito.

— Mestre, temo visitas ou um problema de segurança?

— Os dois — respondeu o dragão.

Logo atrás veio outra mulher tão impressionante quanto a primeira. Ela vestia um jaleco creme cheio de buracos, por cima de vestes de batalha. Apresentava a mesma pele verde água rajada de preto. A diferença estava em seus olhos que eram fendas como um felino e a expressão mais branda.

Os seus cabelos encaracolados estavam presos em um coque bagunçado e os óculos mal colocados no rosto, pendiam. Suas orelhas eram um pouco menores do que a mulher anterior, o que não lhe impedia de enchê-las com grossas argolas negras. Flutuando à sua frente, vinha uma bandeja com vários frascos.

— Pela urgência da mensagem, resolvi trazer alguns antídotos nível cinco.

O pequeno animalzinho marrom que estava em seu ombro, pulou em Ky quando a mulher passou por ele. Não entendi o que ele era. Parecia um esquilo, mas a cabeça era de coruja. Seus olhos eram duas safiras sem pupilas e ele soltava baixos ruídos enquanto enrolava a calda felpuda no pescoço do meu amigo.

— Ainda bem que você é precavida, Laiza. Um ferimento é causado pelos metais, mas já foi controlado. Outro é pelo veneno Igrot. Comece pelo outro garoto, além de não contar com a proteção dos Nítryfi, ele já sofreu demais por hoje.

Evan interferiu, debochado.

— Eu não sofri o suficiente?

— Você não parece se lembrar que precisa estar vivo para cumprir sua missão. Era uma bronca daquelas.

— Não faça mais isso, seu orgulho pode custar muito caro a todos nós.

Evan fechou a cara. Nem um enxame inteiro de bretalões parecia tão zangado. Celen não deu a mínima e veio se sentar perto de mim.

— Essas são as irmãs Vaarne, Alys. São as melhores guerreiras que já conheci e olha que eu já treinei muita gente.

Prevendo que eu repetiria a indelicadeza que cometi com ele, o que diga-se, eu ia fazer, ele completou.

— Elas são Elfas.

Apontou para a primeira delas, que digitava no quadro de metal das paredes.

— Thela é a general do nosso exército. Mas se um dia estiver em dúvida entre contratar uma multidão e chamar só ela, chame-a.

A elfa abriu um sorriso.

— Mas só se for para combater um bom inimigo. Não perco meu tempo com os fracotes.

Celen me fez um sinal positivo e depois apontou para Laiza. Ela estava aplicando uma porção de líquidos em Kyer.

— Laiza é a melhor alquimista que se tem notícia em muitas centenas de anos. Deve ajudar os dois melhor do que eu.

— Isso não é bem verdade mestre — disse a mulher de jaleco. — O senhor só não tem mais paciência para pequenos cortes.

— Continue repetindo isso Laiza — disse entre risos. — A todos que perguntarem.

Um bipe apitou nas placas que Thela mexia. Celen começou a dar ordens.

— Reforce todas as proteções em volta dos portais e das extremidades da cidade. Depois, comece os preparativos para nossa viagem à festa das flores na semana que vem, precisamos ter certeza que nada sairá do controle.

A elfa assustadora parou o que estava fazendo.

— Ainda iremos à festa das flores? Mesmo com a chegada dos nossos, visitantes?

Deu ênfase à última palavra. Comecei a achar que ela não gostava muito de mim.

— Você sabe que o conselho e todo habitante irá querer conhecê-la. Ela já não tem muito tempo e o risco de sair dessas dependências é gigantesco.

Thela falou ao me olhar de cima a baixo. Celen endureceu o tom de voz.

— O Conselho já sabe sobre isso. Já discutimos a necessidade de que a Elemental e o Guardião visitem a grande floresta. Você sabe a importância dessa

feita. E, sobre os riscos, confio que você tomará todas as medidas necessárias.

Ela diminuiu o tom.

— Claro senhor. Não quis questionar suas ordens. Só estou preocupada que nossos guerreiros não estejam prontos para tal desafio.

— Tenha um pouco mais de fé Thela! Tudo correrá como determinado. Prepare os planos de segurança e os traga para que eu possa ver.

Evan que estava deitado de olhos fechados, entrou na conversa.

— Eu quero ver esses planos, digo, quero ajudar já que é minha a responsabilidade pela segurança da Elemental.

Os olhos coloridos da Elfa se estreitaram. Se tinha um lugar onde eu não desejava estar, era no meio de uma briga desses dois.

— Eu não costumo receber sugestões de crianças nos meus planos de segurança.

Evan respondeu, áspero.

— Também não costumo ter que proteger uma garota com asas nas costas e quase nenhum senso de perigo — retrucou. — Vamos todos ter que nos acostumar.

Celen bateu as mãos, interrompendo o clima estranho.

— É bom ver novos e velhos amigos se entendendo — disse ele. — Quanto tiver os planos prontos marcarei uma reunião para que possamos, os três, decidir as melhores estratégias de segurança.

— Sim, senhor.

Bateu a o punho no peito.

— Posso me retirar?

Celen respondeu, ainda com o ar sério.

— Sim. No caminho avise a cozinha que nossos convidados chegaram, que são três e que logo serão levados a seus quartos.

Ela concordou com a cabeça e saiu pela porta sem olhar para nenhum de nós. A esse ponto, a outra garota já havia aplicado vários unguentos fumegantes na ferida de Evan.

O lugar voltou ao silêncio incômodo. Não era total só porque Celen ficava batendo sua calda em um ritmo que eu podia jurar ser uma música dos Beatles. Era a banda favorita da minha avó. Pensar nela me deixou com o coração ainda mais apertado.

A Elfa terminou os curativos. Os dois estavam de olhos fechados, cochilando.

— Agora só precisam de um bom banho e repouso. Nada além de cama pelo menos até a hora do café. Amanhã volto para conferir o estado de vocês.

— Obrigado. — Esboçaram os dois ao mesmo tempo.

Ela virou-se para mim.

— Agora você Elemental, precisa de alguns repositores de energia e seus metais deveram fazer o resto. Eu irei com você até seu quarto e prepararei o banho.

— Eu não vou poder tomar banho sozinha mais?

Ela riu.

— Vou te esperar do lado de fora. Quando estiver pronta te colocarei em um sono profundo para que possa se recuperar sem sonhos.

— Ah, obrigada!

Só por isso, ela já merecia um prêmio.

— Posso só pedir um favor?

— Claro! Em que posso te ser útil Elemental?

— Parando de me chamar dessa maneira.

Estendi a mão.

— Meu nome é Alys.

Ela segurou forte e me puxou em um abraço apertado.

— Alys! Seja bem-vinda!

Esperei que ela recolhesse todos os frascos dos sofás. Ky mantinha os olhos fechados, mas vi grossas lágrimas escorrem pelos cantos. Eu ainda não tinha perdoado ele, mas o abracei. Ele não retribuiu meu gesto. Eu gostaria de ter dito que tudo ficaria bem, mas não tinha certeza se poderia cumprir essa promessa.

— Alys, você não tinha que tomar banho? — disse Evan. — Se não for pelas energias, pode ser por que está fedendo a gambá.

— Como é que é?

Falei pronta para jogar alguma coisa nele.

— Pelo Construtor! Eu estou tentando me recuperar, mas assim não dá — ele completou.

Eu já não tinha um pinga de paciência.

— Celen, como eu faço pra desligar esse maldito sensor do Evan?

— Não tem como desligar — o dragão respondeu.

— Agora vai ser sempre assim? Nem sofrer em paz eu posso?

— Quanto drama!! — disse Evan. — Eu não preciso te medir o tempo todo garota. Os metais só estão avisando que você está ficando sem energia. Logo vai sucumbir como fez no antiquário. A diferença é que não temos mais três dias para esperar que você se recupere.

Celen balançou os dedos e uma série de faíscas douradas dançaram em volta de mim.

— A situação está mesmo grave — ele disse. — É hora de cuidar de você, porque os treinamentos começarão amanhã cedo.

Eu nem tinha começado a fazer perguntas. No meio das quase mortes e com tantas informações.

— Mas Celen, eu preciso saber.... meu pai, eles estão com ele. Preciso da sua ajuda.

— Eu sei. Mas não há nada que possamos fazer nesse momento. Fique tranquila, eles não vão machucá-lo.

— Como não?

— Amanhã conversamos. Vá logo se cuidar. O treinamento começa às cinco.

— Da manhã?

Ele concordou com a cabeça. Droga, eu era péssima em acordar cedo.

CAPÍTULO 22

AS SETE LINHAGENS

Fora da sala de Celen, me deparei com corredores e mais corredores de madeira clara escovada em contraste com metais de todo tipo.

— Laiza, nós estamos dentro de uma árvore?

— Sim. Os prédios do conselho são todos dentro de árvores como essa.

Passamos por uma janela. Vi distante um dos outros prédios. Descemos mais um lance de escadas. Minhas perguntas não se acabariam tão cedo.

— Há quantos andares?

— Quarenta e cinco.

Abri a boca, abismada.

— O cômodos passam dos quinhentos, mas só são possíveis por intervenção mágica. A árvore, no entanto, é desse tamanho mesmo.

Passei a mão em uma das paredes.

— Isso não causa nenhum dano a ela?

Laiza abriu um sorriso.

— Não! Toda essa magia e metais faz com que ela continue viva, mesmo depois de milênios. Além disso existe uma porção de regras do que não se pode fazer aqui, para não prejudicá-las.

— Mais uma coisa que preciso aprender, não é?

— Sim!

Chegamos a um corredor longo, onde as portas tinham símbolos numerados. No último quarto ela parou. Depois, juntou os dedos como se segurasse um ovo e colocou as unhas dentro de uma pequena placa ao lado da maçaneta. O metal alaranjado mexeu-se, ouvi um pequeno clique e a porta se abriu.

Era um quarto muito bonito com grandes janelas que davam uma visão privilegiada da cidade. Estava mobiliado com uma cama, uma mesa de canto e uma luminária cheia de botões. Aliás, a primeira coisa que percebi era como havia Syfar espalhado por toda parte. O metal que vi no corpo de Evan estava dos pequenos aos grandes detalhes.

— Tem certeza que esse é meu quarto? Tem Syfar para todo lado. Esse metal é negócio do Evan.

— Claro que tenho! Conheço cada canto desse prédio, Alys.

Falou, orgulhosa.

— Seu quarto deve ser cheio de Syfar, por causa do seu treinamento com o guardião. É para que seu corpo se habitue aos metais dele. Além disso, o quarto dele é cheio de Lifran e fica bem de frente com o seu.

Nem disfarcei meu incômodo.

— Não dava para colocá-lo em outro lugar? Pelo que entendi, a partir de agora vou ter que conviver com ele o tempo todo. Ainda tenho que ser vizinha de quarto?

Ela colocou uma mecha do próprio cabelo atrás da orelha pontuda. Depois colocou as mãos na cintura.

— Deixe de ser rabugenta Alys! Ninguém pode entrar se você não quiser. Independente disso, acho que você deveria se lembrar que quem mentiu para você foi seu pai, nem o Guardião nem mesmo seu amigo merecem pagar o pato por isso.

Fiquei envergonhada.

— Eu sei, você tem razão! Você sabe onde o Ky vai ficar?

Ela apertou a pulseira de metal que tinha no pulso. A plaquinha foi se desdobrando até se transformar em um Dim, algo como um computador de mão.

— Deixa eu ver.

Apertou alguns botões, alheia à minha cara de espanto.

— Descendo quatro andares, a leste.

Apontando para uma placa metálica que estava colocada sobre minha cama.

— Mande para o seu aparelho o mapa caso queira encontrar com ele. Mas, por favor, não faça isso hoje, pela sua saúde e pela dele, ok?

— Tudo bem! — respondi. — Por que o quarto dele não é nesse andar?

— Porque o Lifran e o Syfar fazem mal para ele. Acabam o deixando doente — respondeu ela.

— Nos andares de baixo não têm desses metais?

— Tudo aqui tem deles, Alys. O correto seria que ele tivesse sido enviado para casa. Celen acredita que existe um motivo pelo qual ele conseguiu passar pelo tempo e pelo portal dos sete. Só por isso ele ainda está aqui.

— Mas não é perigoso?

— É lógico, mas o mestre pretende treiná-lo para evitar maiores danos.

A elfa abriu uma porta lateral. Era um banheiro, com uma larga banheira feita de metal verde. Havia também uma pia com um grande espelho de cristal e um box de vidro com chuveiro. Ela apertou uma série de botões na placa e torneiras surgiram da parede.

Com mais alguns comandos elas jorraram água morna enchendo em segundos a tina, e espalhando um cheiro agradável de ervas. Depois disso, ela retirou uma

pequena pedra da bolsa e começou a recitar um cântico até que o líquido assumisse uma coloração metálica forte e uma textura grossa.

— Pronto! — disse ela. — Você deve ficar imersa até que o líquido pareça água de novo.

Apontou para uma runa gravada em metal, em outra parte do banheiro.

— Ali estão toalhas e um pijama confortável, é só você colocar a palma da mão sobre o símbolo. Eu vou ficar sentada no quarto monitorando a sua recuperação de energia, mas demore o tempo que for necessário.

Estar submersa naquele líquido era bem diferente do que a aparência sugeria. Era confortável e quente e os metais caminhavam sobre a minha pele. Era como massagem. Relaxei. Uma música doce começou a tocar.

A melodia lembrava do frescor dos campos de grama molhada que eu, meu pai e Kyer costumávamos visitar. Pensar nisso fez com que um grande turbilhão de sentimentos me atingisse em cheio.

As minhas memórias já não eram as mesmas. Agora, as recordações estavam cheias de detalhes que, na minha ignorância, não percebi serem sinais. As lágrimas brotaram. Não as percebi até que se tornaram soluços desesperados.

Laiza entrou abruptamente no banheiro. Ela entendeu de pronto que minha aflição não estava ligada a nenhum ferimento, pelo menos com nenhum que a sua magia pudesse tratar. Ela sentou-se à beira da tina e eu deitei a cabeça em seu colo.

Em um movimento leve com as mãos, fez com que a música parasse. Começou ela mesma a cantar enquanto acariciava meus cabelos. Quando os soluços cessaram, a elfa pegou um pedaço de argila da sua bolsa e recitou algumas palavras. O barro se transformou em uma convidativa caneca.

Vi quando um fiapo de fumaça surgiu da borda do objeto. Ela me entregou.

— Café? — questionei. — Achei que seria alguma poção do esquecimento.

— Claro que é café. Mesmo que você não tenha conhecimento mágico, deveria saber que nenhuma poção é capaz de curar os males da alma.

O cheiro estava ótimo.

— Embora, reconheço, café faz um serviço muito bom a esse respeito — Laiza completou.

— Isso não era o tipo de coisa que imaginei encontrar aqui — comentei com sinceridade.

Ela riu.

— Não é como se tivesse café para todo lado. Esse é do meu antiquário pessoal. O café altera a aplicação de feitiços no organismo humano, nem todo mundo sabe fazer as devidas alterações. Além do mais, eu não sei como é possível viver sem café.

Respondi com a voz abafada. Já estava com a boca cheia.

— NhemhEu!

— Você está melhor?

Engoli a última gota.

— Me desculpe por isso. Não deve ser muito reconfortante que a Elemental caia no choro.

Ela deu de ombros.

— Para mim é reconfortante. Isso só mostra que você é normal. Se fosse do contrário é que eu ia começar a me preocupar. Ninguém passa por tudo que você passou hoje sem surtar. Pelo menos ninguém confiável.

A água estava começando a ficar cristalina quando ela me deixou só.

— O procedimento está quase no fim. Enquanto você se troca vou pedir que tragam seu jantar porque aposto que deve estar faminta.

— Eu estou! Você vai jantar comigo?

— Se você quiser.

Alguns minutos mais tarde, eu estava parada diante do armário que tinha surgido na parede em resposta ao meu toque. A água que pingava do meu corpo era absorvida pelo chão. Ouvi um clique e me apressei. Era o jantar e meu estômago já começava a arder de fome.

De volta ao quarto, Laiza tinha conjurado uma mesinha redonda perto da janela. Um carrinho de prateleiras abrigava uma enorme quantidade de comida.

— Que multidão você pretende alimentar?

— Essa mesmo!

Apontou para mim.

— Não sabíamos o que você gostava de comer então pedi um pouco de tudo.

Tinham tantas cores e aromas que mesmo minha desconfiança com comidas exóticas ficou para trás. A elfa passou boa parte do jantar rindo da ferocidade com que eu comia. Foi só quando eu estava repetindo pela terceira vez um delicioso pudim é que voltamos a conversar.

— Laiza, me fale sobre Nafh'ta, você nasceu aqui?

Percebi que tinha escolhido uma péssima pergunta para começar. Ela tentou disfarçar o incômodo.

— Não. Eu nasci no reino dos Elfos da terra, mas moro aqui tem muitos anos. Em Nafh'ta nossos poderes são mais fortes e a cidade é bem segura. E aqui seres não humanos não precisam se esconder.

— Porque minha avó não mora aqui também?

— Ela é a protetora das linhas mágicas, além de ter um monte de posições políticas importantes. Concentrar o centro de proteção em Nafh'ta é um pouco arriscado, por si só a cidade já atrai muita coisa. Por isso, cada sacerdotisa monta sua base no lugar que preferir — a elfa respondeu.

Ela pegou um doce que estava no carrinho. Resolvi experimentar também.

— Existem mais sacerdotisas como ela?

A elfa balançou a cabeça.

— Não. É uma tarefa que estive na sua família desde quando se pode lembrar. Há inclusive quem diga que a primeira de vocês que se tornou sacerdotisa foi escolhida pelo próprio Construtor, por isso, geração após geração foi se dedicando a essa tarefa.

— Então, um dia eu também me tornarei uma?

— Não. — Foi enfática. — Como Elemental você tem dezenas de outras responsabilidades e uma sacerdotisa se dedica por inteiro à causa. Sua mãe iria se tornar a próxima...

Ela se interrompeu assim que percebeu o que ia dizer.

— Enfim, sua avó é uma Elilmo muito forte. Acredito que ainda a veremos muito nessa função. Até lá, não se preocupe com isso.

Não era a primeira vez que eu ouvia esse nome.

— Laiza, o que é Elilmo? Celen me chamou assim também.

A elfa fez cara de espanto.

— Alys, qual seu nome completo?

— Alys Silva.

Ela soltou uma sonora gargalhada. Eu achei ofensivo.

— Porque você está rindo?

— Porque esse não é o seu nome.

Era só o que me faltava hoje. Depois de descobrir que eu não era quem pensava ser, eu também não me chamava como ouvi por toda a vida.

— Como assim não é meu nome?

Ela enfiou outra colherada de doce na boca, antes de continuar.

— Celen te contou sobre a lenda não foi?

— Sim! — respondi.

— Você se lembra dos doze que estava perto do Construtor?

— Mais ou menos.

— Então, aqueles eram os doze conselheiros. Sete deles eram humanos e deles descendem as sete linhagens humanas de magos — ela explicou.

Tentei memorizar as informações.

— Certo. Doze conselheiros. Sete humanos magos.

— Esses homens e mulheres ajudaram o Construtor a conter a fenda que sugava nossos poderes e, depois que ele se foi, governaram nosso povo por um bom tempo. Quando eles começaram a morrer, outros de sua linhagem passaram a substituí-los.

Passou uma ideia surpreendente pela minha cabeça.

— A minha avó conheceu o Construtor?

Ela quase engasgou.

— Claro que não né, Alys. Eu disse milênios! Ninguém vive por tanto tempo. Minha avó tinha séculos, aquilo não era normal.

— Todos os seres humanos vêm dessas linhagens, mesmo os que não sabem, e o conselho ainda existe. Parte dele é que governa o mundo que você conhece — disse a Elfa.

Eu me perdi.

— Espera, como assim governa o mundo?

— Você nunca achou estranho que com o aparecimento dos metais e todo o lucro que eles poderiam gerar, ainda assim, os cinco governantes preferiram cooperar em paz?

Por incrível que pareça, isso foi o que menos me chocou naquela noite. É claro que tinha algo estranho entre os governos. Ela continuava me dando informações, enquanto devorava as sobremesas.

— Tudo que foi feito, a nova divisão dos continentes, os acordos de paz...

— Então, os governantes são... — interrompi.

— Membros do conselho. Todos eles — ela completou.

Pensei um momento sobre aquilo.

— Como eles são escolhidos?

— Quando uma posição fica vaga, toda a sua linhagem é convocada para votar. Os três nomes mais votados são apresentados ao conselho que, também por eleição, escolhe o novo integrante. Depois disso ele vai passar a responder por todo aquele clã — ela explicou.

— Mas, o que garante que ele será votado pelas pessoas comuns?

Ela levantou a sobrancelha. Eu compreendi.

— Oh!!

No final das contas, as únicas eleições que eram verdadeiras, eram as mágicas. Isso sim me chocou.

— Elilmo é uma dessas linhagens então? A linhagem dos meus pais!?

Ela pegou outro pote de doce. Já era o quarto ou quinto. Encheu a boca e tentou falar.

— NhaMãe.

— Hã? Laiza, come depois. Eu quero saber das coisas. É a primeira vez em dias que alguém está me respondendo alguma coisa.

Ela riu.

— Sua mãe, assim como sua avó, é uma Elilmo. Os sobrenomes são dados conforme a família da mãe, Alys. A menos que você seja humana e sua mãe não. Nesse caso você receberia o nome de seu pai, sempre na linhagem dos sete.

— Por quê? — questionei.

— Essa na verdade é uma regra idiota, tem anos que Celen tenta fazer com que o conselho a revogue. Mulheres não podem mudar seu sobrenome de nascimento, foi uma maneira que os primeiros conselheiros encontraram de evitar o casamento entre as linhagens.

— Eu já disse que é muita informação?

Ela fez sinal de positivo. A boca estava cheia de doce de novo. Esperei que terminasse o pote. Laiza se recostou na cadeira, respirou fundo e continuou.

— Entenda. O nome é algo muito poderoso. Ele determina como seus poderes irão reagir. Por isso, para evitar que alguma das linhagens se perdesse, decidiram criar essa imposição.

— Os homens podem mudar?

— Sim. Pelo casamento ou por um juramento de sangue. Pelo primeiro é obrigatório, um casal não pode ser de linhagens diferentes. Por isso seu pai se tornou um Elilmo não natural. O segundo é facultativo, mas não é muito comum de acontecer, sempre tem algum risco de algo dar errado.

Aquilo me deu arrepios. Minha curiosidade me fazia disparar perguntas como se fosse uma arma engatilhada.

— Meu pai era o que antes?

— Seu pai é um Nisoraem por nascimento. A mãe dele era humana, mas seu avô era um Igrot e seu pai deu muita sorte de não ter nascido com a cara verde dele.

Meu pai era metade não humano. As surpresas não paravam de acontecer.

— Um Igrot? Como os que vi nos perseguindo na ilha?

— Exato! Pode não parecer, mas são seres muito poderosos. A questão é que o tipo de magia deles é bruta demais. Precisa ser lapidada. O que sobra de magia, lhes falta de paciência para isso.

Me lembrei sobre a história do Construtor. De como os seres humanos foram mandados para a superfície sem poderes. Isso explicava como meu pai conseguiu nos manter protegidos todos esses anos.

— É por isso que meu pai tem poderes?

— Sim. Seu pai foi um prodígio! Com uma linhagem complexa, ele se dispôs a apreender como tornar a magia dos Igrots tão viável como qualquer outra. Muitas crianças e até adultos devem isso a ele, já que hoje podem se desenvolver magicamente a partir do método que ele desenvolveu.

— Eu jamais imaginaria isso — falei, com sinceridade.

— Você deve ir compreendendo as coisas aos poucos, na medida do possível, é claro. Agora, já é hora de te colocar para dormir. Seu treinamento começa amanhã bem cedo.

Meu aparelho celular fez um barulho de dentro da bolsa, era um aviso de que as aulas de literatura começavam daqui uma semana. Aulas, e eu achando que elas seriam meu maior problema esse ano.

— Laiza, uma última pergunta. Como pode meu celular ainda ter rede aqui?

— Essa deve ser sua primeira aula com o Celen amanhã. Como a tecnologia feita pelos metais pode complementar o poder mágico. É meio bizarro quando você não nasceu familiarizado com a ideia, mas vai se acostumar.

A elfa esperou que eu me deitasse. Depois aplicou uma pasta rosa na minha testa. Meu cansaço era tanto, que não seria necessária nenhuma poção para que eu dormisse. Mas a última coisa que eu queria era sonhar com os olhos amarelados.

CAPÍTULO 23

DEFESAS FÍSICO-MÁGICAS

Acordei muitas horas depois com um raio de sol passando pela janela. A sensação macia dos cobertores somada ao frescor da manhã me deixava sem muita vontade de levantar. E, não fosse o cheiro delicioso de pão recém assado, eu não teria mesmo saído da cama.

A mesinha estava repleta de coisas deliciosas, um café fumegante e um bilhete delicado de Laiza me desejando boa sorte no treinamento. Enquanto devorava deliciosas rosquinhas de laranja comecei a me familiarizar ao meu novo dispositivo. O Dim era um tablet superdesenvolvido que me dava acesso a todo tipo de informação.

A primeira coisa que encontrei foram vários mapas da cidade. O programa fazia com que a tela projetasse a imagem dos lugares em quinta dimensão. Estava observando o prédio em que estava quando recebi uma mensagem de Celen.

“Alys, o treinamento era às seis horas. Já passa de oito! Estou te esperando no terraço, venha imediatamente.”

Eu tinha esquecido do horário. Enfiei o resto da rosquinha na boca, peguei minha bolsa com os livros de Lifran e saí apressada, seguindo o mapa.

Praguejei todas as gerações de inventores de Nafh'ta. Porque um lugar como aquele não tinha um elevador? Depois de subir mais de dez lances de escada, eu tinha desaprendido a respirar. Coloquei as mãos nos joelhos e puxei longas arfadas de ar.

— Por....quê?..... Elevador? — falei com dificuldade.

Evan mantinha-se sentado em um canto, recostado em um grande galho.

— Você se lembra que tem asas, não é?

Eu não me lembrava, nunca. Ignorei o comentário. O lugar era um extenso e bem cuidado jardim. Acima de nós, só se via a copa da árvore em que o prédio era feito, cheia de animaizinhos empoleirados e ninhos feitos com pedaços de metal. A vista da cidade era impressionante.

— Até que enfim você acordou, Alys — falou Celen. — Hoje será perdoada.

O dragão apontou para Evan.

— Mas amanhã, se atrasar, quem vai te acordar é ele.

Não era uma boa ideia.

— Desculpe Celen, perdi a noção do tempo.

— A primeira lua é daqui a duas semanas e isso é um tempo ínfimo perto do que você precisa apreender. Nossa esperança é que o conhecimento de Evan seja suficiente.

Não gostei da ideia de depender do guardião.

— O que você vai me ensinar então?...

Acrescentei.

— Mestre.

Ele ignorou meu tom malcriado.

— Vou te ensinar o básico necessário para que você compreenda seus poderes e possa decifrar a profecia.

Celen conjurou um quadro eletrônico e conforme falava, horários e informações surgiam escritas.

— Todas as manhãs você fará o treino físico com o guardião. Depois terá duas horas de táticas de defesa físico-mágicas. Às dez falaremos sobre a profecia ou sobre alquimia básica.

Ele tomou fôlego enquanto as palavras se formavam no quadro e continuou.

— De tarde terá aula de feitiços e sairá para conhecer a cidade. Assim vai se habituar aos metais e às pessoas.

E eu achando que tinha me livrado da escola. Ele ainda não tinha nem terminado.

— Ah, e às nove teremos aulas de astronomia. Depois você pode dormir.

Quando finalizou, o cronograma brilhou na lousa eletrônica. Tive que ser um pouco sarcástica.

— Você acha que vai ser o suficiente? Que pelo menos eu vou sobreviver?

— Ao treinamento ou ao dia da lua?

Evan riu. Eu cruzei os braços.

— Aos dois.

— Espero que sim! Essa não é a melhor forma de treinar, mas não temos opção. Não dá para te tornar ofensiva em tão pouco tempo, então vamos te ensinar a se defender. Depois da primeira lua, faremos de outra forma.

Se eu sobrevivesse, reiterarei na minha cabeça. Lembrei-me do meu amigo.

— E o Ky?

— Assim que ele estiver fisicamente bem se juntará a vocês em alguns temas. Como ele passou pelo portal, resolvi completar o treinamento que seu pai começou.

— Por que, se ele nem pode ser o guardião?

O dragão se limitou a dizer:

— Não quero ser negligente.

Ele conjurou uma poltrona e fez sinal para que eu me sentasse.

— Preciso que você mantenha o foco no treinamento, ou não temos esperanças nem de liberar a magia, nem de salvar seu pai.

Eram duas semanas! Pensei que iríamos atrás do meu pai antes.

— Nós vamos esperar mais duas semanas para resgatar ele?

— Como te disse ontem, seu pai não corre perigo, não no momento. Eles acreditam que podem usá-lo como moeda de troca com você. Quando nos aprofundarmos na profecia você compreenderá porque acredito nisso.

Eu coloquei as mãos na cintura.

— Você espera que eu fique sentada esperando uma lua enquanto meu pai está nas mãos daqueles sacos de ossos?

Ele respirou fundo.

— O que eu espero é que você compreenda que sem treinamento não poderá salvar seu pai deles.

A pergunta mais importante desde que toda aquela loucura começou, só me ocorreu nesse momento.

— E quem são “eles”?

— São um grupo de humanos, ou que eram humanos pelo menos. Eles acreditam que a perda da magia foi um castigo do Construtor e não uma consequência.

Evan interrompeu.

— Eles querem te impedir de cumprir a profecia Alys. Querem o poder dos metais para si.

— Isso é possível?

— Esperamos que não — Celen respondeu. — Por isso vou treinar você, para que consiga manter os metais em segurança.

As perguntas já começavam a brotar na minha mente e o dragão, prevendo o perigo, se apressou a começar os ensinamentos.

— Agora, vamos começar com as defesas tecnomágicas.

— Defesas o quê?

Evan fungou. Que garoto impaciente! Eu não tinha culpa de não conhecer nada sobre esse mundo. O dragão foi mais complacente.

— Evoque o cajado — ordenou ele.

Juntei as mãos e recitei a palavra mágica. A arma se formou entre meus dedos.

— A primeira coisa que precisa saber é: A magia e a tecnologia se comunicam por causa dos metais. As partes físicas dele podem ser moldadas até certo ponto por meios comuns, mas é com a magia que as substâncias atingem seu maior potencial.

O dragão pegou o cajado da minha mão e recitou um feitiço que eu não conhecia. Toda extensão da arma ganhou um brilho alaranjado.

— Mesmo que os metais influenciem o ser humano, eles são só um meio. O poder parte de nós!

Kyer estava perdendo um espetáculo e pensar nele ainda doía. Celen continuou.

— Todo ser vivo tem magia, em menos ou mais quantidade.

Franzi as sobrancelhas.

— Até os animais comuns?

Evan mudou de posição.

— Você ainda não entendeu. Nada é “comum” no mundo. A diferença é que alguns foram despertados, outros não.

Aquilo me fez pensar em uma dezena de possibilidades perigosas.

— Espero que um Lontraco nunca desperte magia nenhuma — retruquei.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Lembra umas explosões que quase destruíram o monumento do Rio? Quando ainda se chamava assim?

— Tá brincando? — falei, surpresa.

— Não, deu um imenso trabalho conter aquele animal e esconder o que tinha acontecido — Evan explicou.

Celen me devolveu o cajado.

— Isso nos leva à próxima questão. Toda vez que você usa magia paga um preço pelo uso da sua energia vital. Mesmo com as melhorias dos metais, nós somos seres orgânicos então existe desgaste.

— Tem algum aparelho que mede isso? Como eu vou saber antes da energia se esgotar?

Evan colocou as mãos na cabeça e respirou fundo.

— Você vai treinar né, cabeçuda. Colocar em você um aparelho que mostre seu nível de energia dá uma vantagem ao seu inimigo.

Eu levantei as mãos, estava meio que de saco cheio da chatice dele.

—Ui, desculpa se eu não entendo como magia é, oh magnânimo guardião — retruquei.

— Não seja besta menina, eu estou tentando colocar alguma coisa nessa sua cabecinha de vento.

Funguei. A cor do cajado na minha mão se intensificou. Celen deu um peteleco no pé do guardião e outro na minha testa, ao mesmo tempo.

— Chega vocês! Já passaram da idade de brincar de gato e rato.

Abaixei a cabeça. Nós dois respondemos.

— Sim, senhor.

— Voltando ao assunto que importa, os artefatos mágicos e técnicos exigem treinamento para que atinjam melhores resultados, Alys. Por exemplo: seu cajado.

O dragão apontou para as marcas nas minhas mãos.

— Você irá aprender a lutar das duas maneiras com ele. Isso porque ele é artefato mágico e em parte é arma física.

— As funções que a humanidade encontrou para os metais são físicas ou mágicas?

— Essa é uma excelente pergunta! Na maioria são as duas coisas, é impossível usar os metais sem resquício nenhum de magia, mesmo que a maioria dos humanos não saiba disso. Quando ela começar a ser liberada sobre o planeta, todas as coisas criadas pelos metais apresentarão reações diferenciadas.

— Você tem certeza que não é melhor deixar como está? Consigo imaginar uma dezena de coisas que podem dar errado com isso.

Ele balançou a cabeça.

— Nós não temos essa opção, Alys! Anda, fique de pé.

Fiz como ele ordenou.

— Agora segure com as duas mãos o cajado, na direção horizontal, concentre-se e diga *katanomí*.

Exclamei conforme ele havia me ensinado.

— *Katanomí!*

O cajado se dividiu em duas partes. Eu tive um pequeno momento de desespero, pensando que tinha falado algo errado e quebrado o artefato milenar. Só não surtei porque o semblante de Celen era de aprovação.

— Veja, agora você tem duas armas! O cajado poderá ser moldado como você precisar, em catanas, espadas, arcos ou qualquer outra arma que conseguir pensar.

— Uau!! — exclamei.

— Hoje vamos fazer com que você troque a forma do cajado e treine com cada uma delas para descobrir em qual você apresenta mais facilidade. Quando chegarmos a uma conclusão, será nesta arma que focaremos seu treinamento nas próximas duas semanas. A única coisa que deve se lembrar é que o ápice do poder mágico só é atingido quando ele é cajado completo.

Apontei para Evan.

— E ele?

Foi o garoto que me respondeu.

— Eu já sei essa parte. Então, enquanto você treina, estou fazendo relatórios de energia para o Celen e tentando fazer com que meus metais se comuniquem com os seus.

Uniu as sobrancelhas e completou.

— O que parece impossível por sinal.

Ele virou-se para Celen.

— Nunca encontrei um metal tão temperamental como esse Lifran.

O dragão ordenou.

— Continue tentando. O Lifran é tão temperamental quanto o Syfar. Por isso você está encontrando dificuldade para lê-lo. O interessante é ver que, com vocês dois, os metais se tornam um pouco mais problemáticos.

Ignorei o que ele estava tentando insinuar.

— O que seria a comunicação entre os metais?

— É como Evan chama a ligação entre vocês. Teoricamente os metais são essa ligação e sem ela vocês não farão um bom trabalho no campo de batalha. Eu acredito que a resposta está em outro caminho, mas, como ele quer tentar.

Eu passei as duas horas seguintes transformando os pedaços do cajado em outras armas e fazendo golpes ridículos com elas. Depois que passamos por todos os tipos que Celen se lembrava, testei alguns que Evan insistiu que tentasse só para me envergonhar. Não encontrei outra explicação válida para que ele pensasse que eu lutaria com um ukulele.

Já eram quase onze horas quando eles chegaram à conclusão que eu tinha facilidade para a primeira forma que vi: O cajado dividido em duas toras ligadas entre elas como um Nuntchaco, ou sua variação com as pontas como machados.

— Então começaremos por esse tipo de armas Alys. Avisarei a Thela e ela virá começar seu treinamento na aula da tarde. Sente-se, vou preparar um chá e vamos começar a estudar a profecia.



Nos sentamos à sombra de um galho mais baixo da árvore. O dragão criou uma mesa a partir de um pedaço de madeira caído no chão e me serviu suco e biscoitos. Evan sentou-se ao meu lado e começou a atacar o lanche com tal ferocidade que comeria até o prato se fosse possível.

Reparei que, de tempos em tempos, ele tinha um impulso involuntário de tocar em algo sob a camisa, na altura do pescoço, mas, ao me ver observar, disfarçava.

— A profecia foi deixada para nós em pergaminhos — disse Celen. — Eles estão acoplados na nossa biblioteca e será lá nossa aula da tarde, no entanto, por agora, quero te explicar um pouco do que sabemos.

— Dufobem — respondi, de boca cheia.

— A lenda diz que a magia voltaria ao mundo e que isso aconteceria em etapas. Primeiro os metais apareceram e prepararam os nossos corpos. Agora, vem a liberação.

O dragão pegou uma rosquinha com aqueles dedos pontudos. A capacidade que ele tinha de segurar pequenos objetos e efetuar feitiços mesmo tendo garras,

sempre me deixava impressionada.

— Chamamos esses eventos de “Encontro das Luas”. Como você sabe, há alguns anos, cientistas descobriram um corpo celeste parecido com a nossa lua se aproximando da terra.

Concordei. Tinha sido muito divulgado e não havia risco para o planeta, era o que eles diziam pelo menos.

— Muito antes, nossos alquimistas já tinham nos avisado que os acontecimentos da profecia estavam perto de acontecer.

Enquanto ele falava a lousa eletrônica apagou os dados das minhas aulas e um desenho infantil do sistema solar começou a se formar. Eu tive vontade de rir.

— Sabemos que não será um corpo e sim três corpos celestes.

Cuspi os biscoitos e quase engasguei.

— Espera aí. Como assim? São três asteroides?

Evan se intrometeu.

— São três Luas. Por isso se chamam encontro das luas?!

Garoto idiota, pensei. O dragão continuou a explicar.

— Não sabemos muito bem como será, só que são três e que devem entrar em órbita. E claro, que isso depende de vocês.

— Eu pensei que me tornaria maga, não astronauta. Falando nisso, como se faz feitiços em um lugar sem gravidade?

Celen colocou a mão na testa e sussurrou.

— Roberto...

O tom zombeteiro de Evan só piorava.

— Você não vai para o espaço, Alys. Não!

Celen respirou fundo.

— Por causa da nossa falta de tempo, acho que devemos ficar no primeiro acontecimento. Muitos manuscritos são quase indecifráveis. Eu acredito que vocês dois poderão compreendê-los melhor do que qualquer um de nós.

Não consegui imaginar como.

— Por que você acredita nisso?

— A fé é interessante, Alys! Não exige qualquer prova física do que se acredita. Há alguma pergunta que gostariam de fazer?

Evan nos interrompeu.

— Vocês não têm a mínima ideia do que teremos que fazer no dia do encontro das luas?

— Não muita Evan — respondeu Celen. — É um pequeno mistério que começaremos a desvendar mais tarde. Pelo menos assim eu espero.

Eu ainda estava ligada à informação sobre os astros.

— Você disse que tem um astro como uma lua vindo em direção à terra. E se eu não fizer os feitiços certos, o que pode acontecer?

Celen respondeu como se falasse do resultado dos jogos da semana.

— Com sorte uma nova Era Glacial. Isso, claro, contando que seja suficiente o que os metais fizeram ao planeta.

— Sem pressão, claro — retruquei.

— Nunca te disse que seria uma tarefa fácil! Eu não vou te dizer que tudo vai correr bem. Não sou dono do seu futuro. Ninguém é. O que posso te prometer é que vou te treinar da melhor forma possível.

Eu dei um sorriso amarelo. Celen se apressou a continuar.

— Mas, acredito em vocês! Acredito que foram escolhidos por um motivo e que são capazes de cumprir seja qual for a missão.

— Já te disseram que você é crédulo demais?

— Diversas vezes. Mas eu sempre estive certo!

O dragão gastou mais um tempo me mostrando frascos e me falando sobre as propriedades mágicas das plantas. Depois me dispensou para uma folga. Não era grande coisa, mas me permitia fazer algo que eu estava esperando desde que acordei.

Enquanto eu descia as escadas, ao lado de Celen, vi a tatuagem em uma das suas escamas.

— Mestre, porque tem esse símbolo gravado em todo lugar?

— Porque a profecia foi selada com essa marca. Desde aquele momento, todo ser que jura lealdade à causa, apresenta a mesma tatuagem feita sobre a mão direita. É a marca de que estamos ligados ao que você representa.

— Evan não tem marca nenhuma.

O guardião descia do outro lado de Celen.

— Eu não fiz oficialmente meu juramento.

— Todos nós fazemos o juramento na festa das flores, Evan fará o dele semana que vem.

Me virei para o garoto.

— Então, você ainda não é o guardião?

Os olhos dele se acenderam como duas chamas azuis. Não tinham mais glóbulos, só chamas. Eu não pretendia ofendê-lo, tinha feito uma pergunta sem maldade. Ele não me entendeu.

— Quando eu deixei minha família há duas semanas fiz um juramento silencioso. Eu escolhi estar ao seu lado mesmo que isso me levasse à morte.

Ele fez uma pausa e respirou.

— Mesmo que minha mãe estivesse aos prantos me pedindo que ignorasse o chamado. Mesmo que a única coisa que eu tivesse visto eram seus olhos em um

sonho.

Ele se conteve.

— Então se a sua intenção é questionar a minha lealdade...

— Pelo Construtor, não! Me desculpe! Não foi essa a minha intenção — retruquei.

— Eu fiz uma escolha sem volta. Minha vida agora é te proteger.

Toquei seu braço. Seus olhos começaram a voltar à coloração original.

— Eu... eu não conheço esse mundo Evan. Foi só curiosidade! Me desculpe.

— Ok.

Foi só o que ele me disse. Os olhos voltaram à cor normal e ele passou por nós descendo as escadas.

— Eu pensei que ele fosse humano, como pode fazer aquilo com os olhos?

Celen riu.

— Você nunca se viu no espelho quando está nervosa, viu?

Balancei a cabeça.

— Seus olhos são piores que os dele. Dá a impressão que vai colocar fogo em tudo — o dragão explicou. — É por causa dos metais no corpo de vocês!

Me calei e desci por mais um tempo sem falar nada.

— O que está te incomodando?

Olhei de soslaio para o dragão.

— Não é só isso, é? Não se trata dos pais ou da função que ele ia assumir. Ele nem queria ser governante. Tem mais alguma coisa acontecendo, não tem Celen?

Ele fixou os olhos em um ponto qualquer e fez de uma pausa dramática.

— Nós, seres dotados de almas, somos interessantes Alys. Encontramos o que não estávamos procurando e perdemos o que tentávamos guardar. Nem as muralhas mais fortes resistem ao toque do vento, se feito no lugar certo.

A primeira constatação que fiz sobre meu mestre é: Tudo era interessante para ele. A segunda: Não o suficiente para que ele explicasse de forma clara. Eu estava começando a odiar as suas analogias.

CAPÍTULO 24

REATANDO LAÇOS

Parei diante do quarto de Kyer. Havia uma placa de metal semelhante à minha na parede ao lado da porta. Coloquei meus dedos na superfície gelatinosa da

mesma forma que Laiza tinha feito no dia anterior. Alguns segundos se passaram e uma voz mecânica começou a falar.

— Senhorita Alys. Elemental. Grande Maga da casa Elilmo. Devo permitir a entrada, Senhor?

A voz falava com o interior do quarto, não comigo. Passaram-se vários minutos e eu já estava pensando em ir embora quando a porta se abriu.

— Alys?

Eu não encontrei palavras suficientes que pudessem transmitir as dezenas de coisas que queria dizer a ele. Por isso me joguei em volta de seu pescoço e o abracei o mais apertado que consegui.

Kyer ficou sem ação.

— Alys, me perdoe! Eu sei que você está magoada comigo e não te tiro a razão. Eu não devia ter mentido todo esse tempo.

Me afastei um pouco e estreitei os olhos.

— Não, não deveria! Mas isso não quer dizer que eu fiz tudo certo também. Me desculpe.

Ele agora andava de um lado para o outro, gesticulando.

— Eu fui um idiota! Sabia que não seria o guardião, mesmo antes da sua transformação. Ainda assim coloquei sua vida em risco. Eu queria manter o juramento que fiz para seu pai.

Interrompi.

— Meu pai!

Coloquei as mãos na cintura.

— Quando nós o resgatarmos, ele vai me ouvir, e muito! O que fez com você é inaceitável.

— Deixa isso para lá, Alys. Você não quer entrar?

Ainda estávamos na porta. O cômodo era semelhante ao meu quarto, a diferença estava na falta dos metais. Desfiz a cara amarrada.

— Você está melhor?

— Sim. Um pouco cansado, mas sem os metais estou me recuperando. Laiza me contou sobre seu treinamento.

— Ela esteve aqui?

Ele corou. Ou foi só impressão minha?

— Sim. Ela veio ver como eu reagia ao tratamento.

Ky mudou rapidamente de assunto.

— A comida está esfriando, vamos comer?

Apontou uma pequena mesa perto da janela que estava repleta de coisas deliciosas. Kyer estava feliz como em poucas vezes que me lembrava. Tudo que ele fazia, as expressões no seu rosto e até as piadinhas pareciam mais leves.

— Preciso te contar uma coisa. Hoje de manhã eu estava vendo as notícias das últimas semanas no Dim.

— Falaram algo sobre meu pai?

— Nada. Nem sobre você. Mas tinha algo sobre o Helix.

— Helix? Falaram da morte dele?

— Não! Porque ele não morreu.

Fiquei com o talher suspenso, a caminho da boca.

— Pelo que li, toda aquela barulheira chamou atenção da polícia. O socorreram quase sem vida. Achei que você ficaria mais aliviada de saber.

É claro que eu fiquei aliviada. Ainda me sentia culpada por tudo aquilo. Porém, outra coisa me ocorreu.

— Será que ele se lembra das minhas asas e das marcas?

— Não lembra de nada! — disse Ky.

Franzi a sobrelanceiras. Meu amigo explicou.

— Ele só sabe que a toca foi assaltada e alguns objetos sumiram. Me disse que bateram na cabeça dele por isso ele não se lembra.

Soltei o garfo, assustada.

— Como assim ele te disse?

— Eu liguei para ele.

Eu quis tacar algo na cabeça dele.

— Você ficou maluco?

— Se acalma, Lis.

— Você disse onde estamos? Podem estar vigiando ele!

Kyer não deu a mínima para os meus argumentos.

— Tudo que passa dos limites da cidade não pode ser grampeado. E você acha que sou tão idiota assim? Claro que não falei né?! Eu disse que estava no quarto continente visitando uns parentes quando vi a notícia e liguei para ver como ele estava.

Eu não estava convencida sobre aquilo. Quando Ky começou a beliscar as sobremesas, resolvi disparar minha maquininha de perguntas.

— Ky, aquilo que Evan disse ontem é verdade? Você pretendia se casar comigo?

Eu nunca fui uma pessoa muito sutil. Isso costumava me arranjar problemas na escola. Se Kyer tinha algum sentimento por mim que não fosse amizade, precisávamos lidar com isso antes que eu causasse mais alguma dor a ele.

— Sim, eu pretendia.

Eu temia aquela resposta. Ele se apressou a completar.

— Mas, não me leve a mal, eu só faria isso para te manter segura. Era só para me tornar o seu guardião.

Como assim, não me leve a mal? Era péssimo o que ele estava dizendo.

— Eu não estou entendendo...

— Seu pai me disse que você teria que se casar com o guardião. Eu não sei se porque preferia me ver com você ou se acreditava que ser um guardião envolvesse laços de amor romântico.

Pensei no que ele disse.

— Então você não me ama, mas ia casar comigo?

Ele ficou indignado.

— Mas é claro que eu te amo Alys! Se não fosse assim, eu não teria cogitado me casar com você sem te amar.

Nós dois caímos na gargalhada. Kyer tinha esse talento de falar coisas sem lógica que faziam todo o sentido para mim.

— Eu não sei se você sabe, mas casamentos incluem coisas...não só casamentos, é claro. Mas...

Fiquei envergonhada.

— Olha só quem está corando! — debochou de mim. — Eu sei muito bem o que um casamento inclui Alys. Você é muito bonita. Essa era para ser a parte fácil.

Ele sorriu. Eu fiquei chocada, nunca tinha visto Kyer ter esse tipo de reação. Não sobre mim, pelo menos.

— Você tem noção do que está falando?

— Tenho! Você me disse que não queria mais mentiras, então estou te dizendo a verdade. Eu tentava não pensar muito em quando chegasse a hora de ser mais que seu amigo. Seu pai ficava bravo, certa vez me perguntou sobre as minhas preferências.

E cada dia, eu descobria que meu pai podia ir mais longe.

— Ele não fez isso?!

— Fez! Ele se preocupa com você a ponto de ficar cego, Alys. E eu teria feito tudo que ele me pedisse se isso garantisse sua segurança.

Olhei para ele admirada. Eu precisava ser mais grata por ter a companhia de alguém como Ky.

— Como pretendia me convencer?

— Eu me tornei um bom ator, não sei se percebeu.

Olhei feio para ele.

— Mas isso acabou ontem. Não quero te ver sofrer pela minha omissão nunca mais. Mesmo que Laiza tenha me dito que você me perdoaria com o tempo, achei que nunca mais falaria comigo. Não é o tipo de sensação com a qual eu possa conviver.

A elfa de novo. Aquilo me deu ideias.

— Laiza te disse isso? — Levantei as sobrancelhas. — Parece que ela ficou um bom tempo conversando com você, não é?

— Ela é uma boa pessoa. Queria que eu me recuperasse mais rápido.

— Certo. Ela é mesmo ótima.

Fitei Ky por uns segundos com uma expressão muito característica minha: o deboche. Caímos na gargalhada. Nunca tinha visto Kyer com aquele brilho nos olhos e alguma coisa me dizia que não eram só os cuidados médicos que tinham feito isso a ele.

Muitas taças de sorvete depois, resolvi falar sobre algo que me incomodava.

— Ky, só pra constar, você tem certeza que não sou obrigada a me casar com o guardião?

— Pelo que conversei com Laiza? Não e não! — Risadas. — Nunca houve especificações sobre o Elemental e seu guardião. Vocês poderiam ser irmãos ou ter idades que impedissem qualquer tipo de relacionamento.

Não consegui conter um suspiro de alívio. Meu amigo percebeu.

— Você parece preocupada com isso.

Eu cruzei os braços sobre o peito.

— Você consegue me imaginar tenho alguma coisa com o Evan?

— Pelo jeito, você pensou muito sobre isso.

— Kyer, ele é insuportável e, se quer saber, parece me odiar.

Ele abriu um sorriso.

— Então porque você está preocupada assim?

— Não seja idiota! — retruquei.

— Esqueça isso, pelo que entendi vêm duas semanas difíceis para vocês, não é? Se ocupe com o treinamento.

— Para vocês nada! — corriji. — Para nós! Celen me disse que você será treinado por ele. Alguns temas, inclusive, verá comigo e com Evan.

Ele colocou a mão sobre a barriga e começou uma péssima imitação de alguém ferido.

— Aiii, acho que estou sentindo uma dor.

— Deixe de ser fingido Ky. — Dei risada. — Não vai conseguir enganar um dragão de monóculo.

A conversa se estendeu por mais uma hora. Nada tinha mudado entre nós e eu ficava a cada minuto mais feliz por isso. Quando meu tempo com ele estava acabando, ouvimos a voz mecânica ecoar dentro do ambiente.

— Evan Uriah, Guardiã do Elemental, Mago dos sete ventos. Devo permitir a entrada, senhor Kyer?

Nos entreolhamos com surpresa.

— Claro. Entrada permitida.

Evan entrou. Estava vestido com um uniforme de batalha que deixava à mostra suas marcas.

— Está na hora de irmos. Thela não é o tipo de professor que você deveria desagradar.

Ky arregalou os olhos e balançou a cabeça.

— Isso é verdade, ela me deu calafrios.

O guardião me entregou um pequeno embrulho e explicou.

— Eu trouxe o seu uniforme de batalha. Vai precisar de algo mais resistente que jeans.

Era uma roupa feita de uma mistura à prova de fogo e de baixas temperaturas. Também era quase impossível rasgá-lo. Isso não podia ser um bom sinal sobre o treinamento.

Entrei no banheiro do quarto, deixando os dois em um silêncio constrangedor. Quando voltei Evan não estava mais lá. Ky organizava seus pertences.

— Cadê ele?

— Recebeu uma mensagem dizendo que deveria ir ao escritório de Celen antes do treinamento. Falou que te encontra lá em cima. Também disse para você não provocar a fera, essa parte eu não entendi bem. Por que logo você faria isso?

Não sei o que era pior, o sarcasmo de Kyer ou os conselhos de Evan.

— Lys, fiquei pensando sobre o que disse mais cedo. Sobre o Evan te odiar. Eu acho que não é bem esse o caso.

Ele parou o que estava fazendo e me encarou. Eu cruzei os braços sobre o peito.

— Claro que ele não me odeia, só me trata como se eu fosse um chiclete grudado no tênis dele.

Ele não concordou comigo, em vez disso, mudou o foco do assunto.

— Você sabe aquele animalzinho Beritzo que achamos uma vez perto da sua casa?

— Sei. Mas o que tem ele com o Evan?

— Ele estava machucado e tentamos ajudar lembra? Só que toda vez que chegávamos perto da ferida, ele se fechava na carapaça de metal.

Vendo minha expressão vazia, de quem continuava sem entender, completou.

— Às vezes o problema do Evan é que a sua presença põe em risco a carapaça que ele criou.

— Eu não entendo como ou porquê eu estaria fazendo isso, mas vou pensar nessa sua teoria.



Quando já estava no corredor, caminhando para minha aula, ouvi Ky e a voz tecnológica conversando.

— D32?

— Sim, senhor!? — respondeu a máquina.

— Quanto tempo o guardião ficou do lado de fora antes de pedir permissão de entrada?

Me encostei na parede. Não queria que ele me visse bisbilhotando. D32 fez uma breve pausa, em seguida informou.

— Uma hora e dois minutos, senhor.

Silêncio.

— D32, você sabe se ele ouviu o que eu e Alys conversamos aqui dentro?

— Impossível informar com precisão, senhor. Os isolamentos acústico e mágico estavam desligados. Com um feitiço simples ele pode ter ouvido.

Enquanto eu subia o último lance de escadas em direção ao treinamento com a Elfa, torcia para que Evan não tivesse ouvido nossa conversa. Eu já tinha problemas demais e mal sabia que eles só estavam começando.

CAPÍTULO 25

THELA-TERAPIA

Chegar ao topo do prédio deveria ser considerado parte do treinamento físico. As minhas panturrilhas doíam depois de ter subido por mais de dez andares. Thela não pensava como eu.

— Em cima da hora, Elemental! Vejo que a genética te desfavoreceu com a falta de pontualidade do seu pai.

A elfa estava em pé no meio do terraço. Além do machado encaixado nas costas, tinha armas presas em bolsos. Estava ainda mais assustadora do que no primeiro dia em que nos vimos e seus olhos coloridos faiscavam em minha direção. Me lembrei do que Evan disse.

— Me desculpe pelo atraso.

Tentei amenizar a situação, mas não funcionou muito bem.

— Venha, não tenho o dia todo para te ensinar.

Me aproximei, cautelosa.

— Evoque o cajado e o transforme em duas armas — ordenou.

Obedeci. Agora tinha em mãos uma metade de madeira reforçada com metal e outra com a ponta de machado. A elfa conferiu o resultado.

— Treine a transformação. Amanhã quero te ver fazendo isso mais rápido. Nenhum inimigo vai esperar seis segundos para que você prepare suas armas. Isso só acontece nos filmes.

— Ok.

Ela me irritava e me amedrontava ao mesmo tempo. Mantive em mente o conselho de Evan. Falando nele, estava demorando. Não era seguro me deixar sozinha com a maior guerreira dos reinos mágicos. Até porque, ela não demonstrava gostar muito de mim.

— O que eu vou te ensinar são as técnicas de luta. Celen vai te ensinar como lançar feitiços e depois vamos juntar as duas coisas. Coloque-se em posição de defesa.

— Posição? — questionei.

Ela caminhou em minha direção pisando duro. Colocou meu pé direito à frente, com o joelho um pouco dobrado. Depois arrumou meus braços de forma que eu estava como um lutador de boxe, só que com bastões. Eu me sentia ridícula.

— Você precisa entender as táticas básicas de defesa. A primeira posição de defesa é essa porque mantém seu rosto e tórax protegidos. Não vou lidar com as suas costas, porque seu guardião deverá servir pra isso.

Enquanto ela falava, apontava na direção de suas descrições. A voz era como uma espada afiada passando pelos meus ouvidos.

— Vamos ver como seus reflexos funcionam?

Ela não esperou a minha resposta. Com uma palavra, fez com que um galho caído no chão se transformasse em arma e começou a me atacar. Desferia golpes sem qualquer padrão. Não se dava ao trabalho nem de me ensinar o que fazer.

Usava o bastão para agredir meus braços, barriga e pernas. Em contrapartida, eu tentava de forma desengonçada impedir os ferimentos, colocando o cajado na frente.

Foi um desastre. Cinco minutos depois eu estava de joelhos e ofegava. Meu corpo doía como se eu tivesse sido atropelada e eu não tinha muita certeza se não era esse o caso. Ela apontou o bastão a centímetros do meu nariz.

— Levante-se, eu nem comecei! Se você quer ter alguma chance contra seres mágicos milenares que treinaram toda a vida para te matar, é melhor parar de frescura.

Eu queria saber como matar seres mágicos milenares naquele momento. Me levantei e voltei à posição de defesa. Thela esboçou um sorriso maldoso e voltou a me bater. Quando ela conseguiu se aproximar de mim, grudou a mão nos meus cabelos e me jogou longe.

— Primeira lição: nunca lute com o cabelo livre para ser puxado. Faça um coque ou raspe a cabeça.

Não sabia que um puxão de cabelo doía tanto. Me levantei meio tonta e fiz um coque. Mal tive tempo de me recompor e ela já estava a meio metro de mim. Me socando sem dó.

— Você era o melhor exemplar que o Construtor podia nos fornecer?

Toda vez que eu errava, ela abria um sorriso e os olhos se tornavam mais intimidadores.

— Patético. Espero que aquele seu amigo quatro olhos e seu namoradinho guardião sejam melhores, ou você não vai durar cinco minutos.

A menção dos dois me fez arder em ódio. Avancei em direção à elfa. Toda aquela raiva não me fazia uma lutadora melhor, mas modificou os pedaços do cajado. Agora havia uma aura branca em volta delas. Thela parecia feliz com isso. Mal sinal.

— Vamos começar a brincar? — ela zombou.

Eu não respondi e continuei atacando. Ela se desviava dos toques diretos das minhas armas. Sempre que eu dava um passo adiante, tomava um novo golpe

certo. Não importava quantas vezes eu investisse contra ela, nada fazia efeito. Thela nem se cansava.

Em uma das tentativas, me desequilibrei. A guerreira me golpeou na boca do estômago e eu caí vendo estrelas. A elfa não se importou com o meu estado, jogou no chão os pedaços de madeira e pegou o machado antes preso em suas costas.

— Vamos garota. Pegue suas armas e se defenda. Se você morrer não será culpa minha. É pura incompetência sua.

Eu não conseguia pensar direito. O ar não tinha voltado por completo aos meus pulmões. Precisei de toda a força que tinha para levantar um dos pedaços e impedir o golpe de machado. O cajado vibrou. Ao pressentir o perigo, a força magnética que o circulava aumentou alguns centímetros.

Tentei me afastar, mas ela não deixava. Continuava a desferir golpes contra mim e a me xingar de palavras indecifráveis. Em um desses golpes quase perdi meus dedos, faltou milímetros para acertar minha mão.

O susto me deu alguns segundos de força. Tentei atacar suas pernas com a mão livre. Não consegui. Comecei a sentir as forças me deixando. A magia começava a cobrar seu preço.

Quando Thela levantou o machado pela última vez, eu realmente achei que ela iria me matar. E ela ia mesmo. Vi a lâmina descer em direção à minha mão. Eu fechei os olhos e esperei o impacto.

Mas, ele não veio. Um barulho ressoou e fez doer meus ouvidos. Quando abri os olhos Evan estava colocado à minha frente. Sua espada estava cruzada com o machado e o semblante de Thela era tão assustador que eu cogitei: era melhor morrer do que ter que lutar com ela nesse estado.

— A babá chegou — disse entredentes. — Para te salvar das confusões, Alys.

Evan empurrou a espada e Thela de desvencilhou dele. O garoto continuou em posição de ataque.

— A garota não precisa de uma babá você, no entanto, está precisando de uma. Me mandar uma mensagem falsa como se fosse Celen? Colocar uma elfa para tentar me manter ocupado? Tudo isso só para espancar a Elemental?

— Acho que devo arrumar uma elfa mais bonita da próxima vez, ou um elfo quem sabe?!

Evan não dava a mínima para as provocações de Thela, o que a irritava mais.

— Você chegou cedo demais. A festa ainda não era para você — ela completou.

— Eu não sei o que você pensa que está fazendo, mas levar a Elemental a esse nível de energia vai acabar a matando. Celen não deve saber de seus planos, acho pouco provável que concordaria com esse tipo de “treinamento”.

Evan pontuou as últimas palavras. Thela se fez de desentendida.

— Não temos muito tempo.

— E graças a você ela não poderá treinar o resto do dia.

Ele apontou a espada para a elfa.

— O que você tem na cabeça?

— Eu não preciso dar explicações a um garoto que nem saiu das fraldas ainda.

Thela cuspiu no chão.

— Treino ela como eu quiser!

Eu, sentada no chão, só conseguia pensar em como eles pareciam duas bombas prestes a explodir. E que, se isso acontecesse, o prejuízo seria todo meu. Evan cruzou os braços.

— Não comigo aqui. Se queria uma briga de verdade era só ter me chamado.

Essa era a hora que, se Ky estivesse aqui, teria soltado uma baita exclamação só pelo prazer de alimentar a briga. Evan virou as costas e se abaixou perto de mim.

— Você está bem?

Eu nunca teria dado as costas para Thela, nem mesmo se ela estivesse dormindo. Resolvi me ater a responder as perguntas.

— Estou viva. Já estou considerando isso um milagre bom o suficiente.

Os olhos flamejaram em chamas azuis. Fiz uma nova nota mental: nunca, sob nenhuma hipótese, comprar uma briga com o guardião. Ele começou a recitar feitiços de cura. Estava tão envergonhada de ter perdido a luta que evitei o contato visual. Thela ainda não tinha se dado por vencida.

— A Elemental sempre terá você para lutar por ela?

Ela balançava o machado nas mãos enquanto Evan fungava.

— Eu pensei que o seu papel era ajudá-la a ser mais forte e não ficar curando machucados — provocou.

Ele respirou fundo e assumiu um semblante diferente. Agora era como se ela nem existe, como se não desse a mínima importância para as coisas que a Elfa falava. Aquilo me assustou.

— Você quer lutar Elfa? Tudo bem! A Alys vai lutar com você, mas nos meus termos.

Thela abriu um sorriso satisfeito. Eu me desesperei.

— Você ficou maluco? Eu mal consigo ficar de pé.

Ele ignorou meus comentários e se virou para a Elfa.

— Eu farei o suporte tecnomágico. Se ela conseguir te ferir, uma vez que seja, você passará a usar o meu programa de treinamento.

Eu comecei a pensar em rotas de fuga. Precisava me afastar daqueles dois doidos! Meu pavor aumentou quanto Thela deu uma gargalhada.

— Você acha que pode manter uma ligação de energia com a Elemental? Impossível sem anos de treinamento.

Ele fixou os olhos nos meus e respondeu.

— Isso não é problema seu. Quer ou não?

Thela fez um breve silêncio.

— Eu aceito. Vamos ver o tamanho do estrago. Mas se ela não conseguir você não poderá interferir mais nas nossas lutas.

— Fechado!

Ela se afastou para a borda do terraço enquanto Evan intensificava os feitiços sobre os meus ferimentos.

— Preste atenção — ele me disse. — Você precisa se concentrar em mim. Olhe dentro dos meus olhos e confie em mim, nem que seja só desta vez.

Pensando nas minhas possibilidades: o guardião era minha única esperança, então eu tinha que arriscar. Me concentrei nas chamas dos seus olhos e ouvi uma voz dentro da minha cabeça.

— Muito bem, Alys!

Me assustei. Ele colocou o dedo sobre os próprios lábios e fez um “Shiuu”.

— Calma, não temos treinamento, não posso fazer isso o tempo todo. Durante a luta eu tentarei te dar informações, mas ela não pode saber ok?

Balancei a cabeça em concordância. Ele continuou a falar na minha mente.

— Ela protege mais a perna esquerda. Um ferimento de infância. Ninguém nunca conseguiu atacar aquela fraqueza e nem você vai conseguir.

— Animador. — Pensei.

— Eu posso te ouvir sabia? — ele retrucou. — Ouça até o fim, garota. Vamos fazer ela acreditar que vai ser atacada na perna ferida. Quando ela defender o alvo, você a ataca do outro lado. Você só precisa encostar nela e ganhamos.

Eu não tinha ideia de como fazer aquilo. Evan não me viu lutando ou não apostaria em mim. Ele me ajudou a ficar de pé e me entregou os pedaços do cajado. Depois sentou-se a meia distância e começou a recitar feitiços.

Senti as forças voltando ao meu corpo. Não eram minhas de verdade, mas caminhavam pela minha pele, me fazendo capaz de lutar. A elfa estava pronta, era impressionante o quanto ela era linda e brutal. O guardião começou a me dar instruções mentalmente.

— Vá atacando como estava fazendo antes. Quando eu te avisar você se prepara para atacar a perna dela. Mas lembre-se, não ataque ou ela vai fazer picadinho de você!

Era sempre bom contar com o incentivo dele.

Foram mais dois ou três minutos de golpes. Eu não apanhei tanto quanto antes. A presença do guardião me deixava mais forte para lutar e eu compreendi o

que Celen disse sobre nossos metais se comunicarem.

Quando comecei a ficar cansada, ouvi a voz de Evan me dizendo que era a hora. Ameacei atacá-la na perna machucada e ela reagiu. No mesmo instante, Evan lançou um feitiço na forma de um meopyx. O gatuno de Syfar se formou à minha frente e investiu contra o lado fraco da elfa a obrigando a se defender de forma apropriada.

— Agora Alys, ataque o lado direito — Evan ordenou.

Eu ataquei. Ela era muito rápida e desviou quase a tempo. A lâmina do meu meio cajado-machado fez um corte superficial em seu rosto e eu vi ódio escorrendo de seus olhos. Aquilo não podia fazer parte do plano do Evan. Eu ia morrer.

Thela virou para contra-atacar e me atingiu em cheio com o bastão de madeira.

Caí no chão já perdendo os sentidos. O animal de Syfar ficou de pé sobre as patas traseiras e avançou contra ela. A minha vista já estava escurecendo quando vi Celen se interpor entre eles e, com um grunido ensurdecador, apaguei.

CAPÍTULO 26

NYÊHA

Acordei em uma cama de Syfar improvisada no terraço. Laiza estava recitando uma dezena de feitiços de cura. Quando viu que eu abrira os olhos, fez sinal para que eu me mantivesse em silêncio. A alguma distância dali, ouvi uma discussão acalorada. Celen urrava.

— Por acaso vocês dois tem a noção do que fizeram aqui?

— Eu tenho. Mantive Alys viva enquanto essa Elfa tentava matá-la — Evan inquiriu.

— Não seja tão prepotente garoto. Se eu quisesse matar a Elemental, ela já estaria morta! — retrucou Thela. — Eu só tentei treiná-la, de acordo com a urgência que estamos vivendo.

Eu não via os dois, mas pelo tom de voz, se o dragão não estivesse aqui eles já estariam se matando.

— E a urgência incluía me mandar um recado falso em nome do Celen? — perguntou Evan. — Ou ainda colocar uma elfa para tentar me seduzir? Aliás, mestre, acho que deveria te informar que tem uma guerreira desacordada na sua biblioteca.

Eu tive que segurar o riso. Thela não viu a mesma graça.

— O que foi que você fez com a minha subtenente?

— Reverti o feitiço que ela tentava lançar em mim, deve dormir por uns dois dias.

A voz de Celen se tornou mais dura.

— Thela, explique-se.

Ela perdeu um pouco da pose.

— Ele não desgruda dela um minuto mestre. Hoje mais cedo passou o almoço inteiro de vigia na porta do quarto onde ela estava.

Bingo. A desconfiança do Ky tinha fundamento. Bisbilhoteiro. As palavras de Celen ecoavam pelo terraço.

— E isso justifica o que você fez?

— Eu precisava testar os conhecimentos e o poder da garota para desenvolver um bom plano de treinamento. Com o guardião por perto isso seria impossível.

Evan interferiu.

— Agora seu projeto não vai ser utilizado de qualquer forma. Ela conseguiu te ferir, você usará o meu programa.

— Eu me recuso — Thela retrucou.

— Pensei que a general de todos os exércitos mágicos teria mais apreço pela própria palavra.

Silêncio. Eu podia sentir que as palavras do guardião tinham atingido mais forte do que qualquer golpe. As mãos de Laiza chegaram a tremer.

— Tudo bem. Me mande o seu “treinamento” antes do anoitecer. Posso ir mestre?

Coitado de quem entrasse no caminho dela hoje. Aliás, coitado de quem entrasse qualquer dia.

— Sim. Mas quero vê-la às sete na minha sala. Nossa conversa não terminou — Celen respondeu. — Quanto a você Evan...

Ele interrompeu, novamente.

— Senhor, me desculpe. Eu fui irresponsável com a segurança da Elemental. Mas achei que ela tinha o direito de tentar se defender.

Não foi isso o que pareceu para mim! Ele continuou a se justificar.

— Ela foi criada tendo sua inteligência menosprezada, é um bom exercício que alguém lhe dê a oportunidade de lutar suas próprias batalhas.

Celen não se deixou levar pelas desculpas de Evan.

— Isso não é permitir que a Alys lute suas próprias batalhas, é quase uma tentativa de assassinato. Era para vocês estarem treinando ela e não a transformando em um saco de pancadas.

Silêncio de novo. Eu concordava com o dragão, porque claro, eu era o saco de pancadas. Evan reuniu coragem para falar.

— Senhor, nós conseguimos por breves momentos. Eu consegui me comunicar mentalmente com Alys.

— Se isso é verdade Evan, que bom, mas não precisava ser dessa maneira. Espero mais responsabilidade dos dois daqui para frente.

- Sim, senhor - responderam juntos.

— Agora vá Thela! Vamos pegar aquela mocinha que já acordou faz tempo e ir para Nyêha estudar a profecia.



Depois da surra que eu levei, chegar até a portaria foi uma proeza homérica. Cada degrau que eu descia fazia com que meu corpo latejasse. Mesmo que o guardião tivesse voltado à sua postura rígida revolvi tentar ser agradável, como forma de agradecimento pelo que ele tinha feito.

— Evan, como foi que você fez aparecer aquele animal de Syfar?

— Faz parte do dom natural da minha família. Nós conseguimos manipular os metais para que se transformem em seres animados.

— Isso não seria trapacear? Você entrou na luta.

— Tecnicamente? Não! Você não viu, mas, eu fiz o animal a partir de um holograma do meu Dim. Eu podia te dar suporte tecnomágico e foi o que fiz. O meopyx estava sendo alimentado pela sua energia, não pela minha.

Celen ia bem à frente, para impedir que sua calda nos atingisse. Ao seu lado, Laiza falava mostrando dados em um aparelho e fazendo aparecer hologramas de gráficos em 3D.

— Ele ficou bem chateado com você por causa da luta não foi? — perguntei.

— Poderia ter sido pior! Eu fiz o que precisava fazer para te ajudar a evoluir, irritado ou não, ele sabe disso. Mas já que estamos falando do treinamento com Thela, acho que você precisa começar a responder às pessoas.

— Como é que é?

— É isso mesmo! A única pessoa a quem você dá respostas é a mim.

Ele falava resignado, olhando para frente, enquanto eu o encarava incrédula. A paz entre nós não era para durar mesmo.

— Thela ficou um bom tempo te provocando não foi? Em vez de reverter isso ao seu favor, você entrou na pilha dela e isso te prejudicou. Já é hora de você mostrar às pessoas que elas precisam te respeitar.

Chegamos ao térreo antes que eu usasse o conselho nele mesmo. Kyer estava apoiado em uma pilastra nos esperando. Ele vestia uma túnica pergaminho que o deixava parecendo um antigo faraó. Trazia nas mãos o seu aparelho particular, e tirava fotos como um turista de férias. Celen nos reuniu à sua volta.

— Vou levá-los a nosso acervo oficial. Não é como ir pesquisar em Alexandria, mas temos os pergaminhos originais e acesso externo ao acervo de lá.

Kyer entrou em estado de choque.

— A ALEXANDRIA? Aquela Alexandria?

Celen mexia os dedos sobre a placa de metal.

— Já teve outros nomes e não foi queimada como muitos acreditam. Isso foi um boato espalhado por um antigo conselheiro a fim de esconder e manter seus exemplares em segurança. Vocês dois estiveram lá inclusive, hoje chamamos de antiquário Maspe.

Meu queixo caiu. Como assim o antiquário era uma biblioteca milenar? E eu fiquei dormindo por três dias em vez de ler tudo que estivesse ao meu alcance?

Celen caminhou até uma porta dourada e nos deu sinal para acompanhá-lo. Era impressionante como todas as coisas aqui tinham dimensões gigantescas a ponto de um dragão caminhar com tanta facilidade.

O cômodo era todo prateado com um conjunto de cadeiras coladas entre si. Me lembrou uma foto que Kyer me mostrou uma vez, das ruínas de um parque de diversões abandonado.

— Para entrar em Nyêha é preciso mudar essas vestes Alys.

Ele estralou os dedos e meu uniforme transformou-se em vestes como a de Ky. A sensação era horrível, como se eu tivesse ficado nua na frente de todos. Não era o caso, mas ainda me incomodava.

Meu único consolo era que Evan também tinha tido as vestes trocadas e trazia o mesmo desconforto estampado no rosto. Depois o dragão recitou algumas palavras e sua forma começou a mudar. Os metais criaram um casulo que o envolveu e foi diminuindo até que um humano ficou visível.

— Eu também não desço draconiano. Os corredores são mais apertados e posso acabar estragando alguma coisa. Tzeba não fica muito feliz quando eu destruo os acervos dele.

Ele tinha se transformado em um homem bem diferente do que eu imaginava. Era de meia idade, alto e com a pele morena adornando um corpo musculoso. Seus cabelos negros desciam até a cintura e os olhos eram cor de caramelo.

— Esse é você de verdade? — perguntei.

— O dragão sou eu de verdade, Alys! Essa forma humana faz parte da minha natureza, mas não me sinto muito confortável nela. Me falta espaço na hora das refeições.

Embora fosse um guerreiro assustador, meu mestre mantinha uma alma leve, às vezes até infantil. Eu gostava disso.

— Vamos, sentem-se todos. Espero que gostem de velocidade.

Afivelamos as proteções e Celen recitou mais alguns feitiços que provocaram um sonoro clique. Nós começamos a cair. Foram pelo menos uns dois minutos descendo em escuridão total. Quando a iluminação voltou, estávamos dentro de uma imensa caverna, sendo levados por caminhos de trilhos muito brilhantes.

Kyer estava aproveitando o passeio como uma criança que ganhou na Loteria. O dragão poderia ler um livro, de tão tranquilo e Laiza continuava a clicar em seu Dim, mesmo com a alta velocidade do nosso transporte.

Quem não parecia nada feliz com o nosso passeio era Evan, ele mantinha os olhos fechados e as mãos bem firmes nas barras de proteção. Poderia se passar por alguém relaxando, mas a cor verde em seu rosto me dizia o contrário.

Quando finalmente as cadeiras pararam, estávamos de frente para uma gigantesca porta de ouro. No topo, em Lifran, o nome do lugar estava gravado. Pelas janelas de vidro eu via dezenas, talvez centenas de prateleiras escavadas nas paredes da gruta.

Evan foi o primeiro a se livrar das amarras e assim que pôde se apoiou em uma parede. Eu sei que às vezes eu deveria manter minha boca fechada, mas não, eu precisava provocá-lo.

— Você tem medo de altura? O grande guardião, mago dos sete ventos e blá, blá, blá, blá?

Ele tinha toda aquela pose de “o superpoderoso”. Vivia jogando na minha cara seu treinamento, mas não suportou poucos minutos de altura? Eu não podia deixar barato.

— Cala a boca, Alys! — retrucou. — Eu não tenho medo de altura, eu só não gosto de coisas que me balançam, só isso.

Aquelas cadeiras balançavam um pouco, ainda assim, eu ia continuar fazendo piada da cara dele. Alguém abriu a porta de Nyêha com um ruído. Celen abriu os braços.

—Tzeba meu amigo!

— Desculpe-nos por vir essa hora. Resolveram brincar com a Elemental hoje mais cedo e ela ficou sem energia para aprender feitiços.

O homem com quem o meu mestre falava vinha em nossa direção deslizando pela superfície rochosa. Era um homem alto e muito jovem. Sua pele branca contrastava com as vestes carmim e com as pedras preciosas bordadas nela. Os olhos eram muito verdes e os cabelos encaracolados na altura dos ombros eram da mesma cor.

— Devo considerar isso uma benção, então?

Tzeba ria.

— A última visita que recebi dos pais dela quase destruiu a ala norte. Um feitiço de crescimento mal feito, acredito eu.

— Eu não contaria com isso. Ela tem o talento dobrado para atrair problemas e o guardião parece incentivar esse hábito — respondeu Celen.

Evan caminhou até os dois com uma postura respeitosa. Não era mais o garoto que estava passando mal há pouco tempo.

— Eu não incentivo que ela arrume problemas. Ela faz isso muito bem sozinha! O que faço é ensinar formas alternativas para que ela lide com as situações.

Cumprimentou o homem.

— Muito prazer mestre Tzeba, meus pais sempre falaram muito sobre a sua sabedoria. É uma honra conhecê-lo.

Ele estendeu a mão cheias de anéis.

— Igualmente, Evan Uriah! Seus pais eram bons estudantes, arranjavam menos confusões.

Laiza passou na minha frente e o abraçou.

— Tiíí, zeba.

— Você poderia manter essa piada boba só para as festas de família Laiza — ria — você sabe que compromete minha imagem.

— Desculpa tio!

Ela trocava olhares com Ky que ria do trocadilho.

Aquilo me dava medo. Sozinho já era difícil de aturar os seus trocadilhos, se ele tivesse companhia então. Celen me apresentou.

— Alys, esse é Tzeba o guardião oficial das chaves de Nyêha e maior filósofo de todos os reinos mágicos. Além disso, é a pessoa com o maior coração que conheço. Tzeba essa é Alys, a Elemental.

— Muito prazer senhor Tzeba — cumprimentei. — É uma honra.

—Alys! É um prazer para mim recebê-la. Espero que, mesmo com o tempo curto, possa ajudá-los. Venham comigo.

CAPÍTULO 27

PERGAMINHOS E METAIS

Dentro de Nyêha, as rochas tinham sido escavadas e reforçadas com magia para que abrigassem pergaminhos e mais pergaminhos feitos de metal. Eu conhecia os materiais, mas nunca os tinha visto tomarem essa forma. Tzeba me dava informações sobre o local.

— Temos mais de cem mil pergaminhos. Alguns são hologramas correspondentes ao original que está em Alexandria. Os da profecia estão guardados na câmara superior, onde levarei vocês.

Vez ou outra eu via pessoas mexendo nas prateleiras. Eles vestiam-se com longas vestes vermelhas. Carregavam um fino cajado com uma meia lua no topo. Não havia mesas ou cadeiras, mas vi uma pequena garota de tranças sentada no ar, folheando um grande pergaminho alaranjado.

Por fim, desembocamos em uma gruta fechada, diferente do resto da biblioteca. Nas paredes, as prateleiras encostadas ostentavam pergaminhos maiores e placas tecnológicas com símbolos bem parecidos com os livros que achei no antiquário.

No centro havia uma grande mesa de madeira de demolição com várias cadeiras altas em volta e Tzeba nos encaminhou para perto dela.

— Você trouxe os livros chave, Alys?

— Que livros chave?

— Os livros de Lifran — ele esclareceu.

Ninguém me avisava nada.

— Eu não sabia que era para trazê-lo, deixei no terraço.

Evan me interrompeu.

— Eu trouxe. Achei perigoso deixar para trás.

Com um feitiço, conjurou a própria bolsa e tirou as placas de dentro dela. Quando toquei nos livros, vários símbolos começaram a aparecer na superfície. Eu já conseguia decifrar alguns deles. Tzeba os observou por um breve tempo.

— Sabemos que você é a chave, Alys. E por hora, o que precisamos descobrir é a localização exata em que deverão estar. Além, é claro, do que precisam fazer.

— Tudo então! — retruquei.

Tzeba estreitou os olhos.

— Celen, com quem será que ela se parece?

O mestre balançou a cabeça.

— Ignore, temos pouco tempo.

O filósofo pegou um cajado meia lua encostado em um canto e começou a recitar feitiços. Os pergaminhos das estantes também eram diferentes tanto em tamanho, quando em cor e com relação aos metais de que eram feitos. Vários deles começaram a brilhar e emitir um baixo ruído.

— Cada prateleira abriga pergaminhos sobre um tema específico. Acontece que eles não costumavam ter padrão algum, por isso não sabemos nem mesmo por onde começar.

Ele pegou o primeiro pergaminho que brilhava e colocou sobre a mesa.

— Depois que você chegou ontem, comecei a procurar algum padrão. Não é de se estranhar que eu tenha encontrado um.

Eu achava estranho sim. Ele continuou.

— Só a presença de vocês já altera como os metais reagem à nossa magia.

Abriu o pergaminho. Quando enrolados eram como um papel simples, mas na verdade se tratava de metal, na maioria Lifran, que era maleável a ponto de ser enrolado. Na superfície havia vários símbolos que ao toque tremiam ou trocavam de posição.

— Em trinta e cinco deles consegui catalogar uma única semelhança, que antes não existia. Agora eles apresentam este símbolo α ao lado da numeração.

A única coisa que não se movimentava na superfície ficava na base, um símbolo α e uma numeração romana. Kyer olhou mais de perto.

— Como você tem certeza que esse símbolo apareceu ontem?

— Todos os dias a minha primeira missão é procurar padrões na profecia. Nunca encontrei nenhum em novecentos anos.

Eu esqueci de respirar por uns segundos.

— Você tem novecentos anos?

— Novecentos e cinquenta para ser mais exato.

Eu precisava parar de deduzir a idade pela aparência das pessoas neste lugar. Será que ninguém envelhecia? Tzeba começou a apontar o cajado em direção aos pergaminhos brilhantes e eles flutuaram em direção à mesa.

— Hoje cedo procurei alguma coisa que ligasse esses livros. Nem preciso esclarecer que os números não têm qualquer ordem, não é?

Claro que não, pensei. Para que facilitar não é mesmo? O filósofo continuava a empilhar pergaminhos.

— Tentamos todas as combinações conhecidas. Quanto aos assuntos, há temas extremamente complexos e outros ridiculamente simples. Alguns são escritos em línguas mortas, outros da forma que falamos hoje.

Ele começou a separá-los em pares.

— Quero que cada um abra dois pergaminhos, vamos tentar lê-los agora com a presença da Elemental. Quero que procurem padrões.

Ele puxou uma cadeira e se sentou, todos o imitaram.

— Só tomem cuidado com o pergaminho de ponta vermelha. Ele solta fogo quando aberto. Precisa de um feitiço para ser lido. O felpudo é venenoso, usem essa pomada nas mãos.

Tirou um vidrinho do bolso e colocou sobre a superfície.

— E também com o pergaminho dourado. A última pessoa que tentou lê-lo ficou sem voz uma semana. Os demais são inofensivos, se não considerar os efeitos de dar um pouco de conhecimento ao cérebro.

Kyer era o único sem poderes para se defender. E ele percebeu isso.

— Se eu perder um dedo vocês conseguem fazer com que ele cresça de novo?

— Acho melhor não arriscar — Evan retrucou.

Eu peguei os dois pergaminhos que me chamaram atenção. Um era todo feito de Lifran e o outro de Syfar. O primeiro era mais largo que o segundo. Evan se sentou na cadeira ao meu lado. Em vez de pegar outros pergaminhos, ele optou por observar o que eu estava fazendo. Sempre odiei gente me observando.

O pergaminho de Lifran era todo desenhado com símbolos antigos e o único padrão que encontrei foram retas bagunçadas em um canto. Quando as toquei, elas deslizaram pelo pergaminho fazendo uma borda se formar.

Evan estava com o pergaminho de Syfar nas mãos. Diferente do meu, o dele estava vazio. Ao ver o retângulo que se formou no exemplar de Lifran, o guardião reconheceu o padrão.

Ele colocou o retângulo de Syfar sobre as marcas do pergaminho que estava na minha mão. Eles se fundiram. Começaram a crescer e se expandiram até tomar metade da mesa. Todos pararam para observar o que estávamos fazendo.

Tzeba esvaziou a mesa e puxou nosso enorme pergaminho para o centro. Estava cheio de rabiscos, mas em cada canto havia um padrão de retas semelhantes ao encaixe anterior. Não fui a única a perceber isso, Laiza e Kyer procuravam entre os trinta e três rolos restantes quais poderiam se encaixar naquelas marcas. Nenhum parecia servir.

— Tzeba, como foi que você chamou os livros de Lifran que peguei na Toca?

— Chaves. Na verdade eles são pergaminhos originais que tinham chaves inscritas em seus selos e....

Ele parou de falar, compreendendo o que eu havia pensado. Eu e Evan testamos os encaixes. A placa de metal flutuou acima da mesa e se expandiu um pouco mais, tornando-se tão larga quanto Celen quando era um dragão.

— Você só pode estar de brincadeira! Essas marcas nunca estiveram nestes pergaminhos e ainda assim, nós nunca pensaríamos em fundi-los — disse Celen.

Os símbolos começaram a se agrupar. Logo era possível ver conjuntos de marcações colocadas lado a lado. Eram códigos a serem solucionados um a um.

Por incrível que pareça essa não foi uma parte tão difícil. Minha mente enxergava padrões em todas as letras escritas. Mesmo que algumas delas estivessem em línguas mortas. Cada desafio vencido fazia correspondência a um daqueles pergaminhos com a letra α

Com o conhecimento dos meus companheiros, o trabalho durou umas duas horas. Quase todos os pergaminhos estavam encaixados. Tzeba estava em estado de choque.

— Isso é inacreditável Celen! Milênios, nós estudamos por Milênios! Nenhum dos pergaminhos jamais apresentou as reações que estamos vendo aqui. Homens muito mais sábios que nós todos juntos tentaram decifrar essas palavras e não conseguiram.

Celen não despregava os olhos dos símbolos anotados.

— Tudo tem uma hora determinada para acontecer meu amigo! Embora ela ainda não veja isso, a garota é muito poderosa. E olha que nem estou falando da linhagem dela.

— Até porque se falasse ia ser muita pretensão.

Celen fechou a cara e ele se calou. Quando o último pergaminho foi encaixado, todos eles foram absorvidos pela base de Lifran e Syfar. Uma marca se formou acima deles, a mesma marca de sempre que representava minhas asas, o cajado de Ojin e a Kydêmonas de Evan.

A diferença estava no espaço vasado que havia por cima do símbolo, em formato de duas mãos.

— Agora é com você, Alys.

Encaixei minhas mãos. O símbolo brilhou. O encaixe para a mão esquerda se modificou. Eu puxei o braço. Vai que o livro me deixasse com duas mãos direitas. Evan já estava ao meu lado e encaixou sua mão no espaço que tinha mudado.

Os metais da nossa pele escorreram para a placa de metal e brilharam, voltando ao nosso corpo com vincos diferentes. Quando nos afastamos do pergaminho, o símbolo mudou para uma grande letra α .

A letra projetou-se para fora do metal e começou a se moldar de forma que um extenso mapa em 3D começou a aparecer. Era um labirinto de metal.

Parte do pergaminho se dobrou destacando-se do resto. Ele se tornou como um pequeno livro cheio de informações que Celen passou a analisar.

— É um feitiço, complexo, mas sem dúvida um feitiço. Nunca vi nada tão poderoso em toda a minha existência — asseverou.

Tzeba mantinha os olhos fixos no mapa.

— Nós conhecemos esse lugar, Celen. Olhe os detalhes, as formações rochosas.

Ele apontava os detalhes. Laiza observava boquiaberta. Celen trocou olhares com ela sem dizer uma palavra. Eu sabia que tinha algo estranho ali.

— Mas... o primeiro templo não foi submerso durante a guerra bruxa?
— questionou Laiza.

Eu quase via as engrenagens do cérebro dela trabalhando.

— Nós acreditamos que ele se perdeu por causa dos feitiços, mas e se não? E se foi um processo natural?

Celen pensou por um tempo.

— Isso nós vamos ter que estudar muito para descobrir.

Tzeba recitou o mesmo feitiço do começo da pesquisa e mais dez pergaminhos brilharam ao seu comando.

— Mais padrões. Surgiram mais padrões Celen!!!

Ele dava pulinhos enquanto falava e eu tive que me segurar para não rir.

— Só de olhar posso ver que eles se encaixam uns dentro dos outros.

Algum tempo depois e os pergaminhos tinham se tornado um grande livro, cheio de explicações que auxiliariam a entender o mapa e os feitiços. Eu estava exausta e Celen pronto para mais aulas.

— O que temos aqui vai exigir muita pesquisa então faremos o seguinte: Laiza e Kyer fiquem com Tzeba e vejam o que mais conseguem descobrir.

Ele entregou o livro de encantamentos nas mãos de Laiza.

— Laiza, lance aqueles feitiços de proteção de que conversamos. Precaução nunca é demais. Eu vou com Alys e Evan começar as aulas de feitiços, esse particularmente é bem complexo e ela precisará aprender rápido.

Evan também não parecia satisfeito com mais aulas.

— Celen, ela está quase sem energia.

— Sei disso! Vou recorrer a métodos auxiliares.



Sentada no terraço, tudo o que eu queria era minha cama. O dia estava soprando uma brisa fresca. Para a minha felicidade, havia uma mesa redonda posta com coisas apetitosas. Celen me fez experimentar todos os tipos de bolinhos azuis e riu quando eu questionei do que eram feitos.

Enquanto comíamos ele me falava sobre a teoria dos feitiços e o que precisava fazer para compreendê-los.

— Vou te ensinar coisas básicas. Começarei com conjurações de elementos da natureza.

Evan interrompeu Celen.

— Senhor, me desculpe, mas ela não deveria ser ensinada a lançar feitiços de batalha?

— Deveria. Mas, com tudo que descobrimos hoje, não vai. Laiza está me mandando todos os resultados lá de baixo e quanto mais eu leio, mais me convenço que será impossível ensinar Alys a lutar em tão pouco tempo. Vai depender de você Evan.

Ele concordou resignado.

A hora seguinte foi bem divertida, com o dragão me ensinando feitiços que criavam bolas de fogo, de ar, de terra e até como causar uma pequena tempestade. Ele ia me ensinar a juntar matérias quando recebeu uma mensagem e resolveu mudar os planos.

— Eu tenho que ir. Um informante importantíssimo está me esperando na biblioteca, alguma coisa deve ter acontecido. De qualquer forma já está muito tarde, é hora de vocês conhecerem um pouco de Nafh'ta. Fiz uma reserva especial na Taverna das Fadas.

Ele nos olhou com a cara de desaprovação.

— Mas não assim, não é? A primeira vez em que a Elemental vai ser vista em público, é preciso estar à altura.

Eu tentei impedi-lo, mas já era tarde, eu estava com um vestido floral leve, maquiagem e salto enquanto Evan vestia jeans. Isso não era justo. Fechei a cara para ele.

— Celen, é sério?

Coloquei as mãos na cintura, eu não iria dessa forma por nada no mundo.

— Era só para te irritar. — Ele riu.

Voltou a recitar o feitiço e eu vestia jeans escuros e uma camiseta com a marca da profecia. Apesar de bonita, era como usar um crachá. Meus tênis voltaram e meu rosto estava normal de novo. Até meus cabelos estavam amarrados de uma forma que eu costumava usar.

— Lembrem-se, vocês devem ficar juntos o tempo todo e voltar em duas horas para as suas aulas de astrologia.

O dragão aumentou o tom de voz.

— Não se separem! Vocês estão me ouvindo?

Concordamos.

— Nafh'ta é seguro até certo ponto. Não se esqueçam que há seres, e não são poucos, que não gostam da ideia de os humanos voltarem a ser mágicos.

Ele estava mais sério que o normal.

— Também tomem cuidado com as informações que compartilham. Há algum tempo acredito que existam espiões entre nós. Sejam cuidadosos.

— Sim senhor! — Evan respondeu. — Ela não vai sair de perto, nem que para isso eu tenha que fazer um feitiço que a cole em mim.

Celen deu as costas e já estava descendo as escadas quando respondeu.

— Que sacrifício seria isso, não é mesmo?

CAPÍTULO 28

A TAVERNA DAS FADAS

Eu já tinha me afastado em direção às escadas quando Evan me interrompeu.

— Alys, aonde você está indo? Nós vamos pelo ar!

Olhei para o céu.

— Como assim pelo ar?

— Nós estamos no lado oeste da cidade. Aqui tudo é cercado por água, inclusive esse prédio. Os barcos balançam demais, prefiro ir pelo ar.

— E como faremos isso?

Ele abriu um sorriso malicioso no rosto. Eu tinha medo daquela expressão de felicidade dele, não era muito comum.

— Você já vai ver. Passei dois anos estudando algumas transformações em um dos encantamentos da família.

Ele bateu a palma da mão sobre o pulso onde estava uma grossa camada de metal quítep e seu Dim tomou forma. O meu espanto fez com que ele começasse a rir.

— Que cara é essa Alys? Ninguém te disse que se colocar seu Dim sobre o pulso ele muda de forma? É melhor do que ter que carregar essa placa gigante pra todo lugar que vai.

Testei com o meu dispositivo e ele se tornou em uma espécie de pulseira. Alguns dos meus metais se aproximaram do novo companheiro, mas vendo que não era qualquer prejuízo, caminharam de volta às suas marcas.

Evan fez com que a imagem de seu Dim se projetasse para fora em cinco dimensões. Depois, fez uma série de movimentos com as mãos e na nossa frente surgiram duas motos de Syfar. Eram maravilhosas! Enquanto o corpo do veículo era semelhante as normais, do centro surgiam duas gigantescas asas de águia.

— Você sempre anda nisso?

— Claro que não. Minha família faz parte dos ramos que não se misturaram com outros seres mágicos, Alys. Nenhum de nós teve acesso à magia desde que o Construtor nos enviou a superfície. Eu mesmo só desenvolvi poderes depois que você despertou.

— E como você sabe lidar com os seus poderes? Sempre vejo você fazendo encantamentos e nunca pareceu que não tivesse experiência.

— Por que eu passei toda a minha vida aprendendo a teoria. Eu estudei cada técnica e cada encantamento por mais simples que fosse. Mas, tenho que assumir, que é bem melhor agora. É péssimo ficar lançando feitiços que não funcionam, você se sente um idiota.

Ele subiu em um dos veículos. A moto rosnou.

— Vamos acabar nos atrasando.

A porta do terraço se abriu. Ky e Laiza entraram correndo por ela. Kyer colocou a mão sobre os joelhos e arfou.

— Ainda bem que conseguimos alcançar vocês!

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

Laiza balançou o dedo em negativa.

— Nada demais. Só que vamos jantar com vocês.

Evan foi tão incisivo que todos nós olhamos para ele.

— Por quê? Quero dizer, Celen não disse nada que vocês iriam.

Laiza deu de ombros.

— Ele nos encontrou no caminho e disse que poderíamos ir. Algum problema com isso? Vamos atrapalhar alguma coisa?

Ela sabia ser inconveniente quando queria. E eu não estou falando sobre ir conosco.

— Claro que não Laiza. Se quiser pode ir de garupa na minha moto novinha.

Kyer passou por nós abismado com a beleza das motos.

— Eu posso ter uma também?

— Sinto muito amigo — Evan respondeu. — Só posso sustentar duas dessas no ar.

Laiza não achou tão impressionante assim.

— Você acha que nós vamos nessas latas velhas, Ky?

A elfa apontava desdenhosa para as criações de Evan, enquanto ele se fazia de ultrajado.

— Você conhece coisa melhor Elfa?

— É claro que conheço!

Ela retirou do cinto uma pequena flauta verde. Tocou duas notas. Duas criaturas aladas apareceram no parapeito, eram pouco menores que Celen e tão assustadoras quanto. Me lembravam águias, com bicos afiados e longas asas embora a coloração fosse lilás e laranja. Suas caudas eram de um gatuno e havia metais verdes em penas e garras.

— Você vai montar nisso?

Apontei para o pássaro.

— Essa eu quero ver, Kyer.

Ele pensou o mesmo que eu.

— Laiza, tem certeza que é seguro?

— Claro que tenho. Esses são Azo e Isz e foram criados desde filhotes por mim. Eles são fofos, pode ficar tranquilo — a elfa respondeu.

— Se isso é fofo, não quero conhecer sua definição de perigoso! — zombei. Ela ficou séria por um instante.

— Existe um ditado na minha família que diz: quanto mais inofensiva uma criatura parece ser, mais perigosa para você ela é.

Um calafrio percorreu a minha espinha. Evan fazia barulho com as motos, impaciente como era.

— Vamos logo? Precisamos estar de volta em pouco mais de duas horas e não quero voar quando o segundo sol se por.

— Segundo sol?

— Pelo Construtor Alys, eu sempre me esqueço quão pouco você sabe. A cidade é iluminada por quatro sois.

Olhei para o céu procurando os astros.

— Você não vai vê-los agora!

Ele dava batidas na própria testa.

— Vamos logo, monte na moto. Ela conhece o caminho. Só por favor, tente não cair.



Alguns minutos no ar e eu sentia alguma inveja de Kyer e Laiza. Os animais tinham se mostrado muito amigáveis e todas aquelas penas pareciam confortáveis também.

Eu nunca tive medo de altura, mas a decolagem não tinha me deixado confiante. Quando dei partida, o motor deu uma arrancada forte e caiu por vários metros antes de planar. Óbvio que eu gritei como uma criancinha e que, mesmo já tendo passado um bom tempo, Evan ainda ria da minha cara por isso.

Kyer em compensação, tinha nascido para voar. Ele havia feito amizade com Azo e durante o caminho os dois brincavam de dar pequenos mergulhos no ar.

Nafh'ta era um grande labirinto de pontes de pedras e metais. O prédio de onde saímos era rodeado por um rio cristalino que se estendia por toda a cidade salpicando a paisagem com as cores dos peixes que vivam nele.

Já tínhamos atravessado boa parte do lugar quando a minha moto parou abruptamente. Me segurei em cima da hora, por pouco não deslizei pela frente e caí. Evan dava risadinhas.

— Que diabos foi isso?

Eu já tinha começado a colecionar as vezes em que quis matar esse garoto, ele, no entanto, não parecia perceber o risco que estava correndo. Evan arqueou as sobrancelhas.

— Nem me olhe com essa cara, Alys. Não tenho culpa se você é enfeitiçada por cada coisa que brilha na sua frente.

Era tanta coisa nova para ver, que não percebi que o guardião tentava atrair a minha atenção. Ele com toda aquela sua delicadeza natural, resolveu que a única forma de me fazer enxergar era parando o veículo.

— Idiota! O que você quer?

Ele apontou para uma passagem entre duas imensas árvores à nossa frente.

— Estamos chegando cabeçada. Se não te parasse, você ia acabar batendo.

— Primeiro, não me chame assim! Segundo: como eu iria bater se você está controlando a moto?

Ele cruzou os braços.

— Faz muito tempo que não estou mantendo o seu veículo. O Lifran tomou o controle que eu tinha sob a moto e eu tive que gastar uma boa dose de energia para te segurar. Anda, vamos logo.

As árvores eram diferentes. Mesmo que som nenhum saísse das imensas bocas, vozes ecoaram dentro da minha cabeça. A primeira voz era como um trovão.

— Seja bem-vinda Elemental. Que o criador sopra bons ventos sobre as nuvens negras que pairam sobre você.

A segunda como o vento.

— E que as linhas traçadas no seu coração se desenrolem, antes que você tome caminhos dos quais vai se arrepender. Ah, vai mesmo!

Eu fiquei meio desnorteada com elas. Evan franzia o cenho para a copa das árvores, mas me encorajou a continuar em direção à fenda. Do outro lado, depois de um breve momento de escuridão, me deparei com uma paisagem oposta à cidade.

Era uma pequena clareira em meio a uma densa floresta. A quantidade de árvores impedia que a maioria da luz passasse. Isso era compensado por milhares de pequenos insetos luminosos que voavam à nossa volta. Evan parou ao meu lado.

— São Lumins.

Um deles pousou na minha mão.

— Que seriam?

— Pequenos duendes voadores. Eles gostam de viver na fenda das fadas e recebem para iluminar o local.

A mistura de cores e sons tornava a clareira muito bonita. No centro dela havia flores gigantescas. Estruturas de metal amarelo substituíam o que deveriam ser os botões. Essas gotas eram cômodos com janelas e portas interligadas por pequenas pontes de madeira.

A maior das rosas de metal tinha uma área de pouso. Kyer e Laiza estavam sentados em um banco nos esperando.

— Até que enfim! — Ky protestou. — Estou com fome sabia?

Evan estacionou com leveza.

— Alys não parava de se distrair com as coisas em volta. Concentração não é o forte dela.

— A pontualidade também não é uma das suas inúmeras habilidades, Evan Uriah.

Parada diante das portas transparentes, estava uma mulher bem morena. Seus cabelos ondulavam até a cintura. Os olhos eram como uma pedra de um brilho esverdeado. E o contraste da sua pele com as roupas feitas de folhas a deixavam ainda mais bonita. Das costas brotavam duas asas cintilantes que não paravam de balançar. Evan se adiantou para cumprimentá-la.

— Eu gosto de entradas de efeito!

Laiza cochichou para mim.

— Fada!

Agradei pela explicação. A fada deu um abraço carinhoso em Evan, depois colocou a mão sobre o peito do guardião, conferindo alguma coisa.

— Ainda no mesmo lugar, mas a temperatura mudou. Você percebeu?

Ela estava falando sobre os corações dele? Se me dissessem que ele tinha um coração de gelo eu acreditaria.

— Moira... tia...

— Tudo bem, deixa esse assunto para um outro momento. Me deixe dar uma olhada em você. Quase enfartei quando sua mãe me disse, guardião hein? Só ela não percebeu como isso é muito mais a sua cara.

Evan corou. Ela o soltou e veio em minha direção.

— E você é a Elemental!

Não foi uma pergunta. Ela colocou a mão sobre o peito e fez uma longa reverência.

— Não, por favor! Sem reverências, isso não é necessário.

Ela me deu um sorriso.

— Conheci seus pais, eu estudei com eles. É uma pena tudo que aconteceu.

Me deu um tapinha no ombro e eu tentei não pensar em meu pai preso em algum calabouço.

— E Laiza, quanto tempo! Que milagre é esse que te tirou dos laboratórios? Faz mais de dez anos que não vem nos visitar.

— Vim fazer trabalho de campo — a elfa respondeu.

Moira lhe deu um abraço e passou a falar com o próximo visitante.

— Imagino que esse seja Kyer, o neto amado da *Sargentona*.

— *Sargentona?*

Ela mudou de assunto.

— Hoje não é dia de falarmos sobre o passado, hoje é dia de celebrar o futuro! Preparei para vocês um lugar reservado porque sei bem como é a curiosidade dos meus clientes.

Ao dizer isso, fez um sinal com os longos dedos e uma folha verde parou ao nosso lado. A fada caminhou até ela e se sentou.

— Fiquem tranquilos, os animais já estão sendo cuidados e as motos ficarão guardadas. Subam por favor.

A folha flutuou até um dos botões de metal. Era um cômodo com uma confortável mesa de madeira rodeada por almofadas.

— Qualquer coisa, é só pedir pelo menu eletrônico. Essa noite o atendimento de vocês será especial.

As janelas transparentes me davam uma linda visão de um horizonte colorido de folhas e flores. Em pouco tempo a mesa estava repleta de alimentos que eu nunca tinha visto e que, por precaução, resolvi não perguntar o que eram. Kyer começou a falar sobre as vozes dos protetores da fenda.

— Eu só ouvi: “SE APROXIMA, SEU TEMPO SE APROXIMA”.

A imitação patética dele não tornava menos assustador. Eu mexi, incomodada.

— Eles não falam a mesma coisa para todo mundo?

Evan balançou a cabeça.

— Não! Os protetores têm dons de prever parte do futuro de cada pessoa.

Laiza virou-se para mim.

— O que ele te disse?

Contei o que tinha ouvido sem compreender.

— Não deve ser nada demais, fique tranquila. Tenho um tio que jura que a profecia era sobre o dedinho do pé que ele bateria em uma cômoda.

— E não aconteceu? — perguntei.

— Ele diz que sim, mas o ponto não é esse, é que podem ser coisas simples.

Eu duvidava muito.

A elfa e o guardião tinham muitas histórias para contar sobre a taverna e até Ky, que havia vindo uma vez com a avó, se atrevia a palpar sobre os frequentadores.

Evan falou sobre os governos que cada raça mágica instituiu sobre seus próprios clãs e como eles se encontravam aqui. A Taverna era Zona Neutra e isso foi decidido após um incidente com o Clã de Cucas da grande floresta. Aliás, todas as histórias em que havia confusões, tinha o dedo delas.

Depois de uma hora regada a muito chá de moug, uma bebida amarelada e fluorescente, resolvi encontrar um banheiro. Mágico ou não, era líquido demais.

— Laiza, como faço para ir ao banheiro?

— É só passar pela ponte e virar a segunda à direita. Quer que eu vá com você?

— Não, não precisa, vocês estão animados contanto as histórias. Eu vou bem rápido.

Evan parou de conversar com Ky.

— Aonde você vai?

— Ao banheiro, Evan.

— Eu vou com você!

— Você ficou maluco? É claro que você não vai ao banheiro comigo.

— Eu não vou entrar com você, cabeçuda. Eu só vou te esperar do lado de fora.

— Evan, NEM PENSAR! Eu posso andar trinta metros sozinha.

Ele respirou fundo e fez uma cara de desaprovação.

— Vem aqui, me dê sua mão esquerda.

Estendi a mão e ele colocou o dedo indicador sobre uma das marcas de Lifran. Um pequeno pedaço do Syfar pulou na minha pele.

— Quer dizer que você não vai, mas me colocou um rastreador?

— Não. Isso é para você me chamar se acontecer alguma coisa.

Era melhor do que ter o guardião andando atrás de mim o tempo todo. Evan voltou a contar a história, agora sem tanta empolgação.



No caminho de volta para o casulo, fiz aquilo que faço de melhor: me distraí e me perdi. Não havia tantos corredores quando entrei no banheiro e cheguei a acreditar que o lugar tinha sido enfeitiçado. Que era alguma brincadeira de mal gosto de Evan.

Quando cogitei enviar uma mensagem à Laiza pelo Dim, senti minha mão ser puxada. Meu pavor não melhorou ao ver que quem me detinha era um ser gosmento, verde e com a aparência de um grande sapo. Ele vestia um terno engomado e apresentava um bigode fino na cara.

O Lifran do meu braço escorreu em direção ao pulso preso, entrou por baixo da mão gosmenta e se transformou em uma pata transparente de felino. O que aconteceu a seguir teria sido cômico, não fosse a gravidade da situação. A pata de metal empurrou a mão dele para longe de mim. Ele abriu um sorriso.

— Dizem pelas fendas, que vossa pessoa não tem treinamento nem conhecimento do nosso mundo. Vejo que isso não é uma verdade completa.

Fiquei calada encarando o sujeito. Queria ter certeza que ele era uma ameaça antes de pedir socorro. O ser não se contentou com o meu silêncio.

— Então você está mesmo se preparando para a chegada da primeira lua? Impressionante é que esteja sem um guardião menina, você deveria saber o quanto perigoso esse lugar pode ser.

Uma curiosidade sobre mim: Não sou o tipo de pessoa que me dobra a ameaças. Empinei meu nariz.

— Quem é o senhor?

Antes que ele me respondesse fomos interrompidos.

— Senador Hassan, algum problema por aqui? Vejo que conheceu a Elemental antes de todos nós.

Ao o meu lado estava um garoto. Era alto, mantinha uma postura imponente e vestia-se como um guerreiro. Os cabelos castanhos desciam por suas costas enquanto o rosto era marcado por bonitos símbolos tatuados. Os olhos eram verdes e as orelhas pontiagudas.

— Príncipe Hellion! — respondeu o homem. — Problema nenhum! Estava apenas dando as boas-vindas à Elemental e lhe asseverando que deve tomar cuidado quando andar sozinha por Nafh'ta. Sabe que pode não ser um lugar muito seguro para ela.

Príncipe? Eu nem sabia que existia um rei em Nafh'ta. E esse papo de boas-vindas?

— Acredito que o nome dela seja Alys. Um nome muito bonito e difícil de esquecer, até mesmo para o senhor. Sobre a sua segurança, fique tranquilo, a levarei até os amigos.

O cara de sapo estreitou os olhos e falou com um tom ameaçador.

— Sua mãe ficará orgulhosa de saber quão prestativo o príncipe tem sido.

O príncipe não deu a mínima atenção.

— Tenho certeza que sim. Agora, se nos der licença.

O garoto me segurou pelos ombros e me conduziu em silêncio para longe dali. Quando vi a cabine onde meus amigos estavam, resolvi agradecer.

— Príncipe Hellion, não é?

Ele ficou de frente para mim.

— Raszen. Você pode me chamar de Raszen, Alys.

— Raszen, então. Obrigada por ter me ajudado! Eu estava perdida e não sei nem quem era aquele cara de sapo.

O Elfo deu uma risadinha.

— Aquele era um dos senadores do conselho. Você ainda o verá muitas vezes. Ele olhou em direção à cabine.

— Acho que é hora de voltar aos seus amigos. Seu guardião está me olhando como se desejasse me decapitar.

Evan tinha parado de conversar e olhava em nossa direção com olhos faiscantes. A viagem de volta não seria tão agradável. Ainda assim, me incomodava esse papo de meu guardião, por isso retruquei.

— Ele não é o MEU guardião. Ele é O guardião, sabe?! Da profecia, dos metais, não meu.

Ele agora sorria sem disfarçar.

— Então ele não vai se importar se, na festa das flores, você me conceder uma dança, não é mesmo? Como retribuição por ter lhe mostrado o caminho de volta.

— Ele não vai, ele me odeia.

Percebi que tinha falado demais, para variar, então tentei mudar o foco do assunto.

— Mas seus pés talvez se importem.

— Eu posso lidar com isso.

O garoto era insistente. Não que eu não pudesse dançar com ele, só não sabia se queria.

— Está bem. Uma música como retribuição por me tirar desta enrascada.

— Vou me dar por satisfeito.

Ele voltou a olhar em direção aos meus amigos, pegou minha mão e deu um leve beijo. Depois virou as costas e se foi. Caminhei para o casulo, limpando a mão na camiseta. Esperava que isso desse impressão a Evan de que eu não tinha gostado do que tinha acontecido.

Pelo olhar dele, não funcionou. O Syfar tinha voltado à sua pele.

— Você tem alguma noção do que quer dizer ficar longe do perigo?

E olha que ele nem sabia do tal senador. Me fiz de desentendida.

— Não sei do que está falando.

Ele bufou.

— Você sai de perto por uns minutos e me volta com o príncipe elfo? Tem noção que o clã...

Eu cruzei os braços. Se ele queria brigar sem motivo, tinha escolhido a pessoa errada. Eu gostava de uma briga. O guardião levantou as mãos, exasperado.

— Quer saber? Deixa para lá! Vamos embora.

— Eu não estou entendendo esse seu nervosismo. Não era para conhecer as pessoas de Nafh'ta que saímos?

Eu vi a sombra das chamas azuis nos olhos dele.

— Não as pessoas que ofereceram um prêmio a quem te capturasse.

Evan saiu pisando duro, não quis me responder mais nada, nem me explicou que história era aquela de prêmio. Para piorar, era ele que faria meu treinamento no outro dia. Quase senti saudades de Thela.

CAPÍTULO 29

NOTÍCIAS INESPERADAS

Nós estávamos sobrevoando a cidade. O pôr do sol aqui era pontuado por quatro esferas de fogo. A expressão do guardião tinha se aplacado. Achei que era seguro falar sobre o que tinha acontecido na taverna.

— Evan, você quer saber o que houve lá?

Reconheço que não foi uma abordagem tão tranquila quanto eu tinha imaginado. Ele nem olhou para mim.

— Tem alguma coisa que eu deva saber?

Eu queria ter dito um sonoro não.

— Você conhece o Senador Hassan?

Ele parou a moto. Eu quase voei longe. Conteí tudo que tinha acontecido, enquanto meus amigos planavam à nossa volta. Evan só se manifestou quando eu tinha acabado.

— Isso é estranho, ele é um dos apoiadores da profecia!

Laiza estava muito séria.

— Realmente, ele é uma boa pessoa. Acho que só queria te alertar dos riscos de ficar caminhando sozinha. Em compensação, me admira muito que o Príncipe Hellion estivesse por aqui. Ouvi rumores que a última reunião dos conselhos mágicos estava para acontecer, e se for verdade, ele deveria estar ao lado do Rei.

— Rumores? Conselho? Laiza... eu não sei de quase nada, se lembra? Falando nisso, eu não sabia que tínhamos um rei — reclamei.

Ky era o único que demonstrava paciência em horas como essa. Talvez porque tinha culpa na minha ignorância.

— Existem vários reis, Lys. Os seres mágicos se organizam em suas próprias hierarquias.

A elfa continuou.

— E eles se unem em grupos políticos menores. Isso dá força às suas opiniões dentro do conselho geral. Alguns clãs nativos do seu continente montaram uma aliança. Todo ano eles se reúnem, mas só os líderes sabem quando. Por isso só sei de rumores.

E eu achava que a história política pré-metais era complicada.

— Então, Raszen é um desses?

Evan religou sua moto.

— É filho! E herdeiro do clã de elfos da lua.

Ky planou do meu lado.

— A fama deles não é boa. Existe um ditado muito comum em Nafh'ta. Sempre que se quer alertar sobre alguém não ser confiável, se diz:

— Nunca confie em um Hellion — Evan completou.

Não fiz nenhum comentário. Até porque, eu não tinha dito nada sobre a promessa que fiz. Evan me comeria o fígado, e no momento, era só antecipar o sofrimento. Até lá, o tal príncipe nem se lembraria da dança. Nós voltamos a voar.

Meu mestre estava no terraço, sentando em sua confortável poltrona. Thela, recostada em um tronco, girava o machado entre os dedos. Evan foi o primeiro a estranhar a nossa recepção.

— Celen, aconteceu alguma coisa?

— Espere um minuto.

Quando todos nós estávamos em terra firme, o dragão levantou as mãos e recitou uma série de feitiços que criaram uma redoma à nossa volta.

— Agora sim! Mesmo que esse seja um prédio seguro, precaução nunca é demais.

Todos ficamos tensos.

— Recebi hoje um confiável informante. Ele tinha notícias sobre a aliança do sul. Temos um novo Rei dos Igrots e uma nova Rainha das Ninfas e mais, eles estão casados.

A notícia não fazia qualquer sentido para mim. As pessoas à minha volta, no entanto, estavam em choque. Até Ky estava boquiaberto. Evan cruzou os braços.

— Como foi que isso aconteceu? Naroли jamais permitiria que sua filha se casasse com um Igrot, menos ainda com um da realeza.

— Segundo meu informante, ela não permitiu — Celen explicou.

À exceção de mim, todos exclamaram. Evan franziu o cenho.

— E o que teria feito com que a princesa agisse assim? Eu a conheci na última festa das flores, ela não me pareceu o tipo de pessoa que enfrentaria a Rainha.

— Alys, foi o que aconteceu.

O grupo olhou para mim. Eu levantei as mãos em defesa.

— Não sei nem quem essa pessoa é? Não me olhem assim!

Celen balançou a cabeça.

— Não sei ao certo os detalhes. Só que os dois prestaram juramento em segredo e, tendo subido ao trono, retiraram as buscas por ela. Eles pretendem declarar publicamente lealdade à Alys, na festa das flores.

Laiza abriu seu Dim e começou a digitar frenética. Em seguida, levantou os olhos para o mestre.

— Será que é uma armadilha?

— Duvido muito — Celen respondeu. — A rainha teve um acesso de raiva tão grande que quase destruiu o Rio Negro. Ninguém em sã consciência provocaria aquela mulher se não estivesse falando sério.

Me parecia boas notícias.

— Então isso é bom, não é?

A expressão de Celen não era das melhores.

— A questão é porque ela pretende declarar lealdade.

Sempre tinha um porque para estragar as boas notícias por aqui.

— Tem mais? — perguntei.

O dragão fez uma pausa.

— Existe um exército se formando a leste do continente. Alguns clãs já declararam sua lealdade a eles.

Arregalei os olhos.

— E por quê?

Thela me respondeu.

— Porque existe alguém movendo céus e terra para te impedir de cumprir a profecia.

Evan se alarmou.

— Quantos?

— Não sabemos ao certo. Vamos preparar um exército que acompanhe vocês no dia da lua. Sua avó, Alys, está preparando a mudança da base de proteção das linhas para Nafh'ta. Porque, se precisarmos lutar, ela vai proteger a cidade.

Ele soltou um longo suspiro.

— Tudo o que eu quis evitar é que a primeira lua se transformasse em uma guerra. Preciso que cada um de vocês se dedique por inteiro na sua função.

Ele olhou para nós com seriedade.

— Não contem a ninguém sobre o que conversamos aqui. Vamos ser discretos até a festa das flores. Depois dela, e de ver quem estará ao nosso lado, é que as medidas maiores serão tomadas.

Todos concordamos com a cabeça. Evan parecia preocupado.

— Celen, olhe isso.

Ele colocou um pequeno pedaço de Syfar sobre a pele do dragão, que em resposta, se concentrou em algo que não conseguíamos ver. Alguns segundos e o metal voltou para o guardião. As sobrancelhas draconianas do meu mestre estavam se unindo de tanta preocupação.

— Devido aos últimos acontecimentos, vou suspender os passeios de vocês por Nafh'ta. Pelo menos até a primeira lua, não é seguro.

Ele estava ainda mais pensativo que antes.

— Vocês estão dispensados. Descansem.

Ele me indicou uma pequena escada em espiral que subia por um grosso galho.

— Menos você Alys, preciso te falar sobre as estrelas.

CAPÍTULO 30

ENVENENADOS

No topo me deparei com um pequeno observatório aberto e com Celen pousando na sacada de madeira.

— Muito engraçado, Celen! Porque não me disse que eu poderia vir voando?

— Você que nunca se lembra que tem asas.

Em cima de uma mesa eletrônica vi a reprodução fiel do sistema solar, com demarcações sobre ele, feitas com pequenas bandeiras. Havia um grande sofá reclinável, onde nos sentamos.

Ele me entregou óculos transparentes. A visão através dele era toda embaçada.

— Levante suas mãos e diga *Kánoun Orató*.

Fiz como meu mestre ordenou. As lentes se tornaram nítidas. E ao olhar para o céu, tive a impressão que podia ver cada canto do universo.

— Como? O que é isso?

— Isso é um Telescópio portátil de alto alcance. Ele funciona com base na sua energia mágica, então não exagere. Fique em volta da terra.

— Como eu faço isso?

— Concentre-se e pense na terra, ele vai tornar seu ponto de visão menos extenso.

Funcionou! Era como se eu estivesse enxergando a partir da borda do planeta. O conjunto de astros era algo tão bonito que me tirava o fôlego.

— Hoje vou te falar sobre a importância do universo na nossa magia. Existiram muitas civilizações, mágicas ou não, que estudaram os planetas. Os gregos eram fascinados pelas estrelas de tal forma que seus feitiços eram compilados pelas fases da lua.

Enquanto explicava, Celen fazia um tipo de dança com as mãos. E minha visão mudava para planetas e estrelas diferentes.

— Ao mesmo tempo, muitos dos nossos alquimistas viajaram pelo universo procurando alguma prova dessa ligação. Nenhum deles voltou para nos contar as descobertas e hoje, missões oficiais não são mais aprovadas pelo conselho.

— Espere aí, nós podemos viajar pelo espaço?

— Não há porque ficar perdendo vidas em algo que não deu resultados até hoje, mas, para efeitos dessa conversa, sim nós podemos. O fato de não habitarmos outros planetas ou continuar a investigá-los de perto não nos impede de tentar compreender observando.

Ele deu um peteleco nos meus óculos e a minha visão foi direcionada para um conjunto específico de constelações. Passamos a próxima hora falando sobre os efeitos da lua nas transfigurações. Ficamos também um bom tempo em silêncio. Acho que era parte do aprendizado observar os astros até que toda a teoria fizesse sentido. Quando eu comecei a sentir o cansaço do dia, ele voltou a falar.

— Sabe o que meu pai costumava me dizer, Alys?

Balancei a cabeça em negativa.

— Que toda estrela vira poeira quando chega o fim da sua existência e nós somos feitos desse pó.

Meus metais vibraram pelo meu corpo. Quase que como resposta, ouvimos uma explosão ao norte da cidade e Celen se levantou apressado. Ajustei os óculos. Uma fumaça negra subia da copa de uma das árvores que guardava a entrada da fenda das fadas. O dragão me tirou os óculos e ordenou alarmado.

— Encontre Evan!

Eu ouvia os gritos vindos da cidade. Havia também uma forte movimentação de seres terrestres e alados em direção a explosão.

— Alguém nos atacou. Olhe para mim Alys, eu não sei o que está acontecendo. Vi Thela seguindo com reforços para o local, mas, seja o que for, você precisa estar com o guardião entendeu?

Ouvimos passos na escada e Evan apareceu como se tivesse sido conjurado ao simples mencionar do nome dele.

— Celen, envenenaram um dos oráculos. Laiza já foi para lá e eu vim para receber suas ordens.

— Você sabe o que deve fazer. Fique com Alys, a obrigue a descansar e não tire os olhos do seu Dim. Assim que eu tiver notícias, aviso vocês.



Celen abriu as longas asas e sumiu no horizonte. Evan me fez correr como se estivéssemos sendo perseguidos e, ao chegar à porta do meu quarto, sentia fisgadas doloridas no lado do corpo.

— Precisávamos correr tanto assim? As explosões foram do outro lado da cidade.

— Parece que foram do outro lado da Cidade, Alys. Pode ser uma armadilha, importante agora é te manter isolada.

Me lembrei do meu amigo.

— Kyer!! Evan, precisamos buscar o Kyer!

— Não precisamos não! Celen reforçou a segurança do quarto dele.

— Mass...

— Você pode falar com ele pelo seu aparelho. Agora entre!

Ele abriu a porta e me fez entrar apressada. Depois lançou uma dezena de feitiços que fez com que as portas e janelas desaparecem. Era sufocante. Os Lifrans do quarto dele estavam todos no meu, completando as inscrições de Syfar.

— Deite-se — ordenou.

Levantei as sobrancelhas em desafio. Ele podia ser o guardião ou até o rei do universo, mas não ia ficar me dando ordens como se mandasse em mim. Ele suspirou.

— Você precisa descansar! Esse treinamento gasta muito das suas energias e não sabemos o que está acontecendo. Seu corpo precisa estar pronto.

Com dois cliques no seu Dim fez surgir o projeto de uma pequena rede. Repetiu os feitiços que fez as motos mais cedo. Logo ele estava deitado em uma confortável superfície felpuda e me ignorava.

Resolvi conferir se Kyer estava bem. Coloquei a mão sobre o símbolo na superfície.

— Kyer Athenon.

Uma voz mecânica respondeu.

— O Dim requisitado se encontra em outra ligação. Sua chamada será anotada.

Acabei falando em voz alta.

— Droga, cadê você Kyer?

— Se ele está em ligação pelo menos deve estar bem! Já viu alguém morto usando um Dim?

Se ele continuasse sendo um babaca ia se ver logo comigo. Deitei na cama e fiquei pensando em tudo que tinha acontecido. E ouvi Evan recitar em voz baixa um feitiço.

Caí no sono, mas antes praguejei o guardião. Eu conhecia aquele feitiço.



Meus olhos se abriram muitas horas depois. A janela e porta do meu quarto tinham voltado aos lugares originais e o sol começava a despontar no horizonte. Celen estava sentado em sua conhecida poltrona gigante, que ele conjurava em qualquer lugar que estivesse. Evan dormia.

— Está tudo bem? O que aconteceu com o oráculo?

Evan despertou com a minha voz. O dragão parecia muito velho e cansado.

— Acredito que recebemos um aviso de guerra.

Eu não entendia muito sobre guerras mas avisar não parecia uma boa ideia.

— Quem avisa que vai entrar em guerra?

— O Oráculo é um símbolo de paz, Alys. Assim como a fenda da Taverna, que graças ao Construtor está intacta. A questão é que: uma das árvores foi envenenada. Eles querem passar uma mensagem: de que nós também estamos sendo comprometidos, de dentro para fora.

Evan assumiu uma expressão de preocupação.

— Mas claro que tem que ser alguém de dentro, Celen. E pior, eles não estão nem um pouco interessados em esconder isso.

Celen balançou a cabeça em concordância.

— Por que, verdade ou não, isso causa desconfiança. E a desconfiança causa divisão. Eles já sabem que outros clãs mágicos pretendem se unir à profecia e querem comprometer a confiança que temos neles.

O dragão ficou de pé.

— Evan, comece o treinamento físico. Mais do que nunca, ela precisa ser treinada.



Se subir e descer aquelas dezenas de lances de escadas parecia o inferno, era porque eu ainda não tinha participado do treinamento físico com o Evan. Do outro lado do nosso andar, havia uma passagem para um campo suspenso. Ele me fez correr em volta do lugar aberto, por três vezes e já começava a quarta quando eu caí no chão, esgotada.

O guardião parou perto de mim.

— Pelo Construtor, você nunca fez exercício nenhum na sua vida?

— Olhe bem...para mim... — ofeguei. — Eu ... tenho cara ... de quem vivia na academia?

— Cara eu não sei, mas corpo não tem mesmo!

Ele estava passando dos limites. Bufei de raiva. Ele tentou consertar a burrada.

— Não estou dizendo que seu corpo não é bonito, só que não tem preparação física para batalhas.

Ele tinha essa mania de dizer coisas inconvenientes. Eu não estava com vontade de discutir.

— Vamos voltar a correr? Antes que você encontre alguma coisa mais para criticar.

— Você tem dificuldade de ouvir verdades não é não? As ruins e as boas também.

Virei as costas e voltei a correr. A raiva que ele me causou pelo menos me fez correr mais duas voltas. O resto da manhã continuou como no dia anterior entre aulas e treinamento.

Na hora do almoço consegui falar com Ky.

— Kyer, onde você estava ontem? Tentei te achar de toda forma.

A imagem dele aparecia na tela do Dim.

— Celen colocou feitiços de proteção na minha porta, eu não consegui sair.

— Te liguei!

— Eu estava falando com Helix, quando retornei sua ligação o Evan disse que tinha te colocado para dormir.

Ele disse a última parte entre risadas sarcásticas. Eu fechei a cara.

— Muito engraçado, Kyer! O que Helix queria?

— Eu tenho conversado com ele. Fique tranquila, não disse nada sobre você ou sobre onde estamos. Ainda assim ele me contou algumas coisas interessantes.

— Como o que?

Continuava achando perigoso conversar com pessoas fora de Nafh'ta.

— Os governos convocaram uma reunião extraordinária depois que algumas pessoas alegaram terem visto seres sobrenaturais em partes do mundo.

— As pessoas estão levando isso a sério? Quer dizer, qualquer um que aparecesse com uma história dessa deveria ser tratado como lunático.

— É isso que os conselheiros estão tentando fazer. Eles estão falando que existe uma nova droga deixando as pessoas alucinadas.

— Espero que as pessoas acreditem nisso. Não precisamos de histeria coletiva tão perto da primeira lua — constatei.

Meu amigo parecia ter uma outra interpretação da situação.

— Eu espero é que elas desconfiem que tem algo errado. Olhe só o seu exemplo, mentir não vai resolver nada. E temos que lembrar que, depois da primeira lua, as pessoas começarão a apresentar poderes e mudanças físicas. Você acha mesmo que serem pegos de surpresa é uma boa ideia?

— Eu não tinha pensado nisso.

— Pois é. A profecia falava de um conciliador, alguém que faria a mediação nesse momento de passagem de um mundo normal para um mundo mágico. O problema é que ele ainda não apareceu.

Era uma boa hora para ele aparecer, pensei comigo.

— Sabe o que mais ele disse? Que chegou um quadrinho novo chamado Elemental. Tive que segurar minha língua para não fazer nenhuma piada.

Arregalei os olhos.

— Você acha que ele sabe de algo? Quer dizer, que ele vem de alguma linhagem que ainda se lembre da lenda?

— Acho que não. Convivi com Helix muito tempo e nada que ele fez deu a entender que acredite no Construtor. Foi só uma coincidência.

— Se você diz.

O garoto começou a caminhar com o aparelho em mãos.

— Já eu apareço para o treinamento, parece que o Celen quer que eu também vire comida de tubarão, digo, pupilo da Thela.

Desliguei dando risada, pelo menos não era só eu que iria apanhar hoje.

CAPÍTULO 31

UM PORTAL E UM ZMORA

Doce esperança a minha. Kyer foi muito bem treinado pelo meu pai. Pelo menos foi o que Thela disse depois de meia hora deferindo golpes contra ele.

Nesse ritmo passaram-se os quatro dias seguintes. Toda manhã, Evan me acordava antes do sol nascer e me fazia correr quilômetros em volta do campo. Eu já compreendia a base do governo das raças e como o conselho funcionava. E Thela me massacrava todas as tardes, embora nunca mais tenha me feito apagar.

Os horários mais produtivos ficaram por conta das visitas à biblioteca de Tzeba. Desde que unimos os pergaminhos novas informações não paravam de chegar. Na sua maioria ainda sobre mim e sobre Evan, mas já era uma evolução de milênios.

O manual do feitiço era um problema. Celen passava horas me ensinando fórmulas complicadas e movimentos precisos que fariam parte do ritual. Aos poderes eu me habituei com facilidade. Às vezes, depois que me deitava, ficava jogando bolas de fogo para cima e as transformando em esferas de gelo no meio do caminho.

A brincadeira só durava até a mensagem mal-educada de Evan chegar.

— VÁ DORMIR! Pare de gastar o resto de energia que tem, você precisará dela para correr amanhã cedo.

Ele parecia um velho de oitenta anos. É claro que eu não ia, e normalmente criava uma segunda bola na outra mão, jogando as duas para o ar e fazendo com que os metais vibrassem. Ele tinha razão, depois de um dia exaustivo de treinos e feitiços complicados, eu não tinha muito controle sobre meus poderes, ainda estava aprendendo como não esvair minha energia.

Isso não queria dizer que eu iria obedecê-lo. Se ele sabia ser irritante, eu sabia ser pior.

— PELO CONSTRUTOR ALYS! Você acha que isso é alguma brincadeira? Enquanto você não dorme os metais não me deixam dormir!

Resolvi responder na mente dele, só para provocar.

— Eu não tenho culpa se seus metais gostam de mim.

— Se você não parar eu vou aí e te apago com um encantamento.

Respirei fundo. Que babá chata eu tinha.

Entre as aulas e o treinamento, ainda tive que lidar com o planejamento surreal de Evan para nossa ida à festa das flores. Ele havia feito um roteiro onde só faltava o número de passos que deveria dar até lá.

Até Thela parecia ter deixado as diferenças de lado e discutia as medidas de proteção que o guardião propunha. Laiza em compensação, estava sempre distante. Trabalhava incansável para manter o oráculo vivo. Ela tentava salvá-lo desde que fomos atacados dias atrás e esperava a chegada de um importante alquimista Igrot que pretendia ajudá-la.

Um dia antes da nossa partida, fui acordada por Evan na calada da noite.

— Alys, vamos, levante-se. Está quase na hora.

Estava tão sonolenta que acreditei ser só um sonho. Um sonho irritante com uma pessoa irritante, nada mais.

— Quase na hora de quem?

Ele revirou os olhos.

— *Granitá!*

Uma cachoeira de água gelada caiu sobre mim e eu acordei sufocando. Evan que ria. Eu estava encharcada. A cama, meu Dim e tudo que estava em volta também.

— *Xirós.*

Uma baforada quente fez com que ficasse tudo seco. Eu ia matar ele, juro que ia. Berrei dando ênfase a cada palavra.

— O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO?

— Acordando você, moça do pijama de rosquinhas.

Tinha aprendido a conjurar roupas um dia antes. Isso não ia impedir que eu o assassinasse. Mesmo porque, eu sempre fui excêntrica, não ligava para isso.

— Vou perguntar mais uma vez. Quero decidir com que tipo de crueldade você merece morrer por me acordar dessa maneira.

— Você não acordava de jeito nenhum e precisamos ir. O portal para a grande floresta vai se abrir em trinta minutos.

— Que portal? Evan você ficou maluco? Nós só vamos amanhã!

— Não vamos não! O plano original é um chamariz para o caso de estarem preparando algum tipo de ataque ao nosso comboio. Quero dizer, a maioria das pessoas ainda sairão daqui amanhã, mas nós vamos agora.

— Você me fez decorar todos aqueles passos por nada?

— Não foi por nada, precisava parecer real!

Bufei! O plano dele tinha cinquenta páginas. CINQUENTA!

— Mas e a minha avó? Ela só chega amanhã e eu queria vê-la.

— Ela chega daqui a pouco, mas só vai conseguir te ver depois que voltarmos. Anda logo, estamos perdendo tempo demais. E pega suas coisas porque vai treinar

lá também.

— Pensei que era uma festa! — reclamei. — Nem uma folguinha?

Ele nem me deu moral.

— Vou te esperar lá fora. Temos cinco minutos.



Alguns dias depois e eu já estava no topo do prédio. Todos que partiriam comigo também. Iriamos em vinte pessoas, entre elas quinze dos melhores defensores.

Foi o primeiro contato que tive com o exercício de Nafh'ta. Os guerreiros mantinham um padrão sério em seus uniformes verde musgo. Cada um com a arma que melhor lhe encaixava. Reparei que todos eles tinham uma lápide desenhada em volta do símbolo da profecia em suas mãos.

Disfarcei e me aproximei de Laiza, falando em tom baixo.

— Porque os símbolos deles são assim?

— Eles são da elite do exército, alguns dos melhores guerreiros. Quando fazem o juramento, todos dizem que o seu fim é o túmulo, por amor à lenda. Depois tatuam esse símbolo. É a forma deles de dizer que servirão até a morte.

Arregalei os olhos.

— Isso é assustador.

— E muito bonito também.

Laiza tinha um gosto estranho. Celen chamou a atenção de todos com seu vozeirão.

— Hoje nós vamos fazer nossa última viagem à festa das flores antes da primeira lua. É de suma importância que nossa viagem seja segura, por isso conto com vocês para que tudo corra bem. Se qualquer coisa sair do controle, lembrem-se: A prioridade máxima é levar a Elemental à floresta. Entendido?

Os guerreiros deram um urro que me fez pular no lugar. Eles se organizaram em equipes e logo estávamos todos descendo as escadas. Laiza estava do meu lado, conferindo dados.

— Como nós vamos fazer para chegar à grande floresta? Nós vamos de Voltrin ou algo do tipo?

Ela riu.

— Não! Vamos usar um portal em uma das cavernas subterrâneas.

— Que maravilha, um portal! Sabe como eu amo portais, mais ainda se for logo cedo e de barriga vazia.

Laiza riu.

— Fique tranquila, quando vir o banquete que estão preparando, ficará feliz por não ter comido nada.

— Acho que nem um banquete me anima hoje.

— Que mal humor é esse logo cedo? Não é muito a sua cara...

Evan passou por nós, se intrometendo na conversa.

— Ela não gostou da forma como eu a acordei. Acho que esperava um beijo de bom dia.

Minha cara avermelhou, agora eu ia matar ele mesmo. Laiza olhava para nós com ar de riso.

— Que bom que vocês já estão se entendendo. Achei que isso nunca ia acontecer.

— Ele é um idiota. Me acordou com uma cachoeira gelada.

Ky arregalou os olhos.

— Essa cena eu queria ver.

Continuamos a peregrinação até uma das portas no primeiro andar. Ela dava para uma decida íngreme de escadas enferrujadas até o que parecia ser o subsolo. Era mal iluminado. Eu só ouvia os passos apressados batendo nas poças de água no chão da caverna.

No centro de uma grande gruta havia um portal de pedra. Sem perder tempo, Celen se aproximou e começou a lançar feitiços. Parte dos metais do lugar escoou em direção ao portal e o cobriu por completo. Uma fina camada esbranquiçada surgiu no interior do semicírculo.

Do outro lado víamos as sombras de cinco indivíduos. Um deles deu um passo à frente.

— Mestre Celen, espero que tudo tenha corrido bem.

— Até agora tudo dentro do plano, chefe Tâima. Não quero me estender! Quando mais rápido passarmos pelo portal, mais cedo poderemos respirar aliviados.

— Sem dúvida. Mantereí o portal dessa forma enuviada conforme me pediu. Podem passar.

— Obrigada Tâima.

Primeiro passou uma parte dos guerreiros. Esperamos que eles conferissem a segurança do outro lado. Pareceram horas esperando em silêncio, só com o som de Celen batendo a calda. Os próximos foram Ky e Laiza, seguidos de Celen.

— Quando eu passar, não demorem.

Só faltava eu, Evan, duas guerreiras Elfas e um guerreiro humano. O guardião batia Kydêmonas no chão.

— Vá na frente, Alys.

— Vamos juntos.

— Não, tem algo errado aqui. Vai logo.

Quando coloquei o pé dentro do portal, fui jogada para trás com força. Cai a metros de Evan. Ele assumiu a postura de batalha e gritava para Celen que estávamos sendo atacados. Eu bati com muita força no chão, fiquei um pouco zonza.

Os três guerreiros correram na minha direção. Antes que o guardião pudesse avisá-los, um raio luminoso os atingiu. Eles foram transformados em placas de gelo com expressões de terror à mostra.

Evan começou a berrar para mim.

— Alys, evoque o cajado! Mas não tente caminhar, tem uma arma de sensor presa ao teto.

Ouvi a voz de Celen através do portal.

— Evan, o que está acontecendo?

— Tem alguém nos atacando. Plantaram uma arma Grou no teto.

Eu me levantei com dificuldade, minha cabeça não parava de girar.

— Não estou conseguindo atravessar o portal. Vocês precisam conseguir, aqui estarão seguros.

Evan olhou para mim. Eu evoquei o cajado. Ele assumiu sua posição de luta. Kydêmonas brilhava em suas mãos. Uma gargalhada ecoou pela caverna. Eu olhei em todas as direções procurando a origem da voz. Da passagem pela qual viemos, surgiu a forma de uma pessoa.

— Deixar você aos cuidados desses três guerreiros patéticos foi muito juvenil.

A boa notícia: não era a voz dos olhos amarelados.

— Quem é você?

A má notícia: o dono da nova voz também não queria ser meu amigo.

— Meu mestre disse que seria fácil te alcançar. Não imaginei que seria tanto.

Assumi a posição de defesa e urrei.

— EU PERGUNTEI QUEM É VOCÊ?

Não sei se foi raiva ou medo, mas levantei o cajado e recitei um feitiço. Na ponta dele surgiu uma grande bola de fogo que eu lancei em direção ao meu inimigo. Ele desviou do ataque que ricocheteou na parede fazendo com que os metais do teto balançassem. Evan segurou meu ombro.

— Alys, não! Quando te ensinei esse feitiço, te disse para nunca usar em lugares fechados.

Ele não sabia a hora de parar de bancar o professor.

— Cavernas se encaixam nessa definição!

E daqueles rabugentos ainda. Eu não entendia como o garoto tinha sido tão rápido.

— Como você chegou aqui sem virar picolé?

— Ele ficou entretido com você, aproveitei a oportunidade.

— Grande coisa — falou o atacante. — Destruirei os dois e levarei suas cabeças ao meu mestre.

A silhueta começou a caminhar para a luz. Evan se colocou à minha frente. Eu pensei em reclamar, mas achei que não era hora para bancar a autossuficiente. Assumi a postura de batalha, mesmo atrás dele. Evan parecia surpreso.

— Um Zmora? Só podia ser.

Parecia um humano. Só que não. Era um conjunto de ossos com a pele grudada no corpo. Tinha cor de vômito. Os olhos eram parcialmente amarelados, como se estivessem em transformação. Apesar disso vestia um terno preto bem alinhado e trazia nas mãos ossudas uma espada negra.

— Evan Uriah! O guardião. O grande detentor da espada de Kydêmonas. Eu gostaria de arrancar seus corações com as minhas próprias mãos. Pena que você não tem nenhum.

Evan parecia ter sido atingido por um dos ataques de Thela.

— Wen, é você? O que você fez?

A voz dele falhou. O zmora soltou uma gargalhada.

— Eu escolhi o lado certo, ao contrário de você que se contentou em viver na sombra dessa garota fraca.

O guardião não moveu um dedo. Eu não sabia se isso era bom ou ruim. Baixei o tom de voz.

— Quem é esse, Evan?

Wen fez beicinho. Era mais assustador ainda.

— Estou ofendido, nunca falou de mim para ela?

Fiquei na dúvida se Evan ainda estava respirando.

— Ele... ele foi treinado comigo. Até dois anos atrás, quando desapareceu.

— Na verdade eu fui encontrado! O mestre me ofereceu mais poder do que jamais imaginei ter.

Evan não respondeu. Mantinha os olhos vidrados no garoto à nossa frente. O sorriso dele só aumentava.

— Até que ela é bonitinha, pena que vai morrer.

O guardião se ajustou de forma que me manteve fora do alcance do Zmora.

— Se o seu mestre achou que mandando você poderia me derrotar, ele não deve ser tão poderoso quanto você fala.

Wen não gostou da zombaria de Evan. Empunhou a espada e recitou um feitiço que a deixou com chamas negras. Antes que atacasse, Celen passou pelo portal. A fúria do dragão era tão grande que me assustou e me encolhi. O cajado criou em torno de mim uma barreira invisível que acabou jogando Evan longe.

Celen cuspiu chamas azuis no Zmora, que se defendeu bloqueando com a espada. Evan se levantou e começou a atacá-lo também. Vendo que não tinha como

vencer, ele bateu as mãos e se tornou em cinzas.

Evan não parecia feliz. Me aproximei receosa.

— Desculpa, não sabia que o cajado fazia essa barreira.

— Sem problemas.

Ele me respondia olhando as armas presas ao teto. Insisti.

— Você está bem?

— Estou.

— Evan!

Aumentei o tom de voz. Ele olhou para mim.

— Que foi?

— Você está bem?

— Eu já disse que estou.

Ele não estava. Mesmo que a expressão estivesse tranquila. De alguma forma eu sabia que ele não estava bem. Celen vinha alarmado em nossa direção.

— Um Zmora nas dependências do prédio do conselho! Isso é um péssimo sinal.

Evan continuava procurando pistas.

— Ele ainda não estava transformado por completo. Era um aprendiz.

— Isso eu percebi, mas não muda o fato de que eles não deveriam conseguir acessar esse local. Não sem permissão.

Eles se entreolharam. Celen criou seus pássaros mensageiros de metal.

— Avisei à Sacerdotisa sobre o que aconteceu. Ela e a subtenente devem chegar em breve.

Eu não estava entendendo nada dessa conversa.

— O que são Zmoras?

Celen pegou uma porção de cinzas no chão.

— Eram humanos que, na maioria não tinham poderes. Eles se submeteram a rituais necromantes para absorver poder. O primeiro Zmora foi um mago muito importante em Nafh'ta, mas quando não apoiaram seus experimentos ele sumiu. Tempos depois começaram os rumores de mais deles.

— E por que estão atrás de mim?

— Isso é conversa para outra hora, vamos logo.

Dessa vez, entramos juntos no portal. Evan segurou firme minha mão e me puxou para o redemoinho de cores que nos levaria à grande floresta.

CAPÍTULO 32

A FESTA DAS FLORES DE LIFRAN

Eu estava me acostumando às viagens de portal. Era isso ou a falta do café no estômago, mas quando chegamos do outro lado, eu estava inteira. A primeira coisa que vi foram as expressões de sarcasmo na cara do Ky e da Laiza. Demorei alguns segundos para perceber que era porque eu estava de mãos dadas com Evan. Me soltei dele com delicadeza.

O destino do portal foi a borda da floresta, de frente para uma bonita clareira. Os guerreiros que vieram conosco rodeavam nosso grupo em alerta. As sombras que vi pelo portal eram humanoides brancos com sardas espalhadas pelo corpo. Os cabelos cor de fogo e os olhos alaranjados combinavam com as unhas e cílios de metal verde. Sobre o lado do corpo até o meio da face havia uma grossa camada de um metal vermelho, que cobria também suas orelhas pontudas.

A mulher que parecia ser a líder, foi a primeira a se apresentar. Ela ajoelhou-se sobre uma das pernas e colocou o punho fechado sobre o peito.

— Elemental, é uma honra ter vivido para conhecê-la.

Todos os outros imitaram o gesto. Eu fiquei envergonhada.

— É um prazer conhecê-los, mas não é preciso toda essa formalidade.

Eles levantaram. A líder parecia impressionada com a minha atitude.

— Seja bem-vinda à Grande Floresta!

Eles me olhavam como se eu fosse o ser mais poderoso do universo. Não sei se isso me assustava ou dava pena. Ela se virou para Celen.

— O que aconteceu do outro lado?

O dragão assumiu uma postura rija.

— Um Zmora atacou o grupo assim que passamos.

Thela ficou agitada.

— Eu preciso voltar.

— Não precisa Thela! Já avisei sua subtenente e a sacerdotisa. Elas estão a caminho e devem descongelar os soldados que foram atingidos.

O jovem rapaz entre o grupo farejava algo.

— Nós deveríamos sair daqui. Mesmo que eu ache difícil um ataque na borda da floresta, é melhor não correr riscos.

— Você tem razão Machi, vamos.

Para seres tão versados em magia, meus companheiros de viagem gostavam demais de andar. Nós nos embrenhamos mata adentro, em um grupo compacto que conversava em voz baixa. Eu observava os nossos anfitriões.

— Laiza, quem são eles?

Achei que seria ofensivo perguntar o que eles eram. Minha amiga baixou o tom de voz.

— Essa é a Pajé da tribo dos Elfos da grande floresta.

Comparei com os elfos que conhecia.

— Eles não se parecem com você ou Thela. Nem mesmo com Raszen.

Baixei o tom de voz.

— São mais animais.

Ela chegou mais perto de mim.

— Somos de raças diferentes. A floresta é protegida por eles e como aqui é o centro de surgimento dos metais, os humanos normais não conseguem entrar na mata.

Por várias vezes vi guerreiros disfarçados, que só se faziam visíveis para nos cumprimentar. As árvores pareciam se fechar e havia tantos metais que em alguns trechos a floresta parecia ser composta somente deles. A iluminação ficava por conta das pequenas borboletas fluorescentes e a trilha era pontilhada de pedrinhas azuis. Me abaixei e peguei uma delas.

— Ky, você viu como essas pedrinhas são?

Ele também pegou uma no chão. Levantou contra a luz para vê-la melhor.

— Parece que tem um universo dentro delas, não é?

Era nisso que eu estava pensando. Elas pareciam um céu estrelado. Um dos elfos ruivos que acompanhava a comitiva ouviu o que falávamos.

— Não só parecem. Elas são universos.

Ele passou por nós e foi conversar algo com sua líder. Eu olhei impressionada para o pequeno fragmento em minha mão.

— Laiza, isso é sério?

— É o que eles acreditam.

Coloquei a pedra com cuidado no chão. Vai saber se eles estavam certos?!

Chegamos a um gigantesco monumento de pedras. A elfa à nossa frente levantou a mão de forma solene e disse:

— Grande floresta que nos abriga, viemos em paz! Nos dê passagem pois somos sangue de Ikal.

Quando ela passou no meio do arco, desapareceu da nossa vista. Celen me deu sinal e Evan se colou ao meu lado. Acho que valeu a experiência da caverna, não ficaríamos por último dessa vez.

Foi um piscar de olhos, como se tivesse atravessado uma cortina de água gelada. Estávamos na entrada de uma caverna translúcida, de frente para um imenso vale verde com casas em pedra. No centro do vilarejo erguia-se uma construção magnífica: uma pirâmide muito semelhante às feitas pelas civilizações Maia. A diferença era o metal que estava nas camadas e uma antena altíssima no topo.

A lua aqui era maior do que o normal e os metais se moviam quando a sua luz tocava neles. Era algo lindo de observar. O mesmo guerreiro que havia me explicado sobre as pedras, se colocou ao nosso lado.

— Nós chamamos esse efeito de a Íris dos metais. É o arco íris da lua.

Eu perdi o fôlego.

— É lindo!!

— Nossos ancestrais acreditavam que é a Lua conversando com os metais — ele me esclareceu.

Quem era eu para duvidar?!

A Pajé nos guiou por uma estradinha e voltamos a caminhar. Eu gostaria que criassem um portal direto para o café, era pedir demais? Quando meus pés começaram a doer nós chegamos diante de um conjunto de chalés suspensos.

Elas ficavam no topo das árvores que rodeavam o povoado. Eram quatro formas arredondadas, inteiras de metal e com largas varandas cobertas. Tâima apontou para as casas que ficavam nos extremos.

— Aquelas são maiores. Preparamos para receber os guerreiros, vão encontrar tudo que precisam para fazer a segurança. Aquela mediana é sua Celen, além de um quarto mais amplo, tomei a liberdade de deixar algumas coisas da vila, que sei que gosta. Há quartos também para as Elfas e o garoto. Já a menor foi preparada para vocês dois.

Uma vermelhidão tomou meu rosto. A líder pareceu perceber e completou.

— Há dois quartos lá.

Celen soltou uma risadinha e Evan fez um som que não consegui discernir o que era. Controlei minha curiosidade de olhar para ele e entender.

— Bom, agora que já estão acomodados vou voltar ao templo. Há um banquete preparado nas dependências dos aposentos do Celen. Nos vemos mais tarde.

No pé das árvores havia caixas de ferro com botões controladores. No topo nos deparamos com uma extensa mesa de madeira, posta com pães, frutas e outras coisas as quais, por pura educação, provei todas. Claro.

Passado o susto do ataque na caverna, todo mundo parecia animado com a festa. Ky estava com a boca cheia e continuava a enfiar comida nela.

— Eles sabem como fazer boas rosquinhas.

— Parece que você nunca comeu uma na vida, Ky — observei.

Ele deu de ombros e continuou a comer.

— Alys, vá descansar. Daqui a algumas horas vocês terão treinamento. Além disso, a festa começa hoje e Laiza irá te preparar.

O meu chalé tinha duas varandas, então procurei aquela que estava cheia de Syfar. Acertei no palpite, aquele era meu quarto. Embora eu devesse dormir, estava empolgada com o lugar e resolvi me sentar e observar um pouco a paisagem.

Me recostei na poltrona e fiquei admirando o rio que corria logo à frente. No horizonte o sol começava a despontar. Ouvi passos e Ky apareceu vindo pela ponte que ligava nossas casas.

— Sem sono?

Ele me perguntou. Eu apontei para o horizonte.

— Tem como dormir em um lugar desse?

Ele se sentou ao meu lado.

— A floresta é impressionante, não é?

— Sem dúvida.

Meu amigo começou a balançar os pés. Fato engraçado sobre o Ky: ele não costumava fazer rodeios para falar. Mas quando isso acontece, o pé dele ganha vida própria.

— Tem alguma coisa acontecendo?

— Talvez...

— E você não vai me falar logo? Tá me dando aflição o tanto que está se balançando. Daqui a pouco vai parecer um boneco de posto.

— Engraçadinha! É... a Laiza é uma pessoa bacana, não é?

Levantei as sobrancelhas.

— Quem fala bacana hoje em dia Ky? Quando sua avó era criança não se falava bacana mais.

Ele olhou feio para mim.

— Você pode não tornar isso mais difícil do que já é?

— Não!! — zombei. — Sim, ela é maravilhosa. Eu acho pelo menos!

— Hum.

Ele se calou.

— Você veio aqui só para me perguntar se a Laiza é legal? Isso você já sabe.

Eu não tinha paciência para enrolação. Ele desatou a falar, embolando palavras.

— É que, na festa das flores, as pessoas vão acompanhadas. Eu pensei, assim, no caso dela não ter companhia. Pensei em convidá-la.

Abri um sorriso.

— Isso sim é uma boa ideia!

Franzi as sobrancelhas.

— Ei, por que ninguém me disse que eu precisava ir acompanhada?

Ele continuava olhando para os próprios pés.

— Porque você já está acompanhada! Vai com o guardião.

Cruzei os braços. Odiava que tomassem as decisões por mim.

— Eu não tenho opção?

— Tem! Mas não acho que isso mudaria alguma coisa.

— Não vou nem comentar. Sobre minha amiga elfa, acho que deveria fazer isso antes que alguém faça.

— Vou falar com ela hoje.

Vi um brilho diferente nos olhos dele.

— E Ky, me faz um favor?

— Hum?!

— Não me faça esperar sete anos para ver vocês juntos ok? Nossa vida anda muito complicada, ninguém sabe o que vai ser amanhã. Não deixe para depois.

Ele pensou um pouco.

— O ataque da caverna te afetou não foi? Está até filosofando.

Ele tinha que fazer piada. Estreitei os olhos para ele.

— Idiota! Estou falando sério. Sua vó partiu tão de repente e olha só meu pai, não sei nem onde ele está!

Ky colocou a sua mão sobre a minha.

— Celen disse que ele está bem, que consegue sentir a energia adormecida dele.

— Ele estaria bem se estivesse aqui.

Ele ficou calado. Eu ainda não estava satisfeita.

— Vamos, me prometa!

— Prometer o que, Alys! Você está imaginando coisas.

Levantei as sobrancelhas. Ele entendeu o recado.

— Está bem! Prometo.

Quando o dia já estava claro, Ky se levantou para ir embora.

— Vou ver se encontro Laiza.

— Por favor! E não se esqueça de torcer para que ela seja uma grande papa anjos.

— Por quê?

Eu tinha que piorar o nervosismo dele, é claro!

— Ela deve ter uns cem anos, seu bocó.



Acho que ele não tinha lembrado disso porque foi embora pensativo. Torci para que não tivesse estragado tudo. Entrei e me deitei na macia cama de cipó

dentro do quarto e só acordei uma hora depois com um pássaro bicando minha mão. No seu pequeno bico havia um bilhete escrito com capricho:

“Ly, me encontre na sala de refeições. Preciso te ajudar com hoje à noite. Laiza.”

Eu estava curiosa sobre a tal festa, então só joguei uma água no rosto e corri para a encontrar. Como sempre, ela estava com os olhos pregados nos seus aparelhos e demorou algum tempo até me perceber.

— Nossa, você foi rápida!

Dei os ombros.

— Milagres acontecem.

Me sentei ao seu lado. Havia várias fórmulas anotadas em papéis espalhados pela mesa. Laiza juntou todos eles em uma pilha no canto.

— Informações sobre a profecia. Estou tentando decifrar algumas coisas que Tzeba me enviou. Ele me atualiza de cada nova letra que aparece.

— Alguma coisa expressiva?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Só rabiscos até agora.

Ela criou imagens em 3D para que eu pudesse acompanhar a explicação.

— A festa das flores é um evento muito importante aqui na floresta. Ela sempre acontece no equinócio da primavera e marca a temporada das flores de Lifran.

— Existem flores naturais de Lifran?

Ela apontou para meu rosto.

— Sim. São como essas marcas.

Passei os dedos pelo Lifran. Laiza continuou.

— Elas só desabrocham por dois dias durante o ano! No primeiro dia, temos a celebração das luas. É uma grande festa onde gente de toda parte vem para agradecer ao Construtor pelos metais. No segundo dia acontece a cerimônia de juramento, quando por livre vontade os seres declaram lealdade à profecia. É nela que Evan fará seu pacto.

As imagens que eram de luas e flores se alteraram para vestes estranhas.

— Na festa você deverá usar um tipo de túnica como esta. Mandeí alguns modelos para o seu aparelho. É muito importante que tenha de todos os metais nela e que as suas costas estejam à mostra ok?

— Certo.

— Você também terá que fazer um discurso.

Claro que ninguém tinha me dito nada sobre falar em público. Eu era péssima.

— Como é que é? Discurso? Por que vocês sempre deixam para me contar essas coisas de última hora? Eu já poderia estar me preparando!

— Suas palavras devem vir ao seu coração na hora, ninguém pode te ajudar, nem o tempo!

Olhei para ela horrorizada, como assim um discurso improvisado? A única coisa que viria do meu coração seria desespero. Celen entrou com alguns pergaminhos em mãos.

— Evan está te esperando lá embaixo para começar o treinamento.

Não sei se foi o senso de responsabilidade do dia anterior ou puro ódio naqueles corações, mas o guardião me fez correr o dobro. Ele me ensinou uma técnica de equilíbrio e me fez correr sobre a copa das árvores por quilômetros. Depois Celen me ensinou sobre a história da grande floresta e sua importância para a mágica como um todo.

O dia transcorreu como em Nafh'ta, salvo pelas participações de elfos no meu treinamento com Thela. Até Evan penou para sobreviver. Quando me liberaram no final da tarde, a única coisa que vi foi minha cama.

É claro que eu ia perder a hora em um dos dias mais importantes da minha vida. Sou eu afinal. Quando a voz do Evan ecoou através do meu Dim, só tive tempo para um banho apressado.

Criar vestes cerimoniais a partir das imagens mandadas por Laiza foi mais difícil do que imaginei. Os meus metais ficavam interferindo na disposição das runas.

Quando eles sossegaram, eu estava vestida com uma longa túnica cinturada. Era cor de pergaminho, sem mangas e com as costas abertas. O meu cabelo descia em cachos e havia pequenas borboletas brilhantes presas nele. Nunca tinha me visto daquela forma. O androide de segurança do quarto falou pela primeira vez.

— Evan Uriah, pedindo permissão de entrada.

Levei um susto e coloquei a mão sobre o peito.

— Entrada permitida.

Ele entrou olhando o aparelho no seu pulso.

— Alys, vamos? Não podemos nos atra...

Parou a frase pela metade quando olhou para mim. O guardião vestia uma túnica azul com desenhos metálicos de fênix. Me olhou de cima a baixo e eu cruzei os braços em desafio.

— O que foi? Está muito ruim?

Ele se recompôs.

— Está dentro do esperado. Vamos?

Sorte dele que eu estava com preguiça de retrucar. O acompanhei até a varanda onde um barco dourado flutuava nos esperando. Ele nos levou até o centro do vilarejo, onde várias outras pessoas chegavam em veículos como o nosso. Não consegui me conter.

— Uauuu!

Não fosse a beleza natural da cidade, ainda havia dezenas, talvez centenas, de botões de flores de Lifran, espalhadas por todos os cantos. O templo estava todo decorado com símbolos de metal. Pela praça havia mesas longas com cadeiras em tamanhos variados. Quando uma senhora de três metros de altura e pele de tartaruga passou por mim e me cumprimentou, comecei a ficar nervosa.

— Devia ter estudado mais sobre as criaturas mágicas. Como eu vou saber se não estou cometendo alguma gafe?

Evan sussurrou.

— Aqui não é a sede do governo, Alys. Fique tranquila! A maioria das pessoas sabe que você não está habituada aos costumes individuais.

Conhecendo meu talento para fazer bobagem, não me tranquilizei.

— E se eu ofender alguém?

— Fique por perto. Na pior das hipóteses te tiro da enrascada.

Na mesa separada para nós, Celen tinha conjurado sua poltrona favorita. Thela como sempre muito bonita, parecia desconfortável, puxando as vestes para baixo. Duas pequenas elfas corriam em volta dela, enquanto o Elfo sentado ao seu lado fazia bolas de sabão com os dedos. Evan sussurrou.

— Quem diria que Thela teria filhas.

Eu compartilhava do espanto dele!

Laiza estava de tirar o fôlego! Suas vestes negras combinavam com a cor de sua pele e com os olhos de gato. Ao seu lado Ky parecia muito satisfeito e eu torci para que fosse porque estavam juntos. Celen suspirou aliviado quando nos viu.

— Que bom que chegaram! Estava quase indo ao encontro de vocês.

Eu nem tinha me atrasado tanto assim. Achei que tinha algo errado. Evan também percebeu.

— Aconteceu alguma coisa?

Celen nos deu sinal para sentar e baixou o tom de voz.

— Um ataque na borda da floresta. A caravana dos Igrots e Ninfas foi interceptada por Zmoras — explicou.

Evan endureceu o semblante.

— Zmoras? Eles tiveram coragem de vir até a borda da floresta?

— Sim! Eles estão confiantes, Evan! — explicou o dragão. — Alguma coisa está dando a eles a ideia de que podem vencer.

Um breve silêncio. Um calafrio passou pela minha espinha. Laiza parecia ter perdido um pouco da animação.

— Precisamos manter as informações em sigilo total.

Todos concordaram com a cabeça. Boa parte da festa decorreu com o nosso pequeno grupo concentrado no que tinha ocorrido mais cedo. Evan criou pequenas

libélulas de Syfar e as soltou no ar. Como viu que eu observava, explicou.

— São patrulheiros. Me avisarão se virem algo estranho.

— Ninguém vai perceber os insetos de metal voando por aí?

Antes que ele respondesse, percebi o quanto minha preocupação foi idiota. É claro que ninguém acharia estranho. Era comum ver libélulas de metal por aqui.

Já era bem tarde quando pessoas começaram a dançar, cada um da sua própria forma. Uma mão tocou meu ombro e Evan se levantou e apontou a espada no pescoço do garoto. Até hoje não sei de onde ele tirou aquela arma.

— Calma!!

Era o Príncipe Raszen. Ele usava vestes douradas e uma faixa azul passava por seu peito com medalhas abotoadas. Ele levantou as mãos em posição de defesa.

— Evan Uriah, não é? Me desculpe, deveria ter anunciado minha chegada. Em especial, depois de tudo que aconteceu hoje.

Evan não pareceu convencido, mas abaixou a espada. As pessoas à nossa volta estavam tão entretidas pela banda de duendes que não repararam na breve confusão. Celen, no entanto, parecia preocupado.

— Você estava com o comboio que foi atacado, Príncipe?

— Não, Mestre! Eu vim para a cidade há alguns dias. Já estava aqui quando aconteceu esse infeliz acidente.

Evan se apoiou na espada.

— Você tem notícias da sua irmã e cunhado?

Percebi que Raszen torceu o nariz. Foi muito rápido e achei que estava imaginando coisas.

— Eles estão bem! Vão se atrasar um pouco. Mas estão inteiros.

O dragão estreitou os olhos. O príncipe assumiu uma postura defensiva.

— Eu não vou ficar atrapalhando a comemoração de vocês. Só vim cobrar o meu prêmio por ter ajudado a Elemental outro dia.

Evan parecia ter chupado limão.

— Que prêmio?

Não tinha como escapar do problema.

— Eu prometi uma música a ele.

Evitei o olhar do guardião. Tinha certeza que ele queria me matar uma hora dessas e eu nem podia tirar a razão. Me levantei e peguei na mão estendida do garoto. Quando chegamos ao centro do palco me lembrei do principal: eu não sabia dançar!

— Não acho que essa será uma boa experiência para você, continuo não sabendo dançar.

— Fique tranquila, é só usar um feitiço.

Enquanto a música tocava, nós trocamos os pés e as mãos em uma sintonia de corpos. Eu não sabia que dançar era tão divertido.

— Então Alys, o que está achando de Ikal?

— É muito bonita.

Ele olhou por cima do meu ombro.

— Acho que alguns dos convidados não estão felizes, porque estou te monopolizando.

Dei um sorriso sem graça. Ele mudou de assunto.

— Se tiver tempo amanhã, gostaria de te mostrar uma das cachoeiras na divisa da floresta. Dizem que as águas de lá são poderosas.

— Eu não sei se Celen vai me liberar do treinamento.

— Posso ver isso com ele. Você não pode viver só para treinar.

Perto da primeira lua e sem o mínimo treinamento, eu podia sim. O problema é que eu não tinha foco. Sempre fui um desastre quando o assunto é ser cuidadosa, então acabei me deixando levar pela conversa simples e quando dei por mim tínhamos dançado por horas.

Quando uma música lenta começou a tocar, Raszen passou a mão pela minha cintura. Fiquei desconfortável. Não planejava estar tão perto dele e os meus metais vibravam me dando pequenos choques. Parecia que estavam em revolta comigo.

Tentei evitar os olhos do Príncipe e acabei vendo Evan. Ele conversava com a mulher mais bonita que já tinha visto na minha vida. Seu corpo estava adornado com pedras preciosas enquanto suas vestes prata valorizavam suas curvas.

A música parou. Raszen continuou na mesma posição. Evan se materializou ao nosso lado.

— Chegou a hora Alys, precisamos ir.

Me desvencilhei do Príncipe, não antes que ele estampasse um sorriso sarcástico no rosto.

— Que bom que a Elemental pode contar com um guardião tão dedicado!

Impedi que Evan desse alguma resposta malcriada.

— Obrigada por hoje, Raszen.

— A noite ainda não acabou! Quando as formalidades acabarem te esperarei para lhe apresentar algumas pessoas importantes.

O elfo piscou para mim e saiu andando. O guardião não disse uma palavra e me guiou até o templo. No topo das escadas a Pajé nos esperava.

— Está quase na hora. Daqui a pouco as flores vão desabrochar.

Eu pisquei várias vezes, nervosa. A líder percebeu meu desespero.

— Fique tranquila querida, o Construtor vai te inspirar!

Concordei com a cabeça, mais por educação do que por crença no que ela dizia. Evan deu um passo para trás. Estranhei a atitude dele.

— Aonde você está indo?

— A lugar nenhum. A Elemental é você, eu não passo do guardião. Você que precisa aparecer.

Até em uma hora como essa, ele conseguia ser idiota. Sussurrei entre os dentes:

— Você pode, por favor, deixar de *rabugentice* pelo menos agora?

Ele fechou ainda mais a cara. Eu não me deixei intimidar.

— Volta para cá!

Os seres se aglomeravam ao pé do templo. Entoavam a mesma música que ouvi no dia em que fui ao encontro da minha avó.

Quando um Elemental e um guardião se tornarem, enfim poderemos ver a luz e a magia retornarem e a todos nós fortalecer. Agora desperte e lute como parte do exército imaterial, vós que sois sangue de Ikal, sejam corajosos e justos até o final.

Aquela melodia me encheu de coragem e fez com que Evan parasse ao meu lado. Quando a Pajé começou a falar, a música cessou.

— Sejam todos bem-vindos a mais uma festa das flores. Hoje é uma data muito importante. É sem dúvida, a festa mais importante de nossa história. Hoje vemos com nossos próprios olhos a profecia se cumprindo, por isso a Elemental é quem fará o discurso de desabrochar.

Ela me deu sinal. As pessoas aplaudiram. Eu comecei a sentir falta do oxigênio. Nervosa, segurei a respiração. Evan percebeu o perigo e me ralhou por entre os dentes.

— Respire, cabeça! Seu príncipe ficará decepcionado se você desmaiar.

Respirei fundo e fechei os olhos por um breve momento. Só consegui pedir ao Construtor que me ajudasse a não passar vergonha. Senti os dedos de Evan tocando minhas costas, na marca das asas. Eu precisava começar a falar.

— Seres mágicos, se aproxima o tempo em que toda criação experimentará a natureza para a qual foi criada. Flores, frutos e almas serão tocados novamente pelo sopro do Construtor.

Enquanto falava, as flores começaram a desabrochar. A luz da lua se tornou mais intensa e um doce perfume tomou conta do lugar.

— Isso exigirá de nós sacrifício e dedicação. Somos diferentes em nossos poderes, mas iguais em nossa natureza. E é em nome dela que peço a cada um de vocês que se juntem a nós.

Algumas flores já estavam abertas por completo. De dentro delas, pequenas luzes arroxeadas saltitavam. Os seres voltaram a cantar sobre a profecia até que o último botão se abriu.



O resto da noite transcorreu em um borrão de rostos. Líderes me cumprimentavam e manifestavam o seu apoio. Dancei até meus pés doerem e cumpri cada formalidade que Raszen me apresentou. Evan ficou conosco nas primeiras horas, depois me disse que ia falar com Celen e não voltou. Já não conseguia me manter em pé quando o príncipe Elfo sugeriu que eu fosse para casa.

— Vamos, eu levo você. Sua energia deve estar comprometida.

— Não precisa! Eu vou encontrar o Evan.

Ele olhou em volta.

— O guardião não está em nenhum lugar, não acho que seja seguro que volte sozinha.

Acabei concordando, o histórico dos últimos dias não era bom. Caminhamos até a borda das árvores e Raszen enfeitiçou uma folha que nos levou até a varanda do meu quarto.

— Obrigada, pela noite e por ter me trazido em casa.

Não disfarcei que aquilo era um “Vá embora!”. Não sabia como os Elfos lidavam com algumas situações, mas tinha certeza de uma coisa: um garoto seria sempre um garoto, fosse a qual raça pertencesse.

Não funcionou. Ele me puxou e me lascou um beijo. Não esperava que ele fizesse isso e fiquei sem reação. A voz mecânica do androide ecoou.

— Evan Uriah pede autorização de entrada.

Raszen se afastou de mim e abriu um sorriso.

— Eu poderia te pedir desculpas por isso, mas não tenho a mínima intenção de fazê-lo.

Subiu na folha que planava na borda da varanda e sumiu de vista. Respirei fundo me encostando em uma pilastra.

— Senhorita Elemental — insistiu o sistema —, o guardião continua pedindo autorização de entrada.

— Ah, claro. Entrada autorizada.

Me sentei na borda da varanda. Limpei minha boca com as costas da mão. Um sentimento estranho, quase uma tristeza, me incomodava. Eu não deveria estar feliz? Ou pelo menos satisfeita com tudo que aconteceu naquele dia? Evan se sentou ao meu lado.

— Sozinha aqui?

— Você está vendo mais alguém?

Droga. Comecei mal. Ele desviou o olhar para o horizonte.

— Desta vez você se saiu muito bem. Um discurso simples e muito significativo.

— Eu não fiz nada, foi o seu Syfar, não foi? Você que colocou aquelas palavras na minha mente.

O guardião meneou a cabeça.

— E porque eu faria isso?

Dei de ombros.

— Sei lá! Porque tinha Syfar no meu ombro.

— Eu só permiti que o metal se integrasse ao seu Lifran. Achei que ia te dar confiança.

Pensei um segundo sobre aquilo.

— Obrigada!

No horizonte o sol começava a nascer em uma linda explosão de cores. Evan começou a mexer em algo preso ao seu pescoço.

— Eu vim aqui para te trazer um presente.

— Por quê?

Eu não queria parecer tão incisiva. Evan não pareceu ofendido.

— Todos que fazem seu juramento de lealdade oferecem algo à profecia.

— Você sabe que eu não sou a profecia né?

Era para soar engraço, que diabos estava acontecendo? Tentei concertar.

— Não ouvi nada sobre isso nas aulas do Celen, e.... eu... eu não te trouxe nada.

Ele tirou um colar que ficava escondido sob suas vestes, pegou minha mão e colocou dentro dela.

— O que...? Evan, o que é isso?

— É um colar, Alys!

Na ponta de um cordão negro estava preso um cristal arredondado.

— Não seja idiota! Você me entendeu.

Ele se levantou.

— Não é nada demais. Só estou te dando algo que já é seu.

Passou apressado pela porta e a fechou antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa. Fiquei esperando que ele voltasse para se explicar. Ele não voltou. Por acaso, me lembrei de algo que aconteceu no meu primeiro dia em Nafh'ta.

— Androide de segurança, qual seu código?

A voz mecânica respondeu.

— E21, Srta. Elemental.

— E21, você tem domínio só sobre meu quarto ou sobre toda a casa?

— Tenho conhecimento sobre toda a casa, embora só responda à srta.

— Certo. Quanto tempo o guardião esteve na porta esperando para entrar?

— Antes ou depois que pediu permissão de entrada?

Que androide detalhista, pensei.

— Antes.

— Doze minutos e três segundos.

Calculei o tempo que Raszen ficou.

— E21 por acaso o quarto tem isolamento sonoro?

— Tem, mas estava desligado. A Srta. não me requisitou que fosse ativado.

Olhei para o colar, ele brilhava como uma pequena lua. Prendi ele no pescoço e o coloquei dentro das vestes. Me recostei na pilastra e fiquei vendo o sol nascer até pegar no sono.

CAPÍTULO 33

A LINHAGEM AMALDIÇOADA

Não lembro de ter ido para cama, mas, quando acordei, era nela que eu estava. Requisitei ao E21 a informação, mas o sistema ficou mudo. Olhei no Dim e já eram dez da manhã. Eu estava muito atrasada. Mesmo assim, nada de Evan gritando a plenos pulmões ou me dando banho gelado. Aquilo não podia ser bom sinal.

Nas acomodações de Celen, encontrei Laiza. Ela estava sentada em um canto, pegava papéis e organizava pilhas muito afobada. Alguns elfos nativos andavam apressados, colocando objetos sobre a mesa e montando uma refeição mais formal do que as do dia anterior.

Me acomodei ao lado da elfa.

— As coisas estão movimentadas por aqui hoje hein?

Ela colocou a mão sobre o peito e respirou aliviada.

— Graças aos céus é você e não um dos representantes. Já ia te chamar, você tem uma série de compromissos hoje.

— Eu não vou treinar?

— Não. As notícias sobre o exercício que os Zmoras estão formando são cada vez piores. Eles estão crescendo. E depois dos acontecimentos de ontem, Celen resolveu mudar de tática. Não vamos mais ser discretos. Precisamos do o maior número de aliados possível.

Me sentei ao seu lado e peguei uma rosquinha.

— E as pessoas que eu conheci ontem?

Ela não parava de organizar coisas, nem mesmo para me responder. Mas falar de Raszen deu um tom ácido à voz dela.

— O príncipe foi muito generoso, abriu algumas portas importantes para nós ontem. Mesmo que eu desconfie que ele não saiba disso.

— Como assim?

Ela parou e olhou para mim.

— Não confio nele Alys! Acho que você também não deveria confiar. E ele só te apresentou para burgueses e falastrões. A nossa vantagem foi que, enquanto ele fazia isso, nós fomos atrás das pessoas que eram importantes.

Eu tinha ficado tão desligada na festa que nem sabia por onde meus amigos andaram.

— Isso quer dizer que vocês não aproveitaram nada da festa?

— Você estava onde precisava estar. Embora Evan é quem deveria estar dançando com você.

Ela me olhou por cima dos óculos. Parecia minha professora de português quando me dava uma bronca.

— Foi ele que passou metade da noite conversando com o clã das fadas. Elas não costumam tomar partido, mas estamos confiantes.

Me senti mal por eles e por mim mesma. Eu precisava levar mais a sério minha missão.

— Certo. Mas e toda essa organização?

— Os líderes estão chegando. Alguns deles pelo menos! Querem te conhecer, falar sobre a profecia... negociar apoio.

Comecei a suar frio. Situações como essa me deixavam desconfortável. Laiza percebeu minha ansiedade.

— Não se preocupe! Celen foi conversar com a nova Rainha Ninfa. Evan foi se encontrar com dois dos governantes elfos e até Ky foi tentar lidar com o conselheiro da casa dele.

Podia ser o assunto sério que fosse, eu só estava esperando ela tocar no nome dele. Agora tinha certeza, mesmo em meio a organização de guerra, alguma coisa tinha acontecido entre eles.

— Hunnn, Kyer.

Pausa.

— Aquele meu amigo Kyer?

Fiz uma nova pausa. Eu gostava de fazer um drama.

— Aquele meu amigo Kyer com quem você estava na festa ontem?

Se não fosse para ser a amiga idiota, não seria eu. Ela se concentrou nos papéis que estava juntando, em uma péssima tentativa de fugir do assunto.

— Não sei do que você está falando!

— Claro que não sabe! — insinuei.

Ela colocou as mãos na cintura e me olhou feio.

— Os maiores líderes mágicos estão chegando em menos de uma hora e você quer saber sobre a minha noite?

Eu abri um sorriso.

— Então existe uma noite da qual eu deveria saber?

Ponto para mim. Ela respirou fundo e parou o que estava fazendo.

— Talvez!

— Se você não me contar vou perguntar a Ky. Na verdade, eu vou perguntar para ele de qualquer maneira, mas eu quero que você me conte o que aconteceu.

Ela pensou por um momento. Parecia ter farejado algo no ar.

— Com uma condição.

Levantei as sobancelhas. Ela continuou.

— Quero saber, que colar é esse debaixo da sua camisa? Não tem a impressão mágica de Raszen nele, o que me deixa aliviada. Mas quero saber de onde surgiu.

Como foi que ela percebeu o colar? Ele estava muito bem escondido debaixo das vestes de batalha. Enfim, eu não pretendia contar tudo sobre a noite passada, se ela soubesse do beijo me mataria! Mas falar que era um presente pela profecia eu podia, não é?

— Trato feito.

Ela voltou a organizar os papéis. Eles já estavam organizados, ela é que estava toda bagunçada.

— Ontem Kyer me chamou para ir à festa com ele e eu aceitei.

Olhei para ela com desconfiança.

— E você aceitou assim, numa boa?

Ela se calou.

— Você não precisa me dizer. Eu vou torturar o Ky e ele vai me dar até os detalhes mais sórdidos.

Ela fechou os olhos contrariada.

— Ele me levou para ver o Pôr do sol no Topo da Tâmara.

Eu já tinha ouvido falar sobre aquele lugar nas minhas aulas com Celen.

— Pensei que o topo não fosse acessível.

— E não é. Só alguns magos conseguem ultrapassar a proteção do lugar.

— Mas então, como foi que vocês conseguiram ir?

Ela ficou em silêncio de novo. Ky entrou na sala e me deu um sorriso maroto. A elfa não tinha o visto chegar então ele caminhou em silêncio até onde ela estava. Levantou o queixo dela e lhe tascou um beijo daqueles de cinema.

Eu queria saber o feitiço que criava fogos de artifício naquele momento. Queria bater palmas, gritar. Resumindo: queria ser igual aquelas tietes de casais famosos. Mas, usando de toda minha força de vontade, me contive. Achei que chamar a atenção das pessoas nos outros cômodos não agradaria minha amiga.

Quando ele a soltou, a elfa parecia ter sido atingida por um raio congelante. Os olhos esbugalhados para Ky não me enganavam. Aquele não tinha sido o primeiro beijo. Ela tentava dar discretos sinais para ele me apontando com os olhos. Claro que não funcionou porque eu percebi. O susto dela estava muito mais relacionado à minha presença do que com o beijo em si.

— E olha que nem precisei torturar Ky para saber o que houve ontem.

Cruzei os braços e recostei na cadeira. Meu amigo se sentou à nossa frente.

— Porque precisaria? Te conto de bom grado.

Laiza parecia desesperada.

— Ky...

Não entendi o porquê.

— Qual é Laiza? Porque está querendo me deixar por fora do assunto? Por acaso Kyer não te falou que fui eu que o encorajei a te chamar? Ele estava cheio de medinhos ontem.

Kyer ralhou comigo, falando entre os dentes.

— LYS!

— Que foi? É verdade.

A elfa se recompôs aos poucos e se sentou ao meu lado na mesa.

— Não é esse o problema, Alys. É muito complicado. Ky não deveria fazer esse tipo de demonstração pública. Isso pode causar problemas para vocês.

Ela corou. Eu me diverti ainda mais.

— Tenho bastante tempo até a chegada dos líderes.

— Na verdade você não tem — Laiza retrucou.

— Desembuchem!

Eles se entreolharam. Aquele tipo de cumplicidade que só alguns casais tinham. Pelo menos alguém estava desenrolando a própria vida.

— Em que parte você parou? — disse Ky.

— Ela me contou que você a levou ao topo do Tâmara. Jogada de mestre, eu diria, se soubesse como fez isso.

Ele ergueu a mão. Um garfo da outra ponta da mesa voou em nossa direção. Não saiu tão bem quanto o previsto e me abaixei em cima da hora. O talher fincou na parede atrás de mim.

— Ops, ainda estou pegando o jeito.

Meu coração acelerou.

— Você tem poderes? Mas como? Sua linhagem é só humana!

Ky deu de ombros.

— Também não sei. Descobri ontem mais cedo quando treinava.

Fez mais um movimento de mãos, o garfo despregou da parede, agora com um pouco mais de delicadeza.

— O meu clã tem poderes ligados à Ordem, então tenho facilidade em manipular as leis da física.

Fiquei boquiaberta. Ainda estava tentando decidir o que era mais impressionante: Ky ter desenvolvido seus poderes ou o beijo que ele tinha dado em Laiza.

— E como foi?

Ky começou a explicar.

— Eu estava repetindo o encanta...

O interrompi, gesticulando.

— Não idiota. Quero saber como “isso” aqui aconteceu.

Ele abriu um sorriso. Nunca tinha visto Ky tão feliz.

— Ela tentou me convencer com uma lista de motivos negativos. Mas você me conhece, não é?

Olhei horrorizada para minha amiga.

— Lista? Laiza, qual é?

Ela agora fazia círculos com o dedo no pano da mesa.

— Os motivos ainda estão bem vivos. E eu acho que é hora de me retirar.

Ky e eu perguntamos juntos.

— Por quê?

Ela já empilhava as coisas sobre os braços.

— Pelo mesmo motivo de que falamos ontem Kyer. Minha presença pode complicar algumas coisas para vocês.

— Como assim, Laiza?

Ela ficou sem graça.

— Uma hora você vai ter que saber, não é? Você sabe os Zmoras?

Confirmei com um meneio de cabeça, ela continuou.

— Eles são estéreis, mas, quando se relacionam com um humano normal, podem gerar filhos. Esses indivíduos nascem humanos com poderes peculiares. Sempre mulheres. Nascem bruxas.

Eu não entendi a diferença.

— Todos nós não somos bruxos?

— Não, vocês são magos. É natural o poder de vocês. Dessas pessoas não.

Eu não estava gostando daquela conversa.

— Não gosto da forma como as bruxas são vistas, mas prossiga, ainda não entendi o que isso tem a ver com você.

Ky fez sinal de que concordava comigo. Pelo jeito ele também não achava que as bruxas eram um tipo de monstro. A elfa baixou os olhos.

— Minha mãe era uma bruxa. Eu sou uma mestiça.

Olhei para ela tentando compreender qual era o problema daquilo. Ela continuava tentando explicar.

— Meu avô era um Zmora.

— E? Laiza, a linhagem de ninguém deveria determinar o seu coração.

Ela me deu um sorriso tímido.

— Nem todo mundo pensa como você.

Coloquei minha mão sob a dela. Ky me explicou.

— Há pessoas que acreditam que as bruxas são aberrações da ordem mágica. Há inclusive uma lenda que diz que a linhagem delas é amaldiçoada, que quem se relaciona com elas é consumido pela maldade de seu interior.

Aquilo era um completo absurdo. Kyer pegou os papéis dos braços da elfa, e os colocou de volta na mesa.

— Eles não falam sobre Laiza porque Celen os transformaria em esterco. Além disso, o pai dela é um dos quatro grandes Elfos, então no geral as pessoas fingem que não sabem sobre a mãe dela.

A elfa levantou a cabeça mostrando orgulho.

— Eles sempre me olham com nojo.

Nem toda mágica do mundo tornaria os humanos menos prepotentes. Levantei as sobrancelhas.

— Thela não parece se importar.

— Porque ela é minha meia irmã.

Isso explicava as pequenas diferenças físicas entre elas.

— E sua mãe...?

— Morta. Quando nasci. Ela ficou muito doente durante a gravidez. Meu pai e a mãe de Thela, a elfa Thislan, tentaram, mas não conseguiram salvá-la.

Eu não estava entendendo mais nada.

— Como assim a mãe de Thela?

— A gravidez de uma bruxa dura trinta e seis meses, Lys.

Coitadas.

— Quando minha mãe descobriu a gravidez, ela e meu pai não estavam juntos há algum tempo. Os sábios avisaram que uma criança da linhagem estava para nascer, no caso eu. Meu pai procurou por ela e me descobriu. O problema é que ela ficou muito doente.

Ela repetia a história como quem lê um livro.

— Thislan era amiga do nosso pai. Foi ela que convenceu o clã de que deveriam deixar que a bruxa ficasse na floresta e fosse cuidada. Mesmo com todo cuidado dela, minha mãe morreu. Também foi ela que me criou como filha.

Pensei na dor que isso deveria causar à minha amiga.

— Eu não quero saber o que eles pensam. Você não vai sair daqui, me ouviu?

Ela ficou em silêncio. Resolvi mudar o foco do assunto. Ela precisava rir.

— Mas então, vejam só. Ky conseguiu unir todos os seus sonhos em uma só pessoa. Ele namora uma bruxa e uma elfa na mesma garota.

Kyer riu. Laiza engasgou como se tentasse engolir um camelo. Acho que usar a palavra “namoro” foi um pouco demais para ela. Dei alguns tapinhas de leve em suas costas.

— Pronto querida! Prometo evitar a palavra com N até que você esteja preparada.

Ela me olhou com os olhos cheios de raiva, a voz ainda não tinha voltado por completo.

— E esse colar? Quero saber de onde ele veio.

Droga. Ela não tinha se esquecido. Tentei me fazer de desentendida.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Eu já senti ele em algum lugar — ela retrucou. — Tenho certeza! Só não consigo me lembrar onde.

Ky cruzou os braços sobre o peito e me cercou.

— Lys, de que colar ela está falando?

Fiz cara de quem não sabia de nada.

— Acho que o beijo que deu nela está fazendo com que tenha alucinações.

Não devia ter provocado. Laiza ainda falava com a voz rouca.

— Não ouse! Tem um colar aí. É feito de fragmento lunar o que, diga-se de passagem, é muito raro. Só a fada chefe faz peças como essa...

Ela fez cara de quem compreendia.

— Eu sei quem te deu esse colar!

O triunfo estava estampado na cara da Elfa.

— Não foi nada demais Laiza! Foi só um presente por causa do dia do juramento. É tradição, não é?

— Não Alys, acho que você não entendeu direito. E claro que ele não ia te explicar!

Ela balançava a cabeça.

— Agora entendi porque já tinha sentido a presença do colar antes. Que inteligente! Mais do que isso, que corajoso!

Ela continuava dizendo frases desconexas. Olhou para Ky depois para mim, impressionada. Eu entendia cada vez menos.

— Laiza, dá pra me explicar direito? O que afinal esse colar é?

A porta se abriu e Celen entrou seguido por um grupo de pessoas bem vestidas. Laiza e Ky enrijeceram a postura. Eu os imitei um pouco atrasada. Evan passou pelo comboio e se colocou ao meu lado, olhando para frente.

O dragão me chamou. Dei um passo à frente tentando parecer o mais firme que podia. Eu já tinha dito que odiava esse tipo de situação? Eu era um desastre para formalidades.

— Quero te apresentar algumas pessoas, Alys.

Virou-se para minha amiga.

Laiza, você pode pedir que sirvam o café?

— Sim Mestre.

— E você decidiu-se por ficar, eu espero.

Dei um passo à frente.

— Eu insisti que ela ficasse.

— Faz muito bem, Alys.

Celen me explicou que viriam comboios pequenos, vários deles até o final do dia. Aqui não se tratava de saber encantamentos, de entender a profecia ou de ter sido treinada ou não. Era política, pura e simples. E eu odiava política. Ia ser um longo dia.

CAPÍTULO 34

NEM TÃO O CÉU, NEM TÃO O INFERNO

Depois do primeiro comboio, que incluía o presidente da Ámaz onde eu morava, chegaram caras conhecidas, lideradas pela chefe das fadas, tia de Evan. Ela estava muito bonita em vestes formais e suas asas verdes balançavam, distribuindo fragmentos brilhantes pelo lugar.

Moira caminhou até o sobrinho e repeliu a ação do dia na taverna. Ele tentou, mas não conseguiu se esquivar da mão sendo colocada no seu peito.

— E como vai seus coraç...

A fada esbugalhou os olhos e escancarou a boca.

— Já? Pela marca no local o gelo estava mínimo, mas não totalmente... — Fez um breve silêncio. — Gosto disso! A coragem é sempre o primeiro passo para o...

Todos da sala prestavam atenção à cena. Evan se apressou a interrompê-la.

— Moira, aqui não! Você veio falar com Alys, não é?

Ele colocou um sorriso amarelo nos lábios. Ela respondeu levantando as sobrancelhas.

— Claro, Alys!

A fada me abraçou. Se afastou só um pouco, colocou a mão sobre o local onde o colar estava escondido e falou em um sussurro que só eu podia ouvir.

— Há muito tempo eu previ que esse colar seria destinado ao seu coração. Ele é mais que uma oferenda pelo juramento. É a prova da lealdade dele a você. Não se esqueça disso!

Enquanto o grupo discutia a profecia com Celen, precisei de um ou dois cutucões de Evan para me concentrar na conversa. Eu só conseguia pensar no colar por baixo do meu uniforme e em como ele pulsava toda vez que Evan falava.

As fadas foram embora com a promessa de que fariam o possível para convencer o seu clã a se aliar a nós. O grupo seguinte era liderado pela tão citada Rainha Ninfa. Era a mulher mais bonita que tinha visto entre os seres mágicos. Seus cabelos negros e curtos tinham folhas alaranjadas ornando o penteado. O vestido formal de costas abertas e as pedras na barra davam a ela o ar de realeza que a idade não passava.

Celen me falou sobre as Ninfas nas nossas aulas. Eram seres protetores da natureza e podiam ser muito assustadoras quando ameaçadas. A líder

cumprimentou o dragão.

— Celen, é um prazer conhecê-lo.

Meu mestre, que agora estava na forma humana, beijou a mão da soberana.

— O prazer é todo meu Rainha Bririan!

Fiquei tão impressionada com a Ninfa, que não percebi o segundo grupo que a acompanhava. Era absurdo que não tivesse visto seu líder antes. E pior, eu o conhecia de uma experiência nada boa.

— Você???

Evan também parecia chocado. O Igrot de quase dois metros, pele escamosa e símbolo draconiano na careca caminhou em nossa direção. Ele ajoelhou-se na minha frente e colocou a mão sobre o peito.

— Elemental e Guardião. Venho com as mais sinceras desculpas pelo que aconteceu na floresta outro dia. Peço pela misericórdia de vocês.

Se tinha uma coisa que Celen me ensinou, era que esse povo levava muito a sério o ato de se ajoelhar à frente do outro. E sob nenhuma hipótese, uma raça tão orgulhosa como os Igrots se prostraria se não fosse de forma sincera.

— Como prova do profundo arrependimento do meu povo eu estou aqui, a mercê da sua escolha de qualquer que seja a penalidade que deva enfrentar.

O comboio de Ninfas e Igrots se mexeu com preocupação. Por mais que Evan achasse o contrário, eu prestava atenção nas coisas que meu mestre me ensinava. O rei Igrot estava se entregando à morte, se preciso, para limpar a honra do seu Clã. Eu ficava cada vez mais incomodada com aquela reverência toda.

— Não há necessidade de nenhuma punição. Acredito nas suas palavras. O passado não me interessa, levante-se por favor.

Toquei o ombro do ser. Ele levantou-se me olhando impressionado. A rainha começou a nos contar sobre os últimos acontecimentos na aliança.

— Quando os rumores começaram a correr. A Aliança dos Seres Cento Sul marcou uma reunião de urgência.

Evan tinha me falado sobre a tal Aliança. Era a união de vários clãs mágicos do Ámaz que tinha como finalidade dar voz às suas decisões no conselho. Era uma tática inteligente, já que juntos eles tinham mais de um conselheiro os apoiando. Eram Ninfas, Cucas, Igrots e a família real Elfa, de quem Raszen era parte.

— As Cucas inflamaram nossos clãs para que te caçassemos e entregássemos aos Zmoras, como prova de lealdade.

Enquanto ela falava, nenhum integrante comia ou conversava. Parecia como um imã puxando para si toda atenção.

— Minha mãe, que até então era a Rainha, resolveu dar um “incentivo” aos clãs. — Ela respirou fundo. — E ofereceu minha mão em casamento ao guerreiro que te capturasse.

Vendo minha cara de horror, ela acrescentou.

— Eu sei! Pelo século XXI e ela ainda mantém essas tradições ridículas. Nesse mesmo dia conheci Salyn, ele estava na reunião do conselho com o pai.

Ela olhou para ele e deu um sorriso.

— Nós nos apaixonamos.

O Igrot continuou.

— Eu saí à sua procura. O plano era te capturar e entregar à rainha para que permitisse nosso casamento. Você precisa compreender que nossa concepção sobre a profecia sempre foi limitada. Nós Igrots sempre fomos ligados às leis, não a previsões. Ainda assim, havia entre nós um descontentamento de caçá-los.

Alguns integrantes da mesa concordaram com a cabeça.

— Mas como te disse, nós seguimos leis e ordens. Foi por isso que te atacamos, mas o guardião me impediu de pegá-la.

Havia um respeito na voz dele em relação ao guardião. Talvez por serem dois guerreiros era mais fácil para ele entender o papel de Evan.

— Quando voltamos para casa derrotados, Bririan veio me encontrar dizendo que não deveríamos mais te caçar.

— Porque o oráculo me esclareceu — disse a Ninfa. — Sem as palavras dele, talvez ainda estivéssemos cegos.

Ela olhou para mim e segurou minha mão entre as suas.

— Você é a chave para a nossa sobrevivência. A chave principal de toda a magia do mundo.

A crença dela parecia muito verdadeira. O Igrot voltou a falar.

— Foi aí que ela criou um plano complicado. Pelas regras Ninfas ela já poderia ter reclamado o trono há alguns anos. Já pelas leis Igrots, o único motivo que me tornaria rei, mesmo com meu pai vivo, é se me casasse e minha esposa fosse sucessora direta de algum outro trono.

Celen o interrompeu. Ele parecia bem impressionado.

— Por isso fizeram o juramento em segredo?

A ninfa respondeu, orgulhosa de si.

— Exato!

Celen prendeu a respiração por um segundo.

— Não queria estar na pele de vocês quando a sua mãe descobriu isso.

O Igrot ficou sério. A rainha deu uma gargalhada. Esquece-se um pouco da formalidade do cargo.

— Eu não te culpo. A coisa foi bem feia. Se não a tivesse impedido, teria secado o rio Negro e causado um desastre. Mas não me arrependo, nem do meu casamento, nem do que fizemos depois disso.

Ela parecia muito nova. Já Celen parecia um velho bobo.

— Ah. O amor!

Todos rimos. A Ninfa continuou.

— Na reunião seguinte eu reclamei o trono. Quando Salyn mostrou as marcas do juramento, seu pai não teve outra opção senão declará-lo rei.

— Foi uma confusão — disse o Igrot, taciturno.

Pelo pouco que me foi ensinado sobre as raças deles, eu imaginava mesmo.

— Mas essa história é só para justificar o que aconteceu aquele dia na floresta — disse Bririan. — Como a Elemental disse, o passado não importa. Viemos falar sobre o futuro e sobre o juramento que pretendemos fazer hoje à noite.

Evan esbugalhou os olhos.

— Então vocês vão mesmo jurar lealdade à profecia?

O rei Salyn meneou a cabeça.

— Sim, nós vamos! Nós e todo nosso clã.

Algumas palavras mais e tudo estava acertado. Tanto sobre o juramento, quanto sobre o contingente que ajudaria no dia da primeira lua. Antes de partir, Bririan me chamou em um canto sob o pretexto de me pedir um conselho sobre o que vestir à noite.

Se ela queria disfarçar a conversa deveria ter pensado em uma desculpa melhor. Qualquer um sabia que moda não era nem de longe meu forte, muito menos em relação a uma mulher daquelas. Quando ninguém mais podia nos ouvir, ela mudou o semblante diplomático que mantinha até aqui.

— Me desculpe por essa saída meio estranha, mas quero te dar um conselho, Alys. Fiquei sabendo que conheceu meu irmão gêmeo Raszen, não é? Ele tem se mostrado muito prestativo e disse até que deseja jurar lealdade à profecia.

Bem de longe, eu podia ver a semelhança entre eles. Uma certa astúcia nos olhos. Ela olhava nervosa para os lados e garantia a todo segundo que ninguém nos ouvia.

— Como você deve saber...

Eu não sabia, para variar. Ela continuou.

— Ninfas só nascem mulheres. Então quando uma de nós tem um garoto, até porque ele é de outra raça, fica sob a tutela e criação do pai. Estou te dizendo isso só para explicar que Raszen é príncipe dos Elfos e o nosso pai foi um dos primeiros que pediu sua cabeça. Embora eu deseje acreditar nas boas intenções do meu irmão, por precaução, peço que tome cuidado. Averigue cada informação que ele te der e sob nenhum motivo fique sozinha com ele em lugares afastados tudo bem?

Se a irmã dele tinha essa opinião, quem era eu para discordar, não é?

— Claro. Obrigada pelo conselho Majestade. Vou observá-lo com atenção.

Depois que o clã Igrot - Ninfa foi embora mais dois ou três passaram pela sala de reuniões. Conselheiros de todas as casas magas, inclusive alguns que me

odiavam, vinham para ouvir o que Celen tinha a dizer.

Eu me ative a observá-los e responder suas perguntas. Agradei muitas vezes pela capacidade de falar mentalmente com Evan. Embora eu não pudesse usar muito, para não levantar suspeitas, ele me tirou de uma ou outra enrascada durante o dia.

As piores visitas foram apelidadas com carinho por mim como a “trindade do satanás”. Com poucos minutos de conversa compreendi o porquê de Laiza querer evitar a presença de alguns conselheiros.

O primeiro era muito velho, muito mesmo! Ele poderia ser uma múmia egípcia e pior, era tão desagradável como o cheiro das catacumbas em que elas ficavam. Representava a família de Evan, os Uriah. Mesmo com todos os argumentos de Celen ele não desfazia a cara azeda e mais de uma vez duvidou que o exército dos Zmoras fosse real.

Não tive a mínima esperança que ele resolvesse nos apoiar. Antes de partir, ele olhou de soslaio para o guardião.

— Não faça o juramento garoto! Nossa família não foi criada para se submeter a uma garota, muito menos a alguma ligada mestiços e bruxas.

Evan deu um sorriso frio.

— Meu juramento já foi feito Conselheiro e o senhor precisa se lembrar que não é rei sobre nossa casa, é representante. Sabe como falam por aí, não é? Representantes podem ser depostos.

Embora eu entendesse a atitude do guardião, sua resposta só ia piorar as coisas. Celen balançava a cabeça em negativa. O representante parecia ter sido atingido por um tapa.

— Antes disso, posso pedir a retirada de um certo garoto insolente do clã.

— Eu gostaria de vê-lo tentar! Minha família é que mantém boa parte da sua influência. Independente disso, depois de hoje à noite, não fará diferença se me expulsar ou não.

Evan apontou “educadamente” a porta.

— Foi um prazer recebê-lo.

A velha múmia saiu praguejando. Eu não sabia se matava ou agradecia ao guardião.

— Você ficou maluco?

— Fiz o que tinha que ser feito. Não é a primeira vez que ele toma decisões prejudiciais para o nosso clã.

Celen olhou para sua placa metálica e disse:

— Dos males o menor, ele não nos ajudaria de qualquer forma.

A segunda tri-terror era uma mulher muito jovem. Sua aparência era o total oposto do conselheiro anterior. Trazia no rosto um sorriso convidativo e falava com

a voz mais doce que já ouvi. Era irritante, em especial quando começou a criticar minha postura e cabelo, pontuando que uma pessoa como eu precisava ser mais formal.

Cassandra era representante dos Nissoraem e insinuou mais de uma vez que só contaríamos com seu apoio se recebesse uma posição mais proeminente no conselho. Achei que não passaria disso, até que ela tirou da bolsa uma planilha cheia de valores e exigências. Evan a colocou para correr quase no mesmo tom que usou com o seu próprio conselheiro. Eu não me contive.

— Vejo porque sua mãe acreditava que você seria um bom governante. É um diplomata nato.

— Não temos tempo para ficar perdendo tempo com oligarquistas e corruptos! E, eu só faço e que todos têm vontade de fazer.

Kyer ao contrário estava se mostrando uma peça chave nas negociações. Ele saiu e voltou da sala por várias vezes, trazendo informações importantes e confirmando novos nomes que conseguia angariar.

O terceiro e último conselheiro endiabrado que fomos obrigados a receber era do clã dele: os Athenon. Um homem de meia idade com os mesmos olhos puxados do meu amigo. Sua postura era muito dura e em tudo que falava sempre citava alguma lei que eu não conhecia.

Celen e Evan o rebatiam com a mesma destreza e conhecimento. Kyer pontuava as observações com costumes internos que acabavam por deixar o representante sem muita saída. Eu me mantive calada a maior parte do tempo. Aquilo já estava me matando.

— E a srta. Elemental, não pretende tentar me convencer? Achei que era você a responsável legal pelos metais.

— A minha função é protegê-los, senhor. Quem tem a capacidade de lhe mostrar estratégias sem dúvida é o guardião. Ademais, quem conhece bem a história de que fala é Celen e Kyer, os três podem fornecer informações muito mais precisas do que eu.

— E você confia nas informações que vem...

Ele olhou de soslaio para Laiza.

— De fontes não tão confiáveis?

Eu estava ficando de saco cheio daquilo.

— Não há fontes não confiáveis nessa sala, a menos que o senhor esteja se referindo a si próprio.

Oito horas falando com as pessoas e a convivência com Evan estavam me afetando. Não era a melhor abordagem mas se eu ditava as regras, estava na hora de acabar com essa bobagem de linhagem amaldiçoada. Ele me olhou com raiva e se virou para Kyer.

— Você deveria ser punido por levar uma bruxa ao Tâmore, Kyer Athenon.

Como diabos aquele conselheiro sabia disso? Ahhh, como “diabos”, isso explicaria muita coisa.

— Não devo satisfações sobre quem levo ao Tâmore, Senhor! Cada Athenon tem o direito de levar quem quiser ao Topo do Sol.

— Tem, mas não deveria. Sua avó ficaria decepcionada de ver que tipo de fêmea você escolhe para si. Se fosse só diversão...

Aquilo já tinha passado de todos os limites do aceitável. Antes que qualquer um deles falasse algo, me levantei com raiva e bati com o punho sobre a mesa.

— Já chega! O senhor não é bem-vindo aqui. Se o seu clã não quiser se juntar a nós, porque não fazemos diferença entre as pessoas, será uma pena. Lutaremos por vocês também, mesmo que sejam babacas.

O homem se pôs de pé, apontando o dedo na minha cara.

— Devo lembrá-la de com quem está falando? Somos um dos mais importantes clãs...

Evan que já havia se colocado ao meu lado, soltou um muxoxo.

— Grande coisa.

Eu queria rir da reação dele. Em que realidade bizarra a mãe dele acreditou que o guardião seria um diplomata? Kyer caminhou até o conselheiro.

— Sou eu quem precisa lembrá-lo conselheiro, o egocentrismo foi o pecado dos primeiros Póltos. Cuidado para não condenar o nosso clã ao mesmo destino que eles tiveram.

Depois apontou a porta e o representante saiu sem dizer mais nenhuma palavra. Estávamos levando a sério o ditado sobre a porta ser a serventia da casa, isso não era nada bom.

Alguns outros seres e conselheiros também não pareciam satisfeitos com os nossos argumentos. Mesmo assim, ninguém foi tão intragável quanto aqueles três. Quando não havia mais nenhuma reunião marcada, e eu acreditava que não encontraria ninguém pior, eles chegaram.

Os pais de Evan! O homem era alto e moreno. Muito parecido com o guardião. A mulher era bem clara, loira e com os olhos azuis. A postura imponente e uma desaprovação estampada na cara. Pareciam duas pessoas chegando para um velório. Junto com eles havia um outro casal, vestido tão bem quanto o primeiro, e uma garota muito atraente que os acompanhava.

— Mãe? Pai? O que vocês fazem aqui?

— É o dia do seu juramento, não é meu filho? Claro que estaríamos aqui, mesmo que seja para ver você afundar a sua vida.

O guardião respirou fundo.

— Mãe, por favor! Se a senhora veio para comprometer meu juramento, dê meia volta.

Ela fez beicinho.

— Sempre tão duro comigo! Eu não vim fazer nada disso.

A mulher não passava muita sinceridade. O pai dele interrompeu.

— Viemos te dizer pela última vez que ainda pode escolher não ser o guardião da garota Elilmo. O Construtor pode arranjar outra pessoa para cuidar dela. Mesmo que tenha desagradado o conselheiro, não há nada que um pedido de desculpas público não resolva.

Não sabia o que me deixava mais chocada: se era eles falarem como se nós não estivéssemos ouvindo ou se era acreditar que Evan pediria desculpas públicas àquela múmia.

— Duas semanas e vocês nem se lembram mais de quem eu sou? Porque se acha que vou atrás daquele conselheiro...

Ele se controlou.

— Minha decisão já foi tomada, não pretendo voltar atrás.

Pela primeira vez ouvi o tom a brando de Evan.

— Eu amo vocês, mas precisam compreender, esse é meu destino.

A mulher lhe deu um braço.

— Tudo bem meu filho.

Ela começou a alisar as vestes do guardião.

— Que seja então! Você viu quem veio conosco?

A mudança abrupta de assunto me deixou atordoada. Eles continuavam a ignorar a nossa presença no recinto e eu pensei em sair dali. Pensei! Só até a garota aguada pular no pescoço do guardião. Era o que me faltava, que ele tivesse uma namorada pentelha andando atrás de nós durante a missão.

— Evan

A voz era tão irritante quanto a imagem.

— Quanto tempo não nos vemos.

O guardião a afastou.

— Lilian! Faz tempo mesmo!

Percebi o sarcasmo. Lá vinha bomba. O guardião estreitou os olhos.

— Desde que você resolveu sair com o filho playboy do conselheiro.

Ele não tinha mesmo papas na língua. Comecei a calcular qual era a probabilidade que eu tinha de pedir pipoca a um dos cozinheiros. A expressão de Evan era a pior possível. E, às vezes, eu esquecia o limite da provocação, então falei na mente dele.

— Bonita sua namoradinha!

Ele me expulsou com um baque mágico. Droga, eu ia ter uma baita dor de cabeça por isso. A garota fez biquinho.

— Tempos passados Evy. Não seja mal comigo, vim só para te acompanhar à cerimônia do juramento. Sua mãe me disse que você precisava de uma companhia à altura.

Acabou a graça da brincadeira. Como assim? Ele não tinha que me acompanhar por causa da profecia e aquele papo todo? Olhei para Laiza que tinha a boca aberta com a reviravolta. Evan olhou para a mãe, a fuzilando com os olhos.

— E por que a senhora achou isso, mãe?

— Porque sua prima me disse que ontem você passou a festa sozinho. Não concordo que faça o juramento, mas se pretende fazê-lo, tem que seguir as tradições. Não quero passar vergonha.

Ky e Laiza me olharam de soslaio. Culpa minha! Pior, provoquei ele e mereci a resposta que veio a seguir.

— É, pensando bem, você tem razão mãe. Como a Elemental está acompanhada, posso mudar um pouco da tradição não é mesmo?

A garota abriu um sorriso malicioso em minha direção. Não dava nem para reclamar, fui eu que comecei com isso. Parabéns Alys, você é genial!

Acredite, eles saíram da mesma forma que chegaram. Não se deram ao trabalho de cumprimentar nem mesmo Celen. O meu mestre, por sua vez, não deu a mínima. Pelo que entendi conhecia o temperamento dos pais do guardião e eles o culpavam por não mandar Evan de volta para casa.

E finalmente fui dispensada para me aprontar para a cerimônia do juramento.



Quando pousei na varanda, dei de cara com Raszen sentado no limite das proteções mágicas do meu quarto, me esperando chegar.

Não é porque ele tinha me beijado ontem, mas o Elfo era muito bonito. Tá, talvez era sim, pela noite anterior. Repeti para mim mesma que precisava tomar cuidado com as investidas dele.

— Oi Alys. Posso entrar? Prometo não te beijar de novo.

Ele abriu um sorriso malicioso.

— A menos que você queira — completou.

Eu odiava essas cantadas prontas. Mas não vi motivo para negar sua entrada.

— Claro. Você pode entrar se souber se comportar.

Ele se sentou ao meu lado na varanda.

— Pronta para a noite mágica dos juramentos?

— Do jeito que você fala deve ser uma chatice.

— E é! Ainda mais hoje com toda a gente que está chegando para se juntar a vocês. Eu até tentei te raptar para um passeio, mas Celen não deixou.

— Te falei!

Ele me olhou com aquela cara de cachorro que caiu da mudança.

— Pelo menos posso contar com sua companhia hoje, não é?

— Acho que não Raszen! Celen vai precisar de mim essa noite.

Eu tentando arrumar desculpas, sempre um desastre.

— Mas não vou te atrapalhar. E seria muito estranho que chegasse sozinha, agora que a namorada do Guardião chegou. Eles vão juntos, não vão?

Franzi o cenho para ele.

— Você sempre sabe de tudo que acontece?

Ele sorriu.

— Quando estava vindo para cá vi os dois agarrados lá embaixo.

— Hunn...

“*Guardião idiota*”. Pensei com raiva demais, segundos depois ouvi uma voz na minha mente?

“*Como é que é Alys?*”

Era Evan. Na raiva, xinguei tão forte que meus metais me ligaram à mente dele. Droga Lifran, não era para fazer isso.

“*Nada não. Foi engano. Tchau.*”

Raszen por sua vez observava o colar no meu pescoço. Sem perceber, eu estava esfregando o pequeno fragmento entre os dedos.

— Interessante essa oferta que Evan te fez.

— Como você sabe o que é? Você não tem visão de raio X tem?

Ele começou a rir.

— Quem me dera, mas não! Sei o que é porque tem a impressão da magia de Evan muito forte nele, nós elfos...

— Conseguem sentir impressões mágicas, Laiza me disse. Porque é interessante?

— Porque era da namorada dele.

— Da tal Lilian?

— Sim! Ele deu o colar para ela e quando os dois romperam ele pegou de volta. Para uma oferta pelo juramento podia ter escolhido algo com lembranças melhores não acha? Ou pelo menos algo que não fosse reciclado.

Eu não devia confiar em Raszen mas a lembrança da garota aguada afetou meu julgamento.

— Você não descobriu isso por causa da impressão mágica no colar.

Não era uma pergunta, estava mais para uma acusação. Ele deu de ombros.

— Mas é a verdade. Pode perguntar a ela se quiser.

Como se eu fosse perguntar uma coisa dessas para aquela garota.

— Eu pelo menos te dei algo que era único.

Será que todos os Elfos tinham a autoestima como a de Raszen? Se fosse assim, não queria conhecer mais nenhum deles. Beirava o egocentrismo. O dia só melhorava e esperei que o juramento não seguisse o padrão. O elfo se levantou para ir embora.

— Então, eu te busco daqui duas horas, tudo bem?

Respondi sem olhar para ele.

— E Alys, esqueça esse presente.

Ele apontou para o colar.

— Eu tenho coisas bem melhores para te dar que aquele guardião.

Fiquei observando enquanto o príncipe se afastava a passos largos. Raszen não sabia nada sobre mim.

CAPÍTULO 35

JURAMENTOS E VOTOS

Eu estava do outro lado da cidade. Diante de mim estava uma antiga árvore semelhante aos oráculos da taverna. As minhas vestes cerimoniais azuis balançavam com a brisa. No meu rosto Laiza fez runas e os metais as contornavam. Raszen andava me exibindo para as pessoas que conhecia. Eu queria me socar por ter aceitado vir com ele.

Havia flores de Lifran por toda parte, mas o altar no pé da árvore é que chamava atenção. Era todo feito em um metal reluzente e tinha inscrições em várias línguas. O conjunto de pessoas que se aglomerava à frente dele era menor do que no dia anterior, embora houvesse muitos rostos novos.

Nos encontramos com Celen e os outros em cima da hora. Mal deu tempo de trocar algumas palavras e a Pajé já começava a fazer seu discurso sobre a importância dos juramentos. Quando ela terminou, o perfume de Lifran tomou o lugar e a árvore se incendiou. Pulei no meu lugar, assustada. Ela não emitia calor, mas estava em chamas e o fogo não a consumia.

Laiza colocou sua mão sobre a minha.

— É normal, Alys. Quem for fazer o juramento deve colocar as mãos sobre o tronco da árvore e só então fazê-lo.

Precisava de uma boa dose de coragem só para colocar a mão naquele fogo todo. Fiquei pensando o que aconteceria se quem envenenou o Oráculo resolvesse colocar a mão ali.

— E nunca deu errado?

Laiza pensou um momento.

— Só quando a pessoa não é sincera. A árvore sagrada não permite mentirosos. Quando você jura lealdade, entrega sua vida à causa.

Os votos começaram. Alguns seres falaram por dez minutos, outros se atinham a duas meras frases. Sempre que a árvore aceitava o juramento, o local onde as mãos estavam apoiadas se transformava em gelo e o símbolo da profecia aparecia tatuado nas costas da mão direita da pessoa.

Elfos serviam salgadinhos enquanto isso. Agradei por quem teve essa ideia, porque a lista de pessoas parecia longe de acabar. Quando já tinha ouvido uns cinquenta votos, sempre de três ou quatro por vez, a Pajé chamou o nome de Kyer.

O encorajei com um toque nas costas e ele me deu uma piscadela.

Meu amigo colocou as mãos sobre a árvore e pela primeira vez naquela noite, a árvore mudou. Embora as bordas continuassem a queimar, todo o centro, desde o pé até as mais altas folhas ficaram como congeladas. Fiquei preocupada que estivesse saindo algo errado. Será que Ky estava fazendo o voto por se sentir obrigado? Só faltava essa.

— Celen, o que está acontecendo?

— Não sei. Nunca vi a Árvore Sagrada ter essa reação.

A Pajé não chamou mais nenhum nome e um silêncio sepulcral se espalhou. Kyer tomou uma postura formal e começou a falar.

— Eu, Kyer, filho dos Athenon, me apresento para o juramento. Acredito em cada palavra da lenda, desde a benevolência do Construtor até sua profecia.

Rajadas alaranjadas sugeriram no meio da parte congelada.

— Prometo defender o seu desejo de que vivamos juntos e em paz. Prometo ser leal ao que os metais representam, mas se isso entrar em conflito com o que é certo, prometo fazer o que é certo. Porque assim me ensinou o Construtor com seu sacrifício.

As folhas congeladas voltaram a ganhar vida.

— Que o sangue de Ikal corra em minhas veias como eu desejo que a verdade e a justiça vençam.

Quando ele terminou a árvore toda voltou a pegar fogo. E as chamas não se contiveram ao tronco, elas caminharam pelos braços de Ky até tomar todo o seu corpo. Eu me levantei apavorada, mas Raszen me pegou pelo braço e me fez sentar. Eu estava começando a odiar aquele Elfo.

— Fique calma. Eu não sei o que está acontecendo, mas você ir correndo até lá não vai ajudar em nada.

As pessoas à nossa volta tinham se levantado e cochichavam entre si. Kyer olhou em nossa direção e vi seus olhos se transformarem em duas chamas prateadas. A marca da profecia apareceu gravada nas suas mãos e um símbolo se formou em sua testa. Celen se colocou de pé e escancarou a bocarra.

— Sabedoria!

O dragão foi atingido pelo raio da compreensão. Eu, pelo raio contrário. Laiza, tão chocada quanto o primeiro, recitou um trecho da profecia.

— *“E surgirá um sem magia, que fará justiça pelos que a têm. Despertados serão seus poderes, diferentes de todos do seu clã. Dos laços do seu coração fiel, virá harmonia, e do seu caos, a paz.”*

Raszen olhava para nós e para Kyer, indignado.

— Vocês só podem estar de brincadeira. Ele? Um garoto humano de dezessete anos?

Celen endureceu a voz.

— O Construtor segue os próprios caminhos Príncipe. Você deveria saber disso!

O elfo se recompôs.

— Claro. Só não esperava...

— Ninguém esperava — Evan retrucou.

O guardião mantinha os olhos fixos no meu amigo, ainda em chamas. Havia quase um divertimento na expressão dele. Eu entendia cada vez menos.

—Laiza?

Silêncio.

— Alguém? Por favor, me expliquem o que está acontecendo aqui!

Depois das minhas inúmeras tentativas, Laiza despertou do seu torpor.

— Lys, você lembra que te disse sobre um trecho da profecia que falava sobre um grande sábio? Alguém que seria conciliador dos povos?

— Lembro, mas o que isso tem a ver com....

A realidade me atingiu em cheio. Kyer acabava de ser marcado como o tal grande sábio. Celen falava para si mesmo, em um tom delirante.

— Em algum tempo ele vai me substituir! Ainda bem que não o mandei embora! Devo treiná-lo e prepará-lo para a função.

As chamas em Ky se extinguíram e a árvore voltou ao normal. A marca na testa do meu amigo também foi ficando mais clara até que quase não podia ser vista. A Pajé se recompôs e resolveu dar continuidade à cerimônia.

— Sabíamos que essa seria nossa maior cerimônia de juramento. É o sinal, para os que ainda não compreenderam, que é chegada a hora de experimentarmos o poder dos metais. Confio que o Construtor sabe quem escolhe.

Ela pousou um olhar severo em alguns presentes. Em seguida se abaixou sobre um dos joelhos e colocou as mãos cruzadas sob o peito.

— Kyer Athenon, conte com a minha lealdade!

Em resposta ao ato muitas pessoas expressaram concordância com suas cabeças e aos poucos se acalmavam. Ky veio para o seu lugar enquanto todos o acompanhavam com o olhar surpreso. Eu tentei tornar o clima menos tenso.

— Como você está encrocado Ky! Se os pais do Evan queriam isso para ele, boa coisa não é!

Ele deu uma risada nervosa e olhou para Laiza. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

— NÃO! Laiza, não comece! NÃO! NÃO E NÃO! Você está me ouvindo? Isso não muda nada!

Ela respondeu, com um sussurro.

— Muda tudo Ky!

Sim, eles iam começar a discutir a relação bem na nossa frente. Mas, se bem que, com tudo que ouvi mais cedo, eu compreendia Ky. Ele queria impedir que Laiza fugisse.

— Pode mudar o mundo, mas não muda você e eu. O que você quer que eu faça para te provar que não vou me dobrar a esse papo de maldição?

— Não quero nada Ky, você não me diz respeito mais.

Eles discutiam aos cochichos. Nós olhávamos em outras direções tentando fingir que não estávamos ouvindo. Mas posso garantir que todos os ouvidos daquela mesa estavam bem atentos à conversa. As orelhas de Thela pareciam até mais longas que o normal e Celen olhava tão fixo como uma estátua de gelo. Kyer não estava para brincadeira.

— Você quer que eu me levante e faça meu voto a você?

A reação do grupo foi imediata. Todos pararam de disfarçar e olharam para ele impressionados. Até a namorada sem sal do guardião esboçou alguma expressão. Laiza, no entanto, estava enfurecida.

— Você ficou maluco ou o que? Você tem noção do tipo de laço mágico que é fazer esse juramento a um Elfo?

O rosto dela se tornava cada vez mais vermelho e lágrimas desciam por sua face. Mas nos olhos havia tanta raiva que, por um segundo, me preocupei com a segurança do meu amigo. Seria uma boa demonstração de sua sabedoria se ele começasse a correr. A Elfa continuou pontuando as palavras.

— Não são... só... palavras! Como os humanos fazem! E.... e você está doido, só pode! A árvore sagrada afetou seu cérebro. Você me conheceu tem uma semana!

A essa altura da conversa ninguém tinha coragem nem de respirar. A não ser Celen que fazia reações e expressões engraçadíssimas.

— Eu não preciso de mais tempo para saber o quanto gosto de você.

Kyer rebateu sem pensar duas vezes e Celen não se conteve.

— Uollllllll.

Olhei feio para ele. A situação era crítica e ele não ajudava agindo assim. Ele deu de ombros.

— A árvore marcou Kyer como o grande sábio. Um grande sábio nunca se compromete com algo que não tem certeza, nem deixa de se comprometer com aquilo que tem.

Eu queria saber como socar um dragão. Kyer, ao contrário, resolveu usar aquelas palavras a seu favor. Colocou uma mecha de cabelo solta atrás das orelhas de Laiza e continuou.

— Ouça seu Mestre! Eu sou um grande sábio.

Balancei a cabeça em negativa. Já disse que eu estava cercada por garotos idiotas? Se não, anote aí só para constar. Laiza não disse nada, Ky continuou.

— Eu faria o juramento aqui e agora. Eu não vou deixar que me afaste porque os idiotas não enxergam a pessoa maravilhosa que você é. O azar é deles. Essa conversa de linhagem amaldiçoada é só para excluir vocês.

A voz de Laiza saiu embargada.

— Ky, pelo Construtor, você acabou de jurar a sua vida à profecia. Eles não vão te ouvir se você estiver com alguém como eu.

— Olhe para mim e diga que não gosta de mim. Eu juro pelo Construtor que, se você fizer isso, dou por encerrado o assunto e te deixo em paz.

Ela ficou em silêncio. Não havia mais raiva nos olhos de Laiza, só tristeza agora.

— Ky, você precisa de alguém influente que te ajude com o seu juramento.

— Você ouviu meu juramento? Eu não preciso de alguém influente, preciso de você! Preciso do seu coração bom e da sua mania de perseguição.

Evan estava parcialmente escondido pela carcaça gigante de Celen, mas eu podia jurar que vi de relance um pote de pipoca. Não acreditei que ele tinha feito aquilo. Ele precisava me ensinar esse feitiço. Laiza abaixou um pouco mais o tom de voz e Celen se projetou alguns centímetros para continuar ouvindo.

— Nós nem deveríamos estar discutindo isso aqui na frente de todo mundo.

— Não tenho culpa se você fez cara de que ia fugir. Aliás, vou ficar colado em você igual chiclete essa noite e em todas as outras se preciso.

Corei e meus olhos se encontraram com o guardião que agora comia sua pipoca sem disfarçar. Ele falou na minha mente.

— Por que você ficou vermelha?

— Vai cuidar da sua Barbie Evan, me deixa.

Na discussão, Laiza continuava dando argumentos desesperados.

— Virão governantes de todas as partes te cumprimentar no fim da cerimônia, Ky!

— E daí? Ou vão me cumprimentar com você ou não vão nem me ver. Porque se você não quiser ficar vamos embora.

— Só se você me apresentar como sua secretária.

Ela queria ofender Kyer? Minha amiga tinha o que na cabeça? Titica de galinha? Olhei para Raszen que agora prestava atenção nos outros juramentos, eu não podia falar de ninguém afinal.

Kyer ficou calado, mas a respiração denunciava que ele tentava se acalmar. O guardião tagarela voltou a falar na minha mente.

— Aposto cinquenta pratas nela. Ele não vai sair dessa.

— Nem em um milhão de anos! Dobro a aposta no Ky, ele é casca grossa.

Evan riu e Lilian olhou para ele procurando a graça. A diferença entre mim e o guardião era que eu sabia muito bem como Kyer lidava com gente

temperamental. Meu amigo fez sua melhor expressão de desafio.

— Vou te apresentar como quem é: minha namorada e futura noiva.

A elfa franziu tanto as sobrancelhas que agora elas eram uma coisa só. Celen não tinha lidado bem com o plot twist, colocou a mão no coração e ofegava rindo. O elfo que acompanhava Thela, que nunca tinha dito uma só palavra perto de nós, revolveu entrar na conversa.

— As tradições...

Ky o interrompeu.

— Sim, sei que tenho que falar com os Elfos e passar pelo labirinto Cefur para ser digno. Farei o necessário.

Laiza recuperou a voz e também a fúria.

— Não ouse, Kyer Athenon! Não ouse usar as palavras noiva perto de quem quer que seja. Eu juro que te mato!

Kyer estava começando a perder o medo da morte.

— Mata nada!

Algumas pessoas em mesas mais próximas começaram a perceber que tinha algo de errado no nosso meio. Laiza levantou as mãos para o alto.

— Você tem dezoito anos!!

Ky empinou o nariz.

— Mas sou o grande sábio, então não me provoque ok?

Thela, ainda com os olhos pregados nos seres que faziam o juramento, apontou o dedo em direção a Kyer e fez o que ninguém imaginaria.

— Ele tem meu apoio. Já passou da hora de você se impor como a Elfa que é e parar de pensar no Zmora que seu avô foi. E pelo Construtor Laiza, até um cego está vendo seus olhos brilharem por causa dele.

Ela olhou para a irmã com uma expressão divertida que me dava medo.

— Mamãe vai amar o garoto. Em especial se ele te chamar de noiva. Ela não aguentava mais te apresentar cada Elfo novo que visitava o clã.

Kyer tinha ganhado a batalha. Se Thela resolveu apoiá-lo não tinha mais a quem Laiza recorrer. Ela respirou fundo.

— Está bem, mas nada de dizer que sou sua noiva. Ouviu Kyer?

— Tudo bem! Tudo que você quiser! — respondeu ele.

Ela voltou a observar os seres diante da árvore e Ky me deu uma piscadela. Eu me lembrei de quando éramos crianças. A mãe de Evan parou atrás do filho.

— Era para você ter sido marcado. Não esse Athenon.

— Mãe, por favor!

Ela saiu pisando duro em direção à mesa onde o pai de Evan e o conselheiro estavam sentados.

— Ev, você quer que te acompanhe até a árvore?

Era a primeira vez que Lilian falava. O guardião olhou para mim

— Não! Alys vai subir comigo.

— Eu vou? — retruquei.

No meu cérebro, ouvi minha gentil consciência falar: Cala a boca Alys!

— Você precisa. Meu juramento não é à profecia, meu juramento é a você.

A garota fechou a cara e cruzou os braços. A voz da Pajé me chamou a atenção.

— Por fim, Evan Uriah.

Celen se virou para mim.

— Abra suas asas.

Enquanto caminhávamos por entre as mesas, as pessoas faziam comentários entre si, apontando em nossa direção. Tentei não prestar atenção nisso e mantive firme meu foco de não tropeçar na frente de toda aquela gente.

Conforme nós nos aproximávamos da árvore, ela se tornava tão lívida quando o Lifran. Era uma visão impressionante, aquele monumento gigantesco todo transformado em metal bem diante dos olhos.

Evan colocou a mão direita no tronco e rajadas azuis começaram a surgir no meio dela. Ele me olhou e deu sinal para que eu fizesse o mesmo. O toque era frio, como uma geleia. Tinha tanta energia passando pelo meu corpo que eu achava que ia explodir.

Evan tomou fôlego e começou.

— Eu, Evan, filho dos Uriah me apresento para o juramento. Acredito em cada palavra da lenda, desde a benevolência do Construtor até sua profecia.

Ele me olhava com firmeza e eu quis desviar o olhar.

— Eu me despeço do meu clã. Abro mão de todas as vantagens e funções que tenho sendo um Uriah. Não trazendo comigo nada que possa oferecer, a não ser minha vida por completo.

Tinha visto coisas demais para achar que aquilo era linguagem figurativa. A cada palavra dele aumentava no meu peito um misto de tristeza e preocupação.

— Eu abraço a missão que me foi conferida, com todas as responsabilidades que ela tem. Prometo defender a profecia e proteger os metais, mas, se qualquer uma dessas coisas colocarem em risco mortal a vida de Alys, prometo entregar a minha vida no lugar da dela.

Tremi a mão. Claro que eu sabia que o risco fazia parte de ser guardião, mas a simples menção de Evan trocando a vida dele pela minha, me dava aflição. De maneira alguma eu permitiria isso. Ele parou o juramento.

— Alys, se você não concordar não adianta que eu faça juramento nenhum.

Ele apontou para minha mão, ela estava quase para fora do metal. Droga! Como o Construtor esperava que eu concordasse com isso? Sussurros corriam pelo

lugar. Evan falou em voz baixa.

— Você não confia em mim?

Foi a primeira vez que vi ele deixar de lado a postura ativa. Eu baixei os olhos.

— Não quero que morra no meu lugar.

— Eu te prometo que farei de tudo para não morrer. Mas você precisa se lembrar do que isso se trata. Sou substituível, você não!

Voltei a colocar a mão dentro da árvore. Evan voltou a fazer o voto e as pessoas se calaram.

— Prometo defender a profecia e proteger os metais, mas se qualquer uma dessas coisas colocarem em risco mortal a vida de Alys, prometo entregar a minha vida no lugar da dela. E peço que o Construtor assim o faça.

Mantive minha mão firme dentro do metal, mesmo contrariada.

— Prometo ser leal ao seu coração, Elemental. Prometo ser transparente mesmo que a verdade lhe doa.

Como se ele já não fosse.

— Prometo dedicar toda minha vida em servir à sua missão. E mesmo que eu falhar, prometo nunca ir embora.

Faixas de Syfar começaram a transpassar no meu pulso, passaram pelo meu braço e repousaram sobre o lado direito do meu peito.

— A sua família agora é minha família. Aceito todas as responsabilidades de ser um Elilmo e as bênçãos de receber porções do seu poder.

A porção de Syfar se transformou em um símbolo na forma de uma espada.

— A minha vida foi colocada em suas mãos. Minha lealdade é sua.

Quando ele terminou, sob sua mão direita eu via o símbolo da profecia. Não era como a marca dos outros que juraram, era em Lifran. A árvore rompeu em cores que corriam dentro do tronco transparente. As pessoas levantaram-se e aplaudiram e eu fiquei ali, parada, meio chocada pelo que Evan tinha acabado de jurar.

Nos juntamos aos meus amigos. Raszen tinha sumido de vista e, sem nenhum pudor, agradei ao Construtor por isso. A tal Lilian tinha ido se sentar com a mãe de Evan, que chorava muito com o rosto deitado no ombro do marido. O guardião percebeu meu olhar triste.

— Não se preocupe. Ela vai se conformar.

— É como se você tivesse morrido.

— Não deixa de ser. Dentro do que ela esperava, eu morri.

Fomos cercados por dezenas de pessoas que nos cumprimentavam e desejavam sorte. Para minha surpresa, vi muitos outros Uriah com a marca da

profecia, parabenizando Evan pelo juramento. Também abracei mais pessoas do que em toda minha vida.

Algumas horas se passaram e todos já aproveitavam a festa. Celen, sentado em sua poltrona conjurada, conversava animado com um Elfo de asas. Eu não vi Evan e desconfiei que ele deveria ter ido procurar os pais para tentar acalmar os ânimos.

Estava tão cansada, meus pés doíam. Resolvi ir para minha casa.

— Vou pedir que um guarda te acompanhe, não estou vendo Evan em lugar nenhum.

— Não precisa Celen, estão todos se divertindo. Além do mais, há tantos feitiços lançados sobre aquele lugar que não há com o que se preocupar.

Ele acabou concordando. Abri minhas asas e ganhei o ar. Mesmo que eu voasse baixo entre as árvores, me sentir um pouco livre foi bom. Aquele juramento tinha pesando tanto em mim quanto pesava no guardião.

Quando pousei na minha varanda, entrei alarmada no quarto. Ele estava destruído! Os circuitos de E21 tinham sido destroçados. Minha cama tinha sido toda cortada por garras e a luz piscava.

— Demorou Elemental! E veio sozinha? Parece que o destino está ao meu lado, não é?!

Na porta do banheiro havia uma Zmora. Aquele mesmo que nos tinha atacado na saída de Nafh'ta. Os olhos dele faiscaram em minha direção.

— Agora somos só eu e você, belezinha.

CAPÍTULO 36

ENFIM, ELEMENTAL

Evoquei o cajado em questão de segundos e me coloquei em posição de luta. O Zmora não se preocupou. Na verdade, ele parecia se divertir.

— Uuuuu, agora a menininha sabe usar o cajado.

Seus olhos faiscaram e a voz tornou-se áspera.

— Pena que isso não vai fazer muita diferença!

Ele conjurou uma longa espada negra. Eu comecei a calcular as opções. Lógico que a primeira coisa era avisar Evan e tinha a ligação mental para isso. Mas me lembrei da caverna e como ele ficou depois de se encontrar com o amigo, agora saco de ossos do inferno. Evan já tinha me protegido demais.

— O que foi? Ficou muda é?

— Para alguém que pretende me machucar, você fala demais — retruquei.

— Você vai sentir saudade de ouvir a minha voz, quando não conseguir ouvir mais nada.

Ele caminhou em minha direção com a arma em punho. Girava a espada na mão e quando passou a espada pelo pé da minha cama, a madeira se partiu, como se fosse isopor.

— Ops! — disse. — Se fez isso com a madeira imagina o que não vai fazer com uma garota enxerida como você.

Eu desisti de transformar o cajado em dois. Precisava contar com toda força mágica, não era uma boa hora para testar golpes físicos. O problema era que todos os movimentos que Evan me ensinou exigiam uma boa dose de energia e de concentração. Depois da noite de hoje, não tinha nenhum dos dois.

Ainda assim, recitei o feitiço que fortalecia o cajado. Na primeira vez que as armas se tocaram o barulho foi tão forte que fiquei um pouco surda. A arma vibrou tanto que meus os dedos formigaram. Pela expressão de incômodo do Zmora, ele não estava em situação melhor. A espada dele perdeu um pouco da cor e o ser cambaleou.

A surpresa dele pelo acontecido não durou muito. Recuperado, começou a utilizar todos os golpes que podia contra mim. Levantei o cajado de forma desajeitada tentando me defender. Eram só alguns dias de treinamento, não dava para fazer muita coisa.

Minhas asas se abriram e bateram provocando um pequeno redemoinho de vento. Wen conjurou uma parede de areia para impedir de ser jogado porta afora e eu me afastei mais um pouco. Ele começou a avançar segurando sua espada de forma perigosa.

Lancei encantamentos. Tentei feitiços imobilizadores, alguns que causavam confusão e até o que trocava as roupas para tentar vesti-lo com uma camisa de força. Ele desviava. Isso me dava algum tempo para me afastar, mas logo ele ganhava espaço e estava a poucos passos de mim.

A destruição só piorava à nossa volta e eu percebi que os feitiços de ataque não faziam mais do que me cansar. Usar minhas asas para me defender era um risco, ainda não tinha todo o controle. Em um momento a espada dele passou de raspão nas penas, incendiando algumas delas. Eu precisava mudar de tática. Precisava distraí-lo de alguma forma para ter mais chance.

— Pensei que tinha se tornado um Zmora para ter poder. Se queria ser um brutamontes lutador era só fazer exercícios.

Os olhos dele faiscaram e ele avançou com mais raiva. As minhas mãos doíam e depois de mais três ou quatro golpes, vi gotas de sangue escorrerem pelo cajado. Tentei ganhar alguma distância e acabei esbarrando na cômoda atrás de mim.

Wen aproveitou e me atacou. Desviei, mas não fui rápida o bastante. A espada entrou no meu braço. A dor era lancinante, como se um líquido ácido estivesse correndo em meus músculos. Ele puxou a arma e já pretendia voltar a me ferir quando senti o colar esquentar no peito.

A reação da pedra fez com que meus metais vibrassem. Fingi me encolher e fixei meus olhos nos seus pés. Ele soltou uma gargalhada jogando a cabeça para trás balançando os cabelos negros.

— Eu disse a eles que você era só uma garota fraca que dependia de um guardião.

Criei uma bola de fogo e a joguei para o teto. Wen olhou para cima, sem compreender. Aproveitei a distração e dei uma rasteira nele. Outro feitiço e a esfera se transformou em água. Desceu sobre o garoto e o ensopou.

Ele não esperava que um golpe tão bobo o derrubasse. Pulei sobre a cama e me afastei. Não tinha como fugir pela porta sem passar por ele. Do meu braço machucado pingava sangue e havia uma poça se formando no chão.

Recitei um feitiço simples de cura fazendo com que faíscas saíssem dos meus dedos. Laiza havia me ensinado algumas coisas sobre feitiços regeneradores e eles sempre precisavam de fatores básicos. O mais importante deles eu não tinha: o tempo.

Ouvi uma voz fraca na minha mente.

— Alys — era um sussurro — o... que...

Era Evan! A voz estava baixa e recortada. Tentei responder, mas não consegui. O Zmora ficou de pé.

— Você.... não deveria ter feito isso.

Os olhos dele se tornaram negros e sem pupilas. A água pingava no chão sujo.

Meu cérebro funcionava em outra frequência agora, calculando distâncias e a quantidade de energia que eu tinha conseguido armazenar. O resultado não era dos melhores.

O Zmora uniu a palma das mãos e começou a entoar um encantamento. Conforme ele as afastava crescia uma bola de energia negra entre seus dedos. Eu estava encurralada, segurava o cajado de forma frouxa enquanto aparava o braço machucado. Não havia qualquer lugar no qual pudesse me esconder do ataque.

Porque ninguém me ensinou a fazer um escudo? Daqueles medievais que fosse? Em poucos minutos de luta eu já tinha encontrado várias falhas no meu treinamento. Se eu sobrevivesse, Celen ia ter uma lista de coisas para me ensinar.

A bola de energia não parava de crescer. Wen estava maluco! Se atacasse com aquele poder, se mataria também. Além disso, minhas mãos estavam em carne viva, se tivesse que rebater algum ataque, não sobraria nem os ossos.

Me lembrei do dia na taverna das fadas. A reação de proteção dos metais poderia ser útil agora. Respirei fundo e me concentrei.

Vários pedaços de metais que estavam espalhados pelo quarto começaram a derreter. Em seguida deslizaram pelo quarto e subiram pelo meu corpo até chegar às minhas mãos. O Zmora observava boquiaberto, mas não movia um centímetro. Se ele perdesse a concentração, o poder que estava acumulando se dissiparia.

Recitei o primeiro feitiço ordenando que o material se moldasse às minhas mãos. O metal que era acinzentado obedeceu. Depois passei a uma série de encantamentos simples que davam força, maleabilidade e ligavam esses novos metais ao Lifran do meu corpo.

Não tinha ideia do que estava fazendo. Só uni as informações que recebi nos treinamentos e torci para que desse certo. Quando terminei, não só minha mão esquerda como todo o braço estavam cobertos de metal. A armadura acabou estancando o ferimento.

No lado direito a luva ia até pouco antes do cotovelo me dando mais mobilidade. A base de metal cinza era toda coberta de símbolos e circuitos. Além disso, havia gemas de Lifran e Syfar pontuando as marcas. Eu senti uma nova onda de poder circular pelo meu corpo.

A esfera de Wen agora estava maior que uma bola de basquete. E ele não parava de entoar encantamentos. Era um mantra baixo e macabro que sugava toda

a luz em volta. Girei o cajado enquanto lançava nele feitiços com a outra mão. Abri as asas e fiz com que batessem gerando mais energia em direção ao meu inimigo.

As proteções que ele fez em volta de si começaram a se quebrar. O garoto percebeu o perigo e passou a esfera a uma mão, ficando com a espada em punho na outra.

— Você pode se vestir de metal e ainda não será capaz de me deter garota. Não depois que reuni toda essa energia.

— Se usar essa esfera você também vai morrer!

— Não me importo! Vim para cumprir uma missão. Quando o mestre tiver o que deseja, poderá me trazer de volta.

Eu precisava o manter falando, até que pensasse em uma forma de dissipar aquele poder. Criei pequenos redemoinhos que atrapalhavam o equilíbrio do Zmora.

— Tá aí uma coisa que você não me disse Wen. Seu nome é esse, não é?

— Não adianta me distrair Alys, você não vai sair daqui com vida.

Ignorei o comentário dele.

— Você não me disse o nome do seu mestre. Já que eu vou morrer, não seria justo dar o crédito ao verdadeiro mandante?

— Acha que eu sou idiota Elemental? Se você deixar uma informação dessa salva em um cubo mágico pode chegar ao seu guardião.

Tentei fingir que sabia do que ele estava falando.

— Como eu faria esse feitiço nessas condições? Vamos, me diga quem é o dono daqueles adoráveis olhos amarelos!

Eu não sei como fui tão espirituosa mesmo à beira da morte. Ele não riu, ao contrário, assumiu uma expressão temerosa.

— Não fale dos olhos do mestre. Se soubesse o que aqueles olhos podem fazer, nem mesmo teria olhado para eles.

Ponto para mim, já tínhamos uma informação nova.

— Então me conte o que eles podem fazer, e da próxima vez eu decido se olho ou não — retruquei.

A esfera de energia soltava faíscas perigosas.

— Você não tem medo o suficiente, mas deveria. Sua mãe também não tinha medo e onde ela está agora?

A menção à minha mãe me fez perder um pouco da pose. Ele percebeu meu recuo.

— Interessante! Então mesmo depois de tantos anos, com todos esses magos poderosos, ninguém percebeu que sua mãe foi envenenada?

Parei de lançar feitiços.

— Do que diabos você está falando?

— O que vai ser essa pequena informação, não é mesmo? Vai morrer de qualquer forma.

Ele abriu um sorriso maldoso. Pelas costas do Zmora, um buraco negro começou a se formar.

— Ouvi o mestre falando sobre como envenenou sua mãe e fez parecer que era culpa da gravidez. Você deve ser uma garotinha intragável, para que eles acreditassem que seu nascimento tirou a vida de uma maga como a futura Sacerdotisa.

Desconfio que só me mantive de pé por causa das asas.

— Isso é mentira. Seja quem for o louco que você segue, meu pai jamais permitiria que a envenenassem.

— Igual ele nunca permitiria que alguém te ferisse? Ele é só um homem, Elemental! Só um homem cego pelo medo. Menos que um homem, eu diria, devido ao tempo sem ver o sol.

Me esqueci por um segundo com quem estava falando.

— Você viu meu pai? Ele está bem?

— Se eu vi o seu pai?

Ele deu uma gargalhada.

— Quando o mestre estiver pronto, nem toda magia do mundo será capaz de protegê-lo.

Funguei com raiva. A menos que eu sobrevivesse, meu pai não tinha chance. O colar voltou a esquentar no meu peito. Firmei o cajado nas mãos e desejei que o Construtor me ajudasse a encontrar uma saída.

A esfera na mão de Wen estava tão grande que quase tocava o teto. O redemoinho negro era tão longo como um portal. O Lifran do meu corpo começou a vibrar emitindo um pequeno chiado. Os fios e circuitos do quarto balançaram em resposta. Era impressão minha ou o metal estava tentando me dizer alguma coisa?

O Zmora estava perto de finalizar o encantamento. Olhei para as luvas de metal e tive uma ideia. E se eu conseguisse modificar os fios do teto? Eles poderiam sugar a energia que o Wen acumulava.

Era muito arriscado, mas que opção eu tinha? Guardei o cajado nas mãos e o meu inimigo intensificou seu trabalho. Respirei fundo. Fechei meus olhos e comecei uma dezena de pequenos movimentos que aprendi com Evan.

Lidar com poderes materiais não era meu forte. Era parte dos talentos da família de Evan. Três minutos se passaram, não ia dar tempo! A maioria das ligações ainda estava se refazendo e se eu errasse um só lugar, toda a energia poderia ser escoada na grande floresta. Acredite, isso não podia acontecer de forma alguma.

“Se Evan estivesse fazendo os encantamentos já estariam prontos.” — Pensei.

O Syfar caminhou até as pontas dos meus dedos. Eu precisava me apressar.

— Mais trinta segundos Elemental e você vai virar história — disse Wen.

Evoquei o cajado! O que fiz teria que servir. Criei pequenos morcegos de energia e agradei pela vida de Laiza e sua mania de me ensinar a criar animais de poder. Os pequenos bichos voaram até os extremos do quarto, ligando fios em suas garras.

Eles se aproximaram do Zmora. Ele tentava mantê-los afastados com sua espada. Não ia dar tempo. A esfera estralou jogando meus pequenos animais contra as paredes.

— Eu te disse, você não é capaz garota!

— Talvez não ainda...

Era Evan.

— Com um pouco mais de treinamento ela vai vencer qualquer mago.

Ele como se ele tivesse sido atropelado por um caminhão. Tinha grossos arranhões espalhados pelo corpo e sangue escorria pelo canto da boca machucada. As vestes estavam cheias de buracos queimados. Os cabelos viraram um emaranhado de sangue e suor.

Mesmo com tudo isso, ele não tinha perdido o ar orgulhoso. Pior ainda, os olhos tinham assumido as chamas azuis que agora se misturavam com chamas negras. Se eu já tinha feito uma nota mental sobre não irritar Evan, naquela hora a sublinhei, coloquei em negrito e fiz brilhar como neon. Era uma visão assustadora! O Zmora tinha os olhos arregalados.

— Mas como você ainda está vivo?

— Precisa de mais de meia dúzia de Zmoras para me impedir de proteger a garota.

Eu tinha que assumir: A chegada dele era um alívio não só para mim como para os metais. Éramos mais fortes quando estávamos lutando juntos e senti quando o Lifran se agitou na minha pele. O nosso inimigo trocava o olhar de mim para o guardião sem acreditar no que via.

— Morto você consegue defender alguém?

Evan empunhou a sua espada. A base da arma se modificou e os metais se fundiram com parte do Syfar das mãos do Guardião.

— Mesmo morto eu estaria aqui.

O Zmora abriu a boca para dizer algo e depois a fechou. Assumiu uma forma relaxada e balançou a espada em direção a Evan, pontuando suas palavras.

— Você... você hein? Quem diria que se daria tão bem com uma missão como essa. Que seria capaz de se importar com alguém.

— Eu sempre me importei com as pessoas, Wen. Inclusive com você. Pense bem, ainda dá para reverter seu processo.

O Zmora gargalhou.

— Reverter? Você acha que quero ser alguém como você? Andando atrás de uma garota sem treinamento como se fosse um cachorrinho.

— Wen...

O Zmora avançou em direção a Evan e aproveitei para recuperar meus morcegos. As espadas se chocaram. Eu me concentrei nos pequenos sugadores. Por um segundo a batalha pessoal que os dois travavam foi o suficiente para entreter o nosso inimigo e um dos animais gravou os dentes na esfera.

Inacreditavelmente, funcionou. Quando um foi capaz de sugar, todos os outros começaram a se prender em partes do buraco negro e na esfera de energia. Em segundos dissiparam o poder. A luz vibrou e ouvimos estalidos fortes do lado de fora.

Ficou tudo um breu. Ouvi a voz de Evan recitar um feitiço e pequenas bolas de luz surgiram flutuando sobre nossas cabeças. Wen derrubou a espada no chão e tentou se afastar. Eu me aproximei deles. Ordenei que os morcegos parassem de sugar sua energia. Peguei a arma dele e aponte para seu peito.

— Acabou Wen!

Todo o esforço agora me consumia. Evan baixou um pouco a sua arma.

— Você não precisa perder mais do que já perdeu.

O Zmora se apoiava na parede. Sangue escorria de seu nariz.

— Eu não perdi nada...

Me olhou com um sorriso sarcástico. Para mim ele estava beirando a loucura.

— Você é que ainda vai perder tudo que ama.

Antes que eu pudesse desviar, ele deu um solavanco e se jogou para cima de mim. Forçou o corpo contra a espada que estava na minha mão. A arma traspassou o seu peito e eu gritei assustada. Ele sussurrou ainda mantendo a expressão doentia.

— Tuuudo que você ama!

Os olhos se arregalaram e Wen parou de respirar. Foi tão rápido que Evan só teve tempo de impedir que o peso do corpo do Zmora me levasse ao chão. O guardião ainda tentou alguns encantamentos, mas sabia que eram inúteis.

Wen estava morto. Eu tinha matado ele. Permaneci no mesmo lugar, em choque. O sangue negro do Zmora pingando da minha roupa.

Só voltei à realidade quando Evan me sacudiu. Ele dizia palavras desconexas como “Celen”, “culpa” e “chamar”. Eu não compreendia nenhuma delas. Ele saiu do meu foco de visão e eu fiquei tentando descobrir como respirar de novo.

CAPÍTULO 37

DOIS CORAÇÕES, VÁRIAS LINHAGENS

Me sentei na beirada da cama e soltei o corpo. O móvel estava sem uma das pernas e a outra pendia. Meu corpo doía e meu braço ferido tinha voltado a latejar. Evan fez o mesmo que eu. A cama não suportou o peso de nós dois e cedeu. Eu tive uma crise de riso.

É claro que não era normal. Passei do riso ao choro em segundos. Evan me puxou para perto de seu peito e me abraçou. Ele tinha cheiro de sangue e madeira. Ficou em silêncio e apoiou sua cabeça sobre a minha. A única coisa na qual eu pensava era que eles tinham assassinado minha mãe e agora mantinham meu pai preso em algum lugar.

Quando me acalmei, Evan se sentou e começou a analisar os estragos.

— Como será que ele conseguiu entrar aqui?

— Não sei, não desliguei a segurança quando saí, se é o que está pensando.

Falei ainda deitada. Eu não queria pensar em nada disso agora.

— Sei que não desligou. Proibi E21 de desligar a segurança, mesmo sob suas ordens.

— E porque ele te obedeceria?

Me sentei e olhei para ele confusa.

— Porque, acima de tudo, o sistema foi programado para te defender. Ele entendeu a minha ordem como proteção e acatou.

Olhei pensativa para os fios desencapados perto da porta. Era só uma máquina, não era?

— O Zmora deve ter destruído os circuitos porque sabia que o sistema iria te defender, com ou sem ordens — Evan acrescentou.

— Como será que Wen entrou na floresta? Como, com toda a segurança dos Elfos, os Zmoras continuam aparecendo, Evan?

— Eu não sei, mas tudo leva a crer que alguém está nos traindo.

Não queria pensar em ninguém nos traindo, tudo que eu tinha ouvido hoje já era demais. Coloquei a mão sobre o colar que estava aparecendo sob as vestes.

O guardião se levantou e começou a mexer no seu Dim. Um tipo de laser saía do aparelho e scaneava tudo à nossa volta. Eu continuava perdida em pensamentos.

— Ele disse que o líder deles envenenou a minha mãe.

Evan olhou para mim preocupado.

— Você sabe que isso pode ser uma mentira não sabe?

— Ele achava que ia me matar, não tinha porque mentir.

Ele ficou pensativo.

— Se isso for verdade, Celen vai ficar maluco.

Ele continuou andando pelo cômodo analisando fios e procurando alguma pista. O corpo do Zmora tinha sumido de vista e a luz vinha das esferas espalhadas pelo quarto. Eu não tinha a mínima ideia de como ajudar então fiquei ali, sentada, vendo ele trabalhar. Ele reparou nas minhas partes de metal.

— E esse braço mecânico? Você arrumou onde?

Comecei a contar o que tinha acontecido desde o momento em que cheguei no quarto. Vez ou outra ele parava o que estava fazendo e soltava alguma observação sobre minhas habilidades. Pela primeira vez, estava satisfeito com o que fiz, embora demonstrasse isso com observações debochadas.

— Eu enviei um recado a Celen tem tempo. Essa foi uma excelente noite para nos atacar, movimentada o suficiente para que os Zmoras não fossem percebidos.

Pensei nas dezenas de perguntas que eu tinha depois de tudo. Para a maioria delas, ele não teria resposta, exceto uma.

— Sabe o que eu queria saber, Evan?

Ele parou o que fazia por um minuto e me olhou nos olhos. Respirei fundo.

— Por quê? Por que você me deu esse colar? O que afinal ele é?

Eu estava começando a ficar boa em ler as expressões dele. Aquela era a cara sonsa que ele fazia quando queria fugir de um assunto. Não que o guardião fosse dar o braço a torcer.

— Como assim? Eu te disse, essa é uma oferenda pelo juramento.

Recuperei também minha petulância.

— E sua namorada não vai achar ruim que tenha me dado o colar que era dela?

Ele estreitou os olhos.

— Você precisa parar de falar que Lilian é minha namorada, primeiro porque isso não é verdade. Segundo porque soa como uma ofensa e parece que você está com ciúmes. A menos é claro, que você esteja.

Dei as costas para ele e comecei a recolher minhas coisas que foram jogadas para todos os cantos. Eu não estava com ciúmes. Ele não ficou satisfeito com meu silêncio.

— Quem foi que te disse que o colar era da Lilian?

Eu continuei ignorando.

— Alys!

Quem mandou eu mexer no vespeiro?! Não queria entregar Raszen e piorar as coisas, mas quem disse que eu escondia alguma coisa daquele guardião enxerido.

— Você acredita em tudo que aquele Elfo metido a playboy te diz?

— Se eu acreditasse não estava te perguntando — retruquei.

Ele voltou a se sentar na cama.

— O colar nunca foi de Lilian. Na verdade, quando ela descobriu sobre a existência dele, ficou ofendida porque não tinha oferecido a ela. Então uma noite o roubou enquanto eu dormia.

— Por que você me deu ele então? Todos tratam esse colar como algo sagrado, mas ninguém explica o porquê.

— Porque é uma oferenda, já te disse.

Ele abaixou os olhos para o seu aparelho. Eu queria a verdade a qualquer custo.

— Se você não confia em mim para me dizer o que esse colar é, por que confiou em me dar ele?

Ele respirou fundo.

— Você deve saber que eu fui a única pessoa que nasceu transformada antes dos metais.

Concordei com a cabeça.

— Ninguém entendia o que era isso, esses metais e esse coração extra. Meus pais abafaram as notícias. Mas o que pouca gente sabe, é que meu segundo coração não bate.

— Como assim não bate? — questionei.

Ele deu de ombros.

— Fizeram dezenas de testes na época. Laiza foi uma das pessoas que me examinou.

— Laiza te examinou quando bebê?

Sempre me esquecia da longevidade dos seres mágicos. Anotei a informação para piadas futuras. Ele ignorou minha surpresa.

— Depois vieram os metais e tudo ficou claro. Mas minha mãe continuou insistindo que aquilo era algum sinal.

— Sua mãe vê sinais em tudo?

— Até no que não existe! Só que, nesse caso, ela tinha razão. Quando eu tinha seis anos um tufão passou pela costa, você se lembra?

Balancei a cabeça de forma positiva. Ele continuou.

— Então, era um evento ligado aos metais. Eu estava treinando encantamentos. Ela insistiu que eu aprendesse alguns de batalha e aproveitasse as ondas mágicas para isso.

O guardião baixou os olhos com tristeza.

— Quase matei Wen naquele dia.

— Mas como assim? Você não me disse que não tinha poderes antes?

— E não tinha. Sem querer me interliguei às ondas mágicas e como não tinha prática perdi o controle. Meu coração bateu duas vezes e eu tive um acesso incomum. Ninguém quis se aproximar muito depois disso e passaram a dizer que eu não tinha coração. Acharam que eu quis matar Wen.

Me senti um pouco culpada pelas vezes que pensei que ele não tinha coração.

— Isso é ridículo. Depois de tudo que ele fez, você ainda tentou salvar Wen!

Ele forçou um sorriso.

— Me levaram até a chefe das fadas. Eles são capazes de medir as intenções das pessoas.

— A sua tia....

Interrompi.

— Por isso ela ficava colocando a mão sobre o seu coração.

Ele concordou.

— Ela disse a todos que tinha sido um acidente. Depois me deu esse colar. Ele é feito de uma rocha que só é encontrada na lua. Moira disse que só deveria tirá-lo quando o gelo de dentro tivesse diluído. Como minha alma foi ligada a ele, era um risco que entregasse a alguém. A pessoa poderia usá-lo para ter algum domínio sobre mim.

Olhei para o colar no meu peito. Agora eu via uma substância aquosa dentro dele e um pouco de gelo. A pequena pedra passou a pesar uma tonelada.

— Lilian não conseguiu usá-lo para te controlar?

— Não funciona assim, eu não dei a ela o colar. Sem a minha permissão ele não serve para muita coisa.

Conferi mais uma vez a pedra sobre meu peito.

— E por que você me deu se é um risco?

Fiquei de pé e olhei indignada para ele.

— Já te respondi essa pergunta uma dezena de vezes. Você não presta atenção no que eu digo?

Ele tinha que ser rabugento assim mesmo?

— Te dei o colar porque é seu.

Ele ficou de pé e se aproximou de mim. Ficou tão perto que eu sentia o vapor quente da sua respiração.

— Na época que Moira me deu o colar, eu já tinha me convencido que eu não me importava com ninguém.

— E isso mudou?

Ele desconversou.

— Ela disse que mudaria, um dia. Que eu acreditaria em coisas diferentes quando o gelo do colar derretesse.

Como sempre, manter o olhar fixo ao dele era uma tarefa difícil.

— O gelo ainda não derreteu... — observei.

— Não por completo. Mas até o dia que você liberou o Syfar e os meus poderes, o colar era inteiro congelado.

Minhas mãos suavam. Eu protegia o pingente entre meus dedos. Se era um resultado da profecia, porque Evan estava tão perto? Ele sempre se mantinha tão distante.

— Então os metais estão descongelando o seu coração também?

Ele se aproximou um pouco mais. Franziu as sobrancelhas. A expressão do rosto era a mesma de quando eu não conseguia compreender as ordens no treinamento.

— Por que as coisas são tão difíceis com você Alys? Você não entende nada?

Eu funguei. Ele não falava coisa com coisa e eu que era difícil? Ele estava tão perto que eu conseguia ver meu reflexo nos olhos dele. Pelo Construtor, eu estava um caco.

Um pequeno estalo no meu cérebro e eu entendi o que ele dizia. Era comigo que ele se importava e por isso o colar estava mudando.

O Lifran deu um pequeno chiado. Evan esperou um segundo para que eu tivesse a oportunidade de me afastar. Eu não fiz. O guardião tocou meu braço e passou a mão pelas minhas costas.

Quando os seus lábios estavam muito próximos dos meus, os metais chiaram mais alto. Uma dor insuportável cortou minhas costas e perdi o ar. Perdi as forças, minha vista embaçou e senti os braços de Evan me segurando com firmeza.

— Alys! Alys... o que tá acontecendo? Isso não é por minha culpa, é?

Dei uma risada, só piorou a dor.

— Não... seja... idiota! Minhas costas... tem algo de errado com as asas.

Evan me sentou na cama.

— Tem algumas penas caindo, Alys.

A voz dele ficou cada vez mais alarmada. A dor só piorava. Ele fez um novo pássaro e enviou.

— Mande mais um recado para Laiza. Aguenta firme, vou tentar alguns feitiços.

Ele começou os encantamentos e a dor piorou. Cravei minhas unhas no braço dele. Quando achei que não suportaria mais, as dores começaram a diminuir. Era como se eu tivesse corrido uma maratona.

— O que.... está.... acontecendo, Evan?

Ele olhava boquiaberto.

— Tem alguma coisa crescendo no lugar das penas que caíram. Quer dizer, você ainda tem a maioria das asas feitas de metal e penas. Mas, no lugar das que caíram agora tem...

Coloquei a mão no pedaço que eu alcançava e puxei para meu campo de visão.

— Escamas?

Era como a pele de um dragão, mas em forma de penas.

— Existem penas de escamas por toda a asa. Evan explicou.

— Você sabe que o que você acabou de dizer não faz o mínimo sentido, não é?

A dor tinha cessado.

— Importante é que você entendeu! Elas se parecem com...

Passos nos interromperam.

— O que aconteceu aqui?

Era Laiza. Junto dela, com expressões horrorizadas, estavam Kyer, Celen e Thela, todos com as armas em riste. Kyer fechou a cara para mim.

— Não me diga que foram vocês dois que fizeram isso.

Evan se afastou.

— E como nós faríamos isso? Nós fomos atacados!

Os quatro entraram no quarto, analisando destroços e conferindo o estrago. A luz ainda era precária e piscava algumas vezes. Celen fazia encantamentos reconstruindo coisas. Ele olhou dentro do banheiro.

— Quem matou o Zmora?

Levantei a mão.

— Eu...

Evan me corrigiu.

— Ele se matou Celen. Se jogou sobre Alys, quando ela estava com a espada apontada para ele. Não tive chance de impedir.

Ele concordou com a expressão preocupada. Se aproximou de nós e arregalou os olhos.

— Pelo Construtor! Alys, que feitiço você usou?

Ele me segurava pelos ombros e sacudia.

— Eu... eu....

Ele estava tão alarmado que fiquei nervosa.

— Usei alguns feitiços de batalha que o Evan me ensinou — respondi.

— E quais mais?

— Uni alguns de manipulação dos elementos para criar esses escudos no braço, falando nisso...

Ordenei que os metais diminuíssem, o ferimento estava ainda pior. Evan não ficou muito feliz comigo.

— Você me disse que tinha sido só um arranhão! Esse ferimento está horrível...

— Acabei me distraíndo... — justifiquei.

— E quando é que você não se distrai? — ele retrucou.

Nós começamos a discutir, como sempre. A voz de Celen ressoou no local.

— PAREM OS DOIS!

Todos olharam para ele.

— Isso não deveria ter acontecido agora! Não ainda...! É por isso que não te ensinamos a fundir os metais ao seu corpo. Essas mudanças...

Ele passou a mão sobre as escamas.

— É mais uma coisa para você lidar, mais um obstáculo na primeira lua. Não esperávamos que nada acontecesse antes do seu aniversário.

— Celen, o que está acontecendo?

O dragão ignorou minha pergunta. Analisava as novas partes da minha asa e logo todos estavam à minha volta, tocando as escamas. Fazia cócegas.

— Sua avó vai me matar. Ela queria te contar as coisas com calma. Eu não achei que você precisaria usar esse tipo de magia, nem que tentaria, para falar verdade. Mas que bobagem a minha, olha só de quem você é filha, é claro que...

Falava mais para si mesmo do que para nós. Eu perdi a paciência.

— CELEN! Porque eu pareço um experimento estranho de vários DNAs mágicos?

Ele suspirou.

— Porque você tem uma mistura muito incomum de linhagens Alys, inclusive a minha.

CAPÍTULO 38

ATLAS

Passou todo tipo de bobagens pela minha cabeça.

— Como assim inclusive a sua?

Todos aqueles filmes que eu já tinha visto latejaram na minha mente. Meu pai não era meu pai? Eu era algum tipo de criança que tinha nascido de uma força inexplicável? E a pior delas...

— Eu vou me tornar um dragão?

Me bateu um desespero. Se eu já era desastrada sendo pequena, imagina se tivesse o tamanho do Celen?

— Não! Se acalme, Alys! Se tiver outro acesso de energia pode se esgotar.

— Como você quer que eu me acalme? Olhe para mim! Não bastasse ter asas com penas normais e penas de metal? Agora eu tenho penas de escamas de dragão!

Kyer se aproximou.

— Calma Lys.

— Não me peça calma Ky, você só tem uma marca na testa que mal aparece.

Thela estava a meia distância, ainda analisando os estragos no quarto.

— Se quer minha opinião, combina muito com você! Está urrando como um dragão em época de nidação.

Celen olhou feio para ela. Eu, pior ainda.

— Não quero, obrigada! — respondi com raiva. — Quero respostas! Porque vocês continuam me escondendo as coisas? Vou acabar enfartando os dois corações, com cada novidade que não me contam.

— Ela tem razão! — disse Evan. — Eu mesmo nunca tinha ouvido falar sobre isso.

Cogitei se deveria brigar, ter o guardião concordando comigo não era a ordem natural das coisas. Celen ainda parecia perdido em pensamentos.

— Isso porque, embora meu casamento não seja um segredo, as pessoas não sabem quando ele ocorreu. Muitos acreditam que seja só um acordo político. Claro que isso vai mudar as coisas.

Evan franziu o cenho.

— Você é casado? Mas com... ohhh.

Os olhos dele se esbugalharam. Eu continuei a explodir.

— Nada de “Ohh”, Evan. Me diz o que tá acontecendo aqui.

Ele continuava olhando para Celen com os olhos fixos e a boca escancarada. A expressão passou de assombro para divertimento.

— Ele vai te explicar, não vai Celen? E eu vou conjurar pipoca, porque essa deve ser uma baita história.

Celen apertava os nós das garras e balançava a calda.

— Vou, mas você poderia ao menos esperar nossa volta?

— Não!

— Sua avó quer participar dessa conversa!

— Ligue para ela! Para isso existe tecnologia. Não vou ficar andando por aí com asas Frankenstein sem saber o porquê.

Ele suspirou.

— Veja bem...

O alto bipe de um Dim interrompeu sua fala. Todos olhamos para nossos respectivos aparelhos e depois uns para os outros, procurando a fonte do barulho.

— É o meu — avisou Laiza.

Por mais que ela clicasse na tela, o barulho não parava, só se tornava cada vez mais agudo. A elfa nos explicou aos gritos.

— Me desculpem, mas precisamos atender. É Tzeba, e pelo encantamento ensurdecedor que ele lançou na mensagem, aconteceu alguma coisa!

Ela fez com que a placa de metal flutuasse até o chão. Dele começou a surgir a figura do filósofo em 3D. Era uma imagem tão perfeita, que era necessário estar muito perto para perceber que se tratava de um holograma.

— Celen, me desculpe a interrupção, mas é um caso importante.

O dragão virou o holograma para si.

— A cidade está segura? Aconteceu alguma coisa?

— Está tudo bem. A sacerdotisa está mantendo tudo sobre controle, é claro. Meu assunto é outro.

Ele passou os olhos sobre todos e parou em mim. Depois olhou para Celen.

— Ora veja, resolveu ouvir meu conselho e deixar que as mudanças ocorressem antes da primeira lua, Celen?

— Na verdade, não. Ela precisou se defender do Zmora Wen Uriah e, por si só, usou a fusão dos metais. Isso acabou acelerando o processo. Mas vamos voltar a falar da profecia.

— Bom, pelo menos agora ela já sabe que é sua neta.

Eu quase caí para trás.

— Eu sou o que?

Celen me olhou desesperado.

— Depois, Alys!!!

Evan colocou as mãos na cintura.

— Eu devia ter feito a pipoca!

Celen levantou o tom de voz.

— Tzeba, cadê a urgência sobre a profecia?

O homem holograma tinha um sorriso amarelo na cara.

— Claro, a profecia! Então, eu estava estudando os manuscritos que Alys despertou. Vi algumas anotações que ela fez nos pergaminhos.

Eu ainda estava em choque pela revelação. Minha avó e Celen... eu nem sabia que dragões e humanos poderiam ter filhos. Evan me deu uma cotovelada na costela. Eu odiava quando ele fazia isso.

— Anotações? Ah sim, fiz algumas observações sobre o que me chamava atenção no texto.

Tzeba concordou com a cabeça e continuou.

— Eu conferi algumas delas e percebi que as contagens lunares não podem estar corretas.

Celen franziu a longa sobancelha draconiana.

— Como não? Elas foram feitas há milênios.

— Não tínhamos todas as informações que temos hoje. Como sempre confiamos nesses cálculos, nunca refizemos não é mesmo? Eu não sou o mestre da astrologia, mas só de olhar para os mapas, sei que tem algo errado Celen. Olhe.

Ele estendeu a mão e apareceu flutuando à sua frente um grande quadrado quase transparente. Nele começaram a surgir números e letras. Símbolos antigos e formas geométricas, que se movimentavam alterando umas às outras.

— Esse é o pergaminho deixado pelo dragão Avenor com as previsões sobre a primeira lua — explicou.

Fez com que aparecesse um segundo quadro, com trechos ainda mais complexos que eu já tinha visto em algum dos meus estudos.

— Agora, esse é o pergaminho que Alys decifrou. Como eu disse, não sou versado nos planetas como sua raça é Celen, por isso a urgência.

O dragão se aproximou dos quadros e começou a observar os símbolos. Ficamos em silêncio vendo ele trabalhar. Ele alterou um símbolo, dois, três, até que outra forma apareceu sobre a tela.

— Tzeba, você tem razão! Havia um erro na disposição planetária. Mas...

Eu senti um aperto. Evan nem respirava ao meu lado. Celen fez surgir uma reprodução do universo e acrescentou formas e símbolos tirados das placas do filósofo. Depois escancarou a boca e ficou tão imóvel que achei que ele tinha virado pedra.

— Pelo Construtor.... isso, como pode ser ...? — ele sussurrou para si mesmo.

Laiza se aproximou do holograma e também ficou petrificada. Os outros compreenderam tão pouco quanto eu. Nada iria me impedir de conseguir respostas.

— Celen, o que afinal de contas...

Ele levantou a imensa mão. Eu me calei.

— O dia da Lua, não é daqui a uma semana. É depois de amanhã.

Caí sentada na cama. Era coisa demais acontecendo em tão poucas horas.

— Mas eu ainda não treinei o encantamento o suficiente... eu não sei se consigo!

Com as imensas mãos draconianas ele me colocou de pé.

— É claro que você consegue!

Laiza começou a clicar no seu Dim.

— Nós ainda não conseguimos decifrar onde é entrada no templo!

Comecei a ficar desesperada. Celen, ao contrário, demonstrou uma tranquila seriedade de dar inveja. Se ele era meu avô, isso eu não tinha herdado dele.

— Nós voltaremos daqui a pouco para Nafh'ta. Tzeba envie os dados à sacerdotisa e peça que nos espere na minha sala. E não conte a mais ninguém sobre isso, podemos tentar usar esse erro ao nosso favor.

— Ok meu amigo.

O holograma sumiu. Pisquei algumas vezes com a mudança de luminosidade. Celen continuava a dar ordens.

— Thela, prepare os homens para partirmos. Laiza, vá com Kyer pegar os suprimentos mágicos que tinha me falado. Eu irei avisar a Pajé sobre os acontecimentos enquanto vocês dois arrumam essa bagunça.

O dragão se aproximou de mim.

— Eu sei que sua cabeça deve estar fervilhando de perguntas, mas prometo que te responderei cada uma delas assim que for possível. Agora, preciso que guarde suas asas e evite se fundir aos metais por enquanto ok?

— Tudo bem.

— Laiza irá voltar para cuidar do ferimento.

Ele abaixou a imensa cabeça na altura dos meus olhos.

— Eu estou muito orgulhoso de tudo que fez até aqui, não se cobre nem se preocupe com depois de amanhã. Vai tudo acontecer conforme a vontade do Construtor.

Ele saiu pela varanda balançando as longas asas e eu fiquei com Evan, recitando pequenos feitiços e colocando as coisas de volta nos seus lugares. Quando terminamos, eu estava exausta. Me deitei na cama de qualquer jeito. Tive a leve impressão que alguém resmungava comigo e braços cuidadosos me ajeitaram. Tentei agradecer, mas adormeci.



Passaram horas até que Laiza me acordou para tratar o ferimento. Os metais não deixavam ela se aproximar.

O machucado era diferente dos outros que eu tinha sofrido, a pele estava esturricada nas bordas e a carne do braço parecia ter apodrecido. Eu só olhei uma vez, sempre tive estômago fraco para essas coisas e não queria passar vergonha desmaiando.

— Em algumas horas vai se fechar. Para que se cure vão ser necessários dias Lys, mas é o máximo que posso fazer por você agora.

— Obrigada Laiza. Você pode me fazer um favor?

Evan estava sentado em um pequeno sofá de canto, dormindo com a cabeça pendendo de forma desconfortável.

— Me ajude a colocar ele na cama? Tô com dó da forma que ele está deitado.

Ela concordou. Fez um feitiço que levitou guardião, e o colocou do outro lado da cama.

— Ele deve estar realmente cansado para não ter acordado.

— Depois de tudo que houve hoje à noite? Nem sei como ainda está tão forte.

Ela me olhou desconfiada.

— Hun... você não quer me contar o que aconteceu aqui?

— Eu já contei.

Ela colocou as mãos na cintura e fechou a cara para mim. Era cômico em vez de assustador.

— Não nasci ontem, Alys. Como você fez o favor de lembrar ao Ky!

— Ops — exclamei, sem graça.

Ela ignorou minha expressão.

— Pela hora das mensagens do Evan, vocês tiveram um bom tempo antes que suas asas surtassem. E sua omissão me leva a crer que alguma coisa aconteceu.

Dei uma espiada em direção ao garoto. Ele continuava no sono pesado.

— Perguntei ao Evan sobre o colar.

Ela bateu palmas. Desfez a cara fechada e os olhos brilharam. Agora me dava medo.

— Ele te explicou o que a pedra significa?

— Disse que a alma dele está ligada ao pingente.

— Foi o que pensei. Pelo problema com o segundo coração, não é? Impressionante é que ele tenha tido a coragem de te dar ainda congelado, se você quisesse...

— Poderia controlá-lo, já sei. Ele falou.

— Foi só isso que aconteceu?

Eu não tinha certeza. O que estava prestes a acontecer quando as asas mudaram? Laiza começou a sussurrar.

— Tudo bem, você não precisa me dizer... está escrito na sua testa que você percebeu o que existe de verdade no coração dele.

— Eu não sei Laiza...

Eu estava sendo sincera. Toda essa confusão dos metais e meu pai desaparecido. Não era hora de me entreter com mais nada. A elfa levantou as mãos.

— Ou vai me dizer que você gosta do Raszen? Sabe que vou te apoiar, mas primeiro vou precisar conter minha vontade de te dar uns tapas.

Evan se mexeu atrás de nós. Esperei para ter certeza que ele dormia.

— Não é isso Laiza! Raszen me dá nos nervos, ontem ele até me beijou.

— Como assim ele te beijou?

Ela fechou o punho. Achei que ia me bater.

— E ainda insinuou que Evan tinha me dado um presente que era de Lilian.

Apontei para o colar.

— Enquanto ele tinha me dado algo único.

Fiz cara de desdém, ela não se convenceu. Manteve o ar de reprovação.

— Eu não tive culpa está bem? Ele me pegou de surpresa. Nem por isso eu gosto do elfo, se é o que você está pensando.

— Tenho que agradecer várias vezes aos céus por isso.

Laiza respirou fundo.

— Só não entendi o que isso tem a ver com Evan?

— Nem eu, se me perguntar meu nome agora é bem capaz de não saber responder.

Nós duas começamos a rir. Laiza balançava a cabeça.

— Eu achava que era complicada, mas você é bem pior.

— É fácil para você falar, se trata de Kyer. Tente entender as reações do Evan e eu te darei razão.

— Pensando por esse lado.

— Agora, me faça outro favor, recrie os pergaminhos da profecia para eu ver?

Ela fez uma expressão confusa.

— Como assim?

— O mapa em 5D que vi ontem entre seus papéis. Você consegue recriar em holograma? Não gosto de ficar parada enquanto todo mundo trabalha.

— Posso tentar.

Ela se pôs em pé, começou a apertar botões na placa de metal e lançou alguns encantamentos. Em minutos eu tinha o mapa do templo em tamanho real, flutuando na altura dos olhos.

— Mande uma mensagem ao Tzeba e ele interligou os pergaminhos reais ao meu Dim, então tome cuidado que qualquer modificação aqui pode fazer alterações

nos originais.

Decidi analisar parte por parte e anotar os detalhes. Assim eu me obrigava e ver até os símbolos menores. Fiquei fazendo isso por uma meia hora até que Evan acordou e se juntou a mim no trabalho. Algum tempo mais e todos estavam na mesma empreitada, exceto Celen, que ainda não tinha voltado.

Tzeba se juntou a nós através do holograma. Pontuava as mudanças que ele tinha percebido no mapa desde a primeira vez que o vimos. Quando ele terminou de falar, percebi uma pequena formação rochosa que ele não havia apontado.

— Tzeba, e essa estátua aqui? Você já tinha visto?

Puxei as mãos, dando zoom no holograma. No meio do mar, havia a estátua de uma pessoa sentada e com a cabeça pendendo para o lado, como se algo estivesse sobre suas costas. Ele se aproximou do mapa e analisou.

— Mas o que é isso? Só um minuto.

Ele sumiu do holograma e voltou alguns segundos depois.

— Resolvi conferir no pergaminho original, tenho certeza que mais cedo essa formação não estava aí, Alys.

Todo mundo parou suas próprias análises para observar. Eu sabia que ela me lembrava alguma coisa, alguma parte que tinha lido da profecia? Talvez. Resolvi começar por aí, pelas últimas partes que tínhamos traduzido.

— Evan, o que dizia na última parte da profecia que você traduziu?

— O título era a garota que segura o mar sobre os ombros. Ela falava sobre...

Kyer interrompeu o guardião.

— Espera só um minuto, deixa eu ver de perto.

Ele chegou perto, observou por alguns segundos e olhou para nós com aquele ar nerd que eu conhecia bem.

— Acho que vocês estão no caminho certo. Essa estátua se chama Atlas.

Laiza virou-se para ele.

— O nome do deus grego que segurava o céu sobre os ombros?

Ele confirmou.

— Essa é a maior estatua submersa que já existiu, foi colocada lá anos antes dos metais. Depois do aparecimento deles nunca mais foi vista.

Tinham coisas “sumidas” aparecendo muito ultimamente.

— Como assim nunca mais foi vista?

Tzeba explicou.

— O mar se tornou muito perigoso. Os animais aquáticos foram os mais afetados e em alguns lugares, ele se tornou negro.

Nunca tinha ouvido falar sobre isso.

— Como isso pode acontecer?

— A luz não incide mais nesses locais. Atlas foi submersa em um desses buracos negros. Todos os seres, humanos ou não, que tentaram investigar não voltaram para contar a história.

Eu perdi a fala por um tempo. Evan, ao contrário, encontrou todas as lembranças sobre a profecia.

— “Nada passa pela garota que segura o mar sobre os ombros, a não ser quem leva a magia sobre si.”

Ele recitava enquanto olhava abismado para os pontos do mapa.

— “Quem carregará o fio de esperança? E quem será capaz de encarar o abismo negro? Somente quem carrega várias linhagens enxergará a porta que existe, na missão ao qual foi confiado.”

Eu o interrompi.

— Isso não faz o menor sentido.

O guardião apontou para as escamas nas minhas asas.

— Na verdade faz. A porta tem alguma ligação com essa estátua, a pessoa com várias linhagens é você.

— Tá, ainda que seja isso. Não explica como chegaremos até ela, nem como isso nos levará ao templo.

Ele deu de ombros.

— Nós chegaremos mergulhando. Lá descobrimos o que fazer.

Laiza piscava sem parar e sua respiração saía entrecortada.

— O templo era todo feito em pedra mas havia fortes encantamentos de proteção. Mesmo submerso ele ainda deve contar com uma série deles. Vocês precisaram sair o mais cedo possível.

Celen chegou na varanda. Ele estava acompanhado da Pajé. Vinha com a expressão ainda mais séria de que quando saiu.

— Vejo que não perderam tempo, isso é ótimo. Mas temos alguns problemas.

Ele não deixou que ninguém o interrompesse.

— Tzeba, nos vemos daqui a pouco. Não fale sobre a profecia com ninguém, muito menos envie mais dados pelo seu Dim.

Antes mesmo que o filósofo respondesse, o dragão desligou o holograma com um movimento de mãos. Depois ordenou uma série de feitiços e meu Dim fez um estouro alto. Todos os outros aparelhos semelhantes no cômodo sofreram a mesma reação.

Laiza clicava desesperada na sua superfície metálica.

— O que você fez? Minhas pesquisas estavam todas nesse aparelho.

O dragão nem se importou.

— Você tem seus arquivos salvos na rede e, mesmo os que não tem, é inteligente o suficiente para refazê-los em dias. Agora, conter uma invasão magico-

tecnológica é mais urgente.

Evan parou de bater em seu aparelho e olhou para o dragão.

— Nós fomos rackeados? Como alguém conseguiria invadir um aparelho com tantas proteções mágicas como os nossos?

— Não sei Evan, mas tenho certeza que um dos aparelhos estava infectado e por isso nosso inimigo conhecia nossos passos.

Laiza soltou o aparelho. Celen explicou.

— Enquanto eu falava com a Pajé, recebi um recado do meu informante. Os Zmoras já sabem sobre a mudança do dia da Lua.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Era uma bagunça de interjeições de surpresa e indignação.

— Se acalmem, eu tenho certeza sobre a fonte. Eles já sabem e já estão mobilizando o exército para a Ilha, precisamos voltar e proteger a entrada de Nafh'ta.

Fiquei inconformada.

— Como eles sabem que a entrada do templo é perto da Ilha? Acabamos de descobrir isso!

O dragão arregalou os olhos.

— Vocês descobriram como entrar no templo? Isso é ótimo! Eles não sabem, o plano é tentar interceptar vocês na saída da cidade. Ou isso, ou decidiram declarar guerra.

Evan ainda não tinha se conformado com o grampo.

— Primeiro E21 é destruído e agora isso? Celen, todas essas proteções são muito fortes, como podem ter caído assim?

— Não foi “assim”, foi planejado. Alguém plantou um receptor em um dos Dim's.

— Mas um receptor precisa ser ativado na fonte — ele retrucou.

Thela interrompeu a discussão.

— Agora, não adianta ficar discutindo como, temos que partir.

Todos concordaram de forma séria. A Pajé levantou as mãos.

— Eu já comecei a avisar todos que prometeram apoio a vocês. Não posso sair daqui, temos que proteger a floresta que está mais exposta do que nunca. Mas fiquem tranquilos, toda força mágica que estiver ao nosso alcance, estará lá.

Ficar tranquilos? Ela só podia estar brincando! Como eu ia ficar tranquila sabendo que tinha um exército de Zmoras, gigantes e outros seres nada amigos vindo ao nosso encontro? E, na melhor das hipóteses, se passássemos por eles eu teria que mergulhar em uma parte do mar chamada por Tzeba de buraco negro.

Eu estava a ponto de ter um ataque cardíaco duplo. Você já teve palpitação em dois corações? Acho que não né? É como ter duas escolas de samba no peito,

disputando quem faz mais barulho. Alheios a isso, Celen e a Líder dos Elfos criavam juntos um portal.

— Em geral, não é possível passar por aqui, mas, devido à urgência, criarei uma exceção — disse a Elfa. — Não posso garantir a segurança por muito tempo, então, quando o portal for aberto, passem correndo para o outro lado.

O quadrado mágico se expandiu até que uma parede inteira dos meus aposentos tremeluzia em cores.

— Pronto, passem logo!

Me aproximei da líder.

— Obrigada por tudo, chefe Tâima.

— Foi um prazer recebê-la Elemental, que o Construtor ilumine a escuridão que te aguarda.

Eu sei que era um voto de sorte, mas me deu um calafrio. Um por um dos meus amigos foram se despedindo da líder. A essa altura, nossa guarda também já estava em fila, pronta para passar pelo portal.

Primeiro foi Laiza que enviou um pássaro avisando que estava tudo bem. Depois de alguns soldados, chegou a minha vez. Evan se colocou ao meu lado e segurou a minha mão tão forte que achei que se demorasse, perderia alguns dedos. Ele ainda olhava para frente quando falou.

— Quero evitar que você consiga se perder dentro das linhas dimensionais, mesmo sendo incomum estamos falando do seu gps quebrado não é mesmo?

Quando foi que eu deixei esse garoto folgar tanto para cima de mim? Cerrei os olhos, mas não respondi. Senti as mãos draconianas me empurrando para dentro do portal. Depois foi toda aquela mistura psicodélica de cores.



Quando meus pés se firmaram, estávamos no escritório de Celen. Thela berrava ordens aos quatro ventos, enquanto soldados corriam. Conjurou algumas facas com asas e as despachou pela janela. Caminhou até nós e me segurou pelos ombros olhando dentro dos meus olhos.

— Eu sei que nosso começo não foi dos melhores.

Que bondade a dela interpretar meu quase assassinato daquela forma.

— Mas quero que saiba que estamos com você. Seja qual for o destino reservado a nós pelo Construtor, defenderemos sua missão ou morreremos tentando.

Um nó se formou na minha garganta. Me lembrei das duas pequeninas Elfas correndo em volta dela no dia da festa das flores e do Elfo que parecia ser o pai das crianças. Entendi o que a profecia queria dizer sobre levar a magia sobre os ombros.

A porta se escancarou em um barulho forte e minha avó entrou por ela. Sua capa sobre as vestes carmim de batalha balançava, enquanto ela dava passos firmes em minha direção. Thela passou pela sacerdotisa lhe fazendo um cumprimento e saiu do escritório no mesmo momento em que o meu mestre, Laiza e Kyer chegavam pelo portal. Eles eram os últimos.

Evan soltou minha mão e se ajoelhou diante da Sacerdotisa. Ela fez um breve aceno em direção ao guardião e me alcançou em um abraço apertado.

— Minha doce e avoadada Alys.

Evan acrescentou alto o suficiente para que eu ouvisse.

— Bota avoadada nisso.

Ele sabia como ser inconveniente quando queria. Ana me beijou o rosto.

— Que saudade de você minha pequena guerreira de asas de metal.

Os olhos dela estavam marejados. Nas dezenas de perguntas que atacavam minha mente, uma despontou com um bom ponto de partida.

— Vó, como é que a senhora é casada com um dragão e não me conta?

Apontei para Celen.

— Com esse dragão!

Ela olhou para ele com a cara de quem o mataria na primeira oportunidade. Meu mestre-avô, apresentava uma expressão de pavor que eu nem achava que existia.

— Celen Radul, o que foi que você fez?

— Eu... eu não fiz nada. Mostre suas asas, Alys!

Ouvi um croc croc. Era Evan comendo pipoca! Como raios aquele guardião tinha coragem de levar uma coisa tão séria na brincadeira? Para todo o resto ele era o senhor seriedade, mas para ver meus avós tendo que explicar o relacionamento que tinham me escondido, não. Pensando bem, fazia sentido.

Abri as asas. Minha vó não conteve seu espanto. Comecei a me explicar.

— Pelo que entendi eu não poderia usar fusão de metais. Como eu não sabia, e mesmo que soubesse, não tinha outra opção...

— Pelo Construtor, Alys. Isso não era para acontecer assim. Se os conselheiros verem isso pode causar um tremendo problema para nós. Podem acusar Celen de traição por não ter dito a eles que sua mãe era filha dele.

Aquela história estava muito mal contada. Evan interferiu. A pipoca tinha sumido de vista.

— Eles não ousariam!

— Acho que alguns deles estão à procura de uma oportunidade para isso. Mas estamos prestes a enfrentar uma guerra, a última coisa de que precisamos é de nos dividir.

Evan cruzou os braços.

— Nós só vivemos em paz com as raças por sua causa. Alegar costumes tão antigos seria no mínimo ingratidão!

— Isso é assunto para outra hora. Vocês precisam se preparar para partir amanhã cedo, precisam descansar e recuperar as energias.

Uma explosão fez com que o prédio inteiro tremesse. Mal tinha acontecido e ouvi mais duas ou três explosões. Quando consegui me equilibrar de novo, corri para as janelas. Havia sinais de fumaça e destruição em outros pontos da cidade. Pessoas corriam e gritavam desesperadas. Thela surgiu na porta.

— Celen, todos os prédios do conselho foram bombardeados!

— Só os prédios do conselho?

— Sim! É um aviso de guerra ou uma distração!

— Provavelmente, as duas coisas — o dragão respondeu.

Minha avó me puxou para perto.

— Não dá para esperar até amanhã cedo. Vocês têm que partir agora.

Celen meneou a cabeça.

— Você tem razão.

Os dois trocaram olhares. A voz da minha avó saiu tremida.

— Os túneis?

Celen concordou balançando a cabeça e se virou para nós.

— Vocês dois precisam partir.

Nós estávamos em um apertado círculo agora. O dragão criava pequenos envelopes voadores.

— Vamos tentar ganhar tempo para vocês.

Já reparou como sempre que era hora de me darem respostas, algo inesperado acontecia? E agora mais essa, guerra dentro de Nafh'ta! Pensei em todas as pessoas que conheci, no risco que elas continuariam correndo para que eu pudesse chegar até esse templo. Eu precisava conseguir.

Ky me olhou resignado.

— Eu vou com vocês.

Celen interrompeu.

— Não vai não! Vou te mandar até a organização das nações para informar aos governantes o que está acontecendo.

— Eles nunca irão me ouvir, eu tenho dezesseis anos Celen!

— O Construtor não faz escolhas equivocadas Kyer.

Ele me deu um abraço apertado. Depois abraçou Evan que retribuiu meio sem graça. Se afastou e estendeu a mão. As palmas se entrelaçaram como os guerreiros faziam, tocando o peito um do outro.

— Eu sei que fez seu juramento. Mas me prometa que trará ela em segurança.

— Custe o que custar! — Evan respondeu.

Eu gostava cada vez menos disso. Ky caminhou até Laiza e, não se importando com ninguém à sua volta, puxou a Elfa em um beijo apertado. O tom de despedida me deixava aflita.

Minha avó fez um portal e Kyer passou por ele. Celen retomou as ordens. Embora não tenha ouvido mais explosões, os gritos não cessavam.

— Laiza, vá preparar sua equipe. Precisaremos dos melhores alquimistas e curandeiros que você puder reunir. Não sei se os continentes conseguirão mandar muitas pessoas.

Ela concordou e também saiu pela porta. Minha avó se virou para o guardião.

— Eu vejo porque o Construtor te escolheu, não duvide nem por um piscar de olhos.

Ela conjurou um Dim e entregou nas minhas mãos.

— Eu mesma preparei esse aparelho com toda a proteção possível. Nele tem as informações sobre a profecia. Sei que você não treinou muito os encantamentos Alys, mas confio que você estará pronta na hora, confie no seu coração.

Ela apontou para Evan.

— E no dele! A resposta para qualquer que seja o seu desafio é permanecerem juntos.

Ouvimos outra explosão. O chão tremeu.

— Precisamos ajudar, Ana!

Celen começou a conjurar feitiços.

— Lutem juntos, chorem juntos e se preciso....

Ela respirou fundo.

— Só voltem juntos, ok?

Os olhos dela brilhavam com lágrimas mas havia uma certeza selvagem neles. Aquele tipo de olhar que dá medo e admiração.

A passagem por onde eu e Ky chegamos começou a se abrir.

— É o melhor jeito de saírem daqui — disse Celen. — A caverna tem certas proteções depois do problema que tivemos no seu sonho, Alys. Esperem até o amanhecer para sair dela.

Ele tomou a forma humana e me abraçou. Sua voz soou embargada entre meus cabelos.

— Evite o quanto for possível a fusão dos metais. Ouça Evan, mas não muito, nem sempre ele acerta. E o principal, confie no que sua avó te disse. Vocês são mais fortes juntos.

Concordei com a cabeça. A mão de Evan me puxou. Descendo as escadas, olhei para trás. Antes da passagem se fechar vi minha avó dando um breve beijo em Celen e em seguida meu mestre voltando à forma de dragão. Pedi ao Construtor que pudesse cumprir tudo que eles acreditavam que eu era capaz.

CAPÍTULO 39

O MAR NEGRO

Caminhar de volta pela caverna me trazia muitas lembranças. A passagem atrás de nós se fechou. Evan conjurou algumas bolas de luz e fez surgir uma tina do que antes era uma grande pedra.

— Entre! Sua energia está quase no fim. Isso não é nada bom com a missão que temos pela frente.

— Como assim “Entre”? Você quer que eu tome um banho aqui? Agora?
Ele revirou os olhos.

— Eu vou para a outra parte da caverna. Isso aqui é como um abrigo, tem várias câmaras.

Me senti um pouco idiota.

— Vou tentar preparar algo para que você possa comer. Já sabe como essa água funciona então, quando ela estiver cristalina, pode sair.

— Vai demorar muito?

— O necessário. Quando estiver pronta, venha me encontrar. Se não me achar, não fique andando por aí, só me chame.

— Porque eu ficaria “andando por aí?”

Ele levantou as sobrancelhas.

— Não é uma boa hora para testar seu gps, Alys. É sério.

Com um movimento de mãos ele fez um livro aparecer.

— Toma, para se distrair.

O livro tinha uma bonita capa azul.

— Uma prima que escreveu, acho que você pode gostar.

— De onde você tirou... como conjura coisas do nada?

— Eu não conjuro do nada, Alys. Eu uso um encantamento interdimensional.

Fiz cara de que não tinha entendido nada. Ele fungou.

— É como se fosse um armário entre as linhas dimensionais. Outro dia te explico.

As pessoas continuavam deixando para me explicar depois. Isso não podia dar certo. Ele saiu da câmara e esperei até não ouvir mais os seus passos ecoando.

Entrar na água quente quase me relaxou. O metal formigava pelo meu corpo e o livro que Evan me deu era muito bom. Ainda assim, de tempos em tempos eu me

pegava pensando no templo e em todos que ficaram em Nafh'ta. Tive que respirar fundo várias vezes para não entrar em pânico.

A água demorou a ficar transparente e, quando mais tarde encontrei Evan — sim, eu consegui chegar sem me perder — ele já tinha preparado para nós um tipo de macarrão oriental.

— Foi só o que consegui com o que temos aqui.

Ele me entregou uma pequena vasilha de pedra.

— Coma, só voltaremos a ter uma refeição dessa quando estivermos de volta.

Ele não estava me animando. A comida não queria passar pela minha garganta. Evan fez com que o mapa aparecesse em holograma e, enquanto comíamos, ele analisava as possibilidades.

— O templo fica na mesma direção do lugar em que chegamos. É bom porque não é longe. Mas é o ponto mais propenso para chegadas mágicas.

— Podemos ter companhia — completei.

— Vou lançar em você um feitiço de ocultamento, não dura muito, mais deve ser o suficiente.

— E você?

— Vou me disfarçar, não dá para usar esse feitiço em nós dois, e você precisa economizar energia para os encantamentos.

Os encantamentos, isso sim era um problema. Resolvi conversar de outras coisas para fazer o tempo passar, já tinha repetido o feitiço vezes demais na minha mente.

— Você não sabia que Celen era meu avô?

— Não.

— Será mesmo que eu não vou virar um dragão?

Ele riu.

— Você já é um! É só ver o quanto você comeu.

Isso não era verdade, comi o mesmo que ele. Evan deu de ombros.

— Eu acho que não. Do contrário eles tinham falado sobre isso desde o começo.

Ele olhou para o Dim que agora estava no seu pulso.

— É hora de ir. Quero tentar chegar à costa o mais cedo possível.

Com pouco tempo andando, achamos a saída. Gastei uns minutos me acostumando com a claridade. Evan lançou sobre mim o tal encantamento e foi como se eu ficasse transparente, como um camaleão. Ele vestiu uma capa que tirou de sua bolsa e nos embrenhamos na mata.

O sol ainda estava nascendo e a brisa era fresca e agradável.

— A entrada comum de Nafh'ta é pelo outro lado, espero que isso nos ajude.

— E o que faremos quando chegarmos na praia? Você tem alguma ideia? Porque aquela estátua...

— Shiiiu! — ele me interrompeu. — Melhor não falar sobre isso agora, eu vou pensar em alguma coisa.

O guardião usava o Dim para nos guiar na direção certa. O sol já estava no topo do céu quando ouvi um farfalhar de folhas. Evan, mais rápido do que eu, puxou as vestes e falou na minha mente.

— Temos companhia, fique quieta! Vamos evitar qualquer tipo de confronto.

Mal a voz dele se calou e fomos cercados. Sem dúvida eram Elfos, um grupo de mais ou menos quinze guerreiros com arcos e espadas apontadas para nós. O ser que estava logo à nossa frente deu um passo e disse.

— Mostre-se Igrot!

Evan não se mexeu.

— Não respondo a líder nenhum se não ao meu.

Era a pior imitação que tinha visto na vida. Nós íamos ser descobertos. O Elfo ignorou a insolência.

— Você está muito longe do seu bando e seu cheiro está muito confuso. Para onde está indo?

Meus metais vibraram. Eles quase me sacudiam. As marcas que ficavam dos lados do meu rosto esquentaram e minha visão se alterou. Aquilo nunca tinha acontecido. Uma pequena camada de metal cresceu na frente dos meus olhos como óculos e eu vi o que na realidade estava acontecendo.

Havia linhas finas, vermelhas e brilhantes por todo canto à nossa volta. Ao lado do Elfo havia um pequeno ser, uma criança à primeira vista. Só à primeira vista. Ela tinha dentes brilhantes e pontudos. Tecia de sua barriguinha estufada, através de um buraco amarelo, as linhas que nos cercavam. Elas vinham se arrastando pelo chão em nossa direção.

Olhei para todos os lados. Evan estava conversando com o Elfo, dando uma longa desculpa sobre uma erva que só era encontrada nessa parte da floresta. Não entendi qual era a dele com aquele falatório todo.

Não tínhamos para onde fugir. Nem onde nos esconder. A não ser pelo céu, o que seria uma boa ideia se eu tivesse como voar... eu sempre me esquecia das asas. Caminhei até ele e o abracei pelas costas, apoiando meus braços debaixo dos seus cotovelos. Não queria que percebessem qualquer movimento estranho em volta do guardião.

Evan parou de falar. Acho que ele parou de respirar também pela reação que teve. Os elfos perceberam a mudança.

— Algum problema Igrot?

Ouvi Evan na minha mente.

— Isso tudo é medo?

— Não seja idiota! Tem uma teia chegando até nós. Pela cara da criatura, se conseguir estaremos presos.

O Elfo começou a se aproximar. Evan se alarmou.

— Que droga, eles são muitos. Lutar pode não ser uma boa ideia e usar magia vai te cansar.

— Tive uma ideia de como evitar isso, distraia eles.

Ele levantou a cabeça e tirou o capuz. Nada que fizesse teria tanto poder de distração como ver o guardião ali, diante deles. Antes que pudessem nos atacar, abri as asas e dei um impulso para cima. Vi quando o pequeno ser tentou jogar as teias sobre nós, sem sucesso.

Nós ganhamos altura. Eu agora segurava Evan entre meus braços e pernas como se eu fosse uma águia com uma presa. Péssima analogia. O guardião estava ainda mais incomodado de ser ver naquela posição, de barriga para baixo, mas que opção nós tínhamos?

Claro que também era constrangedor. Ele lançou um feitiço que criou um tipo de rede. Foi um alívio, agora era só uma cegonha levando um bebê gigante.

— Você consegue ir até o mar voando?

— Acho que sim — respondi.

— Eles já sabem que estamos na ilha, andar não vai ser fácil.

— Tá bem, só pare de se mexer que você é pesado! E rolando como uma minhoca não me ajuda.

Eu bati minhas asas na maior velocidade que consegui. As novas partes draconianas me ajudavam a suportar o peso. Isso ou o treinamento com Evan estava fazendo efeito. Quando avistei a praia comecei a diminuir a altitude. O guardião me impediu.

— Não desça. Tive uma ideia sobre como chegaremos à estátua.

— Você quer que eu voe sobre o mar?

— Sim, quando chegarmos perto do local nós vamos descer. Direto na água.

Eu fiquei alarmada, tinha uma informação importante que eu não tinha me lembrado até o aquele momento.

— Evan, eu não sei nadar!

O guardião olhou feio para mim. Aquilo estava se tornando comum.

— E você esperou até agora para dizer isso? De qualquer forma, não importa! Não vamos nadar. Só voe que quando chegar ao ponto te explico.

As águas eram tão turvas que me lembraram petróleo. Quando eu já tinha voado muitos quilômetros mar adentro, o guardião começou a falar sobre seu plano.

— Vou criar uma bolha de metal usando essa pedrinha.

Ele me mostrou um fragmento de Lifran que trazia na bolsa.

— Isso vai nos dar mais ou menos duas horas de oxigênio, deve ser o suficiente para acharmos a entrada.

Parei no ar.

— Tenho que descer então?

— Não. Vou começar a criar a bolha e quando estiver bem perto das suas asas vou te avisar. Você as recolhe e vamos cair no mar direto.

— Porque será que isso não está me cheirando bem?

— Tem ideia melhor? — ele rebateu.

— Não! Vamos logo com isso!

Evan começou a criar a redoma transparente que ia nos proteger, logo que ela se tornou uma meia lua percebi que o peso do guardião diminuiu.

— Não vai ter gravidade dentro da bolha, para garantir que a gente não se machuque.

Quando um pequeno buraco restava, o guardião ordenou.

— Agora Alys!

Recolhi as asas, o clique foi instantâneo. Evan fechou a redoma enquanto caíamos em alta velocidade. A bola de metal afundou no mar com um baque e tudo ficou escuro, tão escuro que nem mesmo os olhos dele eu conseguia enxergar.

Mesmo que não houvesse gravidade, senti o solavanco. A bola continuava a afundar.

— Vou criar iluminação, preciso começar a guiar a bolha para o lugar certo.

Eu estava bem nervosa. Como esse pedaço do mar era afinal?

— *Anápsete* — ele disse.

Algumas bolas de energia flutuaram. Pisquei algumas vezes voltando a me acostumar com a luz. Quando minha visão entrou em foco, Evan estava paralisado. Eu esqueci de respirar. À nossa frente havia um peixe gigantesco olhando para nossa pequena bolha.

Não era grande como uma baleia, era grande como um estádio de futebol. Nunca fui boa com dimensões mas acho que, na verdade, era mais que um campo. As escamas eram cor de barro. Na cabeça havia uma antena com uma esfera na ponta. Os olhos eram de um verde muito vivo e os dentes eram de metal laranja.

Evan tentou levar a esfera para longe, mas a água grossa nos tornou lentos. Tentou lançar feitiços de proteção e até mesmo confundir o animal, fazendo um peixe em holograma nadar para o outro lado.

Foi inútil. O peixão emitiu um ruído ensurdecedor. Recitei um feitiço e tampões surgiram nos nossos ouvidos. O animal nos alcançou, abriu a bocarra e nos engoliu de uma vez só.

CAPÍTULO 40

TEMPLO SUBMERSO

Você já teve a sensação de ser engolido? Não queira experimentar. Quando a nossa redoma entrou na boca daquele animal gigante, a única coisa que eu conseguia pensar foi: “porque Evan não bloqueou o cheiro por magia?” Fedia mais que as meias do Kyer. Toda a água que veio junto deixava pedaços de algas e restos de outras refeições coladas na bola. Era nojento.

— Meus poderes estão falhando — Evan disse.

— Como assim seus poderes estão falhando? Por acaso precisa de sinal solar ou coisa do tipo para funcionar?

Ele nem se deu ao trabalho de responder. Eu tentei fazer bolas de luz e até funcionou, mas eram bem fracas. Balançávamos de um lado para o outro da imensa língua bifurcada e comecei a ficar enjoada. Eu faria um estrago se passasse mal ali.

Quase que em resposta ao meu pensamento, a língua puxou a bola de metal e nos prendeu no céu de sua boca. Ao longe, eu via a imensa passagem que deveria dar para o estômago, ou qualquer outra coisa que esse ser tinha para digerir. O guardião analisou o animal.

— Ele tem amídalas de Lifran.

O garoto usava óculos de Syfar semelhante com o que usei na floresta. Me concentrei nos metais e o Lifran criou uma camada no meu rosto. Foi como se uma luz se acendesse diante dos meus olhos. Dos lados onde deveriam ser as bochechas — ri com esse pensamento — havia amídalas de metal. Era bizarro.

— Já jogou *pinball* alguma vez na vida?

— Você quer jogar? Agora?

Ele revirou os olhos.

— Se conseguirmos irritar as amídalas, pode ser que ele nos cuspa para fora.

O animal soltou um baita som de estourar os tímpanos. Uma ideia irreal passou pela minha cabeça.

— Evan, você acha que, por acaso... esse animal entende o que estamos falando?

Não tinha muita firmeza na voz dele.

— Claro que não!

— Animais continuam sendo animais, Alys, mesmo com a interferência mágica.

Eu ainda não tinha me convencido disso.

— Temos quanto oxigênio?

— Passou um quarto do tempo. Precisamos pensar em algo logo, porque esse peixe está nos levando para longe do local da estátua.

Podíamos desfazer a bolha, mas além da perda do oxigênio — nem sabíamos se dava para respirar ali dentro — tinha o risco de rolar garganta adentro. Evan tentou lançar alguns feitiços em direção aos grandes sinos das bochechas. Nada feito, eles só ricocheteavam.

Na terceira ou quarta tentativa, o peixe parou com um solavanco. Os dentes começaram a se abrir. Uma forte onda de água veio em nossa direção. O peixe flexionou a enorme língua e nos cuspiu longe. Quando eu era criança, meu pai costumava me contar como ele era um excelente jogador de bolinhas de gude. Nunca pensei que ia me sentir como uma.

A bola de metal pingou em algo duro e rolou por vários metros. Eu esbarrei em Evan um par de vezes. Quando ela parou, era tudo breu. No processo de cair, as luzes de dentro da bolha se apagaram.

— Você sabe que precisamos reacender, não é? — ele disse.

— Sei, mas não estou feliz com isso.

O guardião recriou as bolas de energia.

— Meus poderes voltaram ao normal.

Dava para ver poucos passos à nossa frente, mas sem sinal de outro peixe gigante. Evan fez com que a bola se movesse. A cada centímetro meus corações batiam com mais força.

Quando a luz cobriu um novo quadrante, demos de cara com um homem. Eu quase gritei. Evan afastou a bolha, mas logo voltou a se aproximar. O homem não era real, era feito de um metal negro e brilhante que eu desconhecia.

Em volta da estátua havia um balcão. Era como a portaria de um hotel. O rosto abaixado, dando a impressão que lia algo e a mão segurando uma caneta sobre um livro de Syfar. Quando Evan se aproximou para investigar, a estátua levantou o rosto. Os olhos de Safira se iluminaram e ouvimos uma voz fina.

— Nomes?

Ainda bem que eu estava flutuando dentro de uma bolha porque, a esse ponto, eu já teria saído correndo. Ou nadando no caso.

— Alys Elilmo e Evan Uriah — o guardião respondeu.

O recepcionista de metal olhou para seu livro e voltou a falar.

— Um nome consta, outro parece incorreto.

Evan franziu a testa.

— Evan Elilmo.

— Agora sim, guardião. Motivo da vinda?

Eu recuperei minha voz.

— É sério que você não sabe? Quem é você afinal?

A estátua me ignorou.

— Motivo da visita?

Respondi, sem muita segurança.

— Liberação da primeira lua.

Ele anotou algo no livro, levantou a mão esquerda e faíscas alaranjadas começaram a sair dos seus dedos. Torres foram se acendendo uma a uma. Eram feitas de Lifran, eram muito altas e a impressão que tive era de fogo ardendo no centro delas.

Uma longa faixa foi iluminada, mostrando uma centena de representações do mesmo material negro. Havia mulheres, homens, crianças e também coisas como televisores e mesas. Tenho certeza de ter visto um fusca. Pequenos e grandes peixes coloridos nadavam entre elas e sob algumas havia corais se formando. O recepcionista abaixou a mão.

— Diante de vocês há sempre dois caminhos. Não se enganem, nem a mais densa escuridão é eterna.

As últimas duas torres se acenderam mostrando uma estátua maior que as outras. Era quem nós procurávamos. Era Atlas.

— Para entrar não precisam da bolha de metal.

Ele mostrou a primeira torre.

— Quando passarem desta marca seus corpos se adaptarem à pressão e à necessidade de oxigênio. Mas preciso alertá-los, passada a divisa, não poderão voltar, a não ser pela superfície.

Voltou a ficar imóvel.

— O que você quer dizer com isso?

O recepcionista não nos respondeu mais. As luzes bruxuleantes davam ao mar uma aparência que sufocava. Eu tinha medo que outro peixe aparecesse a qualquer momento. Evan movimentou a bolha até o limite apontado.

— Vou desfazer a bolha.

Ele segurou minha mão.

— Mas se alguma coisa der errado, não saia de perto de mim por nada. Vou nos levar à superfície.

Concordei com a cabeça. Ele desfez a redoma com um clique. Nós caímos em pé, firmes. Eu sabia que não tinha água entrando pelas minhas narinas, era ar. Ainda assim, a sensação do toque na minha pele era líquido. Minha roupa também estava seca. Era muito estranho.

— Como?

— Não tenho ideia, a gravidade aqui é diferente.

Me soltei dele e comecei a caminhar. Passamos pelas formas de metal, enquanto pequenos peixes nadavam à nossa volta. Havia mais metais naqueles seres vivos do que em qualquer outro que eu já tivesse visto. Eles continuavam a nadar como se nós não estivéssemos ali.

À primeira vista, Atlas era uma estátua como outra qualquer. Quando me aproximei dela, é que vi sua forma tremeluzir.

— Evan, você viu a estátua tremer?

O guardião parou do meu lado.

— Como assim tremer?

— Ela parece um holograma.

Ele chegou um pouco mais perto. Conferia cada lugar antes de pisar nele, tentando garantir que não caíssemos em alguma armadilha. Quando estava prestes a tocar na imagem de metal, dois grandes guerreiros se movimentaram. As estátuas o seguraram antes que ele pudesse se defender.

Eu evoquei o cajado.

— Soltem ele!

Os olhos de safira viraram-se para mim e falaram em uníssono.

— Se ele tocar na fechadura, seremos destruídos. Ele não é a resposta.

Os guerreiros soltaram Evan no chão e voltaram para seus lugares. O guardião resmungou.

— Era só falar, não precisavam me espremer.

— Eles chamaram Atlas de fechadura. Isso quer dizer que precisamos de uma chave?

— É possível. Tudo até aqui teve ligação com algum tipo de chave. Na lenda, o cajado era a chave. Da profecia, os pergaminhos.

Ele parou de falar e me olhou com uma expressão meio assustadora.

— Você é a chave!

— Como você tem certeza?

Colocou as mãos na cintura.

— Porque você que irá libertar o poder dos metais.

— Aqui não tem marca nenhuma, isso não deve ser o templo.

— Cabeçudinha, claro que não é aqui. Mas você é a chave que libera a magia, também deve nos abrir a passagem para o templo.

Tinha lógica. Mal dei dois passos em direção a Atlas os guerreiros se puseram à minha frente e voltaram a falar.

— Essa não é a resposta!!

Eu não era muito paciente.

— Vocês estão de brincadeira comigo ou o que? Nós já perdemos mais de uma hora aqui, me digam como chegar ao templo!

Os olhos faiscaram.

— Uma moeda tem sempre duas faces. Uma porta também. Embora a fechadura seja uma só, a chave precisa ser capaz de alcançar mais de um lado.

Funguei.

— Pelo Construtor.... Por que tudo precisa ser dito em forma de charada?

— Não Alys, calma, eu entendi. Somos nós dois, não é? Nós dois precisamos tocar a estátua. Você é a chave mas precisa de mim para chegar ao outro lado.

Olhei para ele espantada.

— Você entendeu tudo isso nessa frase sem sentido deles?

— Muitos anos com profecias, você acaba pegando o jeito.

As estátuas esboçaram um sorriso. Preferia que não tivessem feito, era assustador. Elas saíram da nossa frente. Eu respirei fundo e levantei a mão. Evan colocou seus dedos sobre os meus e pressionou sobre o metal.

A imagem voltou a tremeluzir, transformando-se em um portal. Me jogar dentro de portais estava se tornando cada vez mais comum. Isso não os tornava mais confiáveis. Passamos por ele. Do outro lado a visão me impressionou. O templo era uma cidade em ruínas, como as gravuras que vi de construções Maias. Tinha pequenas pirâmides.

Um som horrível de sucção tomou o lugar. O chão começou a tremer e Evan me puxou. Minhas asas se abriram e nos envolveram de forma apertada.

A sensação era de estar em um elevador, muito, muito rápido. O casulo criado pelas asas era claustrofóbico. Por que é que os metais sempre escolhiam horas como essa para não me obedecer? As asas não abriram por nada.

— Alguma ideia do que está acontecendo?

— Parece que estamos subindo.

— Ah é? Nem tinha percebido! — retruquei.

Ele riu.

— De onde vem todo esse mal humor? Não é como se estar abraçada comigo te incomodasse. Você não quer deixar as asas me soltarem.

Já falei que ele era inconveniente? Pois é.

— Não seja presunçoso, Evan. Elas não querem me obedecer. Tem alguma força mágica nos mantendo assim.

— Bonita forma de ver as coisas.

Eu ia socar ele — isso eu conseguia fazer naquele espaço pequeno — mas o chão parou e as asas se abriram. Nós estávamos na superfície, e quando eu digo nós, éramos todos nós: Eu, Evan e o templo inteiro. Como uma ilha gigantesca no meio do mar negro.

— O templo emergiu! — falei impressionada.

— A única saída é a superfície. Foi o que o recepcionista disse.

Acima de nós um imenso redemoinho se formava. Nunca tinha visto um portal daquele tamanho. Passou por ele Celen, seguido de perto por Laiza e minha avó, montadas nas águias da minha amiga elfa. O dragão pousou perto de nós com um baque. Havia uma feia marca em seu peito. Os outros também estavam feridos.

Meu avô levantou as sobrancelhas.

— Eu espero não estar atrapalhando nada.

Eu não entendi o que ele dizia até perceber que ainda estávamos abraçados. Por que isso continuava acontecendo? Era uma tentativa do Construtor de me constranger? Ele estava conseguindo. Quebrei o silêncio.

— Nós achamos o templo.

Celen levantou as mãos.

— Isso eu já estou vendo.

Tentei mudar de assunto.

— Que marca é essa no seu peito?

— Nada demais, não se preocupe com isso. Tem coisas mais importantes acontecendo agora.

Ele apontou em direção à ilha. Uma série de pontinhos pretos se aproximavam.

— O exército Zmora já sabe a localização do templo. Aliás, todo mundo já sabe... a emersão foi sentida em todas as linhas mágicas do universo.

Eu franzi a sobrancelha.

— Por que eles não vieram por portais como vocês?

— Gasta muita energia e chama atenção. Para nós não faz diferença, para eles sim.

Minha avó interrompeu.

— Vocês precisam entrar no templo ou não vão conseguir lançar os feitiços na hora certa.

Eu sempre fui meio atrasada, mas aí já era demais.

— Ainda faltam umas oito horas.

— Não faltam não — ela retrucou. — Vocês ficaram dentro do mar o dia todo. Isso era impossível. Evan compreendeu.

— Aquela gravidade diferenciada era uma fenda no espaço tempo.

Os pontos pretos no horizonte agora ficavam maiores. Tinha um exército vindo para a ilha. Me preocupei.

— Espera aí, vocês vão enfrentar eles sozinhos?

— Claro que não, os guerreiros estão chegando. Viemos na frente para avisar vocês.

Olhei à nossa volta. Os prédios e torres eram todos iguais. Por onde nós entraríamos?

— VÃO — Celen urrou. — Vamos começar as defesas mágicas.



Depois de descer por várias ruelas de pedra e metal, chegamos ao centro do templo. Uma explosão tremeu o chão. O ataque tinha começado. Olhei em todas as direções à procura de algum símbolo, algo que fosse uma entrada.

Encontrei uma árvore torta. Era a única coisa que não parecia fazer parte daquele lugar. Pendurado em um dos seus galhos, havia um globo terrestre. Os continentes estavam coloridos pelo metal que era predominante em cada um dos territórios.

— Evan...

— Eu sei, as bruxas não podem ter criado isso antes da guerra.

Me sentia atraída por aquele monumento. Quando nós dois estávamos diante dele, raízes cresceram e prenderam nossos calcanhares. Evan levantou as mãos para atacar, mas eu o impedi.

Debaixo de nossos pés, marcas de Lifran se formavam. Estendi as mãos e toquei o globo. Uma onda de energia passou pelo meu corpo. Não resisti e o fiz girar. Uma luz muito forte saiu dele, as raízes se soltaram e o chão sob nossos pés desapareceu.

Caímos em meio a escuridão. Era um túnel estreito. Não dava para abrir minhas asas. Até tentei me agarrar nas paredes, mas a única coisa que consegui foi machucar as minhas mãos. Parei planando a centímetros do chão.

Com um pequeno salto firmei meus pés.

— Evan? — gritei. — Evan? Droga, ele já gosta de dizer que eu me perco sempre.

Respirei fundo e me concentrei no guardião. Não senti a consciência dele em lugar nenhum à minha volta.

— E agora?

Uma ideia diferente passou pela minha cabeça. Tinha medo de acender alguma iluminação e ficar vulnerável, mas o feitiço que Laiza me ensinou poderia ser útil. Me concentrei nos metais, em sentir a magia que emanava deles. Funcionou, mas não como eu esperava. Tudo à minha volta parecia ser feito de metal, até eu mesma.

O cajado na minha mão vibrou e eu tive medo. A última vez que estive em uma situação como essa, a companhia não era das melhores. Tateie a parede nas minhas costas. Agora que a tocava, não era como pedra ou como metal. Era mais como uma barreira de poder.

Concentrei toda a minha energia em furar aquela barreira. Funcionou. Ouvi um barulho de vidro se quebrando e de água escorrendo seguido de tosses engasgadas do guardião.

— Evan? Você está bem?

Eu tinha voltado a sentir a presença dele e com um pouco de procura às cegas, o encontrei ajoelhado.

— Esstouu.

— O que houve?

— Caí em uma espécie de redoma mágica, eu te via mas sabia que não estava me vendo ou ouvindo. Quase me afoguei.

— E seus poderes?

— Você acha que não os usaria se pudesse?

Acho que alguém não estava feliz depois de quase morrer, de novo. Tentei ajudar como pude.

— Vou criar as bolas de luz.

— Não. É arriscado!

— E o que faremos então? Ficaremos aqui esperando?

— Claro que não! Espere um minuto.

Senti a mão de Evan se apoiando no meu ombro.

— Temos que usar aquela bússola mágica que te ensinei tentar mapear as linhas para encontrarmos a câmara certa.

Eu me lembrava do feitiço, mas não tinha certeza se, com tantos metais à nossa volta, seria possível mapear alguma coisa.

— Me dê sua mão.

Fiz como ele ordenou. Tudo que eu queria era terminar isso logo.

— Evan?

— Oi.

— O que acontece se eu não fizer os encantamentos a tempo? Quer dizer, com a lua que está vindo em direção à terra?

— Não pense nisso agora, vai atrapalhar sua concentração. Vamos só procurar os metais, ok?

Fiquei em silêncio. Não me sentia pronta para encantamento nenhum, por sinal, me sentia esgotada. Evan começou a me puxar.

— Encontrei uma câmara diferente das outras.

Andar no escuro não foi a melhor das escolhas. Mais de uma vez nós topamos com uma parede sem saída. Eu comecei a ler as linhas, havia muito do metal negro do fundo do mar.

O único som era dos nossos pés ecoando. Devia ter água no chão pelo barulho que faziam. Uma luz bem fraca começou a surgir à nossa frente.

Era a entrada de uma alta câmara. Nas suas paredes símbolos e mais símbolos gravados em metal formavam imagens. Reconheci umas cinco línguas diferentes. Duas delas tão antigas, que só conhecia por causa das explicações de Tzeba. Quando pisamos dentro da sala, a luz se tornou ainda menor. Em compensação, o poder vindo desses metais fazia com que cada parte do meu corpo tremesse.

A voz de Evan saiu solene.

— Aqui é o verdadeiro templo.

— Você está sentindo?

— O poder adormecido? Nem que eu nunca tivesse lidado com magia teria como ignorar.

Uma explosão fez com que o chão voltasse a tremer. Uma camada fina de areia caía no corredor atrás de nós.

— O que é isso? — perguntei.

O guardião ficou ainda mais sério.

— Não pense, só continue.

Levantei o cajado na altura dos olhos tentando fazer com que o Lifran iluminasse as marcas nas paredes. Eu procurava a chave sobre a qual deveria começar a lançar os feitiços em meio a uma escuridão muito densa e as únicas coisas que conseguia ver, eram aquelas que refletiam a luz vinda dos metais.

— *Anápsete* — recitei.

Algumas bolas de luz saíram da minha mão e planaram sobre as nossas cabeças. Não foram suficientes para iluminar tudo à nossa volta, mas tornava nítido o que estava num raio de três metros de nós. No mesmo instante, meu companheiro assumiu uma postura ainda mais rígida. Nossas costas se tocavam e eu ouvia a sua respiração pesada enquanto ele empunhava Kydêmonas com força.

Eu sabia de todos os preparativos que estavam sendo feitos na superfície, ainda assim precisávamos começar logo o ritual. Longe da única saída viável, nós estávamos expostos demais. Se alguma coisa conseguisse entrar, nós é que não conseguiríamos sair.

Outra explosão.

— Alys, pelo menos dessa vez, concentre-se — sussurrou entredentes. — Pelo Construtor! Precisamos sair daqui!

— Está bem! Calma! Eu ainda não encontrei a chave. — Tentei manter o tom baixo. — Espere aí, o que é isso...?

Na parede à nossa esquerda havia um grande símbolo, o mesmo que eu já estava habituada a ver: o cajado cruzado com a espada, na frente de um par de asas. Era feito de um metal negro reluzente com espaços perfeitos para encaixar duas mãos.

Quando eu já estava a meio passo de encaixar uma mão, ouvi uma voz sibilante vinda de algum lugar às minhas costas.

— Ora, ora, se não é a Elemental! — sibilou. — Não é que você conseguiu mesmo chegar aqui na primeira Lua?

Me virei e deparei com os mesmos olhos amarelos que me perseguiram tantas vezes. As mãos ossudas também podiam ser vistas a meia distância, cruzadas sob uma bengala metálica com um crânio na ponta. O Guardião assumiu a sua posição de batalha, lançou um feitiço contra nosso inimigo e eu pude ver pela primeira vez o rosto por trás de tantos ataques.

Há coisas na vida que eu preferia não descobrir.

CAPÍTULO 41

A PRIMEIRA LUA

Uma gargalhada fria ecoou pela caverna. Eu recuperei a voz em um sussurro.

— Você?

Evan criou dúzias de bolas de energia que iluminaram o local. Não havia razão mais para nos esconder, o inimigo tinha nos encontrado.

— É impressionante como um pouco de brilho consegue enganar você, menina.

Ele deu alguns passos em nossa direção. Evan me cobriu com o seu corpo.

— Eu não faria isso se fosse você.

Ele deu outra gargalhada e parou de andar. Apoiou as mãos na bengala.

— Evan Uriah! Ou Elilmo, não é? Um juramento muito forte o que você fez.

O guardião fez uma série de movimentos circulares com as mãos e recitou um encantamento. Uma grande enguia de Syfar se formou à nossa volta, ela sibilava e ameaçava atacar.

— Eu não vim lutar garoto, vim fazer uma proposta. Uma troca, na verdade.

Me senti incapaz de dizer qualquer coisa, porque ele, logo ele, estava fazendo aquilo? Evan levantou a voz.

— Troca? Que tipo de troca.

— O poder dos metais por algo tão precioso quanto.

O Zmora estalou os dedos e, através de uma fumaça cinza, um casulo começou a se formar. Nele estava meu pai desacordado. Havia marcas em seu rosto. Ele estava ossudo, como se não comesse direito há meses. Tentei correr em sua direção, mas Evan me impediu.

— É claro que isso é uma armadilha, Alys!

Mais gargalhadas. Um ódio surreal começou a crescer dentro de mim. Recuperei minha capacidade de falar, berrando.

— SOLTE ELE!!

A expressão do Zmora não mudou.

— Já te disse meus termos, uma troca simples e justa.

— Você quer que eu escolha entre meu pai e o futuro da humanidade?

Ele respirou fundo.

— Eu não estou te dando uma escolha, ou você me dá o poder dos metais ou vou matar o seu pai, aqui, agora mesmo.

Ele levantou a bengala e fez com que aparecesse uma longa lâmina na sua ponta. Encostou a arma no pescoço do meu pobre pai, ainda inconsciente.

— Eu não sou muito conhecido pela minha paciência.

Forçou a arma mais um pouco, um filete de sangue escorreu.

— NÃO! Por favor. — Me desesperei.

Um barulho de passos ecoou pela caverna. Nosso inimigo se protegeu levando o casulo para um canto. Kyer e Laiza irromperam pela passagem da câmara. Havia sangue escorrendo do braço do meu amigo e cortes no uniforme da elfa.

— Alys, o quê?

Ele se calou. Se para mim era um tremendo choque, imaginei para ele.

— Helix? O que você está fazendo aqui?

Menos de um segundo foi necessário para que ele visse meu pai no casulo, os olhos amarelados e a nova forma do seu antigo amigo.

— Não, não mesmo!

Ky balançava a cabeça sem parar.

— Helix, o que você está FAZENDO?

Ele urrou.

— Você foi tão fácil de enganar. Tão confuso com os sentimentos que não tinha pela garota.

O Zmora se divertia.

— Passei quinhentos anos mudando de forma e me disfarçando para ficar perto do Antiquário. Mas foi só quando você conseguiu trazer Alys até a toca que o cajado se mostrou.

Ele se apoiou no casulo do meu pai.

— Subornei médicos, vigiei passos e até fiz um ataque na única vez em que ela pegou um Voltrin com a sacerdotisa. Se Celen não tivesse me impedido...

Era tanta informação que me senti tonta.

— Mas foi só um atraso não é mesmo meu amigo? Porque quando você chegou, trouxe todas as informações que eu precisava.

Kyer estava congelado. O rosto distorcido em um misto de dor e incredulidade. Laiza abria e fechava a boca sem saber o que dizer. Eu recuperei a voz.

— Eu te vi quase morrer.

— Sou um bom ator não sou? — o Zmora debochou. — Morri tantas vezes que virei um profissional. — Fez uma voz fraca, como no dia da toca. — “Saia daqui direto para o Voltrin, você precisa fugir”.

Depois começou a rir como um maníaco. Para mim não fazia sentido, como podíamos ter sido enganados assim? A minha mente começou a clarear.

— Você nos hackeou pelo Dim do Kyer!!

— Bingo! Imagina só se os governantes descobrem que o responsável pela queda das barreiras de Nafh'ta é o representante do povo mágico.

Ameaçar Kyer depois de tudo, já era demais. Passei à frente de Evan.

— Você não vai ter poder nenhum!

Helix olhou de soslaio para meu pai e deu dois tapinhas no rosto dele.

— As mulheres Elilmo nunca aprendem, não é? Estão sempre perdendo suas vidas por não reconhecerem bons acordos.

Reuni todo o poder que tinha à minha volta, puxando energia com as pontas dos dedos. Evan tomou lugar ao meu lado.

— Você deveria fazer os encantamentos, me deixe com ele.

Na minha raiva me limitei a balançar a cabeça.

— Nem sei porque ainda tento. — Ele suspirou.

A grande Enguia de Syfar sibilou. Laiza armou seu arco e até Ky desembainhou sua espada.

— Tsc... tsc... tsc. Vocês não entenderam, não é? Acham que em mais de dois mil anos eu sou apenas um Zmora como aquele idiota do Wen?

— Dois mil anos? — falei, impressionada.

— Vocês...

A voz começou a engrossar.

— Não têm IDEIA!

Ele gritou a última palavra com ódio e me fez sentir um frio na espinha.

Ergueu as mãos e começou uma série de movimentos que alteravam sua forma física. A cada vez que ele batia o pé no chão, algo mudava. Primeiro, os cabelos cresceram até tocar o chão, transformando-se em cobras brancas de duas cabeças. A pele se enrugou grudando-se aos ossos do corpo. Os olhos amarelos saltaram das orbitas.

As unhas se tornaram garras e símbolos escritos sobre a pele dele me remetiam a tudo que era mal. Me lembraram a morte e me enojavam. O poder que emanava dele era maior do que tudo que tinha visto, com exceção do metal daquela sala.

Evan colocou a enguia à nossa frente. Helix começou a atacar o animal. As mãos do guardião tremiam.

— Olhe para mim — ele disse. — Você precisa confiar em mim.

Abaixei bem a tempo de evitar uma flecha lançada por Laiza e desviada pelo Zmora.

— Eu confio em você — respondi.

— Então vá fazer o seu trabalho e me deixe fazer o meu. Prometo que farei tudo que estiver ao meu alcance para salvar o seu pai, mas se você não lançar os encantamentos, nenhum de nós terá chance.

Olhei para a batalha que se formava. Evan deu novas ordens ao seu animal.

— Icuilh, ataque com força total.

Eu sentia o animal sugando energia dos metais à nossa volta.

— Alys. — O guardião me segurou pelos ombros. — Você é a nossa única chance, por favor.

Eu queria lutar, mas sabia que ele tinha razão. Voltei para o símbolo chave. Só aí percebi o problema.

— EVAN!

Ele lançava feitiços e seu animal de Syfar estava bastante ferido.

— O quê?

— Preciso de você aqui.

— Não é uma boa hora para declarações, Alys.

Ele estava de brincadeira, só pode!

— Não tenho duas mãos direitas — expliquei.

Os feitiços se intensificavam, pedaços de metal voavam para todos os lados.

— Como assim não tem duas mãos direitas?

Ele olhou para mim e eu aponteí o símbolo. A marca exigia que nós dois colocássemos as mãos. À essa altura, Ky e Laiza já estavam ao lado do guardião lançando feitiços e tentando afastar o Zmora do casulo em que meu pai estava.

— Vai! A gente te dá cobertura! — disse Kyer.

O guardião até tentou, mas Helix começou a trazer seus sacos de ossos do inferno, e com tantos inimigos ele jamais chegaria até mim. Não adiantava ficar olhando, comecei a lançar feitiços também, já tinha derrubado uns três quando Evan gritou para mim.

— Pare!! Você precisa de energia!

— E você quer que eu faça o que? Fique parada olhando enquanto ele tenta matar vocês?

Nesse momento a cavalaria chegou, encarnada na pessoa de Thela. Talvez se ela não tivesse chegado, Evan não teria conseguido correr até a chave onde eu estava.

— Vocês deixaram um pouco de diversão para mim?

Embora ela tentasse demonstrar autoconfiança, algo na sua voz me preocupou. Pensei em todos na superfície. Ela e Laiza começaram a atacar o Zmora e a cada investida chegavam mais perto do ser. Era hipnotizante ver as irmãs Vaarne lutando, elas eram como duas metades de uma guerreira invencível.

Evan aproveitou a distração e se colou ao meu lado. Encaixamos nossas mãos no símbolo da parede. Uma forte luz emanou da marca. Ela se transformou em uma letra grega que eu conhecia. Um Alfa. Uma fina linha do metal negro subiu pelos dedos até nossos ombros. Mesmo olhando de lado, percebi que uma nova marca se formava, semelhante à letra da parede.

O lugar começou a balançar. Os ataques cessaram e até Helix precisou se apoiar para não cair. As pedras do chão se quebraram. Do centro da câmara começou a surgir um monumento na forma da mesma letra da parede, embora ela estivesse deitada. Era tão grande que dava dois ou três de Celen.

Pedras começaram a cair do teto e Evan fez uma redoma para nos proteger. O teto se abriu. As pontas da letra começaram a brilhar.

— Esse metal negro, você conhecia ele antes de hoje?

— Não. Nunca tinha visto.

Um feitiço passou raspando pela minha orelha. Evan o desviou por um triz.

— Vá fazer o encantamento.

A batalha recomeçou. Eu me aproximei do símbolo. Minhas mãos tremiam. Não me achava capaz de efetuar algo tão complexo. Me deu um branco, não lembrava as palavras. Quando algumas surgiram na minha mente, mesmo tentando, nada acontecia.

— O que você está esperando? — Evan gritou para mim.

— Eu não consigo.

— Como assim não consegue?

O garoto gritou de costas para onde eu estava. Sua enguia se desfez em milhares de pedacinhos de metal. O Zmora brilhou os olhos maldosos em minha direção.

— Pelo Construtor, você é a Elemental. Aja como uma. Não pense se você é capaz, só faça o que tem que fazer.

Ele tinha razão. E parte disso era parar de deixar que me desse ordens. Marchei em direção a batalha. Evan gritava exasperado.

— NÃO ALYS! Não é disso que eu estou falando.

Me coloquei ao seu lado, levantei minhas mãos em direção ao Zmora e comecei a lançar os ataques que conhecia.

— A chave somos nós dois juntos. Eu sou o poder, você é o alcance. Então vamos acabar com isso de uma vez por todas.

Laiza passou por nós lançando flechas.

— Temos quinze minutos para lançar os encantamentos ou a lua não entrará em órbita.

O Zmora também percebeu a proximidade do tempo. Thela agora lutava corpo a corpo com ele. Enquanto ele se defendia com uma mão, com a outra lançou

alguns feitiços em direção ao meu pai.

Roberto abriu os olhos esbugalhados e respirou fundo. O casulo desapareceu.

— Paaaaai — gritei.

Me esqueci do que Evan tinha me dito e fiz menção de correr até ele. O guardião percebeu a tempo de me alertar.

— Não faça isso, antes de chegar até ele o Zmora já te matou.

Helix lançou amaras que fizeram com que meu pai ficasse imóvel.

— Alys... — A voz dele saiu fraca. — Querida, sinto muito. Eu deveria ter te preparado.

Meu pai naquele estado me deixou com mais raiva. Esqueci qualquer tipo de conselho dado por Celen. Evoquei os metais. Eles vieram com uma rapidez impressionante. O novo metal que cobria aquela câmara fez a base sobre meus braços e os outros metais cravejaram as melhorias nas luvas. Minhas asas se abriram em posição de ataque e a gema de Lifran do cajado agora ostentava um profundo vinco em forma de Alfa.

Evan fez o mesmo que eu, uma grossa couraça negra cresceu em seu peito. Quando lançamos o primeiro feitiço, Helix rebateu. Não parávamos de atacar. Um completando os ataques do outro. Mesmo com as minhas pouquíssimas aulas de luta, nós conseguimos algum progresso, os metais estavam me ajudando.

Meu pai gritava meu nome dando dicas de como atingir o nosso inimigo. Mesmo sem poderes e ferido, era como um técnico corrigindo a postura dos jogadores. Ele teria sido um excelente professor se tivesse me treinado. Suas táticas começaram a surtir efeito. Quando um feitiço lançado por mim fez um fino corte no rosto do Zmora, ele soltou um grito animado.

— Me cansei. Suportei seu pai por tempo demais — disse Helix.

O resto dos meus amigos continuavam lutando para manter os sacos de ossos longe de nós. Era como se eles não tivessem fim. O Zmora lançou uma pequena faca em direção a meu pai indefeso. Evan foi mais rápido e impediu que o ataque atingisse o alvo.

O problema é que isso abriu nossa defesa e em segundos o inimigo estava ao meu lado. A espada apontada para meu peito. Todos pararam, até mesmo os lacaios do Zmora.

— É impossível manter duas pessoas em segurança ao mesmo tempo, guardião.

Ele fincou em mim o olhar maldoso.

— Agora você vai ver um a um morrer.

Antes que um de nós fizesse qualquer movimento, uma longa espada se materializou no ar e transpassou o peito do meu pai.

Kyer que estava mais perto tentou impedir, mas o máximo que conseguiu foi ampará-lo antes da queda.

— NÃAAOOOOO, PAIII, NÃO! — gritei desesperada.

Ky deitou meu pai de lado, eu vi os olhos dele vidrados olhando para mim. Em um último esforço, vi duas palavras se desenhando em seus lábios, quase sem voz: “*Amo Você*”. A boca ficou aberta de forma estranha e os olhos perderam a luz.

Eu urrei como um animal ferido, não importava mais a minha vida, a profecia ou qualquer outra coisa. Suguei tanta energia dos metais que até a minha forma de enxergar tinha mudado.

Senti quando os metais da minha pele se encharcaram do poder. E em um movimento do cajado eu quebrei a bengala-espada dele em duas partes.

Ele se afastou um pouco, eu continuei avançando lançando todo tido de encantamento. Meu corpo também estava diferente, eu não sentia minha pele, só energia. Ao longe, ouvi as palavras de Evan me mandando parar, mas eu não iria parar. Não dessa vez. Continuei atacando até que Helix não conseguiu rebater meus encantamentos.

— ALYS PELO CONSTRUTOR, PARE!

Evan se colocou entre mim e o Zmora.

— Saia... da... minha frente. — Pontuei as palavras.

— Alys, olhe para mim!

Sempre aqueles olhos. No reflexo deles vi o quanto eu estava assustadora, meus próprios olhos queimavam como chamas.

— Você está sugando a força vital de todos à sua volta, você quer ser como ele?

Helix aproveitou a oportunidade e se levantou mancando, tentou atacar Evan pelas costas. Eu girei o cajado e lancei um encantamento tão forte que, se ele não tivesse desviado, teria ganhado um belo buraco no peito.

Evan voltou a lutar. Mesmo ferido, o Zmora dava trabalho. Era um excelente espadachim. Os servos do Zmora tentaram nos alcançar, mas Thela batalhava para derrubar o maior número deles. Ela tinha criado uma alta pilha de ossos.

Um feitiço me veio à mente. Deveria ser o suficiente por hora. Encarei o Zmora que se defendia dos golpes dos três guerreiros e proferi sem pensar.

Longas e grossas tiras de metal negro envolveram o Zmora. Ele urrava, mas não conseguia se soltar ou efetuar qualquer ataque. Sob o metal havia linhas de energia.

Sangue escorria pelo canto da minha boca. O braço machucado voltou a latejar e a ferida se abriu. Laiza gritou.

— Falta três minutos, Alys.

Coloquei a mão sobre o local da ferida.

— Logo agora!

— Pare de sugar energia! — Evan ordenou. — Você ainda não sabe dominar esses poderes, isso está te esgotando.

Evan pegou minha mão e me puxou até o monumento. A única imagem que vinha diante dos meus olhos era do meu pai morto, estirado no chão. O sangue empoçava agora. Ky tinha tirado a espada cravada e o puxado para um canto longe dos ataques.

Evan segurou meu rosto entre suas mãos.

— Eu confio em você, seu pai confiava em você! Seus avós estão lutando confiando em você.

Ele respirou fundo.

— Sei que estou te pedindo muito, mas nós precisamos do encantamento.

Eu não queria fazer nenhum encantamento. Queria me sentar e chorar a perda do homem que doou a vida para me manter longe de tudo isso.

Laiza contava de longe, enquanto mantinha os olhos no Zmora.

— Um minuto.

Eu estava em choque.

— Não posso, Evan!

O guardião apontou para o lugar onde Helix estava.

— Não tem nada que você não possa garota, olha só que acabou de fazer? Subjugou um ser milenar sem nem treinamento adequado.

— Eu nem sei como fiz isso.

— Continue não sabendo então, só faça. Vamos, o encantamento!

Fechei meus olhos e respirei fundo. O encantamento era como uma melodia, então comecei a entoá-lo colocando nele toda minha dor. Dessa vez as palavras vieram. A cada movimento de mãos e pés que eu fazia, Evan completava com outra parte.

O interior do metal se iluminou. Dois imensos raios de poder saíram das pontas da letra, se entrelaçando ao sair da caverna. A terra tremeu. Não a que estava debaixo dos meus pés, mas todo o planeta.

Vi uma pequena bola de fogo no céu. Intensifiquei os movimentos. Evan respondeu ao meu passo e empenhou-se em emanar mais energia. Na última palavra eu vacilei, não tinha certeza da pronúncia. Falei errado. Senti um vibrar diferente nas mãos. Corrigi a palavra e quando terminei uma nova lua passou a ser vista no céu estrelado.

O raio cessou, restou apenas uma pequena bola de poder. Ela desceu até minhas mãos.

— Você nem consegue manter um feitiço simples enquanto lança outro. Que Elemental fraca.

Olhei para trás e o Zmora estava solto das amarras de metal. Todos tinham se distraído enquanto eu lançava os feitiços. Thela tentou atacá-lo, mas com um simples balançar de mãos, ele a fez voar longe e bater na parede contrária. Pelo jeito ele também tinha recebido novos metais.

Kyer avançou com a espada rodeada por uma luz roxa. Helix olhou para ele, e os olhos amarelados brilharam. Foi muito rápido, uma fumaça, e logo meu amigo estava estendido no chão. A boca espumava e a cor era assustadora.

— Nãaaaaoooooooooooooooooooo!

Laiza gritou e correu até Ky. Evan tomou posição de batalha e começou a atacar. A pequena bola negra de poder flutuou e começou a entrar no meu peito. O Zmora prendeu Evan nas amarras que eu tinha feito.

Eu estava imóvel. Não pela situação e sim pelo poder do novo metal, ele havia me paralisado. Ainda a meia distância, Helix lançou um feitiço que criou um gancho e tentou puxar a redoma para si. Era tarde demais.

Tentei atacá-lo, mas meus membros não respondiam. Ele voltou a lançar o feitiço, só que usando o guardião. Agarrou as mãos de Evan e puxou o gancho mágico de volta. Um pequeno fiapo de energia ficou preso na arma. Tão fino como um fio de cabelo.

Um sorriso maligno se abriu no rosto do Zmora. Não podia impedir que a humanidade recebesse os poderes, mas aquela pequena parcela faria toda diferença. Havia um princípio básico na magia: As coisas precisavam ser completas para surtirem o efeito desejado.

— Até a próxima Lua, garota.

Ele saiu pelo corredor. Seus servos desapareceram e Evan conseguiu se soltar. A bola de energia terminou de entrar no meu peito e eu fui tomada por tanto poder que mal sabia como respirar. Era uma sensação de afogamento.

A onda de Energia se expandiu do meu peito e alcançou meus amigos. Eles respiraram fundo, com os olhos esbugalhados. Vi novas marcas em forma de alpha se formando em partes de seus corpos.

Evan não correu atrás do Zmora. O desaparecimento dos seus servos denunciava que ele estava longe. Também não correu para mim e olha que eu estava prestes a sufocar.

Ele caminhou até Ky que estava ainda pior. Laiza tentava vários feitiços, enquanto lágrimas molhavam sua face.

Thela recobrou a consciência e começou a criar dezenas de espadas voadoras. Eu continuava paralisada. Meus olhos tinham chamas tremeluzindo.

Evan estendeu as mãos sobre Ky e começou a fazer um encantamento diferente. A sonoridade dele era quase de uma marcha fúnebre. A elfa parou de chorar.

— Evan, o que você está fazendo?

Ele não respondeu a elfa. Olhou na minha direção e me deu um sorriso triste. Depois voltou sua atenção para Ky. Meus movimentos começaram a voltar. O guardião intensificou o canto e Ky foi voltando a cor normal.

Laiza segurou o pulso de Evan, mas não conseguiu impedi-lo.

— Pare com isso. Ela precisa de você!

Ky já respirava com mais tranquilidade. Laiza sacudia o guardião tentando o fazer parar. Ele terminou o encantamento antes que eu chegasse perto. Foi uma nota grave e quase sem força. Olhou para mim e, no lugar dos olhos negros ou das chamas azuis, agora existiam duas bolas leitosas.

Ele me deu um sorriso e desfaleceu. Eu corri e me ajoelhei ao seu lado.

— O que esse guardião idiota fez? O que você fez Evan?

Laiza estava boquiaberta.

— Ele assumiu para si a carga mágica que estava sobre Kyer.

— Como assim assumiu para si?

Ela ficou em silêncio. Puxei o corpo de Evan e o sacudi.

— Fale comigo seu guardião idiota, o que foi que você fez?

Ele abriu os olhos, respirava com notável dificuldade.

— Eu garanti que seu amigo vai estar novo em folha amanhã.

— Mas e você? Por que seus olhos estão assim?

— Você já perdeu seu pai essa noite.

Ele tossiu.

— Não era justo que perdesse seu amigo também.

Lágrimas começaram a descer pelo meu rosto.

— E quem foi que te disse que eu não preciso de você?

Ele tomou algum fôlego e falou com a voz fraca.

— Você sempre disse que não precisava de um guardião.

— E eu não preciso de um!

Era quase assustadora a ligação que eu tinha com ele. Passava pela ligação dos nossos metais e terminava em um companheirismo sincero. Era como se tivéssemos enfrentado um milênio juntos, não alguns dias.

— Eu... queria ter mais tempo... com você, Cabeçuda. Te ensinaria como conjurar pipoca.

Era a cara dele dizer algo sem sentido logo agora. Ele fechou os olhos lentamente.

— Evan, não ouse! Não ouse!

Puxei o colar do meu peito.

— Quando você deu isso, fez um juramento. Você me disse que faria de tudo para não morrer tentando me proteger...

Eu gritava com ele agora.

— Pior, você jurou que me protegeria e a missão mal começou, não ouse.

Ele não me respondia. Senti meu peito romper de dor. Eu não ia suportar perder mais ninguém essa noite. Me debrucei sobre ele em prantos. Laiza chamou minha atenção.

— Alys, espera! Olha o colar.

Olhei para o pingente sem entender. O resto do gelo estava derretendo diante dos nossos olhos.

— E de que adianta ele ter dois corações que podem bater, se nenhum deles bate mais?

— Adianta mais do que você imagina!

A elfa levantou as mãos e começou a recitar feitiços. O seu esgotamento era visível. Thela se aproximou e começou a ajudá-la. A força que tinham juntas era impressionante.

— Nunca experimentei meus poderes dessa forma — Thela sussurrou.

— Deve ser o efeito da primeira lua — Laiza respondeu.

A minha amiga alquimista parou de recitar o encantamento e limpou a testa com a mão.

— A maldição lançada pelo Zmora foi mais forte do que eu esperava. Exigiu muito de Evan para tirá-la de Ky.

Ela respirou fundo. Vendo minha expressão ela acrescentou.

— Calma, apesar disso eu consegui colocá-lo em um tipo de coma.

As notícias eram boas, a voz dela não.

— Eu... Alys, eu não sei que tipo de sequelas algo como esse veneno pode deixar, mas pelo menos, ele está vivo. Em Nafta podemos fazer mais...

Respirei aliviada e chorei o dobro. Que tipo de sequelas ele poderia ter? Kyer abriu os olhos e se sentou. Ele sabia que deveria estar morto.

— O que aconteceu? Eu senti uma dor como se minha alma estivesse sendo puxada do corpo.

Eu ouvia de longe, sentada ao lado de Evan. Tentava encontrar a coragem para me aproximar do corpo do meu pai, meu verdadeiro guardião de toda a vida.

Eu precisava enfrentar as consequências da minha falha. De alguma forma, sabia que aquele pequeno fio de energia deixaria a humanidade incompleta. Tinha que me preparar para a segunda lua. Dois anos não eram o suficiente para quem tinha perdido dezessete de treinamento.

Chorar era só um alívio momentâneo. Me coloquei de pé e conjurei três macas. A resposta dos metais foi instantânea. Acomodei meu pai, Kyer e Evan nas placas flutuantes. Me senti tontear mas disfarcei.

Minha energia estava baixa, mas isso não importava. Eu sairia daqui com a cabeça erguida, pronta para enfrentar o que quer que fosse. Pronta para fazer valer o sacrifício do meu pai e do meu guardião.

EPÍLOGO

Eu admirava o pôr do sol da cidade. Dali a pouco as luas estariam visíveis no céu. A voz de Celen ecoou.

— Sabia que te encontraria aqui.

Não olhei para ele. Minha avó se sentou no parapeito.

— Querida, você precisa me ouvir. Olhe para mim.

Nós estávamos no terraço do prédio do conselho e com todas as confusões da última semana, era o único lugar onde eu encontrava paz. Virei meus olhos marejados para ela.

— Eu sei que está sendo muito difícil, especialmente hoje com o enterro.

Celen conjurou a poltrona e se sentou perto de nós.

— Mas você precisa parar de se culpar.

Era fácil para ele falar.

— Seu pai te amava muito, Alys — continuou. — Tanto que ele deixou o medo lhe cegar.

Vovó passou a mão pelos meus cabelos.

— Você precisa se lembrar disso, querida. Se não quiser repetir os erros dele.

Toda a raiva pelo que meu pai tinha escondido, se esvaiu no dia da lua. Eu demorei, mas compreendi que ele só queria me manter em segurança. Celen mudou de assunto.

— Laiza me disse que você não foi visitar Evan ainda.

Na verdade, eu tinha ido todos os dias, desde que voltamos para a cidade. Mas eu preferia ir durante a madrugada, quando não tinha ninguém. Ele estava deitado dentro de um casulo de Lifran. Sua pele agora ostentava grossas cascas. Era como se ele estivesse apodrecendo.

Eu não respondi. O dragão não se incomodou.

— Passei pelo quarto dele antes de vir. O guardião está melhorando aos poucos. O veneno do Zmora está saindo do corpo dele. A ligação de vocês manteve ele vivo.

Cruzei os braços.

— Não fiz nada para mantê-lo vivo, foi Laiza.

A sacerdotisa balançou a cabeça.

— É nessas horas que eu vejo como você é filha do seu pai.

Não queria voltar a falar do meu pai.

— E as sequelas?

Celen mexeu-se incomodado.

— Nós ainda não temos certeza. Mas, por hora, ele perdeu boa parte da visão.

Era minha culpa, ela achou que eu precisava mais de Ky do que dele. Não que eu estivesse infeliz do meu amigo estar bem, só que nenhum dos dois precisava passar por aquilo. Se eu tivesse feito o feitiço certo nada disso estaria acontecendo.

— Eu queria que você tivesse tempo para o luto — disse Celen. — Mas você sabe que isso não é possível.

Respirei fundo e concordei.

— Seu treinamento começa amanhã. Não só eu como outras pessoas vão se empenhar para te ensinar tudo que sabemos.

Minha avó pegou minha mão.

— Mas antes disso, precisamos falar com você sobre suas asas, venha.

Me levantei com dificuldade. Era assim desde que voltamos do templo. Pouco depois de encontrar com minha avó na superfície, comecei a ter dores insuportáveis no corpo, como se minha pele estivesse sendo rasgada.

Acordei em Nafh'ta. Tinha dificuldade de andar, de mover os braços. Minhas asas estavam com pedaços faltando. Ter me fundido aos metais tinha quase me matado.

Me sentei em uma poltrona. O dragão de frente para mim.

— Você já sabe que é minha neta e por isso tem esses pedaços de escamas.

Minha avó continuou.

— O que você não sabe é porque isso aconteceu.

Meu coração disparou.

— Agora é aquela hora que vocês me contam que eu vou virar um dragão?

— Mais ou menos — respondeu Celen.

Me segurei na cadeira. Era só o que faltava.

— Calma. Você não está se tornando um dragão no sentido real, mas talvez se tornará no sentido mágico.

— Como assim?

— Os dragões da minha raça são metaformos, ou seja, temos uma forma humana.

Ele explicou.

— Mas essa forma humana só aflora aos quinze anos.

Vovó também se sentou.

Como você é uma mestiça, nós te analisamos quando chegou nessa idade. Nada denunciava que você sofreria alguma mudança.

Celen conjurou um Dim.

— Só que, desde que chegou a Nafh'ta, Laiza percebeu que seu DNA ainda não tinha passado por essa maturidade draconiana, ou seja, que algo ainda podia

acontecer.

Eles estavam enrolando demais. Comecei a bater o pé, nervosa. Celen se apressou a explicar.

— Nós mapeamos sua energia e descobrimos que, embora seu corpo não dê qualquer sinal de mudança, sua capacidade mágica está se expandindo.

A sacerdotisa tocou uma das marcas do meu braço.

— Por isso não queríamos que se fundisse com os metais. Para que não acelerasse as mudanças. Eu tinha esperança que, passado seu aniversário, o gene adormecesse de novo.

Perdi a paciência.

— Falem logo! Eu não tô entendendo.

Minha avó explicou.

— Sua magia está se expandindo Alys, logo você terá a energia de um dragão, mesmo sendo humana.

— Isso é bom, não é? Vai me ajudar a acabar com a raça daquele Zmora.

Eles trocaram um olhar preocupado. Celen ficou mais sério.

— Nossos corpos draconianos não são fortes por capricho do Construtor! Suportar nossa magia exige que possamos abrigar ela.

Minha avó completou.

— Por isso quando usou o poder ficou tão debilitada.

Fiquei em silêncio. Agora o mundo mágico era mais comum para mim.

— Espera aí, vocês estão querendo dizer que eu não posso fazer mais encantamentos sem me matar?

Celen balançou a cabeça, negando.

— Estamos dizendo que, caso você não consiga fortalecer seu corpo até a próxima lua, pode não sobreviver.

Não era algo que eu resolveria com yoga, se fosse, eles não estariam tão sérios. Vovó fez um balançar de mãos e um mapa apareceu no Dim.

— Teremos que tentar maneiras alternativas para te tornar forte.

— Alternativas, como?

Celen apontou um lugar no mapa.

— Eu vou te levar ao templo do primeiro dragão. Se você passar pelos testes, a magia do lugar deve te fortalecer.

Sempre um teste. Já deveriam saber que eu não lido bem com pressão.

— Isso vai mudar minha aparência?

Eles trocaram olhares de novo. Foi minha avó Ana que respondeu.

— Esperamos que não.

Respirei fundo.

— Quando nós partimos?

Celen apagou o mapa.

— Não é tão simples. Primeiro preciso te treinar para sobreviver às provações do Templo. Em especial porque como você não é fisicamente um dragão, pode ser complicado.

Nem esperava que fosse fácil. Nunca era. Meu avô começou a balançar os dedos draconianos e uma esfera pequena de metal surgiu em sua mão.

— Enquanto isso, tenho um presente para você.

Colocou a bolinha na minha mão.

— O que é isso?

Celen abriu um sorriso.

— Uma memória.

Tentei ver algo dentro dela, parecia vazia. Franzi o cenho para ele.

— Uma memória sua?

— Na verdade, uma memória nossa. Você não se lembra, mas quando tinha cinco anos, sua avó te buscou para um passeio.

Ela também sorriu para mim.

— Nós te traríamos para Nafh'ta, convencemos seu pai que era hora. Mas nós duas fomos atacadas no caminho. Se não fosse seu avô não teríamos sobrevivido.

Fiquei boquiaberta. Celen continuou.

— Seu pai me fez retirar a memória de você, mas acho que está na hora de recebê-la de volta.

Se levantou. Minha avó imitou o dragão.

— Como eu vejo a lembrança?

Os olhos do dragão estavam marejados.

— É só colocar sobre um dos seus símbolos. Eles vão se fundir e você vai se lembrar.

Minha avó se segurou nele. Celen abriu as asas e voou para longe.

Fiquei confusa com a reação deles. Coloquei a esfera sobre meu braço. Em um redemoinho de cores me lembrei do que tinha acontecido. Quando as imagens pararam, a última cena ficou congelada na minha retina.

Era eu deitada no colo de Celen. Tudo estava destruído à nossa volta. Havia corpos espalhados. O dragão sentado em sua poltrona conjurada me dizia que tudo ficaria bem, enquanto minha avó, recostada no braço do móvel, entoava uma canção de ninar.



— Mestre?!

Helix se virou para o lacaio.

— Então você veio!

— É uma honra poder conhecê-lo.

O rapaz fez uma reverência. A voz sibilante inundou a caverna de gelo.

— Tenho uma tarefa especial para você.

O servo se levantou com olhos esbugalhados. O Zmora gargalhou. Abriu a camisa e mostrou o filete dourado preso ao seu corpo. Era o resquício que tinha conseguido usurpar.

— Antes que a segunda lua chegue, eu vou tirar tudo que ela mais ama. E você vai me ajudar com isso.

AGRADECIMENTOS

Não bastasse a magia que habita cada um de nós e o fôlego que nos faz únicos, o dono do universo dividiu conosco o amor pela criação. Sem dúvida “É honra suficientemente grande para que o mendigo mais miserável possa andar de cabeça erguida” (C.S Lewis). Sem ele, eu não estaria aqui.

E ainda bem que essa caminhada não foi solitária. Por isso, quero agradecer ao meu pai, Wesley Ferreira, por ter me ensinado o que é amor e cuidado pelas pessoas. À minha mãe, Reni Ferreira, por ter sido o melhor exemplo de dedicação e empenho. E a minha irmã e cunhado, Izabella e Alison Guedes, pelo incentivo irrestrito.

Agradecer também ao meu Ricardo, o maior culpado desse livro existir. Foi a primeira pessoa que me disse para escrever. Foi ele também que me incentivou a criar o Lívronicos. Nem uma vida inteira seria suficiente para agradecer a Deus por um companheiro como você.

Aos Gonçalves que me adotaram: Cida, Mario e Renata. Especialmente à essa pessoa maravilhosa que é a minha sogra. Obrigada pela paciência e pelo apoio constante.

Além disso, Alys foi sonhado por muitas pessoas. E elas merecem meu amor, gratidão e admiração para sempre. O autor Fabio Vera Cruz que insistiu que eu comesse a escrever. Que leu as primeiras laudas de Alys e não desistiu mesmo assim. Que chegou a fazer as primeiras divulgações no wattpad só para me incentivar. Você é um exemplo de autor e de pessoa para todos nós.

Às queridas Emilly S. Amite e Cristy S. Angel. Autoras maravilhosas que leram desde o início me ajudaram com seus comentários divertidos. Que brigaram pelos “boys” e que estão sempre aqui, me fazendo continuar. Eu amo vocês. Ao Murillo Magalhães que me presenteou com a primeira capa e a tipografia da segunda. Desejo que seu talento invada o mundo.

À Hellen, o Tomás e ao Vini que foram os primeiros críticos ferrenhos do livro. Sem a sinceridade de vocês, eu não teria me esforçado tanto para melhorar. A Graci Rocha que de leitora crítica se tornou amiga. Por ter amado Alys e lutado por ela. Por todas as vezes que não me matou pelos “mentes” e “parecias”. Por ser esse exemplo de pessoa e de autora para mim.

À editora PenDragon na pessoa do Josué Mattos, por ter nos dado uma casa e pelo trabalho maravilhoso que fazem incentivando a literatura. Vocês são uma

inspiração de dedicação para mim. Não imagino um lugar melhor onde Alys pudesse ter nascido.

E por fim, a cada leitor, amigo e parceiro que comprou essa ideia. Muito obrigada, isso é tudo para vocês.



**Editora
PenDragon**

Conheça nosso catálogo

Vendas: www.editorapendragon.com.br



ALYS

Gonçalves, Priscila

9788569782872

354 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alys era só uma garota supervalorizando seus pequenos problemas adolescentes. Até que uma simples incursão abriu mais que o mundo que ela desejava conhecer. Abriu os seus olhos pra verdadeira natureza dos metais Nifrity e as responsabilidades de ser a única pessoa capaz de mantê-los em segurança. Agora, ela precisará desenrolar o emaranhado de segredos em que sua vida foi mantida, aprender a dominar seus poderes e encontrar seu guardião antes que a escuridão chegue. Uma aventura fantástica repleta de mistérios, aprendizado e superação, que levarão uma garota a se transformar em uma guerreira e encontrar o seu lugar no mundo.

Compre agora e leia



Erros... Nas Entrelinhas

Ripardo, Brenda

9788569782537

340 páginas

[Compre agora e leia](#)

Samantha é capitã do time das líderes de torcida e namora Devin, o quarterback do time de futebol. Mas para ela, as coisas não haviam sido fáceis, já que era o tipo de garota invisível. Logo no primeiro dia de aula ela conhece Benjamin, um garoto recém-chegado na cidade, cujo contato inspirador, desperta novamente nela o amor pela música, que há anos permanecia adormecido. Benjamin é diferente, envolvente, e faz com que os sentimentos de Samantha em relação a ele cresçam, e embora ela tente lutar contra isso, o destino parece sempre querer uni-los. O intenso envolvimento de ambos a deixa certa de que ele é o seu verdadeiro amor. Entretanto, nada parece estar a salvo, pois Samantha acaba cometendo erros e

ferindo os sentimentos das pessoas que a cercam. Ela terá como lição que os segredos nem sempre estão seguros e que tomar certas decisões, podem trazer sérias consequências.

[Compre agora e leia](#)



Lendárias

Angel, Cristy S.

9788569782575

212 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em sua busca pela libertação de uma maldição, Kahlan, a líder das lendárias, é capturada pela legião em uma emboscada para ser levada ao rei das terras do norte. Na jornada, repleta de perigos e segredos através da floresta negra, têm seus poderes removidos por um bracelete mágico. Enquanto isso, o restante de seu clã guerreiro terá de decidir se partirá em sua busca ou se desvendará um novo mistério no forte das bruxas. Nesse meio tempo, a jovem e encantadora Líder é levada como prisioneira pelo comandante da legião, o belo Lian Ruthven, mas o

que ambos não sabem, é que seus destinos estão mais ligados do que poderiam imaginar.

[Compre agora e leia](#)



A Casa das Hostesses

Felipe, Déborah

9788569782407

158 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que você faria se tudo o que planejou para a sua vida desmoronasse em um segundo? Para onde iria quando seu coração é partido e nada mais parece verdadeiro? Quem buscar quando você busca aconchego e conforto numa noite de tempestade? As hostesses podem cuidar de você... A Casa das Hostesses não se parece com um lugar que Souji frequentaria normalmente. A música é muito alta, as pessoas parecem menos inibidas, as luzes dançam muito rápido, as bebidas se parecem mais com poções mágicas... e as garotas... bom, ele não sabe ao certo como é que um trabalho como aquele funciona. Mas aquele lugar misterioso surgiu

em seu caminho como se fosse um encontro marcado pelo Destino... Takeshi Souji sempre conduziu sua vida sobre três pilares: seu trabalho na empresa Takeshi, que um dia será sua; seu noivado com Juury, sua namorada do colégio e seus amigos de infância. Porém, dois desses pilares desmoronam quando ele descobre que sua noiva tem um caso com seu pai, deixando-o completamente sem chão. A Casa das Hostesses é um prédio de aparência antiga que germina como se fizesse parte do solo. Ninguém perceberia aquele lugar se não o estivesse procurando, e talvez isso faça parte de seu charme, como um lugar que sabe exatamente quem deseja conhecer a cada noite, como se fosse uma das hostesses que trabalha ali... A todos que estão para conhecer esse novo mundo... Sejam bem-vindos à Casa das Hostesses.

[Compre agora e leia](#)



Selene e o Dragão

Barbosa, Marília Galvão

9788569782810

300 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em meio a uma guerra entre humanos e dragões, Selene foge de uma tragédia que destruiu sua vila e se vê frente a frente com um inimigo de sua espécie: um dragão, caído e vulnerável. Contrariando tudo o que conhecia e ainda com a dor da perda pesando no peito, ela toma uma decisão e usa magia para salvá-lo. Agora, Drake, o dragão, e Selene dão início a uma jornada para reconciliar ambas espécies. Porém, percebem que há muito mais em risco ao receberem uma missão de uma Deusa poderosa e temperamental. Todos têm objetivos ocultos, e o sucesso ou fracasso desta missão pode provocar mais consequências do que se imagina.

Compre agora e leia

Table of Contents

PRÓLOGO

Capítulo 1 Presságio

Capítulo 2 Incursão

Capítulo 3 A Toca

Capítulo 4 O Cajado

Capítulo 5 Os Sonhos

Capítulo 6 Despertar

Capítulo 7 A Busca

Capítulo 8 Tentativa e Erro

Capítulo 9 Antiquário Maspe

Capítulo 10 Visões do Passado

Capítulo 11 Antes de Partir

Capítulo 12 A Volta Para Casa

Capítulo 13 Encontro Misterioso

Capítulo 14 O Canto da Floresta

Capítulo 15 Meias Respostas

Capítulo 16 A Ilha

Capítulo 17 Celen

Capítulo 18 As Histórias que não me contaram

Capítulo 19 Segredos e Mentiras

Capítulo 20 O Despertar do Guardião

Capítulo 21 As Irmãs Vaarne

Capítulo 22 As Sete Linhagens

Capítulo 23 Defesas Físico-Mágicas

Capítulo 24 Reatando Laços

Capítulo 25 Thela-Terapia

Capítulo 26 Nyêha

Capítulo 27 Pergaminhos e Metais

Capítulo 28 A Taverna das Fadas

Capítulo 29 Notícias Inesperadas

Capítulo 30 Envenenados

Capítulo 31 Um Portal e um Zmora

Capítulo 32 A Festa das Flores de Lifran

Capítulo 33 A Linhagem Amaldiçoada

Capítulo 34 Nem Tão o Céu, Nem Tão o Inferno

Capítulo 35 Juramentos e Votos

[Capítulo 36Enfim, Elemental](#)

[Capítulo 37Dois Corações, Várias Linhagens](#)

[Capítulo 38Atlas](#)

[Capítulo 39O Mar Negro](#)

[Capítulo 40Templo Submerso](#)

[Capítulo 41A Primeira Lua](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)